

EXPERIMENTS

"An absolute must-read." —John Edward

BREAKTHROUGH SCIENTIFIC EVIDENCE OF LIFE AFTER DEATH

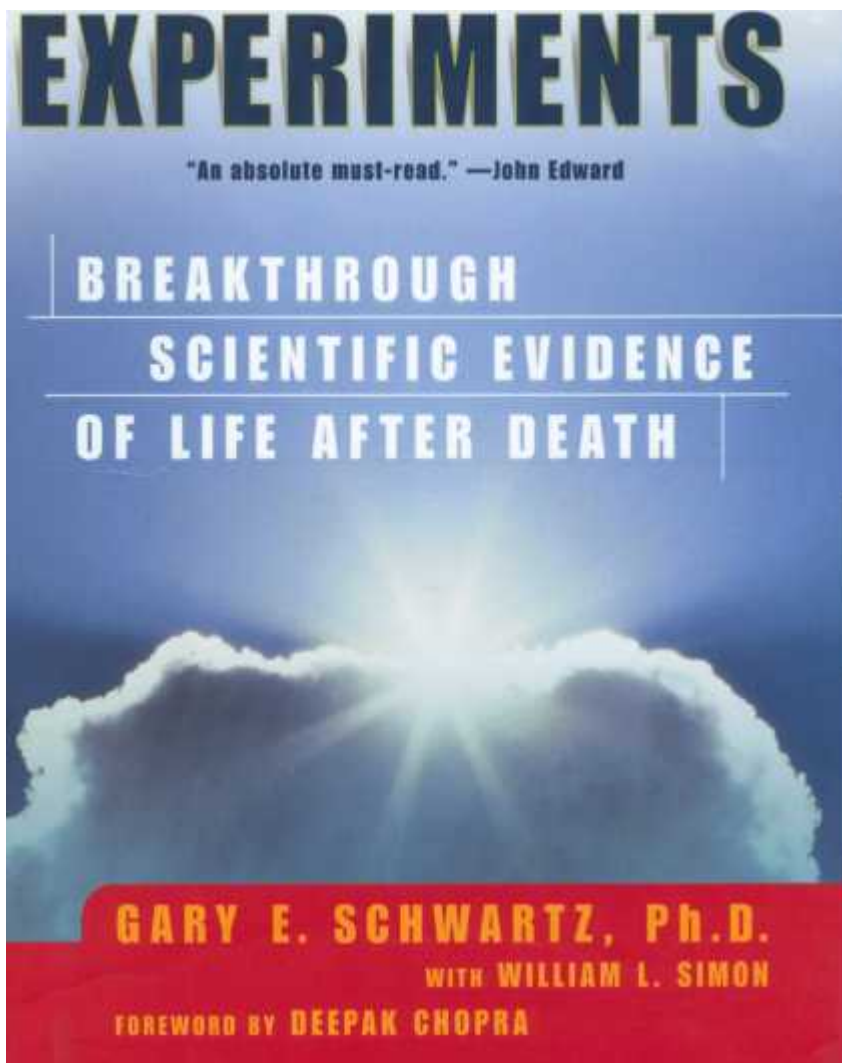


GARY E. SCHWARTZ, Ph.D.

WITH WILLIAM L. SIMON

FOREWORD BY DEEPAK CHOPRA

VIDA APÓS A MORTE



A jornada pessoal de um estimado cientista do ceticismo à admiração e admiração fornece respostas surpreendentes para uma pergunta atemporal: existe vida após a morte?

O amor e a vida são eternos? Este emocionante relato apresenta evidências provocativas que podem perturbar tudo o que a ciência já ensinou. Ousando arriscar sua reputação acadêmica mundial, o Dr. Gary E. Schwartz, junto com sua parceira de pesquisa Dra. Linda G. Russek, pediu a alguns dos médiuns mais proeminentes da América — incluindo John Edward, Suzane Northrup e George Anderson — para se tornarem parte de uma série de experimentos extraordinários para provar, ou refutar, a existência de uma vida após a morte.

AS EXPERIÊNCIAS DEPOIS DA VIDA

Esta narrativa fascinante, com suas transcrições eletrizantes, coloca o leitor no cenário de uma conquista científica revolucionária: o contato com o além em condições controladas de laboratório. Em experimentos rigorosamente monitorados, os principais médiuns tentaram contatar amigos mortos e parentes de "assistentes" que foram mascarados e nunca falaram, privando os médiuns de quaisquer pistas. As mensagens que chegaram por meio de assistentes e pesquisadores atordoados.

Aqui, à medida que se desenrolam no ambiente de laboratório, estão revelações misteriosas sobre o suicídio de um filho, o que um pai falecido queria dizer sobre seus últimos dias em coma, a transformação das dúvidas de um homem sobre a vida após a morte e, o mais incrível de tudo, uma previsão da morte de um cônjuge amado. O Dr. Schwartz foi forçado pelos dados extremamente positivos a abandonar seu ceticismo, chegando a algumas conclusões surpreendentes.

Atraente da primeira à última página, **THE AFTERLIFE EXPERIMENTS** é a incrível documentação de experimentos inovadores que você nunca esquecerá.



GARY E. SCHWARTZ, Ph.D., é professor de psicologia, medicina, neurologia, psiquiatria e cirurgia na Universidade do Arizona e diretor do Laboratório de Sistemas de Energia Humana. Depois de receber seu doutorado na Universidade de Harvard, ele atuou como professor de psicologia e psiquiatria na Universidade de Yale, diretor do Centro de Psicofisiologia de Yale e co-diretor da Clínica de Medicina Comportamental de Yale. Ele publicou mais de quatrocentos artigos científicos, editou onze livros acadêmicos e é co-autor, com Linda G. Russek, Ph.D., de *The Living Energy Universe*.

WILLIAM L. SIMON é roteirista de cinema e televisão e autor de best-sellers.

[|www.simonsays.com](http://www.simonsays.com) |

Jaqueta desenhada por Mary Ann Smith

Fotografia da capa por Matt Lambert/Getty Images Fotografia do autor por MotoPhoto, Tucson, AZ
Copyright © 2002 Pocket Books Impresso nos EUA

Os experimentos da vida após a

morte

Os experimentos da vida após a morte

Evidências científicas revolucionárias da vida após a morte

Gary E. Schwartz, Ph.D.

com William L. Simon

Prefácio de Deepak Chopra



LIVROS DE BOLSO

Nova York Londres Toronto Sydney Cingapura

POCKET BOOKS, uma divisão da Simon & Schuster, Inc. 1230 Avenue of the Americas, Nova York, NY 10020

Copyright © 2002 de Gary E. Schwartz, Ph.D., William L. Simon e Linda G. Russek, Ph.D.

Prefácio copyright © Deepak Chopra 2001. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir este livro ou partes dele de qualquer forma. Para informações, dirija-se à Pocket Books, 1230 Avenue of the Americas, New York, NY 10020

ISBN: 0-7434-3658-X

Primeira impressão de capa dura do Pocket Books em março de 2002

10 9876543

POCKET e colophon são marcas registradas da Simon & Schuster, Inc.

Para obter informações sobre descontos especiais para compras em massa, entre em contato com a Simon & Schuster Special Sales em 1-800-456-6798 ou business@simonandschuster.com

Desenhado por Jaime Putorti

Impresso nos EUA

Para Howard e Shirley, Linda, Henry e Elayne, Susy e Sam

Para Arynne, Victoria e David Sheldon, Vincent e Elena

E para todos os entes queridos, aqui e ali, e todos nós que nos importamos com compaixão, sabedoria e verdade.

Para refutar a lei de que todos os corvos são pretos, basta encontrar um corvo branco.

—William James, MD, psicólogo e filósofo (1842-1910)

•CONTENTS•

[Prefácio de Deepak Chopra](#)

[Prefácio: A vida e o amor são eternos?](#)

Parte I Você não encontra uma missão - uma missão encontra você

- [1 A Jornada Começa](#)
- [2 Trazendo a Ciência da Alma para a Universidade](#)
- [3 cinco palavras que mudaram minha vida](#)
- [4 Aqui-para-lá-e-volta-de novo](#)

Parte II O Experimento HBO Dream-Team

- [5 Que diferença um jantar pode fazer](#)
- [6 médiuns leem enquanto as câmeras rolam: as leituras de Patricia 62](#)
- [7 As leituras de Ronnie](#)

[Interlúdio: um caso de precognição?](#)

[8 Resultados da HBO](#)

Parte III O experimento Miraval Silent-Sitter

[9 Buscando um novo design](#)

[10 As leituras de Christopher](#)

[11 As leituras reveladoras do preço de Pat](#)

[12 Existe algo como precognição?](#)

[Conteúdo](#)

Parte IV O Experimento da Babá Totalmente Silenciosa do Canyon Ranch

[13 O Experimento Canyon Ranch: E se os Sitters](#)

Nunca Falar?

14 Mais Canyon Ranch: um visitante inesperado

Parte V Descobrindo a Realidade Maior

15 O que a fraude tem a ver com isso?

Interlúdio: “Recontato”

16 Respondendo aos Céticos

17 As leituras de Campbell White Crow

18 Como Nossas Vidas Podem Mudar

19 Olhando para frente e para fora

- Apêndice A: Integrando Ciência e Espiritualidade
- Apêndice B: A energia é amor

Apêndice C: Artigo de jornal sobre precisão e

Replicabilidade da comunicação pós-morte

Apêndice D: Artigo de jornal sobre precisão e

Replicabilidade da recuperação de informações anômalas

Apêndice E: artigo de jornal sobre o Campbell

Leituras do “Corvo Branco”

Agradecimentos

Leituras recomendadas

Os Contribuidores / Os Médiuns de Pesquisa

Índice

•Foreword*

^ Ciere é uma história maravilhosa sobre um guru e seu discípulo rabugento. Ambos estavam envelhecendo e, certa tarde, estavam sentados em uma sala apertada e suja esperando que alguém lhes trouxesse comida.

“Por que você é diferente de mim?” o discípulo resmungou. “Somos apenas dois velhos sentados aqui esperando impacientemente pelo nosso jantar.”

“Isso é verdade”, disse o guru.

“Vemos a mesma sala”, continuou o discípulo. “Vivemos no mesmo mundo. Não há diferença alguma.”

O guru balançou a cabeça. “Você diz que vivemos no mesmo mundo, mas não. Seu mundo é particular; ninguém mais pode entrar. É feito de memórias pessoais, desejos, sentimentos e sonhos. Meu mundo não é privado, mas aberto a todos. É eterno e ilimitado. Nada existe nele que eu reivindique como meu. Onde quer que eu olhe, vejo amor, confiança, verdade, eternidade.”

O discípulo ainda reclamou. “Se o seu mundo é muito melhor que o meu, por que você se preocupa em estar aqui?”

“Porque seu mundo é apenas um sonho,” o guru disse calmamente. “E me dá prazer quando alguém acorda.”

Embora bonita em si mesma, essa história, à qual voltei dezenas de vezes desde que a encontrei pela primeira vez, vinte anos atrás, destaca uma das grandes verdades da espiritualidade. Existe um mundo absoluto que nosso mundo espelha vagamente. São Paulo falou de ver este mundo como se através de um vidro escuro. Ou seja, podemos ter vislumbres vagos dele, mas uma visão completa e clara é rara. Apenas em lampejos de insight, aqueles momentos chamados de “ir para a luz”, escapamos de nosso mundo privado de sensações e memórias. No resto do tempo, parecemos satisfeitos em aceitar muito pouco que vai além dos cinco sentidos.

Mesmo assim, um pequeno grupo de pessoas nunca cedeu à realidade comum. O grande psiquiatra RD Laing referiu-se a eles como um grupo heterogêneo de loucos: poetas, gênios, santos e videntes — forasteiros cuja percepção é de alguma forma distorcida. Nós veneramos esses rebeldes da alma, mas também os mantemos à distância porque acreditar no mundo material tornou-se uma espécie de mecanismo de sobrevivência, identificado com ser são.

Somente em nossa vida os guardiões da realidade se apresentaram para desafiar o sistema de crença aceito. Para começar, a maioria era de crentes, indivíduos com uma sensibilidade especial para energias sutis de vários tipos — telepatas, médiuns, clarividentes, místicos. Mas alguns foram racionalistas de mente aberta. A estratégia deles tem sido aplicar as próprias regras da ciência para derrubar algumas das suposições mais rígidas da ciência.

Com sua hipótese da alma viva, Gary Schwartz aplica procedimentos de experimentação que nenhum cético honesto poderia contestar. Ele não parte de uma suposição de que o plano sutil deve ser real, apenas de uma abertura que pode ser. Seu interesse específico neste livro é explorar e responder perguntas sobre a vida após a morte e, em particular, se podemos nos

comunicar com os mortos.

Considero este livro visionário uma olhada em um desses pontos altos, um lugar onde o amor e a memória estão unidos, onde ninguém nunca se perde para ninguém. Um vasto domínio de conhecimento é aberto até mesmo pela visita mais curta aqui.

Deepak Chopra, MD

•Preface*

A vida e o amor são eternos?



Se for real, será revelado.

Se for falso, encontraremos o erro.

—Lema do Laboratório de Sistemas de Energia Humana

Se pudesse ser provado sem sombra de dúvida e de maneira inteiramente convincente, se pudesse ser provado cientificamente que a vida e o amor são eternos...

seu amor seria aprimorado,

seus medos desapareceriam,

seu propósito na vida seria ampliado?

Como a vida seria diferente para você se você soubesse que, assim como os padrões de luz dinâmica de estrelas distantes continuam a se expandir no universo, nossa luz, nossa informação dinâmica e energia, nossa alma e espírito não apenas continuam a se expandir no universo, mas vivem e crescer assim como nós na terra? Que a alma viva pode ser comparada a um arco-íris vivo e dinâmico, um espectro vibrante de energias visíveis e invisíveis que brilham e brilham para sempre?

Considere uma época em que a vida eterna é uma parte aceita de nosso universo. Imagine uma época em que o continuum de todos os nossos relacionamentos humanos possa ser estendido além dos anos físicos passados na Terra.

Este livro apresenta a possibilidade científica de que tudo isso e muito mais foi provado e é real. Como você lida com essas informações depende de você; mesmo os céticos começarão a evoluir como resultado dessas descobertas.

Celebrando a Exploração Científica da Alma Viva

Esta jornada se desenrola como um conto de aventura científica que investiga a vida após a morte. A história ilustra a capacidade dos humanos de apreciar o processo de exploração científica e seguir as descobertas onde quer que elas levem. É uma história sobre o potencial inerente a todos nós de amar as pessoas, a natureza e a terra em sua totalidade.

Em um livro anterior, *The Living Energy Universe: A Fundamental Discovery That Transforms Science and Medicine*, Linda Russek e eu explicamos como a ciência contemporânea está levando à conclusão de que tudo no universo é eterno, vivo e em evolução.

Agora descrevo como Linda e eu continuamos nesse caminho anterior e explico como a ciência contemporânea está investigando a hipótese da sobrevivência da consciência após a morte física - a possibilidade de que a alma, ou espírito, ou chame como quiser, continue eternamente. Este trabalho mostrará como a ciência está abordando experimentalmente a hipótese de uma realidade espiritual viva - da imortalidade da consciência à natureza dinâmica, evolutiva e duradoura do próprio universo.

Este livro foi escrito para pessoas que desejam encontrar pesquisas científicas que se relacionem com o que elas mais valorizam - que o amor é importante, que o amor evolui e que o amor continua para sempre. Descobrir a existência da alma vivente pode ser um dos maiores dons da humanidade.

Tudo isso é documentado aqui pela primeira vez.

A Fraude das "Leituras Frias"

Nestas páginas, dou vida à cronologia de nossa pesquisa conforme ela se desenrolou, indo muito além dos detalhes confinados apresentados em nossos artigos técnicos que aparecem em revistas científicas.

Você lerá transcrições reais e testemunhará o que nenhum cientista teve o privilégio de experimentar antes: contato aparente com o além, sob condições experimentais cada vez mais controladas em laboratório.

A maioria das tentativas de contato com os mortos é feita por pessoas que ganham a vida fabricando esperança para os enlutados - o que talvez não seja totalmente desonroso, pois faz as pessoas se sentirem melhor, mas ainda assim depende de truques.

Esses charlatães, conhecidos no ramo como “leitores frios”, gostam de dizer coisas a todo “assistente” (a pessoa que faz a leitura), como: “Eles estão me dizendo que você conhece alguém, vivo ou morto, cujo nome é Charles . Você conhece um Charles?”

Quase todo mundo conhece um Charles ou Charlie. Mas se não houver reação, o médium continuará com um fluxo de outras informações, algo

como: “Estou vendo uma pessoa de cabelos grisalhos com dificuldade para andar e uma mulher vestida de branco. . . Estou recebendo uma mulher com um M em seu nome, um L . . . tem uma pessoa mais nova que passou, um filho ou um irmão... um cachorro acabou de entrar na sala, um cachorro velho...”

Quem nunca teve uma avó ou um avô de cabelos grisalhos, com idade suficiente para andar com dificuldade, e talvez tenha passado um tempo em um hospital ou casa de repouso onde foi ajudado por uma mulher vestida de branco? Mas, se não, o médium continua falando com uma série de pistas, enquanto observa atentamente uma reação reveladora - mesmo a mais sutil das indicações, como uma piscada repentina, uma inspiração, uma tensão no corpo, uma contração. Assim que ocorrer um sinal como esse, o médium passará a dar sequência ao que acabou de dizer, não *conduzindo* a troca, mas *seguindo* as pistas sobre afirmações corretas, ou quase.

O médium continua falando, ignorando as falas que não obtiveram resposta como se nunca tivessem sido ditas. “Mulher com M no nome, L...” é típico. Nenhuma reação ao M? Não é um problema; apenas tente outra letra.

No final da sessão, a babá pode estar chorando, convencida de que ouviu informações que o médium não poderia saber, certa de ter estado em contato com entes queridos que partiram - quando na verdade o tempo todo ela estava inconscientemente sinalizando quais declarações foram significativos para ela.

Essa é a técnica da leitura fria — e é, francamente, o que muitas pessoas que se autodenominam médiuns estão fazendo. E é o que os céticos assumem que está *sempre* acontecendo.

No entanto, em nossos experimentos científicos no laboratório, temos trabalhado com um grupo de médiuns de alto nível que receberam consistentemente mensagens, supostamente dos mortos, que são impossíveis de explicar como leitura fria ou qualquer tipo de truque reconhecível. Recebemos ajuda de mágicos profissionais, supervisão de outros cientistas, escrutínio filmado por documentaristas profissionais. Em nossos experimentos posteriores, conduzidos com mais cuidado, ninguém que tenha testemunhado o trabalho ou examinado os dados foi capaz de apontar qualquer falha em nossos procedimentos ou produzir uma explicação racional que sugerisse como os médiuns poderiam estar trapaceando.

Leitura Atípica em Laboratório

Se as leituras frias são fáceis de detectar por qualquer pessoa familiarizada com as técnicas, os tipos de leituras que temos obtido em nosso laboratório são bastante diferentes em caráter. Não que estejam isentos de erros, mas sim apresentam uma porcentagem muito alta de informações corretas, e muitas das informações são muito específicas.

Aqui está uma amostra, para que você possa ver por si mesmo. Estes são trechos de uma leitura apresentada mais detalhadamente mais adiante nestas páginas, onde ela vem completa com um final inesperado que você achará divertido e surpreendente.

O médium não tinha como saber nada sobre o assistente - nem o nome, nem mesmo o sexo, faixa etária, antecedentes, cidade de residência ou qualquer outro detalhe. E o assistente foi colocado em uma cadeira diretamente atrás do médium, que, portanto, não pôde obter pistas da aparência física nem de quaisquer reações do assistente às declarações do médium. Para tornar as condições ainda mais desafiadoras, na primeira parte da leitura o assistente foi instruído a não dar respostas e não emitir sons.

Leitores frios profissionais nos dizem que são incapazes de realizar uma leitura bem-sucedida dessa maneira.

Após uma breve explicação ao assistente sobre como ele conduz as leituras, o médium começou:

A primeira coisa que me é mostrada é uma figura masculina que eu diria estar acima, que seria para mim algum tipo de imagem paterna. . . . Mostrando-me o mês de maio. . . . Eles estão me dizendo para falar sobre o Big H — hum, a conexão H. Para mim, isso é um H com um som de N. Então, eles estão falando sobre Henna, Henry, mas há uma conexão HN.

Isso poderia ter sido uma simples adivinhação? Esses fatos seriam amplos o suficiente para caber na maioria dos assistentes? Eles se encaixam em alguém que você conhece?

A babá, neste caso, reconheceu imediatamente o “Big H” como uma frase adequada para descrever o pai da família, um homem profundamente respeitado por seus colegas de profissão e carinhosamente referido como o “gigante gentil”. HN: seu nome era Henry; o nome de sua mãe era Henrietta. Faleceu no mês de maio. A probabilidade de obter apenas esse padrão de acertos é da ordem de um milhão para um.

Nenhuma outra pessoa na família da babá se encaixava no conjunto de fatos “imagem do pai, Big H, Henry, mês de maio”, exceto seu falecido marido, Henry.

O médium também falou das conexões desse homem com a literatura e a educação.

Simbolismo muito forte de ensino e livros. . . . Os livros surgem onde pode haver algo publicado.

O falecido marido da assistente tinha sido um distinto cientista que

publicou duzentos artigos, editou sete livros e era um educador conhecido. Um golpe certeiro.

Depois de passar para a parte da sessão em que o médium podia fazer perguntas do tipo Sim/Não, o ritmo aumentou.

Uma gravata fora do estado... Eles estão falando sobre Gêmeos ou o signo de gêmeos, então sempre que me mostram isso, eles querem que eu fale sobre gêmeos de verdade, como se fossem da família, ou querem que eu fale sobre alguém que agora é o signo de Gêmeos.. ..

A filha da babá mora fora do estado, tem gêmeos e nasceu sob o signo de Gêmeos.

Você é o gêmeo?

No.

Uma falta clara.

Eles estão me dizendo para trazer o Big S. Isso também surge em torno de Henry ou H. Há um grande S que surge - eles estão me fazendo sentir que é importante que eu reconheça isso. .

A filha do casal e mãe dos gêmeos se chama Shelley.

Eles me mostram coisas relacionadas ao laboratório, então, se há alguém que trabalha na área de saúde ou está em algum tipo de função relacionada ao laboratório, mas eles vêm de um histórico de laboratório.

Shelley tem um Ph.D. em biologia molecular e psicofarmacologia, e dirige um laboratório na Boston University Medical School. Mais sucessos.

Mas eu preciso te provocar desde o H, amarrado na ida à praia e acontecendo alguma coisa engraçada na praia.. ..

Isso está voltando, isso não é uma coisa recente, mas eu sinto que é uma coisa engraçada que eu tenho que lembrar ou trazer à tona. . . . Voltando, sinto que você tem fotos ou está relembando, mas existe esse tipo de conexão.

A babá, que havia sido cantora profissional, era uma jovem bonita, mas achava que suas pernas não eram perfeitas o suficiente e era muito tímida com elas. Nos tempos de namoro, ela ia à praia com o jovem médico com quem acabaria se casando e não queria tirar a cobertura do maiô porque deixava à mostra as pernas. Ele ficou se perguntando se ela tinha cicatrizes ou se era vítima de alguma doença desfigurante. Quando ela finalmente superou sua relutância, ele disse a ela: “Suas pernas são lindas”. Era uma história que a filha da babá tinha ouvido repetidamente durante sua infância.

“E aproveite o chá”... Não tenho ideia do que isso significa, “aproveite o chá” - como eu sinto, estou tomando chá, mas “aproveite.” Como “beber” ... Não tenho ideia do que é isso, mas sinto que é uma espécie de humor interno, “Aproveite o chá.”

A babá nunca gostou de chá quando seu marido estava vivo, mas desde a morte dele começou a beber chá regularmente.

Quantas das afirmações do médium se aplicariam a você? Eles estavam aproximadamente 70 por cento corretos para o assistente ao longo de toda a leitura.

Algumas pessoas ainda insistem que tudo o que temos visto em nossos experimentos de laboratório são exemplos de técnicas de leitura a frio que qualquer mentalista de palco profissional pode reproduzir. Mas, na verdade, leitores frios

empalidecemos quando os desafiamos a produzir informações tão precisas e tão incomuns com um assistente desconhecido para eles. E os céticos que afirmam que isso é algum tipo de fraude que os médiuns estão trabalhando em nós, não obstante, foram incapazes de apontar qualquer erro em nossa técnica experimental para explicar os resultados.

Os médiuns forneceram informações às vezes arrepiantes, às vezes dolorosas, às vezes chocantes, às vezes desconhecidas até mesmo para o assistente, mas posteriormente verificadas como corretas.

Mas às vezes é simplesmente engraçado, como quando um médium disse sobre a avó de uma babá: “Ela é definitivamente uma pistola; ela deve ter tido dentes postiços, porque os está tirando e colocando, entrando e saindo. E ela não deveria fazer isso na frente de todo mundo. Para o modelo, este foi um momento impressionante porque tão preciso, e impressionante para os experimentadores também porque muito, muito diferente em caráter de qualquer coisa que um leitor frio - um médium que confia em adivinhação - poderia fazer. No entanto, quanto mais experimentos fazíamos, mais descobríamos muitas afirmações notáveis como essa.

Mas tudo isso significa que os médiuns estão realmente recebendo informações dos que partiram? Parece improvável - contradiz a ciência aceita. No entanto, não conseguimos encontrar nenhuma outra explicação convincente para a totalidade das descobertas. E como você descobrirá, muitas das leituras nestas páginas tiveram uma taxa de precisão de até 90 por cento.

Você verá como, durante todo o processo, insistimos na ciência em primeiro lugar, planejando continuamente experimentos mais rigorosos e controlados com mais cuidado. Você ficará ciente de como cada experimento

trouxe novas surpresas e revelações, e como até mesmo nossas crenças céticas foram revisadas de forma consistente e cautelosa ao longo do tempo. Você fará essa jornada de descoberta conosco enquanto somos levados adiante pelas evidências científicas.

Em busca da verdade em um mar de ceticismo

Embora a totalidade das descobertas seja surpreendentemente consistente com o conceito de vida após a morte e com o que chamamos de “hipótese da alma viva”, os dados – como em todas as áreas da ciência – estão abertos a interpretações alternativas. Por exemplo, as mensagens estão sendo recebidas da mente do assistente ou da mente do falecido? Os líderes com quem trabalhamos estão envolvidos em fraudes altamente sofisticadas ou estão realmente fazendo algo extraordinário? Parafraseando o falecido Carl Sagan, nosso laboratório segue a filosofia: “Reivindicações extraordinárias requerem dados extraordinários”.

Estamos excepcionalmente conscientes da necessidade de conduzir pesquisas responsáveis e criativas com absoluta integridade. Nossa diretriz essencial pode ser expressa em uma única palavra, que é o lema da minha alma mater, Harvard. A palavra é *veritas*: verdade.

Uma de nossas principais preocupações gira em torno da questão da fraude e do engano. Repetidas vezes nos perguntamos e continuamos a nos perguntar: “A lã está sendo puxada sobre nossos olhos?” Pior ainda, “Estamos jogando areia sobre nossos *próprios* olhos?” Porque quanto mais impressionantes forem as descobertas, maior será a tentação de dizer: “Isso não pode ser verdade. Deve haver algum engano!”

Conforme a pesquisa evoluiu, Linda e eu projetamos os experimentos para serem cada vez mais à prova de fraude. Lendo estas páginas, você testemunhará as lutas conceituais e emocionais enquanto eu era tentado, vez após vez, a aceitar como verdade o que estava vendo com meus próprios olhos - que algo extraordinário e maravilhoso estava realmente acontecendo.

Cientistas e não cientistas estão passando por um teste de fé - neste caso, se podemos colocar nossa crença no próprio método científico. Porque se colocarmos nossa fé no método científico e confiarmos no que os dados revelam, somos levados à hipótese de que o universo é mais maravilhoso do que imaginamos em nossos mais loucos vôos de fantasia.

Como você pode tornar essa ciência relevante em sua vida pessoal? A resposta é que o que você absorve neste livro pode ser polido e desenvolvido, e suas próprias habilidades nessa área podem ser cultivadas. Você pode se tornar mais aberto e consciente de suas interconexões com os outros, tanto nesta vida quanto após esta vida - aqui e ali.

Um aviso justo: Esteja preparado para surpresas. Nesta área única da ciência, as surpresas são a regra, não a exceção. Você pode encontrar seu queixo caindo de vez em quando. Todos nós compartilhamos sua experiência e sabemos que surpresas extremas e grandes maravilhas vêm com o território.

O amor é eterno?

Existe vida após a vida?

Se realmente temos evidências de que é assim, então estamos de fato em um ponto de virada na história da consciência humana e na evolução da alma humana.

É esta a lição final da humanidade na terra?

Você é o juiz.

•PARTE I•

Você não encontra uma missão - uma missão encontra você

A jornada começa

1 1 foi dito que a verdade é mais estranha que a ficção e que Deus trabalha de maneiras misteriosas. Presentes podem aparecer nas horas mais estranhas nos lugares mais inesperados. Às vezes, um presente está na forma de uma pergunta. Às vezes, um presente é passageiro. E às vezes um presente fica conosco para sempre.

Na primavera de 1993, em uma conferência da American Psychosomatic Society, conheci uma psicóloga clínica, Linda Russek, Ph.D.

Após a conferência, passei algum tempo visitando esse novo conhecido. No final de nossa visita, às 4 horas da manhã, Linda estava me levando ao aeroporto de Fort Lauderdale para que eu pudesse pegar um voo matinal de volta à Universidade do Arizona, em Tucson. Para mim, o que aconteceu foi totalmente inesperado - embora eu suponha que ela estivesse esperando o momento certo. Agora sei que Linda me ofereceu um presente especial ao fazer uma pergunta diferente de tudo que alguém já havia me feito antes: “Você acha que é possível que meu pai ainda esteja vivo?”

Cansado, mas intrigado, me perguntei por que Linda estava me fazendo uma pergunta tão profundamente pessoal e importante.

“Não tenho certeza”, respondi. “Será que importa se eu disser que pensei

que era possível?”

Seu olhar tornou-se intenso. “Sim,” ela disse.

“Por que faria diferença o que eu penso?”

“Porque você é um cientista sério e, se acha que é possível, provavelmente tem um bom motivo.”

Sem saber bem por quê, senti-me compelido a compartilhar um segredo que não compartilhei com mais ninguém. “Anos atrás, quando eu era professor em Yale, me deparei com uma hipótese sobre como os sistemas armazenam informações.” Eu disse a ela que isso me levou - na verdade, me forçou - a reconhecer a possibilidade de que a consciência pudesse sobreviver após a morte. “Mas nunca antes compartilhei a hipótese com ninguém porque é tão dolorosamente controversa.”

Emocionada, ela imediatamente quis saber mais. Mas as respostas teriam que esperar até que eu pudesse voltar para a Flórida.

Duas semanas depois, eu estava de volta. Caminhando com Linda na praia em Boca Raton, expliquei: “Todos os sistemas, no processo de se tornarem e permanecerem inteiros, armazenam informações dinamicamente. Os sistemas são compostos de partes componentes que compartilham informações e energia – de átomos e substâncias químicas, passando por células e organismos, até planetas, galáxias e o universo como um todo.

“A lógica matemática”, eu disse, “leva à conclusão não apenas de que todos os sistemas estão ‘vivos’ em vários graus, mas também que essa informação continua como um sistema de energia vivo e em evolução depois que a estrutura física deixou de existir.”

Seguindo a linha lógica de raciocínio, tudo o que eu sabia sobre física e psicologia me forçou a considerar a hipótese de “sistemas de informação-energia vivos”. Para colocá-lo de uma forma mais familiar e controversa, usei as palavras *almas viventes*. (O Apêndice A oferece mais informações sobre a hipótese da alma vivente.)

Quando apresentei essas ideias a Linda pela primeira vez, descobri que seu ceticismo era tão forte quanto o meu. Suas sobrancelhas se uniram em uma expressão que eu logo amaria e respeitaria, enquanto ela procurava intensamente por falhas em meu raciocínio. Eu esperei e a observei tentar. Naquele momento, pelo menos, ela não conseguiu encontrar nenhum. Em vez disso, ela me desafiou sobre o possível impacto de minha hipótese. “Você percebe as implicações do que está descrevendo?”

“Estou ciente de algumas das implicações,” eu disse nervosamente, “e estou francamente com muito medo delas.”

Logo descobri que Linda foi levada a perseguir isso por um motivo muito pessoal, aquele que iniciou a conversa em primeiro lugar. Ela ansiava por saber se seria possível se comunicar com seu pai. O Dr. Henry I. Russek foi um distinto cardiologista e cientista, amado por seus colegas, pacientes e familiares. Quando ele faleceu em 1990, Linda iniciou uma busca para descobrir cientificamente se seu pai, que havia sido seu mentor, colega e melhor amigo, ainda estava com ela.

Portanto, não foi surpresa que ela tenha me persuadido a buscar a possibilidade. Ela insistiu: “Pelo bem de meu pai e de minha família, devemos testar sua hipótese. Você vai me ajudar?”

Se coloque no meu lugar.

Você acabou de confessar uma potencial bomba científica para uma pessoa carinhosa e bonita que você mal conhece. Você está bem ciente de que muitos de seus colegas da Universidade do Arizona e professores de psicologia em todos os lugares o ridicularizariam e até tentariam destruir sua carreira acadêmica, se soubessem que você está realmente pensando em fazer pesquisas nessa área.

Mas lá estava eu, tendo me apaixonado pelo amor de Linda por seu pai. Eu me deparei com seu sonho de saber cientificamente, de uma forma ou de outra, se a consciência de seu pai ainda existia.

Olhei em seus olhos perscrutadores e não pude resistir a seus apelos para que eu começasse esta temida pesquisa. “Sim,” eu concordei.

“Mas só se não contarmos a ninguém!”

A pesquisa começa... em segredo

Nos dois anos seguintes, em nosso tempo livre, lutamos para definir formas de explorar experimentalmente a hipótese da alma viva. Nossa pesquisa foi feita muito silenciosamente em Boca Raton. Algumas experiências foram realizadas no consultório médico do falecido pai de Linda. Outras foram realizadas no condomínio de Linda e uma no condomínio de sua mãe.

Durante um período de dois anos, fizemos cerca de vinte experimentos diferentes. Em uma série, por exemplo, usando complexos analisadores de espectro da Hewlett-Packard e máquinas de ondas cerebrais Lexicor de 24 canais, medi os sinais vitais e a atividade cerebral de Linda durante dois períodos: primeiro enquanto ela simplesmente pensava em seu pai e depois enquanto ela tentava comunicar com ele.

Coletamos uma quantidade substancial de dados intrigantes que parecem apoiar a hipótese de que Linda e seu pai podiam se comunicar. Mas esses primeiros esforços exploratórios estavam longe de ser

conclusivos. Começamos a nos perguntar se poderíamos projetar protocolos científicos que envolvessem Henry como um participante ativo na pesquisa - participando de um papel que chamaríamos de co-investigador hipotético falecido.

"Hipotetizado." O ceticismo e a cautela científica que fundamentariam todo o nosso trabalho nesse campo suspeito exigiam um rótulo que não tomasse nada como garantido. Linda e eu nos comprometemos com um programa de pesquisa sistemática.

Direi sobre nossos experimentos neste período apenas que eles não produziram ciência publicável, mas levaram a algumas peças desconcertantes. Um em particular ainda nos deixa coçando a cabeça: depois de uma tentativa de contato com o pai de Linda, na qual o analisador de espectro e os dados das ondas cerebrais pareciam sugerir que algo inexplicável realmente havia acontecido, Linda mencionou que seu relógio, que seu pai lhe dera, não estava marcando o tempo.

Quando levei o relógio dela a um joalheiro para trocar a bateria, ele descobriu, para sua surpresa, que o relógio digital Seiko dela estava funcionando *para trás*; ele e vários outros joalheiros que contatei na época disseram que nunca tinham ouvido falar de tal coisa. Não estou afirmando que havia uma conexão com o experimento; é apenas uma daquelas anomalias maduras aparentemente tão abundantes neste campo que deixam você sem saber se deve gemer ou rir.

duas vidas

Na época desse projeto de pesquisa secreto, meu "trabalho diário" era na Universidade do Arizona como professor de psicologia, medicina, neurologia e psiquiatria. Para alguns de meus colegas, deve ter parecido um lugar inesperado para mim, depois das instituições mais conceituadas de minha formação. Mas havia boas razões. A minha carreira acadêmica não tinha seguido um rumo muito provável. Como calouro em engenharia elétrica em Cornell, percebi depois de apenas duas semanas que havia escolhido mal; mudando de marcha, me formei quatro anos depois na Faculdade de Artes e Ciências na área pré-médica, com especialização em psicologia e especialização em química. (Minha mãe provavelmente gostaria que eu acrescentasse que eu era Phi Beta Kappa.)

Ao iniciar a pós-graduação, cometi outro erro: escolher a Universidade de Wisconsin porque os professores dos departamentos de psicologia, psiquiatria e medicina se concentravam em uma área de meu interesse: os campos da psicofisiologia e da medicina psicossomática, que é o estudo da como a mente afeta o corpo. Mais uma vez mudei de rumo, transferindo-me para Harvard, onde obtive meu mestrado em psicologia clínica e meu doutorado em psicologia da personalidade, e foi então recrutado para permanecer como

professor assistente.

Três anos depois, fui recrutado por Yale. Aos trinta e dois anos, tornei-me um dos professores associados titulares mais jovens do campus e fui rapidamente promovido a professor de psicologia e psiquiatria. Meus esforços de pesquisa durante os anos de Harvard e Yale foram focados na vanguarda da ciência dominante em psicologia e medicina, nas então novas áreas de biofeedback e relaxamento (fui um dos primeiros presidentes da Biofeedback Research Society, bem como fundador e primeiro presidente da Divisão de Psicologia da Saúde da American Psychological Association), e nas áreas de repressão e a relação entre emoções, personalidade e saúde.

Também desempenhei um papel importante na criação do campo interdisciplinar da medicina comportamental. Ao longo dos anos, tive mais de quatrocentos artigos publicados em revistas científicas revisadas por pares e apresentei mais de seiscentos trabalhos em reuniões científicas.

Minha mudança para a Universidade do Arizona em 1988 ocorreu em parte porque o departamento de psicologia e a escola de medicina ofereciam uma oportunidade única de trabalhar em áreas interdisciplinares de interesse para mim (e, para ser honesto, porque fui inspirado pela cultura e meio ambiente do Sudoeste). E era lá que eu estava, ensinando cursos de graduação e orientando alunos de pós-graduação em seus trabalhos de mestrado e doutorado, quando Linda e eu nos conhecemos e começamos nossa pesquisa secreta.

Algumas coisas são para sempre

O primeiro passo no novo rumo que minha vida tomou começou quando eu era professor em Yale, em uma viagem a Vancouver, Canadá, para fazer uma palestra convidada.

Durante uma noite sem dormir naquela viagem, enquanto eu estava na janela do meu hotel olhando para as estrelas e para a luz que vinha de outras janelas à minha vista, ocorreu-me o pensamento de que a luz das estrelas, viajando no espaço para sempre, poderia ser interpretada como uma expressão da imortalidade. Na época eu estava lendo um livro sobre física quântica e a natureza da luz. O livro explicava que, muito depois de as estrelas terem “morrido”, os fótons de sua energia — ou seja, de sua luz — continuam a existir.

De repente, percebi que o brilho da lua iluminando meu corpo também estava viajando para o espaço, embora como pequenas ondas eletromagnéticas. Embora a energia de minhas ondas refletidas fosse minúscula em comparação com a da lua, essas ondas carregavam a história de minha essência. Um ser no espaço, com um instrumento suficientemente sensível do projeto certo, poderia detectar claramente meus fótons enquanto

eles passavam zunindo.

Eu me perguntei: “Que tipo de Deus permitiria que a luz das estrelas distantes continuasse para sempre, mesmo depois que a estrela ‘morresse’ – uma premissa fundamental da astrofísica contemporânea – mas não forneceria a mesma oportunidade para nossos biofótons pessoais?”

A astrofísica contemporânea avançou a ponto de documentar

merecendo que fótons de mais de 12 bilhões de anos, supostamente da época do chamado Big Bang, continuem a existir em nosso universo atual. Se esses “pacotes de informação-energia” cosmicamente antigos persistem no universo hoje, por que nossos pacotes de informação-energia não podem persistir também? Já foi dito que os humanos são feitos do mesmo material que as estrelas - e compartilhamos as mesmas energias.

O filósofo-cientista em mim se perguntou: “Se realmente existisse um ‘Grande Projetista Organizador’, e esse DEUS criou a luz estelar eterna, por que ele/ele/eles não permitiria que nossas próprias ondas eletromagnéticas pessoais - nossa informação e energia - ser eterno também?”

Essa percepção foi acompanhada por uma profunda revelação pessoal, na qual eu me experimentei como um ser de energia estendida, refletindo continuamente a luz visível e invisível no espaço. Passei a saber em primeira mão como nossa energia padronizada individualmente é como toda energia - que se estende no espaço na velocidade da luz ao longo de nossa vida física e além.

Embora a teoria estimule muitas ideias novas que têm consequências desafiadoras e às vezes complexas para a vida e a sociedade, ela é bastante simples em sua essência. O que fiz foi pegar algumas ideias bem aceitas na ciência e integrá-las pela primeira vez. Nesse sentido, a teoria não exige que imaginemos um universo totalmente novo, mas apenas – como disse Marcel Proust – que “o vejamos com novos olhos”. (Para os curiosos, veja os Apêndices A e B para uma discussão mais extensa do raciocínio científico subjacente à nossa pesquisa.)

Mas algumas coisas são difíceis de provar

Alguns anos depois daquela memorável viagem a Vancouver, quando me propus a ajudar Linda a fazer pesquisas sobre a possibilidade de entrar em contato com o pai, estávamos empreendendo uma exploração que é suspeita para a maioria dos cientistas, mas é, para pessoas criativas, um assunto de intenso fascínio. Uma exploração do tópico vive vivamente em minha memória. O filme *Contato*, baseado no livro de Carl Sagan, provoca a mente enquanto puxa o coração. Uma cena em particular expressa o desafio de documentar cientificamente a existência do aparentemente inefável. E fala

sobre o desafio de imaginar e pesquisar a existência do que pode ser chamado de almas de energia viva - ou, mais simplesmente, almas vivas.

No meio do filme, vemos uma cientista, a Dra. Ellie Arroway, explicando ao estudioso espiritual Palmer Joss, um homem de fé, que ela precisa de evidências científicas para acreditar. O Dr. Arroway é especialmente inflexível sobre a necessidade de evidências convincentes quando se trata da crença na existência de Deus.

Entendi bem o personagem do Dr. Arroway porque fui treinado para olhar o mundo como um intelectual, um cientista. Na ciência, formulamos hipóteses; nós não acreditamos. E a ciência, em última análise, não estabelece “provas”, mas fornece evidências a favor ou contra uma hipótese. Aprendi a filosofia e os métodos da ciência de forma eficaz e os ensinei por anos, então simpatizei com a posição do Dr. Arroway.

À medida que a cena avança, o estudioso espiritual pergunta ao Dr. Arroway: "Você amava seu pai?"

Arroway faz uma pausa e responde: “Sim”.

Palmer Joss lança um desafio, simples e direto ao ponto: “Prove”.

Dr. Arroway está sem palavras. Como ela pode documentar seu amor com evidências científicas? Ela precisa de dados científicos para provar isso a si mesma? E como ela pode convencer a comunidade científica de que o que ela sabe no fundo de seu coração, por meio de experiência pessoal direta, é de fato verdade - que seu amor por seu pai é real?

Pense nisso.

Como você pode *provar* a alguém que ama seu marido ou esposa, um filho, um amigo, um animal de estimação? Não pelo que você diz - as pessoas geralmente mentem para proteger a si mesmas ou aos outros. Não pelo que você faz - todos nós fazemos algumas coisas porque elas são esperadas de nós, e não porque realmente queremos fazê-las.

O que o reverendo Joss estava ensinando ao Dr. Arroway era que nada substitui a experiência do amor — ou, aliás, qualquer outra experiência. Em última análise, deve-se ter a experiência por si mesmo. Todo o resto é indireto - um processo de inferência, de interpretação.

Mas surge a questão profunda: como sabemos se a *interpretação* de nossas experiências pessoais é genuína?

Assim como é difícil determinar se o que interpretamos como amor é realmente amor, é ainda mais difícil estabelecer que o que acreditamos ser comunicações pós-vida são, de fato, comunicações pós-vida.

Felizmente, só porque algo é difícil não o torna impossível. Linda e eu estávamos iniciando uma jornada de descoberta não apenas sobre as experiências humanas de amor e vida após a morte, mas também sobre o processo de usar os métodos da ciência para descobrir a realidade dessas experiências e sua interpretação correta.

A exploração científica começa formando uma hipótese e, em seguida, reunindo evidências que a apoiarão ou provarão que é falsa.

Começamos com a hipótese, a suposição de trabalho, de que a ciência pode estabelecer que o amor existe, que a consciência existe e que a sobrevivência da consciência existe, da mesma forma que a ciência estabeleceu que a gravidade existe, que os elétrons existem e que os fótons de “estrelas mortas” continuam a existir.

Deixe-me repetir isso porque é muito importante. Estávamos propondo que, da mesma forma que a ciência estabelece que a gravidade, os elétrons e os fótons de estrelas há muito mortas existem, é possível para a ciência estabelecer que o amor, a consciência e a sobrevivência da consciência existem.

A física nos ensina que é cientificamente apropriado inferir a existência de processos invisíveis por meio de observação cuidadosa em experimentos repetidos. Assim como inferimos cientificamente a existência de uma força invisível denominada gravidade por meio de observações sistemáticas e cuidadosas de objetos caindo no chão, nossa hipótese dizia que alguém pode inferir cientificamente a existência de sistemas de informação-energia vivos e invisíveis – almas e espíritos vivos – por meio de experimentação sistemática e cuidadosa.

Toda a pesquisa que temos diante de nós quando Linda e eu iniciamos esta jornada seria baseada em dois dons especiais que a ciência oferece.

O Primeiro Dom: A ciência nos dá a capacidade de inferir a existência de coisas que não podemos ver diretamente através da observação sistemática do que podemos ver. Mais uma vez, a gravidade é um excelente exemplo.

O Segundo Dom: A ciência nos dá a capacidade de avaliar interpretações alternativas de uma determinada observação.

Esses dois dons da ciência nos permitem valorizar ainda mais nossa capacidade de ter experiências pessoais. A ciência nos permite ir além de nossas experiências pessoais (o primeiro dom) e também nos ajuda a interpretar tudo isso, tanto o visível quanto o invisível (o segundo dom).

Aproveitando o poder da ciência e da mente humana

Embora a ciência seja claramente muito poderosa, ela é tão poderosa quanto a

mente humana que a criou. E o poder potencial da mente humana é vasto.

A história da ciência nos lembra que, por milhares de anos, os humanos acreditaram que a Terra era plana. Essa crença era mantida tanto por não-cientistas quanto por cientistas. A história está repleta de observações de bom senso que foram posteriormente revisadas pela coragem criativa de mulheres e homens da ciência de ponta.

A pesquisa que descrevo nas páginas a seguir examina a possibilidade de que nossa atual ideia de senso comum sobre a morte acabe sendo tão “plana” quanto nossa ideia de senso comum anterior de uma Terra plana. Ele também prevê que nossa apreciação do “ainda não visto” crescerá à medida que pesquisamos e experimentamos o universo invisível de energia viva.

Para crentes, agnósticos e descrentes: você quer dar uma volta?

Para aqueles que já acreditam, fazer a jornada conosco confirmará suas crenças. Isso lhe dará, como disse um médico depois de ler nosso livro anterior, “uma razão científica para acreditar que o que já sabemos em nossos corações é verdadeiro”.

Para aqueles de vocês que não sabem em que acreditar, fazer a jornada conosco irá ajudá-los a tomar uma decisão sobre esta questão tão fundamental.

E para aqueles de vocês que não acreditam e estão de fato convencidos de que é “cinzas às cinzas, pó ao pó — ponto final”, fazer a jornada conosco pode levá-los a reconsiderar sua posição.

A verdade é que, se os resultados desses estudos continuarem positivos, a humanidade viverá um divisor de águas em nossa compreensão do universo e de nosso papel nele.

Tendo estado lá pessoalmente, sei como é sentir que “isso simplesmente não pode ser verdade”. Eu sei como é literalmente ver as coisas com meus próprios olhos no laboratório e descartá-las por causa de aprendizado anterior, ignorância ou medo. Eu experimentei, em primeira mão, a sensação de que “esses são os tipos de dados em que eu não acreditaria, mesmo que sejam verdadeiros!” Conheço o ceticismo intenso em primeira mão.

No entanto, os dados parecem ser reais. Se existe uma falha fundamental na totalidade da pesquisa apresentada nestas páginas, a falha conseguiu escapar aos muitos cientistas experientes que examinaram cuidadosamente o trabalho até agora.

Nossa abordagem é simples: deixe os dados falarem. E vale lembrar, parafraseando, que “os dados podem ser mais estranhos que a ficção”. Você está pronto para os dados? Como Carl Sagan escreveu em *Contato*, “Você

quer dar uma volta?”

Trazendo a Ciência da Alma para a Universidade

^) apenas algumas grandes universidades têm, ou já tiveram, programas investigando fenômenos paranormais ou explorando outros aspectos não tradicionais nesta área.

Talvez o mais conhecido seja o trabalho do falecido JB Rhine, da Duke University. Rhine foi chamado de pai da parapsicologia moderna e, de fato, ele cunhou o termo para distinguir o trabalho da psicologia convencional. Em trinta e três experimentos de precognição, envolvendo quase um milhão de tentativas, ele foi capaz de apresentar evidências estatisticamente significativas em apoio a esse fenômeno. (Seus experimentos e o trabalho em outros laboratórios de pesquisadores independentes que replicaram seus estudos produziram uma probabilidade cumulativa de 10^{-24} , ou apenas uma chance de erro em um trilhão de trilhão.)

A Universidade da Virgínia tem um esforço de pesquisa estabelecido há muito tempo, ainda em andamento, para estudar experiências de quase morte e reencarnação, baseado principalmente em dados da Índia. Desde a década de 1970, os pesquisadores de Princeton realizam pesquisas em seu Laboratório de Anomalias, que está ligado ao departamento de engenharia elétrica da universidade. Isso soa curioso até você entender que o objetivo deles é “buscar um estudo científico rigoroso da interação da consciência humana com dispositivos físicos sensíveis, sistemas e processos comuns à prática da engenharia contemporânea” – em outras palavras, a conexão mente/máquina.

Na Escócia, pesquisadores da Universidade de Edimburgo administram um centro de parapsicologia (como eles escrevem) desde a década de 1980. Outro trabalho está sendo feito hoje em universidades em Gothenborg (Suécia), Londres e Northampton (Reino Unido) e Adelaide (Austrália).

E há mais programas em outras universidades, mas não muitos.

No entanto, nenhuma grande universidade tem um programa formal de pesquisa que investigue a possibilidade de sobrevivência da consciência após a morte. Não será nenhuma surpresa, tenho certeza, que na maioria dos campi a ideia de realizar tal pesquisa recebesse o mesmo tipo de acolhida que Galileu recebeu quando sugeriu que a Terra não era o centro do universo.

Então, como um programa de pesquisa extremamente controverso como o nosso foi oficialmente aceito na Universidade do Arizona?

Nosso primeiro trabalho sobre esse assunto foi um esforço clandestino que

iniciamos enquanto trabalhávamos juntos em um assunto mais popular: uma continuação de um estudo de Harvard que havia sido lançado anos antes, continuando os passos do trabalho que Linda e seu pai haviam seguido. antes mesmo de eu entrar em cena.

Lições de amor em um estudo de Harvard

O Harvard Mastery of Stress Study foi originalmente conduzido no início dos anos 1950 com 126 estudantes de graduação de Harvard saudáveis. Cada aluno recebeu um exame físico e psiquiátrico e preencheu uma pilha de testes com lápis e papel. Eles também experimentaram vários estressores de laboratório, incluindo choques elétricos dolorosos, enquanto várias medidas fisiológicas eram registradas simultaneamente.

Um livro de 1957, *The Mastery of Stress*, escrito pelos três principais investigadores do estudo do estresse (Funkenstein, King e Drolette), descreveu a psicofisiologia de lidar com o estresse.

Vinte anos depois, Linda e seu pai médico decidiram que seria valioso realizar entrevistas de acompanhamento com os participantes originais e coletar seus registros médicos junto com outros dados psicossociais para determinar se o estresse percebido na faculdade era um preditor de saúde física a longo prazo. Stanley King, psicólogo do Harvard Student Health Service e um dos pesquisadores originais do estudo, aceitou a proposta e nomeou Linda como diretora do estudo de acompanhamento.

Ao longo de uma década, Linda voou pelo país, conseguindo entrevistar pessoalmente 116 dos 126 homens originais. Sua devoção a esta pesquisa foi igualada pela dos homens de Harvard, cujo amor por sua universidade e seu desejo de contribuir para o conhecimento tornaram esta pesquisa possível.

Todos os anos, os homens enviavam seus registros médicos ao pai de Linda, que os avaliava e confirmava os diagnósticos médicos. Trinta e cinco anos após a realização do estudo original, o trabalho árduo de Linda e seu pai rendeu um artigo histórico sobre os efeitos do estresse na faculdade como um preditor de saúde a longo prazo. Pouco antes do falecimento do Dr. Russek, seu artigo — uma colaboração de Linda e seu pai, juntamente com Stanley King e a irmã de Linda, Shelley Russek, uma psicofarmacologista — apareceu na revista *Psychosomatic Medicine*.

Primeiras Causas

Na época em que Linda estava envolvida neste estudo, eu havia trocado Harvard por Yale. O fato de eu ter acabado em campi universitários de tal distinção foi algo que eu nunca poderia ter previsto - um golpe de sorte quase perdido, um daqueles acasos que mudam nossas vidas.

Eu havia crescido em Long Island, em uma daquelas famílias de alto

talento, mas pouco sucesso, com uma mãe que era uma pianista clássica que se tornou professora de escola primária e um pai que, soube mais tarde, teve seu doutorado injustamente negado. D. ele ganhou em engenharia química da Universidade de Columbia durante a Segunda Guerra Mundial. Em vez disso, tornou-se farmacêutico, um trabalho do qual não gostava muito, que o mantinha trabalhando horas absurdamente longas em troca de uma renda muito modesta. Cresci vendo pouco dele e não muito mais de minha mãe.

Incentivado a usar minha mente e explorar, mas deixado para me divertir, desenvolvi uma paixão pela ciência (criando laboratórios de química, biologia e eletrônica em nosso porão), por animais (reunindo uma miríade de animais de estimação, incluindo tartarugas, hamsters e cobras) e para música.

A música tornou-se uma paixão particular - o que não é surpresa, já que descobri ter um talento extraordinário para isso. Aos doze anos, consegui aprender a tocar uma dúzia de instrumentos diferentes. Dominar a guitarra, instrumento número treze, veio fácil e bem a tempo de ser recrutado por uma banda, naqueles primórdios do rock and roll.

Em escala local, a banda foi um grande sucesso. Consegui manter meu status de estudante exemplar em matemática e ciências, ao mesmo tempo em que contribuía para as finanças de minha família. Parecia uma maneira tão fácil de obter uma boa renda (e trazer alegria às pessoas no processo) que minha decisão não foi difícil de tomar: largaria a escola e me tornaria um músico profissional. Parecia um acéfalo - eu já estava estudando violão em Nova York com o grande jazz de Sal Salvador e tocando na prestigiada NBC Youth Orchestra.

Foi aí que surgiu o acaso. A caminho da minha nova vida, arrumei meu violão e parei para me despedir da minha namorada do colégio. O pai dela ouviu meus planos de largar o ensino médio e me sentou para uma longa conversa. De alguma forma, eu estava disposto a ouvir, e ele conseguiu me convencer de que eu sempre poderia seguir a carreira musical, mas deveria me formar primeiro.

Essa conversa moldou o curso da minha vida futura. Serei eternamente grato pelo empurrão na direção certa de uma pessoa sábia que se preocupou, que me iniciou no caminho que sigo até hoje. (Sr. Scoca, esteja você neste mundo ou no outro, envio meus agradecimentos a você.)

A conexão amor-saúde: um objetivo científico pessoal

Após meu trabalho de graduação em Cornell e meus anos em Harvard e Yale, vim para a Universidade do Arizona em 1988 com a intenção de que um de meus objetivos principais fosse conduzir pesquisas sobre a relação entre amor e saúde. Há muitos anos eu queria investigar a conexão amor-saúde, tanto bioeletromagneticamente quanto psicofisiologicamente. Na verdade, quando

as pessoas me perguntam por que deixei minha cátedra permanente em Yale e me mudei para a Universidade do Arizona, explico que foi, antes de mais nada, um movimento do coração - aquele amor pelo sudoeste, seu povo e sua beleza que já aludido.

No entanto, logo descobri que meu entusiasmo pessoal por investigar a conexão amor-saúde não era compartilhado por agências nacionais de financiamento. Quando escrevi uma carta em 1989 para mais de oitenta fundações privadas solicitando possível financiamento, setenta e nove delas responderam com uma carta educada indicando que meus interesses não se encaixavam em suas áreas temáticas ou que talvez eles aceitassem uma proposta em algum momento em o futuro.

Apenas um indivíduo, o falecido Brendan O'Regan, então diretor de pesquisa do Instituto de Ciências Noéticas (*noético* significa “pertencente ao intelecto”), entrou em contato comigo para discutir a possibilidade de sua organização financiar algumas pesquisas nessa área. Infelizmente, antes que nossos respectivos horários nos permitissem uma reunião, ele morreu inesperadamente. À luz dessa decepção aparentemente definitiva, quase desisti do sonho de abordar cientificamente a conexão amor-saúde. ... até que conheci Linda.

Em 1992, a Sociedade Internacional para o Estudo da Energia Sutil e da Medicina Energética agendou um simpósio especial sobre o tema do amor e sua relação com a saúde e a cura. Quando soube que esse tema seria discutido em uma sociedade científica, ainda que estranha, decidi que tinha que participar.

Eu estava tão nervoso por estar presente nessa reunião pouco ortodoxa que não contei a meus colegas acadêmicos que estava indo. EU

paguei minhas próprias despesas (extremamente raro para mim; historicamente fui abençoado por ser um palestrante convidado em reuniões científicas ou apresentar artigos financiados por doações e fundações) e sentei-me calmamente na plateia em Boulder, Colorado. Até optei por não usar um crachá para poder permanecer anônimo na maior parte do tempo.

Descobriu-se que o simpósio sobre amor e saúde foi notável. Após as apresentações formais, houve um período de discussão geral, quando uma longa fila de pessoas da plateia esperou sua vez de se aproximar do microfone para fazer perguntas ou comentários.

Eu também me senti movido a falar. Quando chegou a minha vez, disse aos apresentadores que o trabalho deles havia me tocado tanto que me senti inspirado a compartilhar com eles e com o público um verso da assombrosa canção de James Taylor, “Secret O' Life”. Foi a primeira e única vez que fui levado a começar a cantar em uma reunião científica. (Posso ser músico,

mas *não sou* cantor.)

O público, como dizem, foi à loucura.

Examinando a sala naquele alto conhecido por cantores, músicos e atores, notei uma mulher bem vestida de cabelos negros que devolveu meu olhar.

Nove meses depois, enquanto eu participava de uma de minhas reuniões científicas regulares e conservadoras — a American Psychosomatic Society — notei a mesma mulher de cabelos pretos. Quando ela reconheceu quem eu era e se lembrou do meu momento de brincadeira musical na reunião de medicina energética, ela se aproximou e se apresentou. Não demorou muito para compartilharmos nossos interesses secretos mútuos em amor e saúde - inicialmente científicos e, por um tempo, românticos. Minha ligação pessoal com Linda Russek começou com nossa discussão profissional sobre o experimento de amor e saúde que ela estava se preparando para conduzir, o que levou àquela pergunta às 4 da manhã sobre se eu acreditava na possibilidade de sobrevivência da consciência após a morte.

Em 1993, além de iniciar nossa pesquisa-piloto secreta que examinou a hipótese da alma viva, também começamos a conduzir pesquisas mais convencionais sobre a conexão amor-saúde por meio do Harvard Mastery of Stress Study.

Analizando os dados do

Acompanhamento de saúde de Harvard

Quando Linda e eu começamos a analisar os dados e a revisar cuidadosamente as milhares de perguntas que os homens haviam respondido quando estavam na faculdade, descobrimos que Stanley King havia incluído quatorze perguntas que avaliavam a percepção dos homens sobre o amor e o carinho de suas mães, e quatorze que classificaram as percepções dos homens sobre o amor e carinho de seus pais, com base em critérios como quão amorosos, justos, justos e gentis os pais foram durante a infância e adolescência dos homens.

Poderiam essas avaliações simples de percepção do amor dos pais obtidas na faculdade servir como um preditor de sua saúde a longo prazo trinta e cinco e quarenta e dois anos depois?

Quando calculamos as pontuações e as inserimos no computador, os resultados foram claros - e surpreendentes. As descobertas indicaram que as percepções do amor dos pais na faculdade realmente previram a saúde física a longo prazo na vida adulta.

Criamos quatro subgrupos possíveis com base em suas notas na faculdade: (1) pai e mãe tiveram notas altas; (2) pai classificado como alto,

mãe classificado como baixo; (3) pai classificado como baixo, mãe classificado como alto; e (4) pai e mãe tiveram classificação baixa.

Para aqueles homens que avaliaram seus pais como muito amorosos e carinhosos enquanto estavam na faculdade, cerca de 25% tiveram um diagnóstico confirmado de doença física 35 anos depois. As doenças incluíam câncer, problemas cardíacos, pressão alta, artrite e asma.

No entanto, para aqueles homens que avaliaram seus pais com pouco amor e carinho, 87% tiveram uma doença diagnosticada trinta e cinco anos depois.

Não surpreendentemente, dos homens que avaliaram um de seus pais como alto e o outro como baixo, aproximadamente metade teve uma doença diagnosticada na meia-idade.

Quanto maior a percepção do amor parental, mais saudável é a vida. E descobrimos que esses padrões eram independentes da história familiar e genética de doença, morte e história de divórcio dos pais, bem como da história de tabagismo e casamento dos próprios homens. Nenhum desses fatores de risco familiares e bem estabelecidos poderia explicar os achados obtidos.

O que esses dados fortes sugeriram?

Uma vez que os homens que se percebiam como filhos de pais amorosos tinham as taxas mais baixas de doenças físicas, isso implicava que *o amor poderia estar agindo como um amortecedor, protegendo uma pessoa das consequências deletérias para a saúde de fatores de risco - mesmo fatores significativos como genética predisposição, divórcio e tabagismo.* (Os resultados deste estudo foram relatados por nós em um artigo de 1997 na revista *Psychosomatic Medicine*.)

Surge a pergunta: como o amor pode servir como um amortecedor para o estresse e um protetor para doenças? Linda sugeriu um experimento de acompanhamento e surgiu uma hipótese muito nova.

Um novo estudo de cardiologia de energia

Em 1994, Linda e eu começamos a coletar dados psicológicos e fisiológicos de quarenta dos homens de Harvard que haviam participado do estudo original, usando um laboratório portátil com dois sistemas de ondas cerebrais/ eletrocardiográficas. A intenção dela era que registrássemos os sinais elétricos não apenas dos corações e cérebros dos homens, mas também dos dela. Para atingir o maior número possível de assuntos, fizemos um tour por três cidades da Costa Leste: em Nova York, Boston e Boca Raton. Durante um período de dois meses, foi possível coletar dados de quarenta sujeitos da amostra original.

Ao coletar esses dados, Linda sentou-se em frente ao sujeito, ambos conectados para registrar ondas cerebrais e batimentos cardíacos. Seria possível que os sinais dos batimentos cardíacos de Linda estivessem sendo “recebidos” pelo homem que a encarava a alguns metros de distância?

Cada vez que o coração de Linda bate, ele envia um sinal eletromagnético, assim como o meu e o seu. A física prevê que em microssegundos, o sinal eletromagnético do coração de Linda alcançaria os cavalheiros sentados à sua frente. Ele também enviaria a energia do coração de volta para Linda. Isso teoricamente criaria um processo de feedback sistêmico entre as duas pessoas.

Teoricamente, memórias energéticas circulantes deveriam ser formadas entre Linda e cada um dos sujeitos. Claro, nenhuma das pessoas saberia que isso estava acontecendo, assim como não sabiam que tinham eletrocardiogramas em primeiro lugar.

Usando um sofisticado software de computador que desenvolve especificamente para esse fim, conseguimos detectar a presença do eletrocardiograma de Linda nas ondas cerebrais dos homens e, inversamente, detectar os eletrocardiogramas dos homens nas ondas cerebrais de Linda.

Linda havia feito uma previsão verdadeiramente inovadora. Ela raciocinou que os homens que perceberam que seus pais eram muito amorosos e carinhosos registrariam um sinal cardíaco amoroso de energia com mais força do que os homens que avaliaram seus pais com pouco amor e carinho. Linda levantou a hipótese de que as pessoas que consideravam seus pais amorosos estariam mais abertas a receber energia amorosa de outras pessoas, inclusive dela.

Quando analisamos as ondas cerebrais e os dados eletrocardiográficos, descobrimos que a previsão de Linda foi confirmada. Os homens que avaliaram seus pais em amor e carinho na faculdade registraram os batimentos cardíacos de Linda em seus cérebros com mais força.

A visão e a persistência de Linda levaram à criação da “cardiologia energética”, que examina o compartilhamento de informações e energia entre o coração e o cérebro entre os indivíduos. O experimento estabeleceu uma ligação entre o amor dos pais e o registro da energia do coração de outras pessoas. Se o raciocínio adicional de Linda estiver correto, pode muito bem haver um vínculo cardíaco bioeletromagnético entre as pessoas que está relacionado de maneira fundamental à abertura da pessoa ao amor ou à energia amorosa. Se a hipótese da memória sistêmica estiver correta, essas memórias interpessoais de energia cardíaca não serão esquecidas. Padrões de info-energia cardíaca podem até continuar a existir depois que o corpo se decompõe. É possível que a energia cardíaca forneça um vínculo amoroso que não existe apenas no reino físico, mas continua como infoenergia após o

término da vida física?

Acontece que a teoria da cardiologia energética faz mais do que apenas oferecer uma explicação potencial de como o amor contribui para a saúde. Isso explica potencialmente como a energia amorosa pode continuar após a morte e nos permite permanecer conectados às almas vivas de nossos entes queridos. (Para saber mais sobre a energia do amor, consulte o Apêndice B.)

Introdução à "Grande Experiência" de um Jornalista

O foco de nossa pesquisa mudou repentinamente em janeiro de 1995, como resultado do encontro com uma idosa incomum, tão fora do comum que nunca imaginei, nem em meus sonhos mais loucos, que tal pessoa pudesse existir.

Mas a surpresa é a regra, não a exceção, neste campo. Devíamos nos acostumar com uma abundância de surpresas.

A aventura está prestes a começar. A data é janeiro de 1995, e Linda decidiu se mudar de Boca Raton para ficar perto de mim em Tucson. Eu me sinto como um estudante universitário novamente. Estou dirigindo um caminhão de mudança de 24 pés pelo país, rebocando o Chrysler conversível vermelho 1987 de Linda que foi um presente de seu pai, o que eu sei que significa que ela o dirigirá para sempre. Sentado comigo e com Linda, em um travesseiro no banco da frente, está Freudy, o doente West Highland terrier de Linda.

Chegamos à minha casa na cidade de Tucson e recebemos uma saudação excessivamente efusiva de meus dois Cardigan Welsh corgis. Quando verifico a pilha de correspondência à minha espera, no topo da pilha está um envelope do Dr. Richard Lane, um querido amigo e colega do Departamento de Psiquiatria da Universidade do Arizona.

Ele enviou uma cópia de um artigo de jornal que descrevia uma mulher chamada Susy Smith, de oitenta e cinco anos, que, enquanto se preparava para morrer, também planejava o que o repórter chamou de “Grande Experimento”. O artigo descrevia como por mais de quatro décadas, como leiga e jornalista, Susy vinha tentando fazer pesquisas sobre a possibilidade de sobrevivência da consciência após a morte.

Depois de vários anos escrevendo para o *Salt Lake Tribune* e o *Deseret News*, entre outras publicações, ela escreveu vinte e nove livros de não ficção publicados por grandes editoras, seis dos quais foram traduzidos para línguas estrangeiras e um para Braille.

O artigo informava que a pesquisa de Susy levava a um desenvolvimento notável: sua suposta capacidade de se comunicar com a falecida mãe durante os últimos quarenta anos. Além disso, Susy também afirmou ter recebido comunicação pós-morte de um homem que, quando eles tiveram o primeiro

contato, humildemente se anunciou simplesmente como “seu guia, James”.

O artigo descrevia como, após várias “visitas” a Susy, ele se identificou formalmente como o professor William James — o eminente médico do século XIX e professor de psicologia na Universidade de Harvard. Fiquei sabendo que a Sra. Smith havia publicado dois livros sobre a experiência - *The Book of James* e *Ghost Writers in the Sky: More Conversations with James* - e afirmou que ambos os livros foram escritos em colaboração com ele.

Então lá estava eu, corgis latindo nos meus calcanhares e muita desempacotamento esperando para ser feito, examinando o artigo e começando a rir. Essas afirmações extravagantes do jornal não eram o que eu precisava naquele momento. Meu cérebro começou uma luta com minhas emoções enquanto o cientista dentro de mim desaparecia por um momento.

No entanto, tendo recebido meu Ph.D. em ninguém menos que William James Hall na Universidade de Harvard, e mantendo profunda admiração e respeito por James, um dos intelectos mais progressistas de seu século, tentei resistir à tentação de fazer um julgamento rápido.

Considerado o pai da psicologia na América, William James não apenas estava aberto à possibilidade de sobrevivência da consciência, mas também havia estudado alguns dos maiores médiuns de sua época. Eu vi a conexão óbvia aqui com a pesquisa secreta que Linda e eu estávamos conduzindo. E a coincidência de Susy Smith morando em Tucson foi convincente.

Com alguma apreensão, mostrei o artigo a Linda. Sua resposta foi imediata e direta ao ponto. “Temos que falar com Susy Smith. Por favor, ligue agora e descubra se podemos levá-la para jantar!”

Nós nem tínhamos começado a desempacotar o carro. O trailer alugado estava ocupando dois espaços na frente da minha casa. Agora Linda sugeriu entusiasticamente levar um completo estranho para jantar.

Descobri que havia uma Susy Smith listada na lista telefônica. O resto é história.

Trabalhar secretamente na sobrevivência da consciência na Flórida abriu nossas mentes para a possibilidade de trabalhar com Susy no Arizona.

Trabalhar com Susy abriria nossas mentes para tudo o que viria a seguir.

Fazendo contato

Durante o jantar na noite seguinte, Susy nos contou sua história pessoal, incluindo as doenças que a mantiveram em uma cadeira de rodas e presa em casa por muitos anos. Ela nos contou sobre sua pesquisa pessoal, seus muitos livros, sua fundação privada e seu desafio divulgado que oferecia uma

recompensa de \$ 10.000 para a primeira pessoa que recebesse com sucesso a “mensagem secreta” que ela tentaria comunicar após sua morte. Essa mensagem, se recebida corretamente, decifraria um código deixado em um cofre de banco na Flórida e, mais recentemente, secreto em seu site, www.afterlifecodes.com.

Como psicólogos clínicos, e sempre desconfiados, Linda e eu observamos atentamente qualquer evidência de que Susy pudesse ter um distúrbio de pensamento ou uma doença mental, como delírios, paranóia ou esquizofrenia. Ela parecia tão lógica e sã quanto poderia ser.

O problema é que ela disse que falava com pessoas mortas - pessoas que ela conhecia bem, como sua mãe, e até mesmo pessoas que ela nunca conheceu pessoalmente, como William James. Além disso, ela disse que coletou evidências científicas ao longo dos anos para convencer a si mesma e aos outros de que suas experiências com o professor James eram mais do que apenas sua imaginação criativa.

Terminamos a noite garantindo a Susy que estávamos interessados em sua pesquisa e que entraríamos em contato. Mas primeiro precisávamos instalar Linda; lamentar a morte de um de nossos cães; terminar, editar e publicar artigos científicos em nossa pesquisa de medicina energética e mente-corpo mais convencional; e atender a todas as outras necessidades que tiram tempo do que realmente queremos fazer.

De alguma forma, mais de um ano se passou sem mais contato com Susy.

Então, um dia em 1996 – na época em que Linda e eu estávamos estabelecendo nosso centro de pesquisa, o Laboratório de Sistemas de Energia Humana, sob os auspícios da universidade – uma mensagem chegou em nossa secretária eletrônica: “Vocês morreram ou algo assim?” Clique.

Nada de “Olá”, nada de “Aqui é a Susy, por favor, ligue”, nada de “Espero ter notícias suas em breve”. Apenas “Vocês morreram ou algo assim?”

Descobriu-se que esta era a quintessência de Susy Smith. Depois de mais de sete décadas no jornalismo, ela não mediu palavras.

Ligamos imediatamente e ficamos sóbrios ao saber que ela estava muito doente, se preparando para morrer, esperando estar com sua mãe e William James, e simultaneamente planejando continuar sua pesquisa na vida após a morte. Susy nos disse que queria apenas viver o verão para poder testemunhar apenas mais uma Olimpíada.

Criando o Projeto Susy Smith: O Dom de

Trabalhando em um ambiente universitário favorável

Realista como era, Susy sabia que morreria sem que o trabalho de sua vida fosse conhecido nem reconhecido pela comunidade científica. Linda e eu agora estávamos ansiosos para ajudar a trazer sua pesquisa para a atenção do mundo científico.

Susy, que não é cientista, criou um experimento de código de vida após a morte simplista que - sem surpresa - não foi projetado cientificamente. Tivemos a chance de ajudar a garantir que seu trabalho fosse levado a sério? Tomamos a decisão de ajudar.

Primeiro, projetamos um experimento mais definitivo incorporando códigos adicionais — um conhecido por nós três, um conhecido apenas por Linda e por mim, e assim por diante. Dessa forma, após a morte de Susy, se alguém apresentasse a solução correta para o código conhecido por Linda e por mim, pareceria ser telepatia – ler nossas mentes – e não uma mensagem do além. Reconhecidamente, isso não era muito sofisticado, mas poderia ser suficiente para estabelecer o tipo de controle aceitável para os cientistas. O teste seria se conseguiríamos publicar um artigo em um jornal respeitável descrevendo os esforços de Suzy e nosso novo projeto.

O próximo passo

Em maio de 1997, esse artigo foi publicado no *Journal of Scientific Exploration* sob o título “Testing the Survival of Consciousness Hypothesis: The Goal of the Codes”.

Depois que Linda e eu publicamos os detalhes do experimento de Susy, sabíamos que nossos dias de pesquisa secreta (e segura) haviam chegado ao fim. A essa altura, Linda, sempre ousada, me desafiou: “Gary, quero que você encontre uma maneira de levar o experimento de Susy para dentro da universidade”.

Uma coisa é publicar um único artigo em uma revista científica, outra bem diferente é trazer essa pesquisa para uma universidade como um projeto formal.

Embora eu estivesse hesitante, sabia que o que Linda estava propondo fazia sentido e deveria ser feito. Eu me perguntei como poderia apresentar ao chefe do meu departamento e ao reitor da minha faculdade um projeto que eu sabia que eles achariam estranho e talvez até pouco profissional.

Eu tinha trabalhado arduamente preparando-me para ministrar um novo curso, chamado “Psicologia da Religião e Espiritualidade”. Os alunos anseiam por uma razão para acreditar em uma realidade espiritual mais ampla, e o curso pretendia fornecer uma oportunidade de discussão em uma estrutura científica. O conteúdo foi aprovado por Lynn Nadel, chefe do meu departamento. Um distinto professor de psicologia e neurociência, Lynn

também é uma pessoa sábia e atenciosa — um homem cuja filosofia da ciência muito admiro — e sinto-me honrado por fazer parte de seu departamento.

Agendando uma reunião com ele, pude levantar a possibilidade de criar um Projeto Susy Smith. Mas como eu poderia apresentar o assunto?

Eu não queria que ele risse ou me expulsasse de seu escritório - ou pior, começasse a questionar meu julgamento como professor e cientista. Não é um desafio fácil.

Ainda assim, eu teria a vantagem de argumentar que o assunto não era novo no campus. A pesquisa sistemática sobre a hipótese da sobrevivência da consciência havia começado mais de cem anos antes na Universidade de Cambridge e em Harvard, e continuou como pesquisa parapsicológica em instituições importantes como Yale, Duke e Stanford.

Além disso, existe uma pesquisa substancial na ampla área de religião e espiritualidade. No entanto, mesmo assim, apenas um punhado de estudos de laboratório já havia sido publicado sobre o tema da sobrevivência da consciência após a morte.

Alguns dias depois, sentado no escritório de Lynn cercado por muitos livros e papéis empilhados ali, lancei-me hesitantemente na abordagem que havia escolhido. Se era válido para o Departamento de Psicologia oferecer um curso que discutisse a pesquisa de outras universidades em religião e espiritualidade, então o departamento também deveria ser corajoso o suficiente para permitir que seu corpo docente conduzisse estudos sobre tópicos de sua escolha, mesmo quando esses tópicos pareciam altamente controverso.

Contei a Lynn sobre a história profissional de Susy Smith, seus muitos livros, seus experimentos e os eventos que levaram ao artigo de pesquisa sobre seu experimento planejado usando comunicação codificada da vida após a morte. Eu até confessei que Linda e eu havíamos discretamente iniciado nossa própria pesquisa sobre a hipótese da alma viva, embora eu achasse que seria melhor não compartilhar nenhum detalhe ainda.

Lynn disse que concorda que todas as questões importantes para a humanidade devem ser áreas legítimas de exploração em uma universidade, desde que a pesquisa siga os cânones padrão de raciocínio científico, cautela e integridade. Isso, nós dois sabíamos, é o fundamento estabelecido do que é chamado de liberdade acadêmica.

Assim, obtive sua aprovação para fazer pesquisas na universidade e no departamento sobre esse tópico de vanguarda e surpreendente. Multar. Isso provou ser mais fácil do que eu temia - tão fácil que talvez eu pudesse tentar

fazer um pedido adicional no qual estava pensando.

Contei a Lynn sobre o plano de criar dois conselhos consultivos para o Projeto Susy Smith — não apenas um local, mas também nacional. E então meu pedido: “Lynn ... você estaria disposto a servir no comitê consultivo da Universidade?”

Ele tentou se esquivar dizendo que não sabia o suficiente sobre o assunto para ser de valor. “Eu não sou especialista,” ele protestou.

Eu disse: “Lynn, para todos os propósitos práticos, não *há* especialistas. O que este trabalho precisa mais do que tudo são cientistas de mente aberta dispostos a considerar a hipótese e criticar os projetos experimentais à medida que surgem”. E eu o lembrei da sábia afirmação de que “reivindicações extraordinárias requerem evidências extraordinárias”.

Lynn ponderou por um longo momento e então disse: “Gary, a vida é curta e você só vive uma vez... talvez.” E, sim, ele serviria no comitê consultivo local.

A declaração formal da missão do projeto foi entregue a Holly Smith, reitora do College of Social and Behavioral Science, em 11 de janeiro de 1997. A declaração ao reitor deu o propósito do projeto como uma continuação do esforço de quarenta anos de Suzy para “conduzir pesquisas acadêmicas e científicas responsáveis sobre a questão desafiadora da possibilidade de sobrevivência da consciência após a morte”. Ele passou a reconhecer que “essa hipótese controversa forma a base para a maioria das principais religiões do mundo e recebe consideração acadêmica em universidades e faculdades”.

A conclusão da declaração observou que “o Projeto Susy Smith... é projetado para trazer uma pesquisa científica cuidadosa e sistemática para lidar com essa questão fundamental”.

Desde a inauguração de nosso programa, Dean Smith deu mais um passo ao aprovar nossa proposta de criar a Campanha de Pesquisa da Ciência da Alma para arrecadar fundos para expandir essa pesquisa em áreas que incluem a investigação de crianças que parecem receber comunicação espiritual e abordar os possíveis problemas de saúde consequências da comunicação da vida após a morte. Tivemos muita sorte de ter um diretor de faculdade como Dean Holly Smith (sem parentesco com Susy), que está profundamente comprometido em promover o diálogo entre ciência e espiritualidade.

Com pessoas de mente aberta como Dean Smith e o professor Nadel dispostos a confiar em nossa integridade e dedicação à ciência, conseguimos abrir com sucesso as portas da academia para nossos esforços de pesquisa incomuns.

Agora, como aproveitaríamos essas portas abertas? Um encontro casual estava prestes a nos dar mais um passo em nossa investigação dessa questão.

cinco palavras que

Mudou minha vida

Um ponto de virada

A história da vida pessoal de Susy foi excessivamente estranha. Mas aprender a ouvir Susy com a mente aberta acabou sendo um treinamento necessário para aprendermos a ouvir a próxima pessoa a aparecer no palco desta saga, que faria a história de Susy parecer mundana em comparação.

No outono de 1997, fui convidado para fazer uma palestra na Biofeedback Society of California. A reunião estava sendo realizada ao sul de Los Angeles, em Irvine, perto da casa de um amigo, o psiquiatra Dr. Donald Watson. Don me contou sobre uma mulher que conheceu que, segundo ele, parecia ter os poderes de uma médium - uma pessoa que afirma ser capaz de receber informações de pessoas que já morreram - e foi notavelmente precisa ao receber comunicações sobre sua vida. filho falecido.

Claro que fiquei curioso. Então Don me levou para visitar Laurie Campbell. Assim que nos conhecemos, ela me disse, com naturalidade: “Sinto que sua mãe está aqui”. Ela então descreveu a personalidade forte e amorosa de minha mãe e seu físico grande: um retrato verbal de uma mulher notavelmente parecida com minha mãe obstinada, devotada e corpulenta, Shirley Schwartz.

Eu me perguntei como Laurie poderia saber que minha mãe estava morta. Don Watson tinha dito a ela com antecedência suficiente para ter dado a ela tempo para fazer uma pesquisa sobre mim? Ela de alguma forma conseguiu informações detalhadas sobre o meu passado de alguma outra forma? Laurie estava lendo minha mente telepaticamente? Ou algo mais estava acontecendo aqui?

Eu vim conhecer Laurie como um observador científico e desviei a conversa de qualquer assunto pessoal. Mas em poucos minutos, Laurie disse que se sentiu compelida a compartilhar uma mensagem urgente de minha mãe. Ela disse: “Sua mãe quer que você ligue para seu irmão – ele precisa falar com você”. Ela o descreveu corretamente como morando na Costa Leste e também falou sobre seus filhos. Ela então falou de um homem baixo e quieto parado atrás de minha mãe. Sua descrição detalhada lembrava meu falecido pai, Howard Schwartz, tanto na personalidade quanto na aparência.

Com as informações ficando muito próximas para o conforto, decidi redirecionar a sessão testando Laurie informalmente. Querendo que ela descrevesse alguém sobre quem ela poderia ter tido menos tempo para coletar informações, eu a desafiei a receber qualquer informação de um homem chamado Henry — pensando no pai de Linda.

Laurie entrou em estado de concentração e começou a relatar a presença de um médico falecido, mostrando um grande coração e rosas, que transbordava de amor pela filha. Ela relatou declarações, supostamente de Henry, como “estou esperando há anos para me comunicar com minha filha” e “estou acompanhando sua pesquisa com minha filha”.

O tom de voz e o estilo de comunicação de Laurie eram profundamente amorosos, intensos, animados, maduros, firmes, mas gentis e - era minha imaginação? por anos. A combinação de voz e maneiras é difícil de descrever, mas era completamente diferente de como Laurie falava quando relatava os comentários ousados supostamente feitos por minha franca mãe e os comentários gentis supostamente feitos por meu pai brando. De repente, parecia que uma nova terceira personalidade, muito diferente das outras duas, estava sendo introduzida, e a personalidade parecia bastante semelhante à descrição de Linda de seu pai.

Se isso foi um show, uma encenação montada em meu benefício, foi uma atuação digna de uma indicação ao Oscar.

Laurie confessou que realmente se sentiu envergonhada com a enorme quantidade de amor que esse homem expressava por sua filha e família, alegando que nunca havia observado emocionalmente tanto amor de alguém do “outro lado”.

Nesse ponto, decidi que era hora de tentar um teste ainda mais ousado da suposta mediunidade de Laurie. Lembrando-me de Susy Smith, preparei-me e perguntei: “Você pode receber alguma informação de um homem chamado William James?”

“Quem é William James?”

Dado que a educação formal de Laurie terminou com pouco mais do que um diploma do ensino médio, não era de surpreender que ela não conhecesse o professor morto há muito tempo.

“Ele é amigo de um amigo”, respondi baixinho, “e já faleceu.”

Laurie literalmente mudou sua persona diante dos meus olhos, começando a falar com uma voz profunda que berrava e ensinava com grande distinção. Sentei-me paralisado ao experimentar em primeira mão minha primeira sessão de “mediunidade de transe”.

Ela relatou ter visto um homem distinto em um cenário do século XIX, cercado por livros. O homem começou a dar palestras sobre a psicologia da consciência, a importância de fazer pesquisas sobre a vida após a morte e a necessidade de integrar ciência e espiritualidade. Por quase quinze minutos, essa mulher simples com pouca educação avançada deu uma palestra polida sobre filosofia e ciência da alma.

Não interrompi, não disse uma única palavra. Não revelei a Laurie que sua palestra parecia em conteúdo e estilo notavelmente com o renomado cientista de Harvard.

Laurie, observei, não misturou as personalidades dos três homens - meu pai, reservado e de fala mansa; o pai de Linda, forte, amoroso e falante; e William James, erudito e professoral. Todas as vozes permaneceram no personagem para as personalidades, embora, tanto quanto eu sabia, Laurie não tivesse nenhum conhecimento ou informação sobre qualquer um desses homens. Ela não viu Henry Russek dando uma palestra sobre consciência, ou William James falando sobre o amor de um pai. E sua precisão ao descrever minha mãe foi, em uma palavra, convincente.

Dado que eu poderia confirmar as informações sobre Shirley, Howard, Henry e William, o que eu deveria fazer sobre as informações que não pude confirmar imediatamente? Por exemplo, as alegações de Laurie de que ela trabalhou nos últimos cinco anos com o falecido e eminente cientista escocês Sir James Clerk Maxwell, que ela disse originalmente se apresentou simplesmente como “Max”? E quem, ela alegou, disse que a estava preparando para uma carreira como cientista médium trabalhando em *meu* laboratório de pesquisa?

Susy Smith afirmou que o professor William James se apresentou a ela simplesmente como “seu guia, James”. Primeiro Susy, e agora Laurie - ambas supostamente se comunicando com distintos cientistas mortos que se apresentavam a estranhos pelo primeiro nome ou apelido. Me dá um tempo!

Laurie então disse que quando Max finalmente revelou quem ele era, ela não acreditou e foi a vários médiuns para perguntar se eles poderiam confirmar algo sobre sua experiência. Laurie afirmou que não havia contado nada a esses médiuns sobre suas conversas com um famoso cientista falecido. No entanto, de acordo com seu relato, pelo menos quatro médiuns diferentes relataram ter ouvido o nome Max ou Maxwell, visto um conhecido cientista do século XIX e assim por diante.

Claro, embora tenha havido muitas dessas alegações, nenhuma jamais foi verificada ou mesmo explorada cientificamente. Ainda assim, fiquei intrigado o suficiente para querer uma opinião de minha entusiástica mas cética parceira de pesquisa, Linda. Telefonei para ela na hora.

O que aconteceu a seguir provou ser um ponto de virada.

As cinco palavras que mudaram minha vida

Quando Linda atendeu, eu disse a ela que algo “interessante” estava acontecendo e pedi que ela não falasse nada, apenas escutasse. Em seguida, passei o telefone para Laurie, que imediatamente disse: “Estou recebendo uma comunicação de seu pai. Ele quer que eu diga a você: 'Obrigado pela música'.”

"Obrigado pela música?" Eu disse a mim mesmo. "O que isso poderia significar?"

Mais tarde, soube que no momento em que Linda ouviu essas palavras, ela desabou na cadeira. Essas cinco palavras ecoaram em seu coração e por todo o seu ser. Simplificando, ela ficou profundamente chocada.

Ao voltar para casa, o enorme significado de “Obrigado pela música” foi explicado.

Esta é a história de Linda: em maio de 1990, seu pai estava em um ventilador em uma unidade de terapia intensiva de hospital. Embora os médicos tivessem certeza de que ele estava inconsciente do ambiente, Linda estava determinada a fazer qualquer coisa que pudesse ajudar. Ela trouxe um alto-falante de travesseiro e um gravador, e tocou baixinho fitas cassete especialmente gravadas para seu pai. Apenas o amigo que preparou as fitas, a mãe e as irmãs de Linda, os médicos e algumas enfermeiras sabiam que Linda havia tocado essa música para ele durante as últimas cinco semanas de vida de seu pai.

Assim, as palavras “Obrigado pela música” tiveram um impacto dramático em Linda. Não mais apenas uma cientista em busca, ela foi lembrada de que era filha de seu pai, e foi aí que sua busca começou. Com apenas essas cinco palavras simples, Laurie trouxe Linda de volta ao momento mais doloroso de sua vida, quando seu pai estava morrendo.

Então, como Laurie conseguiu fornecer essa informação específica?

Ela de alguma forma descobriu isso antes do tempo? Se meu amigo psiquiatra tivesse contado a Laurie quem ele estava trazendo para conhecê-la, ela poderia ter procurado algumas informações sobre mim e talvez até sobre Linda. Mas descobrir em pouco tempo a conexão entre a música e o pai de Linda parecia improvável - tão poucas pessoas sabiam disso. Obter essa informação por meio de trapaça parecia quase impossível.

Laurie tinha lido minha mente? Isso também era claramente impossível, porque não ouvi a história da música até voltar para casa.

Ela tinha lido a mente de Linda, a mil milhas de distância, imediatamente

após receber o telefone? Se você acredita na leitura da mente, isso pode parecer plausível. . . exceto que Linda me garantiu que a conexão da música com seu pai não fazia parte de nenhum pensamento consciente. Ela não estava pensando sobre esse aspecto único de sua história passada.

Talvez tenha sido apenas um palpite de sorte. Em teoria, isso é possível. Mas é provável? De todos os milhões de palpites que Laurie poderia ter feito, as chances de uma facada no escuro atingir o alvo sobre algo tão incomum estavam claramente contra ela.

A experiência sugeriu inúmeras possibilidades intrigantes.

Laurie se preocupava profundamente com a ciência e estava disposta a colaborar em qualquer tipo de pesquisa séria sobre mediunidade. A bola estava do nosso lado — ou, mais precisamente, do nosso laboratório.

Poderíamos inventar uma maneira de testar se Laurie era real ou não? Poderíamos estabelecer se ela estava traindo consciente ou inconscientemente?

No processo, poderíamos também descobrir uma maneira de testar se Susy Smith conquistou o direito de ser acreditado?

A mente humana trabalha por caminhos curiosos e inesperados; esta é a natureza de toda criatividade. Enquanto Linda e eu discutíamos como proceder, surgiu uma experiência. A probabilidade de sucesso, no entanto, parecia pequena na melhor das hipóteses.

Trabalhávamos com Susy e Laurie, e cada uma delas independentemente tentava contatar as mesmas pessoas mortas. Se tal coisa como entrar em contato com os mortos fosse realmente possível, então o experimento também exigiria que as pessoas falecidas estivessem dispostas a participar.

Aqui estávamos nós, ainda no início da pesquisa neste estranho campo, e já parecíamos estar nos afastando de qualquer coisa que quase qualquer cientista estabelecido consideraria digno de investigar.

O experimento que idealizamos seria como um banquinho de três pernas: uma perna para Susy, Laurie e os mortos.

Se qualquer etapa do experimento estivesse errada, o banquinho cairia e o experimento falharia. A única maneira de o banquinho permanecer de pé era se todas as três pernas estivessem no lugar e fortes. O banquinho pode balançar, mas deve permanecer de pé.

Este foi claramente um experimento de alto risco, que poderia prejudicar nossa reputação na ciência se se tornasse amplamente conhecido. No entanto, tivemos que tentar.

Aqui-para-lá-e-voltar-de novo


experimento de fezes de três pernas foi conduzido alguns meses depois, em um sábado e domingo de fevereiro de 1998.

Com antecedência, Susy havia tentado estabelecer contato com quatro pessoas falecidas e alertá-las sobre nosso interesse em que participassem. Os quatro eram a mãe de Susy, Betty Smith; o pai de Linda, Henry Russek; meu pai, Howard Schwartz; e Professor Willian James. Susy pediu a cada uma das quatro pessoas que partiram para sugerir uma imagem que ela pudesse desenhar para elas. Ela então desenhou quatro figuras separadas com lápis de cor, supostamente representando as preferências de cada uma das quatro pessoas. E ela também desenhou uma figura adicional, como controle.

Ela então colocou as cinco fotos em um envelope, que ela lacrou. A essa altura, só Susy conhecia o assunto das pinturas e qual dos falecidos estava associado a cada uma.

Laurie voou para Tucson acompanhada por Don Watson, o psiquiatra e neurocientista que originalmente a apresentou a nós. Em nossa casa, Laurie sentou-se em um sofá de frente para Linda e para mim, com uma câmera de vídeo gravando-a durante a sessão. A experiência começou por volta das 13h30. Em dois vídeos

sessões, Laurie tentou entrar em contato com cada um dos indivíduos falecidos e receber informações específicas sobre as imagens que Susy havia desenhado para eles, e também tentou obter informações sobre a imagem de controle que Susy havia desenhado para si mesma. Ela anotou o que recebeu, e também fez anotações sobre a forma e a cor de cada imagem, com base nas informações que ela recebia, embora, é claro, eu não tivesse ideia se alguma delas era precisa.

Não pude deixar de me perguntar se ela estava obtendo boas informações. Mas eu teria que ser paciente.

Se Laurie identificou corretamente a imagem de controle, isso pode significar que ela estava recebendo a informação por meio de “visão remota” do apartamento de Susy, lendo a mente de Susy à distância ou algum outro processo paranormal extraordinário (às vezes chamado de super psi).

Visualizando os Resultados

Após as sessões, Susy foi trazida à nossa casa para se juntar aos demais participantes, e os dois médiuns se encontraram pessoalmente pela primeira vez.

Na presença de duas câmeras de vídeo, Susy abriu o envelope lacrado e nos mostrou as cinco fotos. Em seguida, tentamos individualmente adivinhar qual imagem pensávamos razoavelmente que Susy poderia ter desenhado para cada uma das pessoas e qual para ela mesma. Esta etapa foi para fornecer um controle; como nenhum de nós sabia qual das respostas de Laurie estava certa e qual estava errada, todos nós participamos, inclusive Laurie.

Em seguida, examinamos as imagens uma segunda vez, cada um de nós usando individualmente o resumo de informações que eu havia preparado sobre as leituras de Laurie. Este foi o passo-chave, destinado a avaliar se Laurie tinha sido bem-sucedida em algum grau ao descrever as figuras que Susy havia desenhado e associá-las à pessoa correta.

Na leitura de controle, Laurie, confiando apenas em seu próprio raciocínio e suposições, acertou uma em cinco – exatamente o que as leis da probabilidade predizem: dadas cinco imagens e cinco nomes, estatisticamente há uma chance em cinco de adivinhar uma imagem. corretamente. Don, Linda e eu, em média, obtivemos o mesmo resultado. Acertei um, Linda acertou zero e Don acertou dois. Claramente, usando nosso próprio raciocínio, não poderíamos adivinhar ao acaso a identidade da pessoa que havia solicitado que uma imagem específica fosse desenhada.

Na segunda avaliação, em que combinamos fotos com pessoas com base nas informações fornecidas por Laurie em suas leituras, os resultados foram surpreendentemente diferentes.

A própria Laurie acertou todas as cinco. Linda também. Don também. Eu também.

A probabilidade combinada de acertar cinco em cinco em quatro tentativas é menor que uma em mil.

Por mais impressionantes que sejam os números brutos, eles não transmitem a qualidade impressionante do conteúdo que Laurie recebeu durante essas sessões. Laurie “viu em sua mente” a imagem de controle de Susy clara e vividamente como “roxo e verde, muitos círculos e formas, possivelmente um vaso de flores, um 'arco-íris' de flores”.

Descobriu-se que apenas uma pintura era um buquê impressionante e colorido de flores multiformas em um vaso roxo. Esta foi a imagem que Susy desenhou para si mesma. Até Laurie ficou chocada com a clareza de sua visão da imagem de controle.

Agora, se Laurie *estava* em contato com os mortos, claramente não era a única coisa acontecendo. Fiquei impressionado com o que Laurie experimentou quando tentou se conectar com Susy para obter informações sobre sua foto. Ela relatou ter visto uma sala com um sofá, e uma parede

oposta com quadros, e uma cadeira à esquerda, e algo que chamou a atenção de Susy à direita.

Descobriu-se que a disposição dos móveis “visto” remotamente por Laurie correspondia exatamente à disposição real do apartamento de Susy; o item que chama a atenção à direita é um aparelho de televisão. (Será que ela conseguiu a planta do apartamento de Susy telepaticamente lendo a mente de Linda ou a minha? Sim... mas nenhuma de nós tinha consciência das pinturas que Laurie descreveu com precisão nas paredes de Susy.)

Outra explicação?

Surge então a pergunta: *todos* os dados desse experimento podem ser explicados pela visão remota ou pela telepatia com os vivos? Laurie estava apenas sendo psíquica, ou ela também estava sendo uma médium e conversando com pessoas mortas também?

Era intrigante para mim que as tentativas de Laurie de receber informações que queríamos dos mortos tivessem sido complicadas por uma enxurrada de informações que não havíamos *solicitado*. Além disso, as personalidades e intenções dos mortos pareciam interferir na capacidade de Laurie de obter as informações pertinentes sobre as fotos.

Na época, francamente, não estávamos interessados em ouvir Betty, a mãe de Susy, sobre o quanto ela amava a filha. E não pedimos imagens sobre onde Susy cresceu quando criança. No entanto, Laurie relatou ter visto uma casa semelhante a uma fazenda com uma vaca no quintal, além de uma flor e horta.

Ainda assim, algumas dessas informações estranhas se mostraram altamente interessantes. Quando o experimento foi concluído e Laurie e Susy tiveram a chance de conversar, Susy nos disse que não havia morado em uma casa de fazenda, mas havia uma vaca em seu quintal uma vez, e sua mãe tinha uma flor e Horta.

Embora tentasse se concentrar em imagens para suas fotos, Laurie relatou que havia sido inundada com outras informações, extremamente diversas e variadas. Entre as peças: minha mãe insistindo em vir como um “convidado não convidado” e expressando preocupação com o fato de meu irmão estar pensando em uma grande mudança em sua vida (novidade para mim, mas confirmada quando liguei para ele). O pai de Linda expressando preocupação de que sua esposa estava deprimida e chorando secretamente em seu quarto em Boca Raton (informações confirmadas posteriormente).

As cenas dramaticamente emocionais que isso criou em minha mente permaneceriam comigo como uma das mais vívidas em toda a série de experimentos.

Algo mais do que visão remota ou telepatia parecia estar

acontecendo. Laurie não apenas estava precisa sobre cada uma das respectivas fotos, mas também parecia ter recebido informações seletivas, significativas e não solicitadas de cada um dos falecidos, algumas das quais pudemos verificar como corretas.

Certamente há mágicos que praticam falsa mediunidade, e há médiuns que usam leitura fria.

Isso poderia estar acontecendo aqui?

Absolutamente. Fraudes com qualquer habilidade poderiam enganar nossos olhos, provavelmente sem nem tentar. Meses depois dessa leitura, criaríamos um Comitê Consultivo de Mágicos informal para que pudéssemos ter profissionais da área examinando nosso projeto experimental e conduzindo a pesquisa para descobrir possíveis fontes de trapaça ou engano - dos médiuns, dos assistentes, ou mesmo, inadvertidamente, de nós, os experimentadores.

Sem integridade científica, tudo isso é inútil. É simples assim. Embora este fosse um experimento duplo-cego cuidadosamente projetado (tanto Laurie, a médium, quanto nós, os experimentadores, éramos cegos para o conteúdo e a identidade das imagens), a possibilidade de fraude inteligente precisava ser considerada e descartada.

De onde vem a informação?

Um problema confirmado por esse experimento é a dificuldade de distinguir exatamente de onde vêm todas essas informações fascinantes.

Se é razoável conjecturar que a comunicação com os mortos é possível, então também deve ser razoável conjecturar que a leitura da mente é possível. Talvez médiuns como Laurie não estejam fazendo nada além de ler mentes, recuperando memórias dos vivos fisicamente. Ou lendo a mente do falecido. Ou alguma combinação dos dois.

Embora esta questão seja difícil de abordar cientificamente, não é impossível trazê-la para o laboratório. Linda e eu projetamos outro experimento com Laurie para prosseguir com a questão.

Funcionava assim: eu, como experimentador, criava uma lista de doze nomes — seis de falecidos e seis vivos — e escrevia cada nome em uma ficha. Algumas das pessoas que eu conhecia pessoalmente (por exemplo, minha mãe e meu pai) e outras que nunca conheci (por exemplo, o pai de Linda e William James). Laurie não foi informada com antecedência quais nomes foram selecionados, e Linda também estava “cega” para os nomes. Isso é chamado de experimento simples-cego: a informação foi mantida em segredo do médium e de todos os outros, mas era conhecida pelo experimentador.

Quando tudo estava pronto, escolhi aleatoriamente um cartão, olhei o nome e imaginei a pessoa, que poderia ser um dos vivos ou um dos falecidos. Por exemplo, quando peguei o cartão do pai de Linda, concentrei meus pensamentos nas qualidades amorosas que Linda havia me falado sobre Henry.

Depois de imaginar a pessoa por alguns minutos, pedia a Laurie que me dissesse se a pessoa que eu estava imaginando era homem ou mulher, jovem ou velho, vivo ou morto. A tarefa de Laurie era tentar “ler minha mente” e obter essa informação específica.

Sem dar qualquer indicação sobre se suas respostas estavam corretas, eu então convidava silenciosamente a pessoa a tentar se comunicar com Laurie, e ela anotava todas as impressões que recebia.

Nossa hipótese é que os sujeitos vivos não estariam cientes das tentativas de Laurie de se comunicar com eles e, portanto, seria improvável que “se comunicassem” com ela. Portanto, esperávamos que ela recebesse mais informações dos mortos do que dos vivos.

Também presumi que Laurie se sairia mal na parte de telepatia, tentando determinar o sexo e assim por diante. Como de costume, eu estava errado.

Nas tentativas de telepatia, Laurie foi 100% precisa ao detectar o sexo, o status de vida e a categoria de idade (jovem, meia-idade ou velho) das doze pessoas. Uma pontuação perfeita, sem um único erro. Deslumbrante.

Esse é o tipo de dado tão valorizado pelos céticos: dados binários, o que significa que cada resposta está totalmente certa ou totalmente errada; não há tons de cinza, nem julgamentos envolvidos na avaliação do grau de correção. Embora os controles fossem menos precisos do que usaríamos em experimentos posteriores, ainda assim achei o resultado impressionante e significativo.

Algumas das informações que Laurie recebeu ao tentar se comunicar com os mortos foram, se você desculpar a expressão, bem no alvo. Um exemplo: quando cheguei ao cartão com o nome do pai de Linda, no período das comunicações, ela disse: “Esta pessoa se sente muito próxima de você, como um membro de sua família”. Momentos depois, ela continuou: “Ele está me corrigindo, não é um membro de sua família. Ele está me dizendo que não é seu pai, ele é o pai de Linda.

Depois que a sessão terminou, perguntei a Laurie se ela já havia sido corrigida por uma pessoa morta antes. A resposta foi inesperada: “Acontece muito”, disse ela.

Um campo repleto de fraudes

Chegaram-nos histórias de várias fontes sobre uma jovem asiático-americana, morando em Los Angeles, que tinha a capacidade de discernir o que estava escrito em um pedaço de papel dobrado e lacrado. Estudos ao longo de sete anos, começando quando a criança tinha apenas nove anos, levaram a relatórios em vários jornais da China continental confirmando suas habilidades. Outros estudos, incluindo um do meio-cético James Randi, lançaram dúvidas sobre as afirmações.

No início de 2000, Linda e eu tínhamos a oportunidade de fazer testes na jovem, então com dezessete anos, diante de um grupo de cientistas de Taiwan, Pequim, São Francisco e Toronto. O procedimento exigia escrever um grupo de letras aleatórias do alfabeto e números de 0 a 100 em um pedaço de papel, dobrando o papel várias vezes para garantir que a escrita não pudesse ser vista e, em seguida, colocando o papel dentro de um saco de pano opaco. Tínhamos concordado em seguir o procedimento usado com ela em experimentos em Taiwan, em que a sacola é amarrada ao cotovelo e ela pode sentir o papel dentro da sacola com a outra mão.

Nosso primeiro conjunto de experimentos parecia confirmar as afirmações. Mas houve alguns aspectos dos testes que levantaram dúvidas sobre o que realmente estava acontecendo. Projetamos um novo protocolo com proteções mais rigorosas e tentamos novamente.

Esse segundo conjunto de testes nunca foi concluído. Cancelamos o experimento no meio do caminho, depois que Lonnie Nelson, um dos meus Ph.D. alunos, descobriram vestígios de fiapos azuis sob a fita adesiva usada para selar os papéis, mostrando que as fitas haviam sido levantadas para permitir que o papel fosse aberto dentro da sacola e, em seguida, as fitas fossem seladas novamente. O exame cuidadoso das fitas de vídeo confirmou nossas suspeitas: a jovem havia desenvolvido técnicas habilmente enganosas que lhe permitiam dar uma espiada no papel.

Aconselhamos a menina e sua mãe que estaríamos interessados em realizar mais experimentos com ela, mas apenas sob as condições que ditaríamos - em particular, que as mãos da menina teriam que permanecer à vista o tempo todo, e que uma barreira seria usado para impedi-la de ver suas mãos ou o papel. Essas condições eram aparentemente inaceitáveis e nunca mais realizamos experimentos com a garota.

Mais tarde, forneci documentação por escrito de nossas descobertas ao advogado de James Randi para que ele a usasse na defesa de Randi em um processo movido pela família da jovem. Muitas vezes não concordei com Randi, mas quando ele está certo, eu tenho e continuarei a falar por ele. No entanto, esta ocasião provaria ser, até agora, uma das poucas vezes em que nos encontramos no mesmo acampamento.

Próximos passos

Esse trabalho de detecção de fraude com a suposta criança médium chinesa nos lembraria – se precisássemos – da necessidade de permanecer cético e desconfiado e de ser cauteloso ao aceitar “evidências” de outras pessoas, independentemente de suas credenciais.

Tudo isso ainda estava em nosso futuro. Em 1998, após o aparente sucesso dos experimentos com Susy e Laurie, fomos confrontados com a aceitação de que os resultados, embora impressionantes, não provavam muito cientificamente. Os arranjos eram informais e não havia tela entre mim e Laurie, então ela poderia estar lendo minhas expressões faciais ou observando, mesmo inconscientemente, outras pistas semelhantes. Embora estivéssemos alertas para qualquer engano, do ponto de vista científico, não era muito rigoroso em seus controles.

No entanto, todos juntos, nossos experimentos até este ponto revelaram dados surpreendentes que eram consistentes com a hipótese de sobrevivência da consciência após a morte.

Agora sabíamos que era possível, em princípio, realizar pesquisas sistemáticas de laboratório sobre esse assunto que nos fascinava. Ficamos intrigados e atormentados, ansiosos pelo que viria a seguir. Mas ainda tínhamos que conceber um experimento que realmente nos levasse adiante.

Uma resposta não demorou a chegar.

•PART 11•

O Experimento Dream-Team da HBO

Que diferença um jantar pode fazer

LAZhen Professor William James escreveu chat "Para refutar a lei de que todos os corvos são pretos, basta encontrar um corvo branco", ele estabeleceu uma diretriz para os pesquisadores ao longo dos tempos.

Em nossos estudos até agora, Laurie parecia ser um corvo branco significativo, e parecia que Susy também era um corvo branco - embora um velho.

Em nossos estudos até agora, Laurie parecia ser um corvo branco significativo, e parecia que Susy também era um corvo branco - embora um velho.

Seguindo James, raciocinamos que se havia dois corvos brancos, provavelmente havia pelo menos mais alguns. Precisávamos encontrar

alguns. Dada a idade avançada e problemas de saúde de Susy, sua capacidade de participar de pesquisas de laboratório seria limitada. Como poderíamos encontrar médiuns íntegros que estivessem dispostos a colaborar em pesquisas em um laboratório universitário sério? Colocar um anúncio na seção de emprego do jornal?

Não tivemos que esperar muito por uma resposta. Ele caiu em nosso colo não muito depois, de forma bastante inesperada. O que representou foi como um salto quântico em nossa pesquisa, como se tivéssemos, por muita sorte, passado um ou dois anos de evolução metodológica de nossos experimentos e de repente, dramaticamente, aterrissamos à beira de um experimento que, no dia anterior, havíamos nem poderia imaginar.

Tudo começou com um telefonema de uma produtora de televisão chamada Lisa Jackson, da Lucky Duck Productions. Parece uma piada, mas na verdade é o nome de uma importante produtora de televisão, fundada pela premiada ex-jornalista Linda Ellerbee.

Fiquei curioso, mas desconfiado, esperançoso de que pudesse haver um interesse real em fazer um documentário sério sobre nosso assunto e tranqüilizado ao ouvir os documentários sobre outros tópicos delicados que Lucky Duck estava fazendo.

A pesquisa inicial da empresa a levou a Patricia Kubis, que escreveu sobre a comunicação com os mortos. Patrícia sabia de nosso trabalho por meio de nosso amigo e dela, o psiquiatra Don Watson, e passou nossos nomes para Lucky Duck.

Lisa voou para se encontrar conosco e discutir o projeto que tinha em mente, durante um jantar no elegante Ventana Canyon Resort. Com uma vista impressionante de Tucson e das montanhas próximas como pano de fundo, Lisa explicou que Lucky Duck estava planejando fazer um documentário sério para a HBO sobre a questão da sobrevivência da consciência.

Após uma reunião em Phoenix com a Dra. Elisabeth Kubler-Ross (mais conhecida como a autora do best-seller *Death and Dying*), que concordou em ser entrevistada para o programa, Lisa foi direto para Tucson. E ela já havia falado com vários médiuns conhecidos, incluindo George Anderson, John Edward, Rev. Anne Gehman, Suzane Northrop e James Van Praagh, sobre a participação no show. John, Suzane e James estavam particularmente relutantes em participar.

Os médiuns foram queimados com frequência pela imprensa, e todos os cinco de sua lista experimentaram o calor intimamente. Como um grupo, eles sabem que a imprensa tende a ser tão cética sobre o que eles fazem quanto os cientistas respeitáveis. Esses médiuns poderiam ser convencidos de que nossos experimentos seriam justos e imparciais? Eles poderiam confiar em

Lisa para apresentar suas histórias de forma justa? Eles poderiam confiar que, se conseguissem fazer leituras altamente bem-sucedidas, os experimentadores ou os produtores de televisão não dariam a impressão de que, em vez disso, estavam envolvidos em mágica de palco ou fraude total?

Eu também estava preocupado. Se os médiuns fossem descartados como charlatões, então, por inferência, nossa pesquisa seria considerada mágica de palco em vez de ciência. Tínhamos que encontrar uma maneira de evitar o pior dos mundos possíveis: conduzir um experimento que obtivesse leituras altamente precisas, mas fosse tratado como fraude total.

Para evitar que isso acontecesse, o que criaria um obstáculo para todas as nossas pesquisas futuras nessa área, Linda e eu elaboramos um plano na hora e o oferecemos a Lisa durante o jantar. Eu perguntei: “Se você está realmente interessado em explorar a ciência e tem acesso a médiuns superestrelas, por que não os convida para vir para a Universidade do Arizona? Vamos montar um experimento de pesquisa multimídia/multisitter.” Eu indiquei que seria um evento inédito.

Lisa concordou. Linda e eu convidávamos os médiuns a participar de um experimento científico genuíno em nosso laboratório e garantimos a eles que permanecíamos abertos à possibilidade de que o que eles estavam fazendo fosse real. Para superar a resistência como resultado de qualquer má experiência com a mídia, céticos ou outras tentativas de pesquisa, nós os convidamos para ajudar a projetar o experimento conosco. Dessa forma, eles poderiam ter certeza de que estávamos levando seriamente em consideração suas percepções e experiências.

Todo o experimento, do começo ao fim, seria filmado profissionalmente e disponibilizado para visualização pela comunidade científica, imprensa e público. Em uma palavra, propusemos que Lisa e o Laboratório de Sistemas de Energia Humana deveriam “deixar os dados falarem, digam o que disserem”.

Linda e eu nos sentimos pessoalmente prontos para telefonar para esses médiuns superestrelas e convidá-los a colaborar no processo científico. Embora Lisa tivesse acesso a esses meios e a HBO tivesse fundos para trazê-los para Tucson, caberia a Linda e a mim convencê-los a participar.

Nosso jantar naquela noite foi outro ponto decisivo em nossa pesquisa.

Desde então, penso na empresa de Lisa carinhosamente como “White Crows Productions”.

Reunindo alguns médiuns relutantes

Como regra, os médiuns – especialmente os famosos – não confiam nos cientistas mais do que confiam nas pessoas da mídia. Eles imaginam que os

cientistas, como um grupo, são descrentes de mente fechada, motivados a mostrar que todos os médiuns são falsos, fraudulentos ou coisa pior.

Claro, isso não é surpreendente. A história nos lembra que a mediunidade não tem uma reputação sólida de integridade, por isso as dúvidas compartilhadas por praticamente todos os cientistas têm um forte fundamento. Linda e eu fomos criados para acreditar que os médiuns muitas vezes eram personagens desagradáveis e que deveríamos ter muito cuidado. Experimentamos vividamente o medo da fraude.

Mas estávamos convencidos de que Susy e Laurie estavam fazendo coisas que não eram fraudes, nem falsificações. Aqui estava uma oportunidade potencial para explorar a autenticidade de médiuns famosos. . . *se* conseguíssemos superar sua desconfiança e convencê-los a cooperar.

Preparamos uma proposta formal para um experimento mediúnico, compartilhamos nossa filosofia de pesquisa com a HBO e então, com os dedos cruzados, começamos a contatar os cinco médiuns proeminentes na lista da HBO.

Apesar de três tentativas de contato telefônico com James Van Praagh, ele se recusou a falar conosco sobre a pesquisa. Sua atitude era compreensível, mas lamentável, pois era então o médium mais conhecido dos Estados Unidos. Mas, considerando suas experiências anteriores com cobertura desfavorável da imprensa, apreciamos seu dilema. Relutantemente, nós o riscamos da lista. (Mais tarde, ele se tornaria compreensivo e apoiador de nosso trabalho.)

George Anderson e a Rev. Anne Gehman leram os materiais que preparamos, conversaram com Lisa e concordaram em participar.

John Edward e Suzane Northrop estavam muito nervosos com a HBO, Lucky Duck Productions (tenho certeza que esse nome não ajudou a convencê-los de que o projeto era uma pesquisa séria e no nível) e até mesmo o Laboratório de Sistemas de Energia Humana. Linda e eu passamos horas ao telefone com cada um deles, explicando quem éramos, o que nos convenceu de que aquela pesquisa científica específica

Que diferença um jantar pode fazer seria justo, a história de nossa pesquisa com Susy e Laurie e as cláusulas de nosso contrato com Lucky Duck que nos deram confiança de que corresponderiam às nossas expectativas.

Explicamos que a parte do documentário que apresentava a ciência - nosso laboratório - teria que ser visualizada e aprovada por nós para precisão e clareza. Esse procedimento raramente é permitido no jornalismo de vídeo, mas Lisa concordou, em parte porque, de outra forma, não teríamos

participado e em parte porque ela realmente queria apresentar os fatos com precisão e justiça. (No final, o segmento científico do documentário seria revisado três vezes por Linda e por mim, produzindo uma versão final que era uma representação honesta das descobertas.)

Também explicamos aos médiuns que os dados brutos das sessões mediúnicas reais se tornariam propriedade da Universidade do Arizona, não da Lucky Duck ou da HBO. As fitas de vídeo capturariam os dados brutos, coletados principalmente por razões científicas. E os dados brutos tinham que estar disponíveis para pontuação concisa. Também tinha que estar disponível para qualquer um ver.

Essas garantias, embora essenciais, não foram suficientes para convencer John e Suzane a se juntarem à equipe e ao documentário. Eles queriam saber se iríamos ouvi-los, respeitá-los e trabalhar com eles como profissionais experientes. Iríamos tratá-los como ratos estranhos em um labirinto e planejar uma pesquisa injusta que acabaria jogando fora os ratos com a água do banho? Ou convidaríamos sua colaboração ativa e estaríamos dispostos a mudar de ideia com base em suas sugestões?

Assim, compartilhamos com eles nossa maneira favorita de descrever nossas expectativas em relação aos médiuns.

Convencendo os Médiuns com Nossa

Metáfora de Michael Jordan

Seguindo uma metáfora esportiva que aprendemos com o livro seminal de Dean Radin, *The Conscious Universe*, explicamos a John e Suzane que os médiuns superstar podem ser comparados ao superstar jogador de basquete Michael Jordan, considerado por muitos como o melhor jogador de basquete a enfeitar o jogo. .

“Vocês conseguem adivinhar”, perguntamos aos médiuns, “qual a precisão de Michael Jordan, em média, ao fazer arremessos do chão?” Muitas pessoas supõem que sua taxa de sucesso foi algo em torno de 90 por cento. Na verdade, a precisão de Jordan era de apenas 45%. Em um grande jogo, ele pode acertar de 60 a 70 por cento de seus arremessos na cesta, mas em muitas noites ruins, ele acerta 20 por cento ou menos.

Então, como alguém que, em média, erra mais da metade de seus arremessos pode ser um superastro? A resposta é muito simples. Ele só precisa ser melhor do que todos os outros.

A mesma lógica que propusemos a John e Suzane se aplica ao que Linda e eu consideramos como os Michael Jordans da mediunidade. Médiuns não precisam ser perfeitos. Muito pelo contrário. Eles podem até errar mais de 50 por cento de seus tiros. Como Michael Jordan, eles podem ter grande sucesso

em algumas tentativas e se sair mal em outras. Eles podem ter dias bons e dias ruins. Para se qualificar como uma superestrela, tudo o que eles precisam fazer é, em média, ser estatisticamente mais precisos do que adivinhações e melhores do que todos os outros.

Essa metáfora revelou a John e Suzane que não esperávamos que eles fossem perfeitos. Pelo contrário. Compreendemos, teórica e praticamente, o quão difícil é o “jogo” da mediunidade – que se eles realmente estão se comunicando com os mortos, pode haver todo tipo de interferência, sinais fracos e talvez dificuldades que nem imaginamos em receber os mensagens. Entendemos que as estrelas nem sempre têm o melhor desempenho e podem, de tempos em tempos, ter uma série de acertos e, em seguida, uma série de erros. Vem com o território. Até modelos superestrelas têm dias de cabelo ruins.

Outra coisa – os fãs sabem que Michael Jordan produz “fotos deslumbrantes” de vez em quando. Ele estará no meio da quadra, caindo, e com a mão esquerda, através de um mar de braços, de alguma forma se conecta e faz o lance aparentemente impossível.

Reconhecemos que a mesma coisa pode ser verdade com as estrelas da mediunidade - de vez em quando elas podem nos deslumbrar fazendo conexões aparentemente impossíveis, assim como já vimos Laurie fazer.

John e Suzane gostaram da metáfora de Michael Jordan. No entanto, sendo nova-iorquinos durões, eles estavam interessados em mais do que apenas filosofia. Eles queriam ver se praticaríamos o que pregamos, se seguiríamos o que falamos.

Conversamos com eles várias vezes. Finalmente, eles se ofereceram para apertar as mãos figurativamente. Nós tínhamos um acordo.

A perplexa busca por uma babá

Algumas semanas antes do horário das filmagens, Lisa Jackson ligou para dizer que eles haviam encontrado um sujeito para o experimento - o que chamamos de babá. A identidade da pessoa permaneceria conhecida apenas pela produtora até o momento do experimento, como proteção contra possíveis fraudes. Não estaríamos em condições de passar a informação aos médiuns.

Claro, a mesma preocupação estava em jogo na direção oposta: precisávamos ter certeza absoluta de que poderíamos descartar com segurança qualquer tipo de conluio entre Lucky Duck e os médiuns, certos de que eles não estavam passando o nome do assistente para os médiuns por trás de nossas costas. Então eu insisti em outro assistente também - alguém que seria conhecido apenas por Linda e por mim, não revelado a Lucky Duck e

certamente não revelado aos médiuns. Se Lucky Duck queria ter certeza de que não havia conluio, nós, como cientistas – cujas reputações estavam em jogo – estávamos pelo menos tão ansiosos. Eles tinham uma produção para enfrentar; nós, por outro lado, sabíamos que, se a ciência não fosse relatada com precisão, nossos colegas em todo o país pensariam que havíamos perdido toda a perspectiva e nossas carreiras estariam em risco.

Então estávamos todos monitorando cuidadosamente a situação e uns aos outros.

Agora, nosso problema era como encontrar uma babá que atendesse ao perfil que Linda e eu havíamos combinado com os médiuns - alguém que tivera relacionamentos muito próximos com pessoas já mortas. De forma um tanto arbitrária, estabelecemos a exigência de pelo menos seis mortes de parentes próximos nos últimos dez anos. E o candidato teria que estar disposto não apenas a participar do experimento, mas também a mantê-lo em segredo de todos, inclusive da mídia.

Novamente rimos da ideia de colocar um anúncio no jornal. “Pessoas com seis entes queridos falecidos queriam que um experimento sobre mediunidade fosse ao ar na televisão nacional.” Dificilmente.

Uma semana antes do experimento, ainda não havíamos descoberto como encontrar alguém que se encaixasse nesse perfil difícil.

Enquanto pensávamos nos últimos caminhos possíveis para localizar de alguma forma essa pessoa desaparecida, Linda me mandou comprar um equipamento para o laboratório - não algum item exótico de parafernália científica, mas apenas uma lavadora/secadora.

Na loja, enquanto eu conversava sobre ciclos de lavagem e capacidades de carga com a vendedora, ela espontaneamente compartilhou comigo que estava se sentindo triste porque acabara de voltar de uma visita ao túmulo de sua mãe em Phoenix.

Como faço sempre que possível, mesmo com estranhos, escutei sua história. Não demorou muito para que ela passasse a falar sobre várias outras pessoas em sua vida que haviam morrido. Quando o número chegou a quatro, comecei a ouvir com muita atenção, praticamente prendendo a respiração. Quando ela começou a falar sobre o número seis, respirei fundo e toquei no assunto.

Embora ela nunca tivesse pensado em ver um médium, ela ficou curiosa sobre a próxima pesquisa e disposta a participar, desde que conseguíssemos um horário que não entrasse em conflito com seu horário de trabalho.

Portanto, menos de uma semana antes das filmagens, uma vendedora de eletrodomésticos chamada Ronnie Nathanson vendeu uma lavadora/secadora

e ganhamos nossa babá.

Agora estávamos prontos para o experimento.

Arranjos

A complexa integração entre pesquisa e filmagem começou na véspera da chegada dos médiuns. Garantimos que tudo estivesse em seu lugar em nosso novo espaço de laboratório, uma pequena casa recém-adquirida que havia sido cuidadosamente ajardinada, pintada e reformada, os fundos vindos do famoso spa e resort Canyon Ranch e de um doador anônimo.

Mas o design cuidadoso e tranquilo de nosso laboratório acabou não importando quando a equipe de cinco pessoas da HBO chegou: a produtora Lisa Jackson, dois operadores de câmera, um técnico de som e um assistente de produção. Como, imagino, as equipes de cinema e TV fazem aonde quer que vão, essas pessoas alteraram rapidamente o espaço para atender às suas necessidades. Cabos, lâmpadas, câmeras, amplificadores, microfones, suportes e tripés foram colocados em várias salas do laboratório, com nossos móveis reorganizados para atender às suas necessidades. Embora tudo parecesse organizado e prático quando o documentário foi ao ar, o cenário não era limpo nem pacífico quando a pesquisa estava sendo realizada.

Por meio de nossas muitas conversas telefônicas com John Edward e Suzane Northrop, sabíamos que eles eram nova-iorquinos durões que genuinamente se preocupavam com sua profissão e reconheciam o papel essencial que a ciência poderia desempenhar na validação de seu trabalho. Disseram-nos que George Anderson era uma pessoa extraordinariamente sensível que frequentemente evitava situações sociais. Não sabíamos quase nada sobre Anne Gehman, exceto pelo fato de ela ser madura e sofisticada, e uma ministra. Embora tivéssemos conhecido Laurie Campbell bem por meio de nossa pesquisa anterior, tivemos que acalmar seus medos de trabalhar ao lado desses médiuns superestrelas que poderiam considerá-la apenas uma dona de casa desconhecida.

Esperávamos alguns choques de personalidade. Infelizmente, essas expectativas foram atendidas. Os médiuns eram muitas vezes competitivos uns com os outros. Mas estávamos determinados a promover uma relação de trabalho bem-sucedida entre essas cinco pessoas muito talentosas - reunindo-as em refeições e outras ocasiões, esperando que se conhecessem e se respeitassem. Queríamos criar um ambiente que permitisse que eles deixassem seus egos na porta, por assim dizer, para que pudessem superar suas diferenças pessoais e se tornar, como Lisa Jackson os chamou, o Dream Team.

Os assistentes fornecem detalhes de seus entes queridos mortos

19 de fevereiro de 1999, um dia antes das filmagens. Naquela manhã, com os médiuns a caminho de Tucson, os dois assistentes foram ao laboratório para obter instruções. Juntando-se à nossa babá local estava a escolha de Lisa Jackson, Patricia Price, uma professora que morava a cerca de duas horas de carro de Tuscon.

Embora mais tarde nos tornássemos mais rigorosos em nossas precauções, neste estágio inicial do trabalho estávamos dispostos a aceitar as garantias sinceras de Patricia e Ronnie de que nenhum deles jamais teve contato com nossos médiuns selecionados - nunca se comunicou com eles ou foi contatado, por eles. Eles deram suas garantias, pareceram sinceros e verdadeiros, e nós os aceitamos pelo valor de face. Em retrospecto, a confiança foi bem colocada; nunca encontramos nenhuma evidência para contradizer suas afirmações. Mesmo assim, como cientistas, adicionaríamos salvaguardas apropriadas a experimentos posteriores.

Encontrei-me com os assistentes, um de cada vez, e dei-lhes instruções sobre como preencher um questionário detalhado que havíamos preparado, pedindo informações exatas sobre a história e a morte de cada pessoa que eles esperavam ou esperavam que pudessem “visitar” durante o experimento. Estes foram selados e armazenados com segurança.

Por motivos óbvios, nenhum de nós — nem Linda nem eu, nenhum membro de nossa equipe, nenhum membro da equipe de filmagem e certamente nenhum dos médiuns — teve acesso a esses documentos.

A noite anterior

A noite anterior ao experimento da HBO foi tudo menos tranquila.

Linda e eu nunca ficamos tão nervosos diante de um experimento que estava por vir como estávamos naquela época. A única coisa que sabíamos com certeza

Que diferença um jantar pode fazer, além de nossos esforços para criar um estudo justo e bem planejado, era que quaisquer que fossem os resultados, nossas vidas nunca mais seriam as mesmas.

As apostas eram altas, independentemente do que os dados mostrassem. Pesamos os vários resultados possíveis.

Se os resultados fossem negativos, meus colegas cientistas conservadores ficariam presunçosos e tranquilos, e minha carreira acadêmica estaria segura. Mas então teríamos que lidar com médiuns infelizes (para dizer o mínimo), uma produtora da HBO com uma pilha de contas e um caminhão cheio de filmagens inúteis e um grande contingente de entusiastas desapontados. Linda e eu sabíamos que podíamos lidar com a dor deles. Ambos treinados em psicologia clínica, tínhamos muita experiência em

lidar com pessoas emocionalmente aflitas - embora normalmente os tivéssemos encontrado entrando pela porta como pacientes, não como participantes irritados e desapontados de um experimento!

Quanto à nossa própria decepção, lembramos um ao outro de uma citação favorita que compartilhamos. Em seu livro de 1998, *Skeptics and True Believers*, Chet Raymo, um físico, escreveu que é preciso “escolher a verdade em vez da paz de espírito” — o que, se o experimento desse errado, seria um excelente lema para Linda e para mim.

Por outro lado, se os resultados fossem positivos, eu sabia que alguns de meus colegas cientistas suspeitariam e questionariam rapidamente minha inteligência e integridade. Eu temia que alguns deles tornassem minha vida acadêmica difícil, senão precária.

Isso seria suficiente para equilibrar um grupo de médiuns felizes que finalmente se sentiriam justificados, o pessoal da Lucky Duck Productions e da HBO que teriam os ingredientes do programa que haviam imaginado e, esperançosamente, um público entusiasmado quando o programa fosse ao ar?

Muitas incertezas, muitas maneiras de nos decepcionar, ou pior. No entanto, fomos para a cama sabendo que acordaríamos em algumas horas para enfrentar a experiência mais emocionante de nossas vidas.

Montando o Palco

Sábado, 20 de fevereiro. Chegamos ao laboratório por volta das 8h e encontramos a equipe da HBO já se preparando.

Quando os médiuns chegaram, eles foram escoltados para o pátio cercado do laboratório. Isso os manteria separados dos dois assistentes o tempo todo, exceto para as leituras. Eles também estariam sob observação constante de Linda e outro membro da equipe, Carolyn, para garantir que não houvesse troca de informações entre eles.

Os assistentes tinham dois lugares onde podiam relaxar entre as sessões: a sala de estar do laboratório na frente da casa ou nosso “laboratório sobre rodas” particular, um trailer de pesquisa de 10 metros estacionado na entrada da garagem.

Antes de cada sessão, o assistente era preparado em uma sala de pesquisa separada para o eletroencefalograma com uma tampa de eletrodo e para o eletrocardiograma com eletrodos de braço, para que pudéssemos monitorar o mesmo tipo de efeitos de batimentos cardíacos para ondas cerebrais que havíamos observado naquelas sessões anteriores. estudos de cardiologia energética.

Quando o teste estava para começar, a primeira assistente, Patricia, foi

escutada para a sala experimental, onde ela se sentou em uma cadeira atrás de uma grande tela branca opaca. A outra cadeira logo seria ocupada pelo médium. Em seguida, conectei as linhas dos eletrodos de Pat aos computadores que registrariam suas ondas cerebrais e eletrocardiograma.

Enquanto isso, a primeira médium, Suzane Northrop, estava sendo trazida do pátio para uma sala separada, onde recebia as mesmas conexões. Então ela foi levada para a sala experimental, sentada na cadeira do médium, e seus condutores também conectados ao computador. Nesse ponto, o médium e o modelo estavam essencialmente sentados lado a lado na frente das câmeras da HBO, mas incapazes de se ver por causa da tela entre eles.

O médium foi autorizado a oferecer uma breve recepção verbal, mas o assistente foi instruído a não dar nenhuma resposta além de um simples “Olá” ou algo semelhante. Em seguida, instruímos os dois sujeitos a sentarem-se calmamente com os olhos fechados por dois minutos, o que me permitiu coletar o que é chamado de linha de base em repouso nas leituras das ondas cerebrais e do eletrocardiograma.

Sentado ao lado da sala, eu monitorava os dois computadores, um registrando o cérebro e o coração do médium, bem como o coração do assistente, o outro registrando o oposto: o cérebro e o coração do assistente e o coração do médium. E tendo me dado a tarefa de monitorar os computadores, eu estava prestes a ter a oportunidade de testemunhar em primeira mão o que nenhum cientista havia testemunhado antes: leituras sequenciais feitas por supostos médiuns superestrelas de dois assistentes de pesquisa separados.

Eu estava impaciente para que a primeira sessão começasse.

Médiuns leem enquanto as câmeras rodam: as leituras de Patrícia

Com Suzane Northrop

A médium Suzane e a babá Pat sentaram-se confortavelmente, foram feitos ajustes na iluminação e foi colocada água nas proximidades. E as câmeras começaram a rodar. Após a linha de base de repouso de dois minutos, o médium e o assistente abriram os olhos, prontos para começar. Durante os próximos dez a vinte minutos, o médium foi instruído a realizar uma leitura típica, mas com duas exceções: que nenhum contato visual seria possível, por causa da tela colocada entre eles, e que apenas perguntas e respostas sim/não seriam permitidas. , para reduzir a possibilidade do tipo de adivinhação e

feedback de que os mágicos psíquicos dependem em suas sessões de leitura fria.

A leitura de Suzane começou simplesmente. Ela perguntou a Pat, com naturalidade:

Você já fez isso antes?

Pat respondeu: “Não”.

Depois de algumas instruções básicas, o que aconteceu a seguir aconteceu muito rápido, e Pat e eu ficamos deslumbrados. Suzane fez uma pergunta simples – uma das cinco perguntas que ela fez durante toda a leitura.

Eu tenho que dizer muito, muito, muito rápido aqui, estou colocando algumas pessoas ao seu redor muito, muito forte. Seu papai se foi, por favor? Seu papai?

Sim.

Você e seu papai eram muito, muito, muito próximos. Ele me mostra um relógio, é passado, deve ter sido passado para um irmão porque ele vive me dando irmão. . .

O pai já se foi há algum tempo, disseram-me, Patrícia. E não sei por que, mas seu pai lhe deu seu nome, porque ele diz: “Eu dei meu nome a ela, dei meu nome a ela.” Ou “Eu dei a ela um nome ligado a mim.” Parece que ele se foi há muito tempo, parece que seu pai faleceu muito, muito rápido.

Seu pai também usava chapéus. Ele está de chapéu hoje. Na verdade, ele é um homem bonito, e seu pai fumava. Não sei se foi por isso que ele passou, mas ele me mostra o centro do peito.

Enquanto eu estava sentado ouvindo essa enxurrada ininterrupta de informações, perguntei a mim mesmo se isso poderia ser uma suposição. Eles se aplicariam igualmente a outros? Certamente não para mim; Estimei que talvez 20% das informações se aplicassem à minha família. Meu pai já havia falecido há muito tempo, é verdade, mas nada mais se encaixava.

No entanto, para Pat, praticamente todas as informações, eu descobriria, eram precisas. Especialmente importante e específico para ela era que seu pai havia lhe dado seu nome, ele usava chapéus e fumava.

Eu quero te perguntar isso rapidamente, por favor. Ele está me dizendo algo. Ele conheceu seu marido, posso perguntar, Patricia?

Achei a pergunta óbvia, quase sem sentido. Sim, na maioria das famílias, o pai da noiva certamente conhece o homem com quem ela se casa. Mas a reação silenciosa de Patrícia mostrou que a resposta não era um simples Sim

ou Não; para ela, tinha um significado muito pungente.

Após a leitura, ela descreveu uma cena de seu casamento: “Embora ele tenha falecido em 1960 e eu tenha me casado em 1969, meu pai apareceu quando eu estava caminhando pelo corredor.” Então, seu pai conheceu seu marido? Ela acredita que sim. . . mas não na vida.

Sua mãe ainda está aqui, por favor?

No.

OK. A mulher tinha câncer. Ela me mostra o câncer. Ela me mostra na área feminina dela, você entenderia isso? E tem alguém ligado a ela com nome M, não sei se é ela ou o lado dela da família. Porque parece que eu não sabia o quê, Mark ou Merrit ou algo nesse sentido. Eles também me dão um nome A. Não sei se é primeiro ou meio. Mas foi assim que eles me deram.

Agora eu tenho que te pedir isso, por favor. Três. Deve ter havido três filhos, ou algo assim. Ela está me mostrando três filhos, muito, muito fortes. Não sei se você é um dos três, mas é isso que ela está me dando. . . .

A pontuação posterior mostraria que essa informação também tinha cerca de 80% de precisão.

Quando me sentei com você, ouvi alguns de seus nomes, honestamente não sabia o que fazer com eles. Eu ouvi um homem com um nome D. Eu quero dizer algo mais como Donald e Danny, mas

tinha N's decentes nele. E também ouvi um nome L; realmente parecia Lin ou Linda. Muito, muito forte.

Muitas pessoas têm dificuldade em pensar que nossos animais de estimação podem estar conosco após a morte, mas menções a animais de estimação aparecem repetidamente nas leituras.

Agora há um cachorro que entrou na sala. Ah, era o cachorro da mamãe e do papai. Eles me deram o cachorro que entrou na sala. E cachorro era muito, muito ligado a eles, é isso que eles me dão....

Eu tenho que perguntar isso, por favor, mamãe perdeu uma irmã, por favor?

Sim.

Quando você se sentou, também havia um menino que passou. O menino que faleceu foi uma tremenda perturbação na família, uma tremenda perturbação na família.

Parece que foi há muito tempo, Patricia, quase quero dizer que não acho que seja seu filho, devo dizer que parece que está ligado de alguma forma à

sua mãe. Então não sei se é seu irmão ou se é irmão dela, mas era um homem mais novo, foi uma tremenda, tremenda reviravolta na família.

Essa parte provaria estar errada; não o irmão de ninguém, mas o filho falecido de Pat.

Ele teve um falecimento rápido, foi algum tipo de acidente bizarro, um acidente bizarro que eles me disseram.

E eles me disseram que isso foi uma tremenda perturbação, e fiquei com uma divisão na família por causa dessa morte. Eles me mostram uma divisão da família.

As menções de “passagem rápida” e “tremendo transtorno na família” viriam a ter um significado poderoso para mim nas horas seguintes.

E alguém, não sei porquê desse lado, ou gostava de ir aos bailes ou tinha os bailes. Mas isso não é uma dança moderna, é mais uma dança rural. Não sei se eles acertaram ou algo assim, mas ela me disse: “Nós gostamos desse lado da família”, ela me diz bastante, bastante forte.

Eu tenho que te dizer uma coisa. Eu acho que essa é a mãe dela, ela é definitivamente uma pistola, ela deve ter dentadura postiça, porque ela está colocando e tirando, entrando e saindo. E ela não deveria fazer isso na frente de todo mundo. . . .

Isso foi algo que perdi durante a enxurrada de fatos e descobri mais tarde nas transcrições. Acabou sendo uma das minhas informações favoritas obtidas por qualquer meio.

Os mágicos psíquicos não gostam de dizer a uma babá um comportamento peculiar e específico como: "Sua avó é uma pistola e ela está arrancando e abrindo a dentadura em público", embora "ela não deva fazer isso". Não pude deixar de rir da imagem. E Pat mais tarde reconheceu que, de fato, a descrição se encaixava perfeitamente em sua avó materna.

A primeira leitura havia terminado, mas Pat não queria que a sessão acabasse ainda. Ela teve algumas reações que queria compartilhar na câmera:

Posso dizer algo? Está tudo bem? Eles são fortes [referindo-se às declarações da médium] por parte de minha mãe, muito, extremamente.

O cachorro que você está perguntando é um cachorrinho chamado PeeWee, era um pequeno Chihuahua, viveu até

ter vinte anos e tive que colocá-lo para dormir no ano passado. . . O homem, o nome dele é Danny. E ele, na verdade, é o Nelson Daniel, mas todo mundo o chamava de Danny. . . A dança a que você se refere foi minha mãe e ela - eu aprendi por causa da minha etnia, que é tchecoslovaca. Ela é muito direta

com tudo o que disse até agora.

Pat estava exausta e fiquei impressionado. No entanto, este foi apenas o começo. Tínhamos um longo caminho a percorrer antes que a filmagem da HBO terminasse.

Com João Eduardo

Embora os médiuns estivessem sendo mantidos sob observação para que não pudessem comparar notas após suas sessões, ficamos impressionados com a quantidade de informações idênticas que eles obtiveram - nomes, personalidades e assim por diante - especialmente para John Edward. Um médium cujas habilidades foram reconhecidas muito cedo, John, quando criança, continuamente surpreendeu sua família por seu conhecimento da história familiar e dos eventos que ocorreram antes de ele nascer.

A leitura de John provou ser notável. Ele começou simplesmente:

Ok, o que vai acontecer é que serão uma série de impressões, imagens e palavras e coisas que não fazem sentido para mim passam pela minha mente. O que vou direcionar a você em forma de declaração é uma pergunta. Vou lhe contar o que estou vendo, ouvindo e sentindo, e basicamente pedir-lhe que confirme e verifique simplesmente com sim e não. Por favor, não diga nada, não dê nomes nem nada. Não elabore.

Se me refiro a alguém que está acima de você, estou falando de alguém mais velho, como uma figura paterna - para mim, um pai, sogro, seu avô

pai, seu tio, o pai do seu melhor amigo. Eu vou ver isso como seu pai.

Do seu lado, isso para mim seria como um marido ou esposa, um irmão, uma irmã, um marido ou um amigo. Cunhado, meio-irmão, meio-irmão, vou ver isso como sendo uma figura masculina ao seu lado. E abaixo de você estariam filhos, sobrinhas, sobrinhos e netos. Então pense em uma árvore genealógica. As pessoas que estão acima de você são mais velhas. Pessoas ao seu lado, mais ou menos da mesma idade, e pessoas abaixo de você, mais jovens.

Qualquer pessoa pode participar, até mesmo pessoas que você acha que não aparecerão. Amigos de amigos, parentes do seu amigo, se eles virem isso como uma oportunidade, eles vão aproveitar. Eu só preciso que você confirme o que você pode entender, e o que você não entende, anote para que possamos tentar documentar isso para eles mais tarde. Você entende isso?

Sim.

E então a informação começou a fluir.

Ok, a primeira coisa que está acontecendo é que eles estão me dizendo

para falar sobre uma figura masculina ao seu lado. Uma figura masculina ao seu lado seria um marido ou um irmão que fez a transição. Você entende isso?

Sim.

Pat devia estar confusa, nervosa ou excessivamente determinada a cooperar, porque acabara de sugerir que seu marido estava morto, quando ele não apenas estava muito vivo, mas também sentado em um quarto próximo.

OK. Na verdade, há dois, há três. Há três. Eles estão me mostrando... um parece ser a figura de um marido para você. Você entende isso?

Sim.

OK. E há como uma figura de irmão para você, e eu acho que o irmão dele, que seria seu cunhado... Mas há aquela pessoa que aparece. Você entende isso?

Sim.

OK. Eles estão me dizendo para falar sobre um feliz aniversário em outubro ou uma comemoração por volta do décimo dia do mês. Você entende isso?

Sim.

OK. Eles estão me dizendo, porque estou vendo uma flor branca, e uma flor branca significa isso. Eles estão me dizendo para também indicar que este é o seu marido que está chegando, eu acredito, e acredito que há uma figura materna com ele que está lá. OK? Você entende isso?

Sim.

OK. Agora ele está me fazendo sentir que sua mãe faleceu muito jovem em sua vida, ou que ele esteve ausente ou distante dela em vida, que pode ter havido algum tipo de desconexão emocional de alguma forma. E eu sinto que do outro lado eles foram capazes de reconectar isso. OK? É isso que está sendo mostrado. Você entende isso?

Sim.

OK. Ele está me dizendo para te dizer que está bem, isso é muito, muito importante. Ele está falando sobre alguma escuridão no peito, o que para mim indicaria câncer de pulmão ou enfisema, algum tipo de problema respiratório pesado, cheio de fluidos que está conectado a uma dessas pessoas. Você entende isso?

Sim.

OK. Ele quer que eu também confirme a você que ele fez uma visita a você, e o que eu classifico como uma visita é quando alguém chega até você sem um psíquico e ele está me dizendo para confirmar para você onde ele veio até você, onde ele estava parado no que me parece ser o quarto, onde havia uma porta de armário aberta e você estava cheirando as roupas dele ou cheirando algo que se conectava a ele. Isso faz sentido?

Oh sim.

Sim depois de sim depois de sim. Enquanto Suzane fez apenas cinco perguntas, John fez muitas perguntas. No entanto, o número de respostas afirmativas apareceu bem acima de 80%. E muitas das informações eram muito específicas.

John continuou falando sobre o que ele pensava ser um homem falecido. No entanto, aparentemente sem perceber, ele não estava mais falando do marido de Patrícia, mas do filho dela; essas declarações faziam mais sentido porque o filho realmente havia falecido.

Ele está me mostrando um buquê de rosas. As rosas cor-de-rosa são a sua forma de expressar o seu amor por si, e

ele quer que eu traga isso para você. Agora, você não tem a oportunidade de falar com ele da maneira que queria falar com ele antes de sua morte, correto?

Certo.

Ele está me dizendo que está tudo bem. Ele quer que você saiba que está tudo bem. Ele está me fazendo sentir que é por isso que ele tornou tão importante para você saber que ele está aqui. OK? Quem tem o D. . . há um nome que soa como DN, como Dennis, Diane ou Dan. Você entende isso?

Sim.

OK. Essa pessoa ainda está aqui?

No.

OK. Esse é o meu erro. Essa é a maneira deles de reconhecer, como eu disse antes, quem está passando. Há uma figura masculina mais jovem também conectada ao seu marido que passou, o que significa que é o irmão dele ou que há um filho que passou. Mas há uma figura masculina mais jovem. Você entende isso?

Sim.

OK. E passa alguém que eu sinto que está sendo como Boom! Eles saem Bum! É como uma grande explosão ou algum tipo de grande estrondo que

acontece. Isso faz sentido?

Na época, não entendi o significado de “alguém passa. . . como Boom... uma explosão.” Tudo ficaria claro em breve.

John recebeu nomes, causas da morte e muitos outros fatos específicos, mas nunca reconheceu seu erro ao pensar que o marido de Pat estava morto. John estava confuso; Pat era cauteloso. Com o tempo, descobriríamos uma possível explicação, mas isso ainda levaria quatro meses.

Com Jorge Anderson

Após uma pequena pausa, Pat iniciou a terceira sessão, desta vez com o médium George Anderson. Como John Edward, George começou a reconhecer suas habilidades psíquicas ainda criança, neste caso após um ataque de encefalite aos seis anos. Com maneiras reservadas, ele, no entanto, é firme no estilo ao fazer uma leitura.

As instruções de George foram um pouco diferentes:

O que quer que eu diga a você, apenas reconheça com Sim, Não ou apenas que você entenda. Não entre no tipo de detalhes, seja qual for. Por favor, não me pergunte sobre ninguém. Por favor, não diga: “Sim, é meu pai” ou qualquer coisa assim. Basta deixá-lo como um simples Sim. Deixe-me fazer toda a conversa.

Além disso, quem você menos espera pode aparecer junto com quem você espera. Não importa o quão próximo você era deles, há quanto tempo eles faleceram, ou o que quer que seja. ... Só não quero que você cometa o erro que muitas pessoas cometem - por exemplo, eu recebo o nome Matilda e você tinha uma tia-avó Matilda e pensa: “Bem, eu nunca a conheci de verdade. , por que ela estaria aqui?” E diga não para mim. Essa é a pior coisa a fazer. Que seja reconhecido e continue.

Ok, bem, antes de mais nada, uma presença masculina vem ao seu redor. Dois, na verdade. E parece

como duas gerações diferentes. Alguém é mais velho, alguém é mais jovem.

Agora, novamente, não sei se eles querem dizer isso por idade ou por geração, mas eles falam sobre o homem mais jovem que passou. Isso faz sentido para você?

Sim.

Ele afirma que é da família, correto?

Correto.

Isso eu não entendo. Se sim, diga sim, você entende, mas não explique. Ele

fala sobre seu pai, isso faz sentido?

Sim.

Eu não sei porque ainda. Não sei se ele está tentando me dizer que o pai está lá ou se está ligando para o pai. Então não diga nada, eu quero que eles digam.

Além disso, outra presença masculina se aproxima de você e diz: Papai está aqui. Está correto que seu pai já faleceu?

Correto.

Seu pai fala sobre a perda de um filho. Isso faz sentido?

Sim.

Duas vezes?

Porque seu pai diz duas vezes. Espere um minuto, agora ele diz três vezes. Ele está dizendo três vezes. Isso faz sentido?

Está correto.

Porque seu pai disse: “Uma, duas, três vezes. ”

Está correto.

Isto. . . fala-se do filho que faleceu. Está correto?

Sim.

Certo, ele afirma ser o primeiro homem a entrar na sala. Isso faria sentido?

Sim.

OK. Então ele e seu avô estão juntos.

Agora o pai do seu filho ainda está na terra, imagino, sim?

Sim.

Espere um minuto agora. Fala-se da perda de outro filho, certo? Espere um minuto agora. Espere um minuto, não responda ainda. Seu pai fala sobre um aborto espontâneo. Está correto, você teve um?

Sim.

Mais tarde, Pat confessou que não ela, mas sua filha teve um aborto espontâneo, uma criança do sexo feminino; esse fato havia sido mantido em segredo de seu marido na época.

Também se fala na perda de uma filha. Isso faz sentido? Possivelmente outro aborto espontâneo?

No.

"Não." Eles estão dizendo "Sim". Não, ele argumenta comigo que está certo. Eu vou deixá-lo ir. Fala-se da perda de uma filha, mas antes do nascimento. Então, estou deixando com você que é você ou alguém imediatamente próximo a você. Mas eles insistem que estão certos, não vou discutir com eles. Não temos tempo, então vou deixar com você.

Seu filho afirma que faleceu tragicamente, sim?

Sim.

Ele também diz que está fora de seu controle. Você entende?

No.

Pensei comigo mesmo que George estava finalmente cometendo alguns erros.

Agora, deixe-me deixá-lo com você. Ele diz além de seu controle, deixe-me deixar com você, porque eu não [sei] o que ele quer dizer com isso ainda. Ele também afirma que veio em sonhos; isso é verdade?

Sim.

Ele não gosta de ser desafiado, então vou dizer sim. Ele também agradece pelo memorial. Isso faz sentido?

Um pouco mais tarde, George mencionou novamente a morte do filho.

Não é sua culpa.

Sim.

Ele afirma: "Você não falhou comigo como mãe ou como pessoa." Então isso faz sentido. Correto?

Sim.

Ele me diz que contribui para sua morte. Faz sentido?

Sim.

Ele tira a própria vida, correto?

Correto.

Um arrepio percorreu meu corpo com essa revelação impressionante e terrível.

É por isso que ele está se desculpando. Mas ele nunca ficou muito feliz por estar aqui, para começar, certo?

Muito verdadeiro.

Suzane havia falado em “passagem rápida” e “enorme contrariedade na família”. John havia falado de “uma figura masculina mais jovem” e “algum tipo de grande boom”, uma “explosão”. E agora George é ainda mais específico.

Após as leituras, Pat reconheceu que seu filho havia cometido suicídio com um tiro na cabeça. Mesmo tanto tempo depois do evento, lembrar aquele momento doloroso da revelação pessoal de Pat me dá outro arrepio.

Com Anne Gehman

Suzane, John e George são nova-iorquinos com um estilo de comunicação direto e franco. Anne Gehman é uma ministra que vive na área de Washington, DC, há mais de quarenta anos. Seu estilo de comunicação é caloroso e descritivo, embora seus comentários nesta leitura específica sejam gerais e muitas vezes vagos. No entanto, alguns de seus sucessos foram impressionantes.

Ela começou sem instruções, apenas com um único pedido:

Deixe-me apenas ouvir sua voz.

Olá, Ana. Como vai você?

Tudo bem, obrigado.

Ok, tudo bem. Enquanto estou me sintonizando com você agora e começando a sentir o toque do espírito, vejo muitas pessoas ao seu redor. Estou particularmente consciente de uma mulher que tem estatura mediana, bastante redonda, corpo cheio como eu a vejo. Ela tem olhos particularmente bonitos, olhos bastante grandes e bem separados. Sobrancelhas altamente arqueadas. Ela tem um sorriso muito doce e caloroso.

Seu cabelo é grisalho e um pouco ondulado ao redor do rosto, pelo que vejo. Um penteado bastante suave, e tenho a impressão de que ela é muito próxima de você do mundo dos espíritos há muitos anos. Então eu sinto que ela se foi há muito tempo.

Minha sensação é que ela faleceu, tendo tido alguns problemas relacionados ao coração e à circulação, embora eu acredite que também houve outras complicações em torno de sua condição física. Tudo bem. Ela está me mostrando um derrame bem no final de sua vida, e posso sentir uma paralisia parcial em seu corpo. Mas não tenho certeza se isso já foi

determinado antes

porque parece que foi pouco antes de ela falecer. Você consegue reconhecê-la?

Sim.

Com tantas declarações “ou isto ou aquilo” e coisas como um derrame que poderia não ter sido reconhecido, parecia mais um palpite do que o que eu ouvia dos outros. Essa impressão estava prestes a mudar.

Logo Anne apresentou declarações que Patricia mais tarde descreveu como “profundamente significativas”.

Eles me dizem para te dizer que você nunca está sozinho.

Você nunca anda sozinho, que eles estão com você. E a mesma entidade é responsável pela luz que muitas vezes pisca em sua casa. Existe uma luz que se apaga e acende?

Sim.

Eu não tinha certeza se tinha ouvido isso corretamente. Uma luz que acende e apaga?

Certo, porque essa mesma pessoa é responsável por isso, por essa oscilação das luzes. E essa é uma maneira de chamar sua atenção. E também ocasionalmente haveria um pequeno som de batida na parede?

Sim.

Luzes piscando e batendo na parede? Isso estava começando a soar como algo saído de um filme de parapsicologia de grau B, ou talvez um remake de *Gaslight*.

Eles querem que você sinta a realidade daquele outro mundo e a realidade de que somos seres espirituais aqui agora, que ainda estamos temporariamente neste mundo físico.

corpo cal e não importa como passamos para o outro mundo, de certa forma é tudo igual. Simplesmente deixamos o corpo físico e vamos para outra dimensão, onde continuamos a crescer e a nos desenvolver. .

Eu vejo uma linda garota no mundo espiritual também. E ela tem, não tenho certeza da cor de seu cabelo, mas vejo uma linda luz dourada que a envolve. Tão lindo, e é como se também fosse dourado ao redor do cabelo e do rosto. E ela está muito radiante, muito bonita, muito feliz por se conectar com vocês aqui desta forma hoje. E ela me disse, tudo bem, oh, algo sobre um cachorro. Algo sobre um cachorro. Você entenderia?

Sim.

E lembrei que a Suzane também tinha feito referência a um cachorro.

Tudo bem. E não tenho certeza do que é isso, não estou entendendo isso claramente. Mas você, desde que entenda, isso é tudo que importa. E diga-me, há, por que me sinto atraído por suas unhas? Seus dedos, para alguns. .. ? Seus dedos. Ok, seus dedos, não suas unhas. Seus dedos. Sinto uma pequena irritação nas articulações recentemente. Você entende?

Sim.

Anne percebeu um dos problemas de saúde de Pat.

Vejo uma mulher, e ela não gosta que eu a chame de idosa, embora ela já tenha idade avançada. Ela está, ok, sua mente sempre esteve clara e brilhante e muito atualizada com os tempos, sempre. Ela não perdia nada no mundo ao seu redor.

E para descrever qual era sua aparência física, eu diria um pouco mais alta que a média. Mais tarde na vida, bastante cheia na área abdominal e na área do quadril, como se carregasse bastante peso aqui, o que contribuiu um pouco para problemas nas extremidades inferiores.

E sinto que no final de sua vida houve uma fraqueza nas articulações e não acho que ela estava totalmente imóvel, mas sinto que havia uma rigidez e uma dor por lá com ela. Mas ela também tinha tosse, muita tosse. Ela chega perto de mim, sinto a irritação na garganta e na região dos brônquios. Você consegue reconhecê-la por essa descrição?

Sim.

A mãe de Pat morreu de câncer de pulmão causado por fumar cigarros.

Quatro médiuns diferentes, quatro estilos diferentes — da dureza gentil de Suzane à suavidade espiritual de Anne. De maior interesse eram as informações que se sobrepunham - em particular, o cachorro e a trágica morte de um filho.

Com Laurie Campbell

Agora era hora de Laurie fazer a leitura dela. Considerando-se realisticamente uma amadora nesta conceituada empresa, ela estava no limite. Qual seria a classificação de sua precisão quando comparada com os resultados desses profissionais experientes e bem estabelecidos?

Após breves preliminares, Laurie rapidamente entrou no jogo.

Você tem um avô em espírito?

OK. Eu vou te dizer que essa pessoa é um homem muito, muito forte. Ele vem com muito entusiasmo, muita energia, muito forte, começou a vir no minuto em que entrei nesta sala, se isso pode lhe trazer algum conforto, porque ele é uma pessoa muito, muito amorosa, muito, muito gentil cuidando de você você.

Também quero dizer a você que a outra coisa que ganhei foi um cachorro. Acho que tem um cachorro, e quero te dizer que sinto que o cachorro tem pelo de arame. Isso faz sentido para você? Sim ou não.

Sim.

Obviamente, a informação sobre o avô falecido e amoroso era bastante geral. Mas o cachorro entrando de novo? Isso estava ficando muito interessante.

OK. E tenho a sensação de que é algum tipo de terrier ou mistura de terrier e sinto que há muito amor, se é que posso te dizer isso, desse cachorro ao seu redor. E ele sente que tinha muita energia quando estava aqui. Isso é um... eu recebo um sim sobre isso?

Sim.

A raça específica estava errada, mas o tamanho e a personalidade eram precisos.

Sua mãe também é preterida?

Sim.

Ok, sua mãe está chegando lindamente. E estou realmente agradecendo a essas pessoas. . . . Normalmente não funciona assim comigo, então estou muito

grato aos membros de sua família por terem vindo. Sua mãe lhe dá muito amor. O cabelo dela estava meio esbranquiçado quando ela faleceu?

Sim.

Ok, estava um pouco cheio? Ok, espere, por favor, não diga nada por um segundo. Ela me dá uma sensação de suavidade real no cabelo, que parece cheio, não parece muito fino. E então essa descrição se encaixa?

Sim.

Na verdade, a resposta foi enganosa: a mãe de Pat tinha cabelo cheio quando mais jovem, mas perdeu cabelo no final de sua vida.

Acho que estou passando por aqui muito rápido, mas eles estão chegando tão rápido para vocês com tanto amor e... eu também tenho... quero dizer. ..

você tem um filho que passou?

Sim.

... Eu quero desacelerar um pouco aqui. Sei que há muita emoção em você, e há muita emoção nele. Há, ele quer dizer: “Mãe, há tanto. . .” Posso ter um lenço? Obrigado. É, uau, tanta emoção do seu filho para você, você deve ter sido uma mãe muito, muito espetacular porque ele mostra. . . O cachorro está com ele. Ele quer que você saiba que o cachorro está com ele. Ele era alto?

E fno?

Sim.

OK. Porque eu estou entendendo isso [inaudível]. Ele continua dizendo: “Mãe, eu te amo. ”

Depois de mais desculpas por apressar as coisas e por o cachorro ser “indisciplinado”, ela mudou para outro tópico.

Você tem um amigo muito próximo que faleceu recentemente? Uma mulher de cabelo escuro?

Sim.

Ela era da Costa Leste? De trás . . . ? Porque não parece... ah, é ela [inaudível]. Parece mais da Costa Leste. Ela era de lá, como a Flórida ou algum lugar? Voltar por ali? Porque ela fica dando um calorzinho sabe. Sim ou não.

Sim.

OK. Porque ela continua dando a sensação de, ela diz, você sabe, de calor e outras coisas. E, mas ela é bastante tagarela, ela é bastante tagarela. Será que você falou muito ao telefone?

Sim.

Ok, porque parece que há distância entre vocês dois, mas ela ainda sabe o quanto você a amava. Ela é como uma irmã para você?

Sim, porque é o que ela diz. Ela disse que você é como a irmã mais nova dela.

Sim.

Sim. Oh Deus, há tanto amor, tanto amor por você. Oh, isso é tão, tão importante. Ela veio aqui para visitar? Pode ser talvez só em espírito, mas ela dá o lance de visitar assim. Principalmente ela me mostra com você no telefone, falando apenas sobre a vida cotidiana. Ela teve dois filhos?

Sim.

Sim. Ela lhes envia amor. Muito e muito amor para eles.

Como os outros médiuns, Laurie cometeu erros. Mais tarde na leitura, ela viu os dois meninos na Costa Leste, embora eles tivessem se mudado. Ela viu o filho de Pat morrendo de algum tipo do que ela identificou como uma “doença sanguínea... [um] problema de circulação”, mas não percebeu que foi suicídio por arma de fogo.

No entanto, como os outros médiuns antes dela, ela recebeu um padrão de informação que certamente se encaixava em Pat. E, com a mesma certeza, a informação não se encaixava em mim, nem em nenhum dos câmeras ou no produtor.

Os médiuns seriam capazes de fazer o mesmo com nosso segundo assistente?

As leituras de Ronnie

[REDACTED]

Com o tempo disponível diminuindo, visitamos a babá que eu havia encontrado, a vendedora Ronnie Nathanson. Ela se recusou a usar uma touca de eletrodo de gelatina, explicando que não queria aparecer na Sears parecendo ter acabado de passar por uma máquina de lavar. Eu não poderia culpá-la. (De qualquer forma, os dados das ondas cerebrais e do coração seriam inconclusivos, exceto para sugerir que os médiuns não estavam recebendo informações por meio de telepatia com o assistente.)

Mas o processo de conectar as ondas cerebrais e os eletrodos cardíacos aos assistentes e médiuns estava demorando mais do que eu esperava. Estávamos muito atrasados, Ronnie teria que sair para trabalhar em breve, e só havia tempo para dois dos médiuns, George Anderson e Suzane Northrop, trabalharem com ela. No entanto, os resultados valeram o esforço.

Com Jorge Anderson

Com exceção dos comentários introdutórios, esta leitura é apresentada na íntegra como uma ilustração do que pode acontecer quando um médium está, por assim dizer, “na zona”.

Em primeiro lugar, uma presença feminina vem ao seu redor e uma masculina. Com licença, e outra mulher. Ela parece estar rondando você, mas ainda não se apresenta. E outra presença masculina vem ao seu redor. Interessante. Há outra presença masculina também, que parece aparecer, mas ele parece ficar em segundo plano. Alguém... alguém acabou de dizer: "Papai está aqui." Isso faz sentido?

Sim.

OK. É isso.. . está correto seu pai faleceu?

Sim.

Certo, porque ele afirma que está aqui. Ele também fala sobre a morte de seus pais. Tenho certeza que eles faleceram, sim?

Sim.

Eu ia dizer, a menos que tenham 150. Portanto, é mais provável que estejam com ele. Apenas continua falando sobre seus pais estarem com ele. Não sei por que, mas seu pai o abençoa por ser bom para ele antes de sua morte. Isso faz sentido?

Sim.

Ronnie cuidou de seu pai antes de ele falecer, então esse foi um bom palpite ou um acerto sólido.

OK. Ele sabe que você o ama e ele te ama. E eu não sei por que ele diz isso, e é

não é da minha conta. Além disso, fala-se de uma presença masculina mais jovem ao seu redor, isso faz sentido? Eu vou dizer sim, porque ele parece estar perto de seu pai, e parece que ele está lá há algum tempo.

Uh.

Não negue, ou não diga nada. Apenas deixe-o sozinho. Eu quero que eles expliquem isso. Além disso, uma presença feminina vem até você e o abraça com amor.

Sim.

Ela é da família, ela afirma, sim?

Sim.

Na verdade, são dois, porque outro acabou de fazer isso.

Sim.

Ok, porque agora não responda a isso ainda. Alguém me diz: "Mamãe está aqui. " Você entende?

Sim.

Mas eu ouvi duas vezes, e é isso que.. . tudo bem, vamos deixar isso quieto. Isso é o que está me confundindo, porque eu ouvi duas vezes. Alguém afirma: "Mamãe está aqui. " Está correto que sua mãe faleceu?

Ok, porque ela é uma daquelas mulheres que te abraça com amor. Sua mãe se apegou muito a você, então presumo que você e ela eram próximos.

Sim.

Porque mãe e filha, mas também boas amigas.

Sim.

Ronnie e sua mãe eram realmente as melhores amigas da vida. George parecia estar sentindo a profundidade de seu relacionamento.

Sua mãe afirma que ela está andando bem. Isso pode significar que ela teve problemas com as pernas ou ela voltou ao que era antes. Então vou deixar com você. Espero que entenda. Se ela não teve problemas com as pernas, significa que ela voltou ao que era antes. Sua mãe também agradece por ser bom para ela antes de sua morte. E então ela afirma que você cuidou dela. Faz sentido?

Sim.

Nesse ponto, as probabilidades condicionais estavam se acumulando na minha cabeça. Pai morto, mãe morta, melhores amigos, cuidando dela antes de morrer. A sequência de tiros continuou.

E ela diz: “Você não me decepcionou.” Porque ela sabe que você ainda tem um pouco de culpa pensando que não fez o suficiente por ela. E sua mãe parece ter um bom senso de humor. Ela brinca que é pós-transição, chamamos de culpa da morte. Mas não é verdade.

Sua mãe não teve a vida mais fácil do mundo, mas teve uma vida plena. Correto?

Sim.

Mais tarde, eu descobriria que a mãe de Ronnie tinha um notável senso de humor e também costumava usar a culpa.

E ela brinca que no além, ela está de férias que nunca teve. Ou não tinha há algum tempo. Ela e seu pai estão juntos, algo que você deve ter se perguntado.

Sim.

Sua mãe também é uma mulher de fé.

Sim.

Porque vejo Cristo aparecer diante de vocês. Portanto, suponho que ela pertencia a uma seita cristã.

No.

Um erro. Nesse ponto, era quase reconfortante ouvir George entender algo errado.

Mas por que Cristo aparece. . . isso faz sentido?

No.

Vou ter que deixar com você. Ele aparece na sua frente. Então eu vou ter que

tome a aparência como espiritual, se não religiosa.

OK.

Parecia um erro claro, mas o assunto seria trazido à tona mais tarde e assumiria um caráter muito diferente.

Sua mãe também fala outro idioma.

Sim.

Eu sabia muito pouco sobre a história da família de Ronnie. Eu não tinha ideia de onde isso poderia estar indo.

Ou posso dizer que tem conhecimento disso?

Sim.

OK. Ela não era uma mulher religiosa, mas era espiritual, certo?

Sim.

OK. Acho que é por isso que, de novo, isso não tem nada a ver com religião organizada, acho que é para meu benefício. Eu vejo Cristo aparecer na sua frente para significar espiritualidade. Engraçado, seu pai não acreditava no além. Faz sentido?

Sim.

É mais ou menos assim: “Vamos descobrir quando eu estiver morto.”

Sim.

Não é como ele, como se eu fosse criado para acreditar em um. Sua atitude é como: “Nós descobriremos quando eu estiver morto.”

Sim.

Parece que sua mãe fala algum tipo de língua alemã; isso é verdade?

Sim.

OK. Não estou dizendo que é alemão. Isso é correto? Mas é tipo alemão?

Sim.

Então tem que ser como alemão ou eslavo. Parece assim para mim; Não sou linguista, então é o melhor que posso fazer, que me pareça assim. Além disso, ouvir o nome Rose. Faz sentido?

Sim.

O nome era na verdade Rosie, uma tia da mãe de Ronnie.

Mas passou adiante?

Sim.

Porque sua mãe diz: “Rose está aqui comigo.” Então eles se conheceriam, sim?

Sim.

As probabilidades estatísticas estavam agora muito fora do gráfico. Eu estava pensando novamente: “Isso é mais do que leitura fria”. As declarações foram incrivelmente específicas.

E acho que é alguém que você não esperava que aparecesse hoje.

Sim.

É uma surpresa. Por isso eu disse quem você menos espera pode aparecer. E também Sam. Isso faz sentido?

Sim.

Ele é da família, sim?

Sim.

Continuo vendo o Tio Sam americano na minha frente. É verdade que ele é tio? Ou pode ser minha pista para o nome Sam, então tudo bem, não responda. Se ele fosse um tio, você teria dito sim, então vamos deixar isso de lado. Mas sua mãe o conhece.

Sim.

Foi somente depois de ler cuidadosamente as transcrições que percebi a complexidade das perguntas de George. Era como se ele pudesse sentir quando tinha certeza de alguma coisa, e quando poderia ser uma metáfora. Este nível de recuperação de informação merece uma análise científica cuidadosa no futuro.

Porque sua mãe fica dizendo: “Sam está aqui conosco.” Espere um minuto, parece que alguém está falando iídiche. Isso é correto?

Sim.

Isso pode ser trapaça? Depois de se enganar sobre a imagem de Cristo, talvez ele tenha adivinhado que Ronnie era judeu e raciocinou que, nesse caso, a mãe dela poderia ter falado iídiche - especialmente porque ele já havia dito que não era bom em identificar idiomas.

Oh, essa é a língua alemã. OK. Agora, também vejo a Estrela de David na minha frente. Então o povo era basicamente judeu, correto?

Sim.

Jorge estava sorrindo.

OK. Bem, quando você pensa sobre isso, Cristo também era judeu.

Sim.

Então, um judeu para outro. É engraçado, no entanto. Sua mãe é uma pessoa muito boa e viva quando está na terra.

Sim.

É por isso que Cristo apareceu. Ela obviamente não era cristã, mas teria... como eu coloco isso sem soar como religião?... ela não teria acreditado em seus ensinamentos, mas teria acreditado no que ele representava, como ser bom para as pessoas e assim por diante.

Sim.

É nisso que quero chegar. É por isso que eu acho que Cristo apareceu na sua frente como um símbolo espiritual.

bol, não como religioso. Sua mãe teria admirado o que ele teria feito, em relação a como todos nós deveríamos viver, como tentar criar o paraíso na terra.

Sim.

Isso poderia ter sido simplesmente uma forma de encobrir o aparente erro sobre a imagem de Cristo. No entanto, Ronnie explicou mais tarde que sempre pensou em sua mãe como semelhante a Cristo por causa de seu amor, carinho e devoção.

Além disso, Max?

Sim.

Passou?

Sim.

Max era amigo dos pais de Ronnie. Primeiro Rose, depois Sam, agora Max. Qual era a probabilidade de adivinhar três nomes por acaso, todos conhecidos do modelo, todos já falecidos?

Porque ele está na sala e diz que é da família, e diz que você também não esperava notícias dele. Mas surpreenda novamente. Além disso, alguém lá atrás falava russo.

Sim.

Porque eu ouço outra língua, eslava, e isso é, eu vejo o, eu vejo o czar Nicolau na minha frente, então presumo que eles estão tentando me dizer que ele falou

Russo. Quero dizer, eles falavam russo, ou quem quer que fosse.

Seu pai admite que poderia ter sido mais próximo de você, isso é verdade?

Sim.

Sim, isso pode se aplicar a muitas pessoas. Certamente poderia se aplicar a mim. No entanto, neste ponto, menos de 20 por cento do que George disse se aplicava a mim. A declaração, eu aprenderia mais tarde, se encaixava no relacionamento de Ronnie com seu pai como uma luva.

Ele só quer que você saiba que ele sempre amou você e ainda ama, mesmo que ele tenha uma maneira estranha de demonstrar ou não. Seu coração está no lugar certo, mas ele sente de muitas maneiras que estava lá e não estava. Definitivamente sua mãe era o coração e a alma da casa.

Sim.

E você é a garotinha da mamãe.

Sim.

Isso não mudou. Não importa se você tem cinco ou 105 anos, sua mãe me diz que você ainda é a filhinha da mamãe. E ela diz que, desde que você saiba disso, você se sentirá 100% melhor.

Sim.

Ronnie continuou olhando para mim e balançando a cabeça; Fiquei feliz por a tela ter impedido George de ver essa afirmação de sua precisão.

Você sabe, porque você tem seus altos e baixos sobre uma vida futura, e não é como se fosse um problema para você, mas o fato é que sua mãe afirma

que você certamente quer vê-la novamente algum dia. E você o fará, quando chegar a sua hora de passar para o próximo estágio, quando houver a essência da realização. Porque sua mãe acreditava em viver aqui e agora, e ela tem a atitude certa. Estamos aqui para cumprir, então não vamos nos preocupar com o que está por vir. Vamos nos concentrar onde estamos.

Além disso, o nome Ruth?

Sim.

Ruth era amiga da mãe de Ronnie.

... Passou também, sim?

No.

Não, sua mãe diz, sim. Então, vou desafiá-lo antes que você hesite. Porque sua mãe diz: "Ruth está aqui". E ela disse no além, então vou deixar para lá. E Lillian também.

Estes parecem ser quase... Sinto amizade. Estas podem ter sido pessoas que sua mãe conhecia.

Ah, sim, sim.

Lillian era uma velha amiga da família. George já havia dado cinco nomes, alguns deles não muito comuns (Rose, Max, Lillian), e estava correto em todos.

Só consegui pensar em duas explicações: ou George descobriu de alguma forma a identidade da vendedora de eletrodomésticos que planejamos usar e depois fez algumas pesquisas sobre a família dela... ou algo extraordinário estava acontecendo diante dos meus olhos.

Porque sua mãe está discutindo comigo que ela está certa. E eu tenho que ser honesto com você, uma coisa sobre sua mãe, se ela argumentar que está certa, ela está certa.

Sim.

A mãe de Ronnie está corrigindo sua filha da vida após a morte como ela fez nesta vida? Eu poderia acreditar nisso?

Ela é uma mulher sem sentido. E como ela afirma, mas ela tem um coração de ouro. Essa é a diferença, correto?

Sim.

Como ela afirma, ela é uma mulher sensata, então quando você disse não, você hesitou, ela disse: "Não, não, estou certa". Nem discuta com ela, sabe, porque eu sei do que estou falando. E ela afirma que eles estão todos lá com

ela.

Ela também cria um irmão. É verdade que ela perdeu um irmão?

No.

... ou um cunhado?

Sim.

Pensei comigo mesmo que George não era perfeito, ou o detetive que ele contratou não era perfeito, ou ele estava errando tiros deliberadamente para fazer parecer que não era perfeito.

Ou então ele era a coisa real, e eu estava testemunhando isso, golpe após golpe após golpe.

Oh, porque ela argumentou comigo novamente que ela estava certa. Ok, mãe, contanto que você esclareça, é isso que estou procurando. Porque ela disse: “O irmão está aqui comigo. Você disse: Não, e ela disse: “Não, estou certo. ” Ela disse: “Irmão, mas através do casamento. Cunhado. ”

Sim.

Quem está aí com ela? Não estou tentando fazer você parecer uma filhinha da mamãe, mas de muitas maneiras sua mãe era o seu mundo. Porque ela continua cercado você tão de perto com amor. Aparentemente é alguém de quem você sente falta.

Oh sim.

É o que eu quero dizer. Tipo, de muitas maneiras, não é que você não pudesse viver sem ela, mas você sabe, ela é o seu mundo porque é alguém de quem você sente falta.

Certo.

Além disso, de muitas maneiras ela sente que poderia estar mais perto de você, não é?

Sim.

Eu estava ouvindo comentários vagos novamente, comentários que poderiam se aplicar a mim ou a qualquer pessoa. Na verdade, as declarações estavam se aproximando

30% de precisão ao descrever a história do falecido em *minha* família.

Porque ela admite que era um pouco difícil de se conviver? Às vezes. Porque eu vejo um quebra-nozes na sua frente, e isso é um símbolo na época que ela pode ter sido um osso duro de roer.

Sim.

Ela também me mostra a peça The Glass Menagerie. Então, talvez às vezes ela pudesse ser um pouco dominadora.

Sim.

E ela se desculpa por isso. Seu coração estava no lugar certo, mas em muitos aspectos ela era uma mulher insegura. E sua insegurança a tornava um pouco dominadora e controladora.

Sim.

Ronnie mais tarde nos disse que isso se encaixava perfeitamente em sua mãe.

Ela brinca comigo dizendo que de muitas maneiras ela se encaixa no estereótipo de uma mãe judia.

Sim.

E sua mãe não é o tipo de mulher que admite que errou com muita facilidade. Então ela está admitindo que estava errada e só quer que você saiba que ela

sempre te amou e ainda te ama, mesmo que às vezes ela fosse um pouco autoritária sobre isso. Porque ela admite que, de muitas maneiras, era do jeito dela ou de jeito nenhum.

Sim.

Não havia área cinzenta. Ou é preto ou branco.

Você sabe? E o jeito da mamãe é o jeito certo. Ela queria o melhor para seus filhos ou para você, mas sua maneira de fazer isso às vezes parecia muito exigente. Mas, novamente, ainda sinto que o coração dela estava no lugar certo.

Além disso, o nome Gertrude?

No.

Devo confessar que, neste ponto, eu estava novamente orando secretamente por misses. Mas essa aparente falta durou apenas um momento.

Tem certeza? Sua mãe disse Gerty ou Gertrude.

Sim.

“Gertrude” não havia sido registrada originalmente porque Ronnie sempre chamara a mulher de “Tia Gerty” — uma tia-avó por parte de pai.

Certo, porque sua mãe discutiu de novo. Ela está certa. Não quero discutir com essa mulher, então pense. Porque ela disse Não, ela está certa. "Gertrude, sim", ela chama. Gertrude faleceu?

Sim.

Porque ela continua dizendo: "Gertrude está aqui comigo", então ela deve ser descartada. Agora espere um minuto; novamente ela chama, "Ruth. " Pelo que você me deu a impressão antes, há uma Ruth na terra.

Sim.

Ela deve estar chamando por ela. Talvez seja um erro meu, porque ela mencionou o nome de novo, e sei, pelo jeito que você gaguejou antes, que é mais do que provável que haja uma Ruth na terra. Portanto, não estou tentando ser um cara esperto. Você não precisa ser muito psíquico para descobrir, mas sua mãe diz: "Por favor, diga a Ruth que você ouviu falar de mim". Isso faz sentido?

Sim Sim.

Mas esse era um conteúdo antigo, pensei comigo mesmo.

E ela também a parabeniza. Faz sentido?

Sim.

Parecia que poderia ser um palpite, mas Ronnie achou especialmente significativo.

Então, porque sua mãe estende rosas brancas para Ruth, e a parabeniza, dizendo que está sabendo de boas notícias.

Sim.

Boas notícias? Mais tarde, Ronnie nos disse que Ruth era a cabeleireira que se tornou uma amiga querida ao longo dos anos.

Antes de sua mãe morrer, Ruth havia sofrido dois surtos separados de câncer de estômago, mas sobreviveu às previsões do médico. Desde a morte de sua mãe, quatro anos antes, o câncer de Ruth havia retornado, mas surpreendentemente ela o venceu novamente recentemente.

Então Rute deve ser. . . sim, há motivos para comemorar perto dela.

Sim.

Portanto, há renda branca ao seu redor. Motivo de comemoração. E eu vejo... e esta é uma celebração específica. Correto?

Sim.

Isso não é apenas touro. Por que sua mãe fala sobre falta de comunicação com um irmão?

Isso faz sentido? Com você? Ou... você entende?

Sim.

OK. Porque sua mãe está falando sobre falta de comunicação com um irmão, e então ela meio que brincou como sempre.

Sim.

Então deve ter sido sempre assim, mas ela deseja que as pontas soltas possam ser amarradas. Mas eu não acho que eles estarão neste mundo. Significado na terra. Isso faz sentido?

Sim.

OK. Desde que você entenda. E acho que sua mãe meio que enterra isso, então talvez ela esteja tentando dizer para você descansar?

Sim.

Faz sentido?

Sim.

Quase sempre temos algumas pontas soltas com alguém que já morreu. Por si só, não é uma informação impressionante.

OK. Além disso, também ouvi o nome Helen. Faz sentido?

Hummm...

Finalmente, um nome com o qual Ronnie não conseguia se conectar.

Sua mãe está dizendo Sim, então eu nem vou... Vou deixar com você mesmo que você não se lembre agora, porque eu não vou nem discutir com ela sobre isto. Ela diz: Sim. Sim, é Helen ou Ellen. Mas acho que é mais Helen. Porque sua mãe conhecia muita gente.

Sim.

Pensei comigo mesmo que a maioria das pessoas conhece uma Helen ou Ellen. Sou um cético bem treinado, lembrei a mim mesmo; Posso calcular as probabilidades.

Porque ela brinca que “eu conheço todo mundo e todo mundo me conhece. ”

Sim.

Mas ela diz que aqui no além, ela é como um tipo universal de “bubba”, ela diz. Isso faz sentido?

No.

Ela diz que sim, então vou deixar para lá. No futuro.

Oh.

É como todo mundo... ela é como um tipo de mãe universal. Ela é do tipo bubba. Ela afirma trabalhar com crianças no além. Isso parece, bem, eu nem deveria perguntar a você. Isso é o que ela está me dizendo. Sim, sua mãe é uma mulher de verdade.

Você sabe, este é o jeito que é. Sem perguntas.

Então é por isso que quando começo a tentar pensar: “Nossa, isso seria possível?” ela é como, “Bem, é assim que é, então por que você tem que explicar isso? É isso que é.” Mas ela afirma que trabalha com crianças no além e, novamente, ela diz: “Eu sou como um tipo universal de bubba por lá.”

Nesse ponto, a sessão terminou para que houvesse pelo menos alguns minutos para o segundo médium antes de Ronnie sair para o trabalho. Mas enquanto eu ia soltar George do equipamento de gravação, ele continuou.

Porque sua mãe é, deixe-me terminar rapidamente, porque sua mãe te abraça com amor junto com seu pai. E espere um minuto, por que sua mãe cria uma irmã? Faz sentido?

Sim.

Um último golpe de despedida. Ronnie parecia estupefato.

A maior parte da leitura tinha sido quase precisa demais, claramente acima e além de meras suposições generalizadas. As probabilidades condicionais para obter nomes, características de personalidade e outras descrições estavam fora da escala. No entanto, quando o próximo meio foi trazido, o quadro mudou dramaticamente. Provou ser algo de que todos nos lembraríamos.

Com Suzane Northrop

Ficou claro, desde o início, que Ronnie e Suzane não estavam na mesma sintonia. Como diziam os jovens, o clima não era bom. Eu não deveria ter ficado surpreso - todos sabemos por experiência própria que, quando apresentamos duas pessoas de quem gostamos, elas nem sempre se encaixam. O fato de a sessão anterior de Suzane ter corrido bem não significava necessariamente que seria o caso durante todo o dia.

Desde o início da sessão, percebi que Ronnie não estava reagindo bem e que Suzane parecia estar errando mais do que acertando. A experiência acabaria por me provar como as impressões momentâneas podem ser erradas neste trabalho.

Enquanto eu ouvia, Suzane realmente parecia estar se desconectando. Exemplos:

Você tem um dos pais aqui e o outro se foi, por favor, posso perguntar?

No.

... Não sei por que quero dizer isso; Estou recebendo casamento duplo, casamento duplo. Então eu tenho que assumir que alguém deve ter se casado novamente ou algo assim depois desse ponto que eles estão me contando.

No.

... E também vou te perguntar isso, por favor, mamãe se mudou depois que papai faleceu, por favor?

No.

Você não estava com mamãe quando ela faleceu, por favor?

Eu era.

... Seu pai também tinha uma irmã, devo dizer. Deve ter havido uma conexão entre os dois. Acho que ela foi atrás dele.

Certo sobre o pai ter uma irmã. Errado sobre a irmã morrer depois dele.

Não sei se ela tinha o nome M ou se é outra pessoa ligada a ela. [Se] eu não soubesse melhor, soa como Mary, Marie, é um nome que soa MAR. Eu quero dizer muito, muito forte.

Perto - o nome era Martha.

Eles também estão me dizendo que uma irmã passou, uma irmã faleceu. . . . Quando ouço irmã, ouço distintamente câncer. Eu ouço muito mais, quero dizer, na área feminina do que na outra parte do corpo.

Nenhum câncer - na área feminina ou em qualquer outro lugar - porque a babá nunca teve uma irmã.

E a mãe também me diz isso muito, muito forte, e eu honestamente não [sei] de quem ela fala, mas houve o falecimento de alguém, acho que com seis anos

adolescente, aos dezesseis anos, ela me conta. . . . Ela diz: “Estou com a pessoa de dezesseis anos, Ronnie, e você precisa saber disso porque é

extremamente extremamente extremamente importante. ”

Ronnie não reconheceu esta descrição. O mais próximo que ela conseguiu identificar foi a mãe de sua mãe, que se casou jovem e morreu aos dezoito anos. Mas o que poderia ser tão “extremamente importante” nisso?

... Lado do papai... Ele continua me mostrando os trilhos da ferrovia... E o barulho, eu ouço o barulho nos trilhos da ferrovia. Algo. Então eu suponho que ele deve ter vivido com isso.

Seu pai não tinha nenhuma ligação com uma ferrovia ou trilhos de trem. Outra falha completa. E eles continuaram vindo.

... Você não é casado agora?

No.

OK. Você estava, por favor?

Sim.

Estou distante com este homem. Este homem não é espírito, é?

No.

Ok, porque [inaudível]. Eles dizem: “Dor no

bunda, sabe? Pé no saco, sabe? Você sabe o que? Mamãe nunca gostou dele. Você não - você se casou com ele mesmo assim - ela não queria você

para se casar com ele, mas você teria feito de qualquer maneira. ...

Totalmente errado - a mãe da babá não fez nenhuma objeção à escolha de um marido.

No entanto, Suzane conseguiu ser muito certa com certos conjuntos de informações, confirmando alguns dos detalhes que a médium anterior havia obtido e acrescentando algumas peças também.

Sua mãe continua me mostrando: “No final, respirando, eu não conseguia respirar, não conseguia respirar, não conseguia respirar. Meu ar foi cortado, Ronnie, meu ar foi cortado. Eles me prenderam às máquinas. Estou tão feliz por não estar mais nessas máquinas. Não quero mais estar nessas máquinas. ”

Ela diz: “Você fez o certo por mim, você fez o certo por mim. ”

De acordo com Ronnie, esta foi uma descrição muito precisa dos últimos dias de sua mãe - ela realmente havia sido ligada a máquinas e tinha problemas respiratórios. E Ronnie estava com ela no final, uma possível interpretação de “Você fez o certo por mim”.

Esta é uma mulher que gosta muito de cuidar. Muito em cuidar aqui. E eu também tenho que te dizer isso, por favor. Não sei por quê; ela fala novamente sobre essa justiça. E ela diz que você assumiu muito isso, mas ela diz: “Você precisa saber de nossa conexão. Você precisa conhecer nossa conexão.”

Sobre a afirmação “Você precisa saber de nossa conexão”, Ronnie ofereceu uma possível explicação que achei intrigante. A mãe biológica de sua mãe morreu quando a mãe de Ronnie era muito jovem. A nova esposa de seu avô, presumivelmente insegura, insistiu que o conhecimento de seu primeiro casamento fosse mantido em segredo. Ronnie era adulta antes de saber que sua avó não era sua parente de sangue. Talvez sua mãe agora quisesse ter certeza de que a verdade fosse conhecida e que Ronnie se lembrasse dela.

Ou foi um simples alongamento para encontrar uma interpretação favorável para o que Suzane havia dito? Apesar de minha intenção sincera de manter o distanciamento crítico de um cientista, eu estava involuntariamente jogando o jogo com o qual os médiuns mágicos contam - tão ansioso para acreditar que estava encontrando “fatos” onde eles realmente não existiam, a fim de reforçar a crença?

Outra série de declarações começou mal, depois tomou um rumo impressionante.

O pai foi antes da sua mãe.

No.

Errado.

Houve um longo tempo entre suas passagens.

No.

Um deles passou e quero dizer nos meses de inverno, dezembro ou janeiro, a menos que fosse um aniversário.

Um foi muito rápido; um era uma doença de longo prazo.

A mãe de Ronnie ficou doente por quatorze meses antes de falecer; seu pai, de fato, faleceu muito mais rapidamente.

E então o atordoante:

Ela morreu dentro de casa. . . . Ambos morreram no mesmo quarto com dez meses de diferença, dez meses de diferença. . . . Na mesma sala.

Ronnie de alguma forma perdeu isso durante a leitura. Mais tarde, quando foi lido de volta para ela, ela ficou chocada, perguntando repetidamente: “Ela

disse isso!? Ela disse que!?"

Como ela não conseguiu entender da primeira vez foi desconcertante para ela. Cada parte desta breve declaração foi, para Ronnie, surpreendentemente correta. Sim, sua mãe havia morrido em casa. Sim, seus pais morreram no mesmo quarto. Sim, eles morreram com dez meses e alguns dias de intervalo.

E apesar da impressão que ambos tivemos na hora da sessão de que Suzane havia se saído mal, quando a pontuação foi concluída, os dados mostraram que ela havia de fato obtido uma porcentagem notavelmente alta de fatos precisos.

Provavelmente fomos enganados pelas muitas falhas na transmissão de opiniões - apenas 30% das declarações de opinião estavam corretas.

Mas, no geral, a experiência ilustra como a seletividade única de nossas memórias às vezes pode complicar e até confundir esta pesquisa. Isso mostra por que era tão importante que os assistentes de pesquisa examinassem cuidadosamente as transcrições de um determinado experimento, item por item, palavra por palavra, que é o que fizemos após esse experimento e faríamos em todos os subsequentes.

Acreditamos que a memória seletiva também pode afetar os espectadores que observam as leituras na televisão. Se o espectador tiver um viés negativo - por exemplo, se for um grande cético ou descrente - ele ou ela pode *se lembrar seletivamente* do sucesso real. E certamente, como dissemos desde o início, é possível que os assistentes se lembrem demais, com base em um ou dois fatos que o atingiram profundamente.

A lembrança seletiva se aplica a todos nós — crentes, agnósticos e descrentes. É exatamente por isso que garantimos que os dados científicos que relatamos sejam baseados na pontuação cuidadosa das transcrições reais, não na memória seletiva de uma pessoa das sessões.

Empacotando

Estávamos no laboratório desde as 8 da manhã e filmando por sete horas. Embora não tivéssemos completado todas as sessões planejadas, estávamos completamente esgotados e francamente contentes com a desculpa para encerrar.

Ao final daquele longo sábado, eu havia testemunhado essas duas notáveis mulheres que corajosamente sentaram-se com os médiuns e permitiram que suas histórias pessoais fossem reveladas em condições de laboratório. Vez após vez, eles olhavam para mim com lágrimas nos olhos enquanto cada um dos médiuns compartilhava detalhes íntimos sobre suas famílias - de nomes, iniciais e fatos históricos a informações tão pessoais que literalmente arrepiavam os cabelos de seus braços e os meus.

Era como se cada médium contasse um determinado capítulo da história do modelo. Cada leitura subsequente revelou fatos que pareciam se entrelaçar com as informações trazidas das sessões anteriores.

Logo no início, Suzane Northrop começou a falar praticamente sem parar, lembrando-me, como já disse, de alguns taxistas de Nova York que falam tão rápido quanto dirigem. Apenas momentaneamente ela parou para fazer uma pergunta, um total de cinco perguntas durante mais de doze minutos de comunicação constante. O vídeo bruto mostra Suzane principalmente ignorando Pat sentada do outro lado da tela enquanto ela acenava com as mãos e falava aparentemente no ar. Enquanto isso acontecia, lá estava Pat, acenando com a cabeça sim, sim, sim, incrédula.

Depois, havia John Edward, exibindo extrema cautela para garantir que revelasse fatos precisos e particulares em uma voz muitas vezes seca e prática. Ele permaneceu tão frio quanto Suzane era quente. E novamente Pat estava continuamente balançando a cabeça ou dizendo sim.

Em seguida, George Anderson, uma pessoa aparentemente devota usando uma cruz e agradecendo aos espíritos pela oportunidade de falar com eles naquele dia. Sua discussão trouxe lágrimas aos olhos de todos - o modelo, a equipe de filmagem, até mesmo os meus - enquanto ele compartilhava informações que nem mesmo o marido de Pat sabia, tão precisas, mas tão dolorosas.

Anne Gehman, em sua linda voz suave, em meio a descrições de parentes e fotos afetuosas de família, permanecendo absolutamente digna e fornecendo alguns sucessos assustadoramente estranhos, como as luzes piscando e batendo nas paredes.

Ela foi seguida por nossa muito admirada Laurie Campbell, que estava tão nervosa sobre como seu desempenho se compararia com o dos outros médiuns. No entanto, ela conseguiu, com seu próprio estilo de amor e entusiasmo, apresentar algumas informações novas e totalmente inesperadas, como o amigo da Costa Leste que havia falecido recentemente.

No passado, os céticos insistiam que uma única sessão de adivinhação de um médium não poderia ser duplicada uma segunda vez com outro médium. Mas bem diante dos meus olhos, observei como os cinco médiuns continuamente replicavam informações-chave que se comparavam e complementavam as informações evocadas por seus predecessores. Pessoalmente, fiquei surpreso não tanto com a replicação de fatos específicos pelos médiuns, mas com a maneira como pequenos detalhes se desenrolaram progressivamente durante o dia, como preencher o retrato do suicídio de um filho e de um cachorrinho brincalhão.

O fim do dia

Durante todo o dia, o marido da babá Pat, Mike, permaneceu na sala de nosso laboratório. Para lhe dar algo para fazer, perguntei-lhe pela manhã se ele estaria interessado em ler os primeiros rascunhos dos capítulos do livro em que Linda e eu estávamos trabalhando na época, *The Living Energy Universe*. Para minha surpresa, ele disse que sim. Ele ficou sentado ali o dia todo - um homem que não apenas dirigia motocicletas Harley Davidson, mas também as reconstruía, sentado pacificamente no fundo das idas e vindas dos pesquisadores, médiuns e equipe de filmagem, lendo silenciosamente o rascunho de um livro que propunha que tudo no universo era eterno e vivo, e lembra. Ao vê-lo ler um capítulo intitulado “O crente relutante”, que começava com a pergunta se o pai de Linda ainda está vivo, tive a impressão de que ele estava pensando em sua própria família.

No dia seguinte à conclusão do experimento, enquanto Patricia e Mike se preparavam para deixar Tucson, ele parou na universidade para me dizer, para minha grande surpresa, que estava deixando o laboratório acreditando. Perguntei se ele poderia escrever para mim a história do que levou à dramática transformação de seus sentimentos e crenças, o que ele concordou em fazer.

Eu não poderia saber na época que o próprio Mike figuraria na história de nossa pesquisa, de uma forma comovente.

Enquanto isso, ainda havia trabalho a fazer. Cerca de uma hora depois das leituras, todos reunidos na sala do laboratório e, com as câmeras rodando novamente, eu estava ao lado de um monitor de computador, pronto para criar um gráfico que representasse graficamente uma avaliação preliminar do sucesso das leituras. .

Pat inicialmente listou seis pessoas que ela achava que poderiam aparecer e relatou que todas as seis apareceram com pelo menos um médium. Impressionantemente, três deles foram observados independentemente por todos os cinco médiuns.

Todos os cinco também relataram informações de forma independente sobre um filho falecido. É como jogar uma moeda e obter cinco caras seguidas. Nenhum relatou ter recebido qualquer informação sobre uma filha falecida. Mais uma vez, correto: não houve filha falecida - três filhas, mas todas vivas. Então, novamente, o equivalente a obter mais cinco caras.

A probabilidade de obter apenas esta única sequência de 10 acertos (cinco médiuns relatando um filho morto e nenhum deles relatando uma filha morta) é de aproximadamente uma em mil por acaso. Isso é calculado multiplicando 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 vezes 2 - onde 2 se refere a cara ou coroa e é multiplicado 10 vezes, representando as 10 jogadas; o resultado da multiplicação é 1.024.

(Para demonstrar que esse resultado não pode ser alcançado por adivinhação, mais tarde pedimos a sessenta e oito indivíduos de controle que adivinhassem se Pat tinha um filho falecido. Os resultados foram quase exatamente os previstos pela lei das médias: aproximadamente 50% adivinharam que ela tinha e 50 por cento achavam que não. Quando eles foram solicitados a adivinhar “Pat tem uma filha falecida?”, os resultados foram essencialmente os mesmos, quase 50/50.)

Mas este é apenas o começo. Agora acrescento que três dos médiuns mencionaram a inicial “M” do nome do filho de Pat. Nenhum relatou qualquer outra inicial.

Se estimarmos conservadoramente que pelo menos dezesseis iniciais possíveis podem refletir nomes comuns de homens, a probabilidade de três médiuns obterem a mesma inicial correta é 16 vezes 16 vezes 16 ($= 4.096$), o que é menos de um em quatro mil ao acaso.

Agora, como estimamos a probabilidade condicional ou combinada de apenas esses dois conjuntos de descobertas?

A probabilidade de todos os cinco médiuns obterem um filho falecido e nenhum cometer o erro de adivinhar uma filha falecida, combinada com a probabilidade de três médiuns obterem a mesma inicial, M (que estava correta), e nenhum obter uma inicial errada (um em quatro mil por acaso) seria estimado em 1.024 vezes 4.096: pouco mais de quatro milhões - ou seja, menos de um em quatro milhões por acaso.

Em relação ao filho, três dos médiuns viram muito sangue, um disse que ele “saiu com um estrondo” e outro disse que deu um tiro em si mesmo. O filho de Pat se matou com uma arma. Nenhum dos médiuns disse leucemia, overdose de drogas, acidente de carro ou outra causa.

A taxa de nosso grupo de controle de adivinhar corretamente a causa da morte foi inferior a 10%. Se formos pelos dados que coletamos, a probabilidade combinada seria agora 1.024 vezes 4.096 vezes 3 vezes 10: 125.829.120.

Isso é menos de um em 125 milhões.

Estas são as estimativas iniciais de probabilidade, apenas para o filho falecido de Pat.

Observe que fomos capazes de calcular essas probabilidades porque nosso experimento envolveu vários meios — importante porque as informações obtidas por dois ou mais meios fornecem replicação, o que significa que são obtidas de mais de uma fonte ou de mais de uma maneira. E somente quando os dados puderem ser replicados, cientistas sérios (e céticos) começarão a levar o experimento a sério.

Informações inesperadas detalhadas, obtidas imediatamente após as leituras, foram ainda mais interessantes. Além das seis pessoas na lista de Pat, nove outros indivíduos falecidos que não estavam na lista também foram identificados por Pat nas leituras.

Meu exemplo favorito foi o cachorrinho falecido conhecido pela família de Pat como PeeWee. Quatro dos cinco médiuns relataram independentemente ter visto um cachorro que era amado pelo filho falecido de Pat, e todos os quatro viram o cachorro como pequeno. Quando a cor foi relatada espontaneamente, foi percebida como preto e castanho, ou pelo menos escuro. Um médium descreveu o cabelo como curto.

PeeWee era uma mistura de chihuahua pequena, preta e castanha, de pelo curto. Ninguém disse um dálmata malhado, ou um vira-lata de cabelos compridos azul merle de tamanho médio, ou um grande poodle preto. Em apenas uma única instância, o cão foi descrito incorretamente como tendo “cabelo de arame”.

Como calculamos a obtenção dessa combinação de informações — cachorro, pequeno, preto e castanho, de pelo curto? Um em cada dez seria bastante conservador.

Agora combine o cachorro falecido com o filho falecido - para dois dos médiuns, o filho e o cachorro vieram juntos.

Pegamos 1.024 vezes 4.096 vezes 3 vezes 10 e multiplicamos por 10. A probabilidade combinada é menor que uma em dois bilhões e meio.

Prova de sobrevivência da consciência? Claro que não.

Evidências de que *algo* estava acontecendo? Os números de probabilidade eram convincentes.

Dadas essas observações iniciais, os dados brutos mereciam ser examinados com mais atenção. Isso foi fácil em princípio, mas difícil na prática.

Teríamos que ter todo o conjunto de fitas brutas transcritas. Em seguida, cada item individual teria de ser identificado, categorizado e inserido em um banco de dados. Finalmente, os assistentes enfrentariam a tarefa de pontuar cada item.

Enquanto isso, era como sair de um exame crucial na faculdade, pensando que tinha se saído bem, mas sabendo que teria de viver com a incerteza até que os resultados fossem publicados. Pelo que vi e ouvi, estava convencido de que o experimento seria um sucesso retumbante, mas esse sentimento era baseado em impressões inteiramente subjetivas. E talvez representasse mais o que eu queria do que o que realmente aconteceu. A incerteza era como uma

dor de cabeça latejante que não passa.

Mas eu teria que conviver com aquela dor de cabeça por um bom tempo. No final das contas, a pontuação não aconteceria por meses, não até o final do verão seguinte.

•INTERLUDE*

Um Caso de Precognição?

Na manhã de domingo após o experimento da HBO, deveríamos pegar Laurie e Anne no hotel e encontramos Suzane Northrop e John Edward. Quando eles estavam saindo, John comentou: "Enquanto eu estava na loja de presentes mais cedo,! avistei um item que pensei simbolizar a experiência da HBO "Malíciamente, ele sugeriu que gostaríamos de procurá-lo... sem nos dizer o que "isso" era. A única pista que ele deu foi que, quando o víssemos, "saberíamos psiquicamente".

Linda e eu fomos direto para a loja de presentes. No lado direito de um balcão perto da porta estava um cachorro fofinho de pelúcia parecido com um chihuahua. Apesar da sugestão de John de que saberíamos apenas "psiquicamente", nenhum talento psíquico era necessário para ver a conexão. A loja tinha dois, e compramos os dois.

Assim que chegamos ao laboratório, Pat ligou para perguntar se ela e Mike poderiam dar uma passada para se despedir. Embrulhamos um dos brinquedos para presentear ela.

Quando ela abriu o pacote e percebeu seu conteúdo, Pat exclamou: "Agora eu entendo!" Anne havia dito na leitura que Pat receberia um bichinho de pelúcia de presente com um significado pessoal.

Anne Cehman tinha visto o futuro e previsto esse presente?

Mais tarde naquela tarde, quando deixamos Laurie e Anne no aeroporto, pela segunda vez naquele dia encontramos John Edward e Suzane Northrop.

Comecei a compartilhar os detalhes da declaração profética de Anne em sua leitura com Pat no dia anterior, seguido pela visita casual de Pat ao laboratório naquela manhã, e lembrei a John que tudo havia sido desencadeado por seu pedido de que Linda e eu fôssemos à loja. e "psiquicamente" descobrir o que acabou por ser PeeWee II.

"Olhe para isso", disse John enquanto estendia o braço para mostrar que todos os pelos de seu braço estavam eriçados. "Isso é muito estranho", disse ele.

Sua reação me assustou e me fez sorrir. Até os médiuns, descobri, podem se surpreender com o que eles próprios e outros médiuns são capazes de fazer.

Resultados da HBO

C

Vários meses se passaram enquanto eu estava ocupado ensinando,

fazendo outras pesquisas, escrevendo artigos de jornal e realizando todas as tarefas da vida diária. Por fim, tivemos tempo de pegar as duzentas páginas de transcrições estenográficas das fitas de vídeo do tiroteio da HBO e corrigi-las. Pat Price voltou no verão de 1999 para enfrentar o trabalho demorado, trabalhoso e detalhado.

Classificamos cada item em uma das seis categorias: Iniciais, Nomes, Fatos históricos, Descrições pessoais, Temperamentos e Opiniões, que também serviam como uma cesta abrangente para qualquer coisa que não se encaixasse em outra categoria.

As categorias eram simples. Se um médium dissesse: “Estou vendo um filho morto”, isso seria classificado como um fato histórico: um filho havia morrido. “Estou ouvindo a letra 'M'” ou “Ele está me dizendo que seu nome é Michael” obviamente pertencia a Iniciais ou Nomes. “Vejo um homem magro” foi a descrição pessoal. “Ele parece ser tímido” era Temperamento.

Vale a pena notar que a maioria das categorias — Iniciais, Nomes, Fatos Históricos, Descrições Pessoais e Temperamentos — pode ser confirmada pelos parentes e amigos vivos do assistente.

No entanto, se o médium dissesse: “Seu filho quer que eu lhe diga que ele não o culpa pela morte dele”, isso cairia na categoria Opinião/Outro. Embora esse tipo de informação seja frequentemente o mais significativo para um assistente, é o menos convincente do ponto de vista científico.

Para cada item, o assistente foi solicitado a atribuir uma classificação em uma escala de acerto ou erro, na faixa de -3 a +3, com os números negativos representando uma falha completa (-3), uma falha provável (-2), ou um possível erro (-1), e os números positivos que representam um possível acerto (+1) para um acerto definitivo (+3). Se a babá não soubesse, ela era instruída a não atribuir nenhuma classificação. Juntamente com a avaliação de cada declaração, a babá foi solicitada a justificar sua resposta e nos dizer se informações que não fossem Opinião não pudessem ser verificadas por outra pessoa viva.

Nós continuamente lembramos aos assistentes que sempre que eles estivessem incertos sobre a classificação apropriada, eles deveriam atribuir o valor mais conservador para não melhorar involuntariamente os resultados.

A pontuação, infelizmente, levou em média um minuto por item. Pat Price teve que marcar mais de seiscentos itens, o que levou cerca de dez horas.

Embora a impressão de todos no momento do experimento fosse de alta precisão, previmos que o processo detalhado de pontuação e a passagem do tempo levariam a pontuações severamente reduzidas.

Nossas previsões estavam erradas.

Resultados para Patricia Price

Em todas as categorias, os resultados para Pat mostraram que as médias variaram de 77% a 95% de precisão. A média deles para +3 acertos - isto é, uma declaração avaliada pelo assistente como completamente precisa - foi de extraordinários 83%.

Nosso primeiro pensamento como cientistas foi “talvez qualquer um possa adivinhar assim”. Mais tarde, combinamos de testar isso com um grupo de controle de alunos, dando a sessenta e oito alunos da Universidade do Arizona o

desafio para ver se eles poderiam adivinhar tão bem quanto os médiuns.

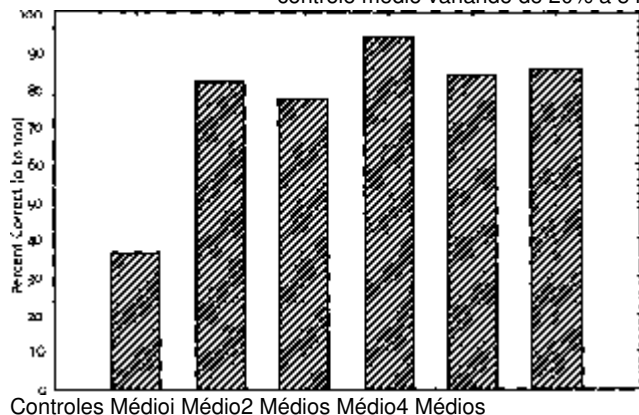
Os alunos viram uma foto de Patricia Price (uma informação extra, já que os médiuns haviam feito suas leituras filtradas dos assistentes), e eles foram informados de que ela havia perdido pelo menos seis parentes próximos ou amigos em um período de dez anos. . Em seguida, demos a eles uma lista de perguntas sim/não, incluindo estas: O marido dela está morto? O filho dela está morto? A filha dela está morta? O gato dela está morto?

Em seguida, fizemos um conjunto de perguntas específicas, incluindo estas: Quem gostava de dançar? Quem criou rosas? Quem era uma “pistola”? Quem não conheceu o marido antes do casamento? Qual foi a causa da morte do filho da babá?

Esse grupo de controle obteve acertos variando de 20% a 54%, com uma média geral de 36% — muito abaixo até mesmo do menos preciso dos médiuns (Tabela 8-1).

Gráfico 8-1. Comparação do Desempenho de Adivinhação do Grupo de Controle com Resultados de Médiuns Individuais

Comparação de desempenho de adivinhação de controles (n = 68) com cada desempenho de controle médio variando de 20% a 54%



Quando os 83 por cento para os médiuns foram comparados com os 36 por cento para o grupo de controle de estudantes, a probabilidade estatística

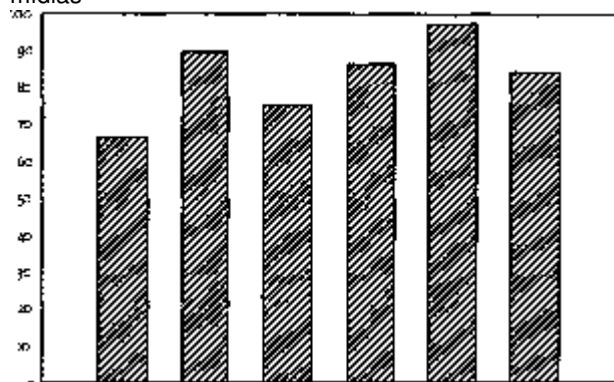
dessa diferença ocorrer apenas por acaso foi inferior a uma em dez milhões.

Também examinamos os resultados das seis categorias separadamente, combinando os cinco meios (Tabela 8-2).

A precisão dos nomes foi superior a 65% para os cinco médiuns combinados. Notável.

E sei por experiência que quando algo parece bom demais para ser verdade, geralmente é. Por isso, ficamos imediatamente céticos em relação aos resultados. Pat estava errada em suas avaliações? Ela esteve secretamente em contato com os médiuns? Os médiuns obtiveram fatos sobre ela com antecedência, tornando a sessão uma charada bem ensaiada? Se ela perguntasse a seus amigos, vizinhos e familiares se algum estranho estava tentando conversar com eles sobre ela, ela descobriria que as pessoas estavam bisbilhotando seu passado? Alguns dos que marcamos como acertos foram realmente baseados no modelo do assistente?

Gráfico 8-2. Porcentagem média de +3 acessos por categoria para todas as cinco mídias



Nomes Descrições Temperamento

Iniciais Fatos Históricos Opiniões

respostas anteriores? Os médiuns de alguma forma passaram informações uns para os outros entre as leituras? Os médiuns se envolveram em leitura fria ou alguma outra forma de truque mágico?

Tínhamos muitas perguntas em mente e nos perguntávamos o que encontraríamos quando nossa outra babá estivesse disponível.

Resultados para Ronnie Nathanson

Ronnie, que ficou disponível algumas semanas depois para obter os dados de sua sessão abortada, estava convencido de que George Anderson tinha se saído muito bem. Ela estava certa de que Suzane Northrup tinha se saído muito mal.

Havia mais de duzentos itens específicos para Ronnie avaliar. E suas

suposições se mostraram corretas... mas apenas em parte.

George acertou 90%, o que é impressionante. Suzane obteve apenas 64%.

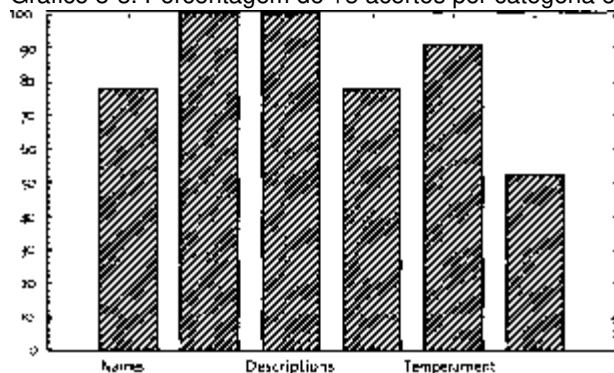
Talvez em comparação, 64 por cento soe como uma pontuação ruim. No entanto, estava bem acima da taxa média de adivinhação de 36% alcançada pelos indivíduos de controle. Olhando objetivamente, deve ser classificado como um desempenho muito impressionante.

Quando os dados para os dois meios foram combinados e as pontuações de precisão +3 foram plotadas separadamente para as seis categorias (Tabela 8-3), um fato surpreendente surgiu. Em duas categorias — iniciais e descrições pessoais — os médiuns foram 100% precisos. Até mesmo Suzane, que Ronnie tinha certeza de que não tinha se saído bem, alcançou resultados perfeitos nessas duas categorias, pela própria pontuação de Ronnie nos dados.

um repensar

E ainda ... Siegfried e Roy, os mágicos de Las Vegas, fazem tigres aparecerem aparentemente do nada; o mágico David Copperfield, na televisão, fez aviões a jato jumbo e até a Estátua da Liberdade parecerem desaparecer. Nossas mentes racionais nos dizem que essas

Gráfico 8-3. Porcentagem de +3 acertos por categoria em média em duas mídias



Iniciais Fatos Históricos Opiniões

as coisas não aconteceram de verdade, mas estamos convencidos de que as vimos com nossos próprios olhos.

Nós adoramos ter mágicos profissionais nos enganando. Eles dominaram os truques para enganar nossos sentidos - truques desenvolvidos ao longo de muitos e muitos anos.

Como eu poderia realmente ter certeza de que não estava sendo enganado por esses médiuns de maneira semelhante?

Parecia altamente improvável. Certamente um dos assistentes teria ouvido falar de estranhos perguntando a vizinhos ou colegas de trabalho sobre eles e nos contado. Por outro lado, algumas pessoas estão desesperadas para

acreditar e podem suprimir informações que possam colocar em dúvida o trabalho dos médiuns.

Quantas outras técnicas de ilusão ou desorientação os médiuns poderiam ter usado que ninguém além de um profissional em seu campo poderia começar a reconhecer?

Outros cientistas exigiriam provas incontestáveis antes mesmo de começar a aceitar o que pensávamos ter testemunhado. Como cientista, eu tinha uma certeza incômoda de que ainda não poderia responder a todos os desafios que poderiam ser lançados contra mim.

Havia maneiras de tornar o procedimento experimental ainda mais à prova de fraude? Deve haver. Teríamos que descobrir como e planejar experimentos muito mais rigorosos.

No entanto, por enquanto, mal pude deixar de me sentir feliz. Nesse território tão desconhecido para nós, havíamos planejado e realizado um experimento significativo com salvaguardas bastante elaboradas. Os resultados foram decididamente impressionantes, certamente suficientes para nos dar confiança e muita vontade de continuar.

E se tudo corresse bem, Linda e eu conheceríamos com o tempo a emoção de ter a experiência do experimento vista e compartilhada por milhões de telespectadores na HBO. A essa altura, eu esperava, já teríamos concebido e realizado mais um ou dois esforços nesse campo revelador.

•PARTE III*

O Silencioso Miraval Sitter

Experimental

Em busca de um novo design

Para fazer uma pesquisa bem-sucedida em uma área fora da ciência convencional, é preciso estar pronto para outros cientistas e céticos fervorosos lançarem farpas no trabalho e nas pessoas envolvidas, portanto, uma pele dura é um dos primeiros requisitos.

Outra qualificação, acredito, é que é preciso coragem para se afastar constantemente da pesquisa e perguntar: “O que os que duvidam encontrarão neste experimento que lhes permita negar os resultados e rotular o trabalho como inválido porque os procedimentos e os controles não eram suficientemente rígidos?”

Após o experimento da HBO, Linda e eu nem esperamos que os céticos atacassem. Começamos a conceber um novo experimento.

Como observamos, é uma manobra padrão do médium de esquina fazer uma série de afirmações que não passam de punhaladas no escuro e ver a qual delas você responde. “Vejo uma mulher de uniforme cujo nome parece começar com B ou M; ela está ajudando um homem mais velho com cabelos grisalhos e um belo sorriso que pode estar tendo problemas para andar.” Pode ser sua tia-avó Beatrice, que foi voluntária no hospital, ou a vovó Maude, que estava no WAVES na Segunda Guerra Mundial, ou um tio mais velho que quebrou o quadril e passou um tempo em uma casa de repouso, ou. . .

Então você sorri, ou acena com a cabeça, ou diz sim, sim, em algum lugar ao longo da linha. O médium, que estava esperando por qualquer tipo de sinal de reconhecimento, imediatamente pega aquele palpite de sorte e começa a correr pela linha para onde quer que ela possa levar.

Você entendeu a ideia.

Uma leitura atenta de nossas transcrições da HBO mostrou lugares onde era possível suspeitar que um médium ou outro poderia estar tentando usar um truque como esse. Certamente qualquer cético olhando as transcrições pode usar tal afirmação como um ponto de ataque.

Além do mais, havia a possibilidade de que os médiuns tivessem conseguido captar pistas não-verbais das respostas do assistente. Os estados emocionais de ambos os assistentes fizeram com que seu tom de voz se alterasse em vários momentos durante as leituras. Pode ser que uma pessoa altamente qualificada seja capaz de usar os sinais sutis (e às vezes não tão sutis) da respiração de um assistente, padrões de voz e sabe-se lá quais outros indicadores para formular suposições de alta probabilidade: os tipos de dicas que os psíquicos mágicos usam na leitura fria.

Enquanto pensávamos em um novo projeto, os médiuns também começaram a nos pressionar para outro experimento - e eles o queriam logo. John Edward e Suzane Northrop, em particular, estavam preocupados que o público pudesse pensar que o experimento da HBO tinha sido apenas um golpe publicitário. Eles se apoiaram fortemente em nós para projetar um segundo experimento - e coletar os dados no início de junho, bem antes da exibição programada para outubro do documentário da HBO. Eles queriam que todos, especialmente a imprensa, soubessem que todas as pessoas envolvidas estavam profundamente preocupadas com a qualidade da pesquisa. Ainda mais, eles queriam que a pesquisa descartasse de forma convincente a fraude e o engano como uma possível explicação para as descobertas.

Laurie Campbell aceitou o papel de coordenar nosso trabalho com os

médiuns e concordou em servir como presidente do grupo de médiuns, que agora chamávamos de Comitê de Pesquisa Mediúnica.

Enquanto isso, Linda e eu, estimulados pela abertura e comprometimento dos médiuns, concordamos em planejar um experimento mais sofisticado. Algumas semanas após a filmagem da HBO, realizamos uma reunião auspiciosa em nossa casa. Incluídos estavam membros de outro grupo que havíamos organizado, que chamávamos — com um pouco de ironia — de comitê de Amigos dos Advogados do Diabo. Era uma augusta assembléia de céticos e duvidosos da Universidade do Arizona que, no entanto, estavam dispostos a trabalhar conosco. (Mas havia um problema: para proteger suas próprias reputações, essas pessoas insistiam em permanecer anônimas.)

Linda teve uma ideia inteligente. Se esses médiuns estivessem realmente captando informações do mundo espiritual, então, teoricamente, eles deveriam ser capazes de obter informações precisas, mesmo que não tivessem nenhuma comunicação verbal com o assistente.

Essa linha de pensamento levou ao próximo experimento, que organizamos para junho de 1999. Para mim, o projeto foi uma melhoria brilhante. Desta vez haveria dez assistentes, não apenas dois. O médium nunca saberia qual dos dez era o assunto da sessão em particular. E durante um período inicial, o assistente permaneceria *totalmente em silêncio*, para que o médium não obtivesse pistas sobre sexo, idade ou personalidade ao ouvir a voz ou quaisquer respostas.

Eu passaria a chamar o teste de babá silenciosa de Linda de Protocolo Russek, em homenagem a seu falecido pai. Tornou-se a pedra angular deste experimento e do próximo também. Não tínhamos ideia se os médiuns poderiam funcionar dessa maneira, nem eles. No entanto, depois de muita discussão para superar sua relutância inicial, todos os médiuns concordaram em dar o melhor de si. (Achei que isso por si só era evidência de sua confiança em suas próprias habilidades.)

Como um compromisso destinado a dar aos médiuns uma sensação de segurança de que não falhariam completamente, concordamos que cada leitura consistiria em duas partes: o período de silêncio, durante o qual os médiuns tentariam uma leitura sem respostas do assistente. , e depois um período durante o qual seriam permitidas respostas sim/não padrão.

Isso também é uma boa ciência: você repete um procedimento que funcionou no passado (replicar) e adiciona um novo aspecto que deseja explorar (estender). Esta é uma parte regular de “fazer ciência”, e seguimos o conceito de “replicar e estender, replicar e estender” regularmente em nosso próprio laboratório, como um de nossos mantras de pesquisa.

Além disso, os assistentes seriam cuidadosamente selecionados para

variou em idade, sexo, história de entes queridos falecidos, profissões e crença na possibilidade de sobrevivência. Eles também seriam selecionados de diferentes áreas geográficas; no final, o grupo incluía pessoas de Nova York, Flórida, Minnesota, Arizona e Havai.

Como outro fator que complicava deliberadamente o desafio para os médiuns, variamos se os assistentes eram ou não previamente conhecidos pelos experimentadores, chegando ao ponto de incluir um assistente relacionado a um experimentador.

Nós raciocinamos que, usando dez assistentes, seria impossível qualquer conhecimento prévio de um assistente em particular para ajudar os médiuns durante os períodos de silêncio. Como eles não sabiam quem estava sentado atrás deles em um determinado momento, o conhecimento prévio dos assistentes de alguma forma obtido por meio de detetives, por pesquisas na web ou por outros médiuns seria praticamente inútil.

Preparações

Quatro de nossos cinco médiuns originais conseguiram conciliar suas agendas lotadas para retornar a Tucson para este novo experimento. Apenas George Anderson não conseguiu estar conosco.

Desta vez, não um, mas dois resorts nacionalmente famosos na área de Tucson generosamente apoiaram o projeto, com o Canyon Ranch fornecendo alojamento e alimentação para os médiuns e o Miraval Resort fornecendo edifícios para a realização das sessões, com quatro salas separadas para as leituras mais uma quinta. sala onde os assistentes seriam sequestrados.

Não foi nenhuma grande surpresa que fomos contatados por muitas pessoas que tinham ouvido falar do esforço e clamavam para participar como assistentes. Decidimos dar a oportunidade a pessoas que já conhecíamos - alguns colegas, alguns amigos, um parente e alguns alunos. A maioria dos assistentes pediu para permanecer anônima por preocupação de que suas reputações pudessem ser prejudicadas por participar

neste tipo de pesquisa. Seus pedidos pareciam razoáveis e concordamos em honrá-los.

Linda e eu rimos da ideia de nos inserirmos na lista de assistentes. Imaginamos entrar na sala de um médium, supostamente escoltando o próximo assistente, e depois nos acomodarmos na cadeira do assistente, sem sermos vistos, quando o médium iniciasse o período de leitura silenciosa.

Mas é claro que, assim que o período sim/não começasse, o médium reconheceria imediatamente a voz de Linda ou a minha. O resto da sessão seria inválido para fins científicos porque todos os médiuns sabiam muitas

informações pessoais sobre nós. Muito tentador, mas uma má ideia. Ainda assim, parecia um pouco como preparar um grande banquete e não provar a comida. Ou projetar a maior montanha-russa do mundo e nunca conseguir andar nela.

Notícias chocantes

Era uma manhã de sábado no início de junho de 1999, e eu estava na Universidade do Novo México, em Albuquerque, para apresentar as descobertas preliminares do estudo da HBO nas reuniões anuais da Society for Scientific Exploration. O experimento Miraval estava programado para ser conduzido na semana seguinte.

Quando liguei para Linda, ela tinha uma notícia chocante. “Lamento ter que lhe dizer isso,” ela disse. “Michael está morto.”

Michael — o marido de Pat Price, o apaixonado por motocicletas que preferia camisetas da Harley-Davidson — morrera ao volante de sua caminhonete, vítima de um ataque cardíaco seguido de colisão com uma árvore. Eu me lembraria de Michael com carinho e me arrependeria de perdê-lo em minha vida. Apesar de nosso contato muito curto, senti que ele havia me tornado uma pessoa melhor e mais receptiva, e ficaria eternamente grato por tê-lo conhecido.

Linda e eu esperávamos uma visita de Michael em apenas alguns dias, e depois disso Linda e eu deveríamos fazer uma visita de retorno a ele e sua esposa. Ele queria compartilhar comigo como suas crenças mudaram dramaticamente desde o experimento da HBO. Agora ele estava morto.

Pat e sua família estavam indo tão bem quanto era de se esperar logo após o acidente, Linda me assegurou. Ela então fez uma pergunta que me surpreendeu momentaneamente. “Gary, você acha que devemos convidar Pat para ser um assistente no experimento Miraval?”

No meio do luto de Pat, a sugestão de Linda pode parecer impiedosa... ou inspirada. Ela estava absolutamente convencida de que Pat ficaria aliviado com a experiência e aceitaria o convite como uma oportunidade especial — um presente melhor do que flores.

Egoisticamente, nós dois percebemos que se Pat, a nova viúva, concordasse em ser babá novamente, este seria um conjunto de leituras diferente de qualquer outro na história da pesquisa sobre sobrevivência. Esperávamos que os médiuns descobrissem quem era Pat durante os períodos de sim/não, mas durante o período inicial de silêncio, isso proporcionaria a oportunidade de determinar se eles poderiam obter novas informações sobre a perda de Pat. Nesse caso, ofereceria replicação valiosa.

Linda estava certa: Pat aceitou rapidamente. Todos nós concordamos em

não contar a ninguém que Pat seria uma babá. Nem diríamos a eles que Michael havia morrido.

Configurando

Os participantes do nosso experimento chegaram em uma sexta-feira ensolarada e quente, uma semana depois. Linda e eu, com dois de nossos funcionários, seríamos os experimentadores - cada um trabalhando com um determinado assistente, guiando-o de médium para médium. A qualquer momento, quatro leituras estariam ocorrendo.

Conseguimos reunir cinco câmeras de vídeo, incluindo duas de amigos e uma nova câmera digital Sony recebida de presente de um benfeitor anônimo pouco antes de iniciarmos o experimento. Como backup, um gravador de áudio também capturaria cada sessão.

A decisão de incluir gravadores de áudio de backup acabou sendo fortuita. Por alguma razão insondável, acabamos tendo dificuldade com quatro das câmeras de vídeo e conseguimos registrar apenas algumas das leituras usando a nova unidade digital. Os gravadores de áudio salvaram o dia, capturando com sucesso cada uma das leituras.

Os médiuns não ficaram particularmente surpresos. Problemas com equipamentos de gravação, afirmam eles, não são incomuns quando alguém “se conecta com o reino do mundo espiritual”. Na ausência de uma explicação convencional plausível, não podemos descartar a hipótese, especialmente porque todas as quatro câmeras com defeito funcionaram bem quando devolvidas aos seus respectivos proprietários. Linda e eu ainda coçamos a cabeça por causa disso.

Mas eu ficaria satisfeito quando a gravação em vídeo de experimentos posteriores funcionasse sem falhas, já que a falha coincidente de quatro câmeras separadas no Miraval nos deixou abertos a acusações de tentar ocultar nossos procedimentos.

A Babá Desconhecida: Período Silencioso

Uma das assistentes do Miraval tinha uma conexão especial com esses experimentos, e nós tínhamos um motivo especial para incluí-la. A sessão mais reveladora com essa pessoa foi a leitura com nosso conhecido médium de televisão, John Edward. (Partes desta leitura serão familiares do Prefácio.)

A primeira coisa que me é mostrada é uma figura masculina que eu diria estar acima, isso seria para mim algum tipo de imagem paterna, quero falar do número sete, símbolo do mês de julho ou o sétimo de algum tipo de mês.

No início de nosso trabalho experimental, esse tipo de declaração me deixou desconfortável. “Julho ou sete de um mês” - o ou/ou dobra a

probabilidade de que o assistente encontre algo com o que ressoar.

Mas nossos métodos de pontuação agora levam isso em consideração. Se julho estivesse certo e o sétimo errado, o médium seria creditado com um acerto e um erro. Portanto, várias suposições podem significar apenas uma chance muito maior de uma pontuação baixa.

Também quero falar sobre outra figura paterna. Dois pais, poderiam ser como pai e sogro a serem reconhecidos. Uma dessas pessoas deve ter tido problemas na válvula do coração ou em algo que bombeava para dentro e para fora, e há algum tipo de conexão fora da família, onde eles tinham câncer de fígado ou pâncreas. . . filtrado mal ou não filtrado corretamente.... Mostrando-me o mês de maio.

E quando me mostram as datas, é para reconhecer um falecimento, uma comemoração, algum tipo de acontecimento que vem. . . . Eles estão me dizendo para falar sobre o Big H — hum, a conexão H. Para mim, isso é um H com um som de N. Então, o que eles estão falando sobre Henna, Henry, mas há uma conexão HN. Algum tipo de conexão fora do estado, mas sinto que estou em todo lugar.

Uma lista rápida de fatos específicos aqui. Por outro lado, foram mencionados dois meses diferentes. Mais uma vez, isso soou como se pudesse ser apenas uma suposição.

Mas sete realmente figuraram na vida desta família. A filha mais velha nasceu em julho, sétimo mês; o número do condomínio da casa da babá era 708; o número da suíte do escritório de seu marido era 7; e assim por diante. De fato, a família no passado falava do sete como o “número da família”.

O “Big H” era Henry, conhecido por seus colegas profissionais como o “gigante gentil”. Ele havia morrido no mês de maio, e o nome de sua mãe era Henrietta.

E quanto a outros itens mencionados por John - figura paterna, fora da família, morreu de câncer pancreático? De acordo com a babá, este poderia muito bem ser o estimado colega e amigo de seu marido, que morreria de câncer pancreático cerca de dois anos depois de Henry.

E a possível celebração e uma conexão fora do estado? Aqueles deveriam ser explicados em breve.

Considerando tudo, a precisão de John já estava bem acima de 70 por cento. Ele passou a falar sobre "... simbolismo muito forte de ensino e livros" e "pode ter algo publicado". Um médico e educador conhecido, Henry publicou duzentos artigos e editou sete livros - sucessos mais claros.

Passando para a parte sim/não da sessão, John continuou trazendo outros membros da família.

Mais uma vez, há uma figura paterna. Existe um pai biológico que já faleceu?

Sim.

Existe também um sogro que passou?

Sim.

Isso seria corrigido posteriormente. Não só os médiuns experientes cometem erros, mas os assistentes também cometem erros. Acontece que essa babá em particular cometeu vários erros importantes que confundiram John.

E eles estão me dizendo para falar sobre o diabetes - mas isso é feminino. E há uma conexão L em torno disso - é Elizabeth, Ellen, Eileen - muito L. . . Você entende?

No.

Está do lado da sua mãe ou conectado com a figura da mãe ou da sogra - é o mesmo lado com o outro com o nome B, seja Betty, Beth ou Bobby.

Alguns dias depois da leitura, a babá lembrou que um de seus parentes por parte de mãe era diabético e tinha nome com L. O nome B poderia ser o tio Benny da babá, irmão de sua mãe.

Ou eu estava me esforçando para fazer a declaração se encaixar em fatos remotos?

John então falou de uma gravata fora do estado e “Gêmeos ou o signo dos gêmeos; eles querem que eu fale sobre gêmeos de verdade. A filha da babá, que morava em Boston (“fora do estado”), se encaixava no restante da descrição de duas maneiras: ela nasceu sob o signo de Gêmeos e tem filhos gêmeos.

A leitura terminou aqui, tendo produzido muitos sucessos do tipo a que já estávamos acostumados. Mas a informação mais interessante veio *depois que* as leituras terminaram oficialmente. O assistente, ainda sem ser visto pelo médium, agora tinha permissão para perguntar ao médium sobre tópicos específicos, e John respondeu com algo que parecia inesperado.

.. . três propriedades, três questões imobiliárias onde duas são próximas e uma está em um lugar diferente; dois semelhantes, um diferente.

O item imobiliário não fazia absolutamente nenhum sentido para a babá na época. Mais tarde, assistindo ao vídeo da sessão, ela se lembrou de que ela e o marido já haviam possuído duas casas em Staten Island: uma era sua

residência e a outra usada como escritório por trinta anos. Esses dois, que John havia descrito como “próximos”, estavam a menos de um quilômetro um do outro. Anos depois, o casal mudou-se para uma nova residência em Boca Raton, Flórida.

Se você pudesse falar sobre a imagem do marido?

Eles estão me dizendo para trazer o Big S. Também aparece em torno de Henry ou H. Há um grande S

que surge - eles estão me fazendo sentir que é importante que eu reconheça isso.

A filha da babá e mãe dos gêmeos é a S: Shelley.

Eles me mostram coisas relacionadas a lah, quer haja alguém que trabalhe na área de saúde ou que esteja em algum tipo de função relacionada a laboratório, mas eles vêm de um histórico de laboratório.

Shelley realmente faz trabalhos relacionados a laboratórios na área da saúde. Com doutorado em biologia molecular e psicofarmacologia, ela dirige um laboratório de medicina na Universidade de Boston.

Agora, o conteúdo veio muito rápido.

...um pai morrendo na família de outra pessoa, na Costa Leste... alguém que tem suas gravatas e fez algo engraçado com elas, como emoldurar - mas sinto que preciso fazer uma piada sobre essa coisa de gravata.

Esta informação inicialmente não fazia sentido para o assistente, mas acabou sendo muito significativa após reflexão.

John então passou para a notável história detalhada no Prefácio sobre “algo engraçado acontecendo na praia” envolvendo sua mãe, que acabou sendo uma história de família sobre a relutância da bela mãe em permitir que suas pernas fossem vistas na praia, pensando que não eram atraentes o suficiente, quando na verdade eram perfeitamente normais.

Depois disso, John falou sobre ela ter algo ligado ao marido. Ela negou e John respondeu: “Só estou dizendo a você o que ele está me dizendo”. Na verdade, era uma questão de interpretação: ela estava *usando* um anel do marido, mas tinha a outra mão envolvendo o anel, então, de certa forma, ela o estava segurando.

A contradição de John com o assistente era consistente com sua hipótese de que ele se comunica com espíritos vivos que corrigirão não apenas ele, mas também o assistente.

E de repente, do nada, John tocou no assunto do chá que aparece antes mas acho que vale a pena repetir:

“E aproveite o chá. ”... Não tenho ideia do que isso significa, “aproveite o chá” - como se estivesse tomando chá, mas aproveite. Tipo “beber”... Não faço ideia do que seja, mas sinto que é uma espécie de humor interno: “Aproveite o chá. ”

Se John não estava realmente se comunicando com seu falecido marido, como ele saberia que ela nunca gostou de chá quando ele estava vivo, mas desde então desenvolveu um gosto por isso?

Além disso, os comentários sugeriam que o marido continuava a observar o que estava acontecendo em sua vida.

O que aconteceu a seguir sugeriu uma limitação do que um médium pode fazer. Ou talvez seja apenas uma limitação do que eles são capazes de alcançar com nosso atual estado de conhecimento.

Anteriormente, a babá havia perguntado duas vezes sobre uma descrição de seu marido, e John não respondeu. Mais uma vez ela pediu informações específicas e John se esquivou. A troca foi assim:

Ele não tem nenhuma mensagem para mim como sua esposa, tem?

Antes de deixar qualquer pessoa passar com qualquer tipo de mensagem, todo o meu foco no trabalho que faço é tentar trazer validação e fatos para mostrar a você que existe uma sobrevivência de sua energia e eles são parte de seu vida. Para mim, essa é a parte final da grande mensagem.

No que diz respeito a dar-lhe as mensagens amorosas floreadas e outros enfeites, isso não vai passar por mim. Então eu meio que forneço as informações e os agradecimentos de “aqui estão eles. ”

A maior mensagem deles vem de um ponto de amor e para que você saiba que há uma reunião de almas aqui, mas também ali. Essa é a minha grande mensagem.

A precisão total de John para esta leitura parecia ser de pelo menos 70 a 80 por cento. A quantidade de informação foi menor durante o período de silêncio, mas mesmo lá, ficou claramente acima de 70 por cento. Algumas das informações obtidas durante o período sim/não foram específicas e significativas. E não parecia ser um tiro no escuro: menos de 20 por cento do que John recebeu teria sido correto para mim, se eu fosse o assistente.

A babá desmascarada

Um cético pode argumentar que houve uma complicação séria com esta sessão. O assistente não só era conhecido do experimentador, mas também da

família.

A babá era a mãe de Linda.

Estávamos deliberadamente interessados em ver se a relação entre o assistente e o experimentador importava. Esta é uma questão científica importante e merece uma resposta científica.

Se o experimentador e o assistente não são parentes, então duas possíveis famílias de pessoas falecidas, ou informações sobre pessoas falecidas, estão potencialmente na mesma sala - a do assistente e a do experimentador. Os médiuns às vezes se confundem? Sim. Mas nossas descobertas até agora sugerem que a maioria das informações recebidas não depende de o assistente conhecer ou não o experimentador.

Para registro, nenhum dos médiuns sabia que estávamos incluindo a mãe de Linda, Elayne, como uma das dez assistentes no experimento. E John nunca conheceu a mãe de Linda antes de ela servir como babá.

Um ponto final sobre essa leitura única: John também havia falado de um “G”, que ele descreveu como “de outra família. . . cujo pai morreu na Costa Leste” e “alguém que tem seus laços e fez algo engraçado com eles”.

Essa pessoa não foi difícil de identificar. Ele também é geminiano, seu sobrenome também é “Big S” e também trabalha na área da saúde, em um laboratório. Ele até se sente inspirado a usar as gravatas de Henry em ocasiões especiais, como quando ele foi filmado para o documentário da HBO e para o documentário especial de Arts and Entertainment, *Beyond Death*.

O “G” sou eu: Gary Schwartz.

A leitura com a mãe de Linda foi particularmente especial para nós porque falou sobre o motivo pelo qual Linda e eu iniciamos esta pesquisa em primeiro lugar. Abordou o desejo de Linda, bem como o de sua mãe e família, de descobrir cientificamente se Henry ainda está aqui.

No entanto, do ponto de vista científico, as leituras do segundo assistente foram mais interessantes e importantes, como você verá. A babá era a autora de *Infinite Grace*, Diane Goldner. Ela também estava hospedada no Canyon Ranch, onde os médiuns ficavam, e ela os encontrou um dia antes do experimento em um painel sobre mediunidade que realizamos e atraiu uma audiência de cerca de cem pessoas. Os médiuns, porém, não sabiam que Diane seria uma babá.

Pouco antes da leitura de Diane, John teve uma imagem mental e escreveu informações sobre um homem que havia morrido em um incêndio, embora não tivesse ideia do que isso estava relacionado.

Sua sessão com Diane foi curiosa: John não conseguiu relatar

absolutamente nada. Ele ficou completamente em branco. Poderíamos esperar que conhecer Diane antes da leitura teria ajudado, mas não funcionou assim. Em uma escala de 0 a 100, John obteve um grande zero.

Se ele estava trapaceando, você pode esperar que ele tenha uma ótima leitura ou que deliberadamente pareça mediano. Mas por que ele faria disso um fracasso completo? Isso foi o estratagema de um grande ator, ou

John estava distraído ... talvez por um homem desconhecido que havia sido morto em um incêndio?

Um par em contraste

Dois dos outros assistentes naquele dia forneceram um contraste extremo. Um deles, estudante da Universidade do Arizona, era profundamente espiritual; o outro, médico, destacava-se sobretudo por seu irreverente senso de humor.

Como muitas outras, a história de Heather Rist, a estudante, reflete o desejo comovente de se conectar com os entes queridos que já faleceram, lembrando-nos que a realização de pesquisas nesta área não é apenas ciência, mas também toca os valores centrais que atribuímos ao ser humano. relacionamentos.

Heather me disse que na noite anterior ao experimento ela rezou para que seus entes queridos fossem contatados. Ela lembrou que, ao caminhar para sua primeira leitura, pediu um sinal: "Naquele momento, um pássaro pulou em uma grade, olhou para mim com curiosidade, deu alguns passos mais perto e olhou para mim com curiosidade novamente, inclinando a cabeça para o lado." Ela estava bem ciente de que provavelmente era apenas um pássaro fazendo sua coisa normal de pássaro, mas ainda assim ela não podia deixar de esperar que pudesse ser algo mais - o sinal que ela havia pedido.

O último médium com quem Heather se encontrou foi John Edward, e ela viu essa leitura como sua última chance de se conectar com seu irmão Travis, já que nenhum dos outros médiuns o identificou conclusivamente.

Como os outros médiuns naquele dia, John mencionou a bisavó de Heather e citou corretamente a causa de sua morte como câncer de mama. Ele também relatou a data de 24 de julho como sendo ligada a uma pessoa com nome C ou K, o que na época parecia um erro completo. Só mais tarde, quando Heather estava conversando com o namorado, ela percebeu que a data era o aniversário dele e que o sobrenome dele começava com C.

No entanto, sua principal esperança de ouvir sobre seu irmão ainda não havia sido realizada. Mas não demorou muito para John fornecer essas declarações sugestivas.

"Estou recebendo uma energia masculina jovem", ela se lembra de John

dizendo. “Ele diz que é a razão de você estar aqui. Ele diz que estava apenas sendo educado ao deixar os outros passarem primeiro, mas ele é o verdadeiro motivo de você estar aqui.

Heather lutou contra as lágrimas enquanto continuava com a leitura, tentando permanecer uma boa assistente de pesquisa e não revelar muito ao médium. Então John mencionou um pássaro amarelo e, naquele momento, um pássaro apareceu novamente, do lado de fora de uma janela visível para John e Heather.

“Você vê este pássaro? Isso significa alguma coisa para você? Ele diz que está fazendo isso.”

Para Heather, isso validou sua experiência com o pássaro antes do início do experimento.

Terminada a sessão, John perguntou como o irmão dela havia morrido. Heather disse que ele morreu durante o sono durante um incêndio.

“Ele quase caiu da cadeira e disse: ‘Putá merda’”, lembra ela.

John então pegou o bloco de papel no qual havia rabiscado as palavras “homem em chamas”, que a babá anterior dissera não ter nenhum significado para ela. A fita de vídeo documenta a grande surpresa de John. Para Heather, aquele foi um momento deslumbrante.

De acordo com Heather, os outros médiuns relataram com precisão os nomes e descrições de vários parentes. Muitas das declarações sobre sua bisavó - por exemplo, que ela tinha uma perna machucada - Heather verificou mais tarde com sua avó.

Durante uma das leituras, Suzane Northrop relatou que essa avó estava fluando entre os reinos espiritual e físico, preparando-se para passar para o “outro lado”. Esta mesma declaração também foi relatada por Laurie Campbell.

Em uma leitura posterior, Laurie relatou uma observação do irmão morto de Heather de que morrer durante o sono foi pacífico e que ele desejava que todos pudessem ir assim. Pouco tempo depois, Heather teve a chance de compartilhar o comentário com a avó e “teve uma sensação estranha e indescritível”. Contando-me o incidente, ela explicou: “Minha avó morreu uma semana depois daquela visita, durante o sono”.

A história de Heather apenas exemplifica o desejo humano de manter a memória de nossos entes queridos?

Os médiuns criaram a bisavó de Heather porque era um palpite fácil? (Quem não tem uma bisavó no além?) Ou foi o “chamado” de Heather para dizer à avó que sua mãe e seu neto estavam esperando por ela?

Como você pode ver, o paradigma silencioso revelou-se ao mesmo tempo desconcertante e bastante emocionante.

Com o médico, quase no início da leitura silenciosa, John disse:

Eu sou ... sendo exibido o filme Pretty in Pink.. .. Uma conexão rosa. Bastante intensa, esta informação. E tingindo o cabelo, tingindo o cabelo.

Alguns minutos depois, John voltou a ter essa ideia.

Eu só quero enfatizar fortemente o filme Pretty in Pink. É uma coisa muito predominante que está vindo para mim. Você tem alguma ligação com esse filme?

No.

Conexão muito predominante com o filme Pretty in Pink. Enorme. Para não ser jocoso, você está vestindo todo rosa?

Sim!

John começou a rir do ridículo disso. O assistente, apesar de sua proeminência no mundo médico, havia - como uma piada, ou talvez como um teste das habilidades do médium - compareceu à sessão vestido com calças cor-de-rosa e uma camiseta havaiana cor-de-rosa.

O contraste entre a sensibilidade e as lágrimas do aluno e a irreverência do médico serviu como um lembrete direto — se é que eu precisava — de que nesta pesquisa eu sempre poderia esperar o inesperado.

•10«

As Leituras de Cristóvão

Faria alguma diferença se o assistente fosse alguém com um senso de espiritualidade altamente desenvolvido? Christopher, um antigo membro da nossa equipe, foi criado em um lar espiritual e conheceu, por experiência própria, tanto o dom quanto a maldição de ser criado por uma mãe extraordinariamente metafísica. Uma teosofista devota, ela viveu sua vida como se a vida continuasse para sempre.

Christopher queria descobrir se sua mãe estava inspirada ou apenas louca — uma questão que ele havia pensado sobre os próprios médiuns.

Alguns momentos de suas leituras daquele dia ainda permanecem comigo.

Com Anne Gehman: "Às vezes você tem dor no pulso"

Conforme exigido pelo projeto experimental, Christopher sentou-se em silêncio durante os primeiros dez minutos, enquanto Anne tentava receber todas as informações que pudesse.

Sua primeira impressão foi de uma mulher chamada Edith, cujo rosto, disse Anne, ficou paralisado pouco antes de sua morte.

Ela também relatou ter sentido três Johns, um dos quais ainda estava vivo.

Christopher não sabia quem era Edith. John é um nome tão comum que ele conheceu vários deles, vivos e falecidos. O que foi incomum foi o médium dizer “três Johns, um dos quais ainda está vivo”. Estaria Anne se referindo ao próprio Christopher, então no meio de uma mudança legal de seu nome de batismo, John, para seu nome do meio?

Anne então disse que sentiu a presença de um jovem que havia morrido recentemente de forma acidental.

Poderia ser Joe, um amigo que morreu há pouco tempo? “O acidente pode ter envolvido drogas ou álcool”, acrescentou.

Christopher ainda não havia dito uma palavra a Anne, mas ela estava sugerindo uma história bastante consistente com a personalidade de Joe e um estilo de vida de espírito livre que beirava a imprudência.

"Ele quer que você saiba que ele está bem", disse ela. Esse tipo de segurança é o que tantas pessoas buscam nos médiuns, todos os dias.

Anne imediatamente mudou de assunto. Esfregando o braço esquerdo, ela disse que Christopher sofria de dores no pulso e no antebraço.

Christopher ficou atordoado. Parecia não haver maneira de Anne ter qualquer pista de quem era essa babá, mas ela acabara de descrever sua dor perfeitamente.

Dois anos antes, o time de futebol de Christopher estava na frente faltando menos de cinco minutos para o final, quando ele foi derrubado por um tackle ilegal de um zagueiro e quebrou o braço. Ele ainda tinha dois alfinetes no braço e um par de cicatrizes de cinco polegadas para mostrar. Ninguém, nem mesmo Linda e eu, sabíamos dessa lesão antes do experimento.

“Você precisa deixar de lado a dor e a raiva que você associou a isso”, Anne disse a ele.

Era como se Michael Jordan tivesse acabado de fazer uma cesta de três pontos. De acordo com Christopher, ele lutou desde o incidente para se livrar da raiva e frustração que ainda sentia pelo jogador que causou sua lesão. E aqui estava Anne - ainda durante o período de silêncio - colocando tudo diante

dele tão fácil e suavemente quanto um passeio no parque.

Ao ouvir as palavras dela, Christopher percebeu que seus sentimentos de raiva, dor e tristeza reavivaram inesperadamente. Ele estava preparado para a possibilidade de ouvir sua falecida mãe, seu amigo falecido e sua falecida avó. Mas ele não estava emocionalmente preparado para ter sua história de dor e raiva desfilada diante dele.

Anne continuou com mais informações pessoais. Ela falou que Christopher teve uma experiência extracorpórea e que ele estava interessado em psicologia, mente superior e consciência ampliada. Ela disse que uma pessoa chamada Andrew o ajudaria a escrever sobre cura e saúde mental. Exceto pela menção de Andrew, todas as outras declarações eram verdadeiras.

No meio do período sim/não, Anne interrompeu-se repentinamente no meio da frase.

“Duas pessoas estão comigo agora”, disse ela. “Eles são seus avós. Estou recebendo o nome de Will.. . William.”

“Sim.”

“Eles morreram com pouco tempo de diferença”, disse Anne.

“Sim,” Christopher confirmou. No ano anterior, sua avó havia morrido apenas três semanas depois de seu avô.

Anne também relatou a impressão da falecida mãe de Christopher e disse que seu nome incluía o som “Bet”. Anne disse que sentiu a presença de uma “Ma”.

O nome de sua mãe era Betty. E “Ma” é de fato como a família de sua mãe chamava carinhosamente sua avó.

Anne voltou a se concentrar na vida pessoal de Christopher. Movendo-se para uma área que os médiuns de nossos experimentos raramente frequentam, ela disse que uma viagem sugerida ao México era uma boa ideia e o incentivou a não hesitar. Ela também disse que forneceria informações úteis e previu uma viagem de volta ao México com um grupo de pessoas um ano após a primeira visita.

Outra bola de três pontos. A esposa de Christopher vinha pressionando há vários meses para que ele a levasse ao México.

No final da leitura, Anne falou dos avós de Christopher por parte de pai. “Eles querem que você saiba que eles estão aqui e que amam você”, disse ela. “Eles me pediram para te dar um abraço.”

Anne então se levantou da cadeira e se virou, vendo Christopher pela primeira vez. Eles se abraçaram, e então Anne colocou a mão no braço machucado de Christopher.

“Você deve deixar ir para ajudar a curar completamente.”

As emoções de Christopher agora estavam à flor da pele. E este foi apenas o começo.

Com John Edward: "Você já pensou em criar vacas?"

Durante o período de silêncio com Christopher, John forneceu algumas informações com pouca emoção. Então o clima mudou. “Sinto um aperto nos pulmões. É muito forte.” Ele descreveu a sensação como consistente com a dificuldade de respirar antes da morte.

E então ele acrescentou uma observação inócua que, no entanto, foi impressionante para Christopher. "Ela quer que eu reconheça seu parceiro."

A mãe de Christopher nunca conheceu sua esposa.

Ainda durante a parte silenciosa de dez minutos do experimento, John começou a oferecer nomes de membros da família. “Kathy, Karen. . . Nomes K, K” correspondiam aos nomes das irmãs de Christopher: Kathy, Karen e Kandee. Ele mencionou um Jim ou James, o nome do cunhado de Christopher.

Ele disse que a mãe de Christopher estava preocupada com a irmã dele, que estava muito longe. A irmã mais nova, Kandee, havia se mudado recentemente de Tucson para Seattle, mas Christopher não tinha ouvido falar de nenhum problema. Só quando Christopher estivesse com a próxima médium, Suzane Northrop, ele obteria uma resposta possível.

John Edward continuou, de repente deixando escapar: “Sua mãe morreu em fevereiro. Ela diz: 'Estou de volta, estou radiante, brilhante e cercada por rosas cor-de-rosa.' ”

John também relatou um homem mais velho como parente do pai de Christopher e a presença de um homem que morreu instantaneamente em um possível “acidente de alto a baixo”. Este poderia ser o amado avô de Christopher e seu amigo íntimo, Joe?

Voltando-se para as pessoas ao redor da mãe de Christopher, John sentiu uma mulher com um nome R que gostava de fazer crochê - uma descrição que se encaixava em sua avó Ruth, que havia feito seu primeiro cobertor de bebê em crochê.

“Você já pensou em criar vacas ou gado?”

Atordoado, Christopher fez um rápido inventário mental e lembrou uma conversa que teve com sua esposa enquanto dirigia pela zona rural do Colorado. Ele havia anunciado, apenas em parte em tom de brincadeira, que poderia largar o emprego para se tornar um caubói.

Ele reconheceu para John que realmente havia pensado em criar gado e perguntou: “Minha mãe ouviu nossa conversa?”

John respondeu: "Bem, sua mãe está brincando com você sobre isso."

Christopher ficou estupefato. Ele estava experimentando como assistente o que eu havia experimentado como experimentador - perplexidade. Não havia como John ter contratado um detetive secreto para obter *essa* informação. E nenhum leitor frio que se preze vai perguntar do nada algo tão estranho e improvável como "Você já pensou em criar vacas ou gado?"

Então John lançou uma bomba de pergunta em Christopher. Era ainda mais inesperado e mais chocante do que perguntar sobre vacas.

“Você está em um relacionamento homossexual ou travesti?”

"Não." Christopher respondeu categoricamente.

"Tem certeza? Isso está vindo muito forte", insistiu. “Sua mãe diz que sabe sobre isso.”

A princípio, Christopher ficou completamente perplexo. John realmente errou nessa - e que pergunta incrivelmente invasiva e ofensiva para se fazer a qualquer estranho.

Dois dias após a leitura, uma possível explicação surgiu na mente de Christopher. Cerca de uma semana antes do experimento, sua esposa perguntou, brincando, se Christopher continuaria casado com ela se ela fizesse uma operação de mudança de sexo. Christopher disse que não - que queria estar com uma mulher, não com um homem - e os dois riram disso.

Ele ficou se perguntando: sua mãe às vezes estava presente durante suas conversas com sua esposa? Que outra explicação poderia haver?

John disse que a mãe de Christopher queria garantir a ele que ela está com ele o tempo todo. Esta era uma mulher que, ao longo de sua vida, acreditou muito na vida após a morte. Se John estava correto, ela estava vivendo sua crença com paixão.

“Ela está me dizendo que preciso te dar um abraço, então estou me virando agora”, disse John.

Quando Christopher me contou isso, fiquei atônita. Duas leituras, uma

após a outra, e dois abraços espontâneos dos médiums? Anne talvez, mas não John - ele não abraça regularmente seus assistentes.

Depois que eles se abraçaram, John disse a Christopher que ficou comovido com a personalidade poderosa de sua mãe.

Ele acrescentou: “Eu não dou abraços”. E, com um aceno de cabeça, “Nossa, sua mãe era uma mulher forte, não era?”

Com Suzane Northrop: "Estou vendo cabras nas montanhas"

Agora com seu terceiro médium e mais familiarizado com o que esperar, Christopher ficou menos surpreso, mas ainda mais impressionado com a detecção imediata de Suzane de sua mãe e sua família.

“Estou recebendo o nome de Rose ou o gosto de alguém por rosas”, disse ela, pousando rapidamente na flor favorita de sua mãe. Suzane também confirmou que sua mãe estava em coma antes de morrer e que sofria de forte inchaço nas pernas. Christopher ainda não havia dito uma palavra, e Suzane estava obtendo detalhes precisos e exatos.

Enquanto Christopher sentava-se silenciosamente atrás de Suzane, ela ergueu as mãos em um gesto tenso e desfigurado. O que ela estava fazendo?

“As mãos de sua mãe eram aleijadas. Ela teve dificuldade em usá-los”, disse ela. “Eles estão bem agora.”

Uma longa cesta de três pontos.

Suzane falava, muitas vezes sem parar e em alta velocidade, fornecendo uma enxurrada de informações, como é de seu feitio. Ela relatou a presença de um homem que inicialmente acreditava ser um irmão, mas logo corrigiu isso para “como um irmão e que morreu rapidamente”. Mais uma vez, isso soou como seu amigo Joe, mas a declaração era muito geral para significar muito.

Ela seguiu em frente rapidamente, pulando abruptamente de um falecido para outro, para falar sobre um homem por parte de pai que havia deixado para trás um carro de que gostava muito. Para Christopher, este só poderia ser seu avô, que havia lhe dado seu carro especial dois meses antes de sua morte. Num piscar de olhos, Suzane passou do geral para o muito, muito específico.

Continuando a pular como se estivesse em uma quadra de basquete espiritual, Suzane então voltou para a mãe de Christopher, dizendo que estava preocupada com o bem-estar de uma irmã que morava longe. Esta foi a segunda vez que um médium aparentemente se referiu à sua irmã em Seattle.

“[Sua mãe] diz que houve muita chateação em torno de sua morte e que ela quer que todos deixem isso passar. Ela sabe que há coisas que você

gostaria de ter dito a ela.

E então acrescentou, como se falasse de alguém que acabasse de conhecer em um coquetel: “Sua mãe é uma pistola, não é?”

Eu estava descobrindo que Suzane gostava de usar essa palavra para descrever uma mulher poderosa. No entanto, com o tempo eu reconheceria que nas três experiências em que ela usou essa palavra, cada uma delas foi muito adequada. A mãe de Christopher era realmente poderosa, uma verdadeira “pistola” — primeiro na vida física e agora, aparentemente, na vida após a morte.

Após relatar a presença dos avós de Christopher, Suzane se referiu a um homem cujo nome começava com “H” e disse: “Estou vendo cabras na serra. Isso significa alguma coisa para você?”

O avô materno de Christopher, Hugh, tinha sido um pastor de ovelhas em arredores de uma milha de altitude.

E então... “Sua mãe quer lhe dar uma rosa.” Sua flor favorita. Até mesmo um cético poderia ter enxugado silenciosamente uma lágrima.

Inesperadamente, ela disse, às vezes em seu estilo nova-iorquino: “Zip, é isso, eles se foram”.

E assim, a leitura acabou.

Três leituras, três conjuntos de lágrimas. Arrependido/grato, arrependido/feliz, ele estava despreparado para o quanto se comoveu com as experiências. E ele ainda tinha mais um médium pela frente.

Com Laurie Campbell: “Você sempre será meu garotinho”

Christopher estava especialmente interessado no que aconteceria com Laurie porque ela era a única médium que ele havia conhecido anteriormente, embora, é claro, ela não tenha sido informada de que ele seria um assistente. Como no caso da leitura anterior de John Edward com Diane Goldner, estávamos particularmente interessados em saber se o encontro deles faria alguma diferença perceptível.

O resultado foi praticamente o mesmo de John e Diane. Laurie não conseguiu obter informações durante o período de silêncio – algo que quase nunca aconteceu com ela.

Ela começou “lendo” Christopher como um professor ou membro do corpo docente e teve dificuldade em aceitar que ele não era. “Eu continuo vendo a universidade e um estudo. Você não é um estudante?”

No entanto, ela estava perto: ele não estava na escola, mas havia se

formado recentemente.

Laurie relatou que Christopher e sua esposa tinham um cachorro que às vezes “tratam como uma criança”. Ela descreveu onde eles moravam - a casa com piso de madeira, o quintal com seu formato estranho, a área onde o cachorro gostava de brincar. Todas as suas declarações foram específicas e precisas.

Para mim, a parte com o cachorro e a casa foi uma das cenas sutis que os verdadeiros Michael Jordans fazem, que parecem tão fáceis quando você os assiste, mas percebe que são muito difíceis quando pensa neles.

De acordo com Christopher, Laurie foi capaz de determinar de várias maneiras que sentia uma distância entre ele e o pai e sentia que ele era mais próximo do avô do que do pai, “quase um salto em gerações”. Ela confirmou que seu avô era saudável e que sua morte pegou a família de surpresa.

“Eu vejo seu avô na sua formatura.”

Novamente Christopher estava lutando contra as lágrimas.

Após a leitura, Laurie disse a Christopher que havia imaginado a cena da formatura com o avô dele participando do exame físico. Christopher explicou que seu avô sempre enfatizou a importância da educação - até ajudou a pagar a faculdade de Christopher - e Christopher estava ansioso para se levantar na formatura com o amado velho assistindo com orgulho da platéia. Não era pra ser; seu avô morreu cerca de um mês antes.

Mas o ponto alto da leitura, disse-me Christopher mais tarde, veio em uma única declaração de apenas algumas palavras. De acordo com Laurie, seu avô disse a ela para dizer: “Você sempre será meu garotinho”.

Essas palavras, segundo Christopher, “perfuraram meu coração porque foram uma expressão de amor que meu avô não foi capaz de me comunicar verbalmente quando estava vivo.”

Se Laurie e os outros médiuns estiverem corretos, talvez a mãe, o amigo e o avô de Christopher ainda estejam com ele de uma forma que eles podem ver e nós podemos apenas imaginar.

Experiência de Christopher

Quando Christopher terminou as quatro leituras, ele disse: “Senti como se tivesse acabado de correr uma maratona. Eu estava suando, tinha dores musculares, minha cabeça dói e eu estava um pouco fraco nos joelhos.”

Por que sua experiência produziu tantas respostas físicas e emocionais? Ele disse que não era a capacidade dos médiuns de fornecer uma contagem precisa da morte que era mais memorável. Era “a sensação na sala”

– uma sensação que ele chamou de “indescritível, exceto que às vezes parecia que não estávamos sozinhos” e “como a sensação que você tem quando sente que está sendo observado, apenas para olhar para cima e descobrir é verdade, que alguém está olhando em sua direção.”

Ele entendeu que poderia ter sido apenas a experiência de reviver o passado: “uma resposta emocional do fundo da minha consciência, um lugar que queria que isso fosse verdade”. E embora acreditasse na sobrevivência da consciência como uma forte possibilidade, ele ficou surpreso com o nível de sucesso. “A quantidade de acertos que os médiuns fizeram foi uma experiência chocante e surreal. Lá estava eu, sentado em um quarto de hotel atrás de completos estranhos que, embora de costas para mim, foram capazes de dar descrições detalhadas de minha vida e família.”

Ele via o dia como uma história que se desenrolava lendo a leitura. Anne fez a apresentação, John e Suzane construíram com uma atualização da vida de seus entes queridos e Laurie terminou o dia com um tocante momento privado com seu avô, quando palavras não ditas anteriormente foram compartilhadas.

E como Anne sabia sobre a dor no pulso dele, John sobre as vacas, Suzane sobre as cabras na montanha? Como Laurie descrevera sua casa com tanta perfeição?

Mas, novamente, a parte mais inexplicável e de tirar o fôlego das leituras veio com declarações sobre coisas desconhecidas do assistente até mais tarde. Três dos médiuns falaram sobre a expressão de preocupação de sua mãe por uma de suas irmãs. Mais tarde, quando ele falou com a irmã, a mensagem a assustou. “Eu vou morrer?” ela perguntou.

Depois de alguma persuasão, ela admitiu que havia motivo para preocupação. A mudança para Seattle foi muito difícil para ela. As questões relativas à morte de sua mãe ressurgiram e ela se viu revivendo velhos sentimentos de culpa e raiva. Ela também estava debatendo algumas decisões importantes em sua vida e desejando poder conversar com sua mãe sobre elas.

Christopher estava em uma montanha-russa espiritual e emocional que jamais esqueceria.

• 11 «

As leituras reveladoras do preço de Pat

11 Já era tarde quando chegou a hora da leitura de John Edward com Pat

Price. Acho que todo mundo estava começando a se sentir esgotado com o ritmo de sessão após sessão. Eu estava começando a me perguntar se tínhamos agendado demais, se os encontros restantes poderiam produzir algo de valor.

Duas coisas aconteceriam nesta leitura para torná-la memorável. Obteríamos a resposta para a questão de saber se a morte do marido de Pat, Mike, seria sentida por algum dos médiuns.

E a leitura de John continha uma frase única e poderosa que continuaria a ressoar em mim muito tempo depois.

Com João Eduardo

Eu quero conversar ... através da família do marido. OK? É alguém conectado através do marido. Também existe um Michael ou um Mike. Porque é como se você precisasse reconhecer o Mike ou o Michael.

Um pouco depois, John relatou que outros membros da família também estavam presentes.

OK. Estou com seus pais aqui. Eles estão fazendo. ... foi a isso que me referi quando minha mãe morreu, é uma aparição, ela disse: “Bem, deixe-os saber que eles estão aqui.” Agora, eles também estão me fazendo sentir como se eu tivesse essa mulher mais jovem sobre a qual quero falar e também estão falando sobre provocar você - você anda de motocicleta?

Sim.

OK. Seus pais estão zombando de você porque não o criaram assim - colocando você na garupa de uma motocicleta. Mas é como uma piscadela, piscadela, piscadela - uma espécie de conexão. Eles estão me fazendo sentir como se estivessem aqui e tivessem seu macho mais jovem que está com eles. Então isso é como o filho deles, o neto deles, mas há um homem mais jovem que está lá.

Depois de mais alguns minutos veio aquela frase memorável, para mim uma das afirmações mais importantes desta ou de qualquer outra leitura que fizemos até aqui.

Eles estão tentando me dizer que, para mim, fazer isso por você hoje é uma validação de sua própria experiência ou talvez agora eu esteja validando o que outra pessoa acabou de fazer por você.

Mas estou validando uma validação, é o que estão tentando me dizer.

“Validando uma validação.” Poderoso para mim tanto pelo significado quanto pelo toque da linguagem.

E então o marido recém-falecido de Pat visitou.

OK. Eles estão me fazendo sentir que é muito importante - ok, você vai pensar que estou bem. Eu vou te dizer exatamente. Eles estão me dizendo para avisar que seu marido está aqui. Agora eu ia dizer a você que seu marido estava perto de mim lá fora e para ir buscá-lo, porque essa figura do filho, a figura do filho está me dizendo para dizer a você que ele está aqui. Isso é o que está acontecendo. E ele está me fazendo sentir como se ele estivesse me fazendo sentir como se esperasse um segundo. Seu filho faleceu antes de seu pai?

Sim.

Ele está me dizendo que cumprimentou seu pai. Isso é o que ele está me mostrando, e ele está me fazendo sentir como boom, [estalando os dedos] um, dois, três, alguém passa rapidamente. Isso é o que está sendo reconhecido.

Sim.

Tivemos nossa resposta. Mike havia morrido muito recentemente, mas John não teve dificuldade em perceber sua presença.

E também sinto que isso é algo que foi avisado. Você foi avisado sobre isso. Isso não era algo que... .

Sim.

... E eu sinto que logo, muito recente, logo. Muito recente, como se alguém apenas cruzasse e aposto que isso aconteceu nas últimas três a seis, três a seis, três a seis.

Sim.

Recente, sim; mas ainda mais recente do que ele sentia. De certa forma, a resposta de Pat foi enganosa.

E eu sinto que isso é algo que não poderia ter sido interrompido. . . Suas visões da morte ou sua visão sobre a morte e sua experiência com a morte e o morrer. . . o ajuda a fazer uma transição, e ele está agradecendo por fazer isso.

E ele está me fazendo sentir como se eles tivessem arranjado para você estar aqui. Isso é o que eles estão me mostrando. E que isso é muito, muito importante. Que eles organizaram isso. E que nada acontece por acaso. Isso é o que eles querem de mim - querem que eu me depare com isso.

“Eles arranjaram para você ficar aqui” — foi apenas por causa da morte de Mike que Pat foi convidada para ser babá.

Agora eles me dizem que você falou sobre “Michael vezes dois.” Agora,

Michael é seu filho?

Sim.

Existe outro Michael além dele?

Sim.

OK. Porque eles dizem que Michael vezes dois. E eles me dizem para falar sobre - eles me dizem, seu marido tinha medo disso, mas ele acreditava nisso, mas ele estava um pouco desanimado com isso, correto?

Na verdade, durante a maior parte de sua vida, Mike ficara um pouco desanimado com as conversas sobre uma vida futura e provocara a esposa por ela ter acreditado nisso por trinta anos.

Com Suzane Northrop

Durante as leituras de Pat com Suzane, a atmosfera intensa foi brevemente iluminada por um momento bem-humorado em que Suzane mencionou ter visto um cachorrinho. Presumi que ela estava vendo PeeWee, uma réplica do experimento da HBO. Mas quando ela passou a descrever o cachorro como um beagle, mudei de ideia: raça errada.

Relaxando após as leituras,. Perguntei a Pat sobre o cachorro. Ela sorriu e puxou a carteira. A mãe de PeeWee tinha sido... sim, um beagle, e Pat orgulhosamente nos mostrou sua foto. Mais uma vez, o que parecia ser um erro tinha uma explicação plausível, afinal.

Suzane também recebeu algumas informações marcantes sobre o falecimento de Michael, Sr. Por exemplo, ela relatou ter recebido comunicação com o filho de Pat, que tinha esta mensagem para sua mãe:

“Estou com o papai, e o papai acabou de chegar. Mas papai estava doente. Papai sabia que ele ia morrer e não queria que você cuidasse dele.”

Homem orgulhoso. Você entende? Também bem-sucedido, ele me diz. Ele não é modesto. Você entende?

Sim.

Isso deve ter dado um nó na garganta de Pat por causa das conversas que ela e o marido tiveram nos meses antes de sua morte — conversas das quais só vim a saber mais tarde.

As leituras de Pat com Suzane e John foram dolorosamente emocionantes. Mas, no processo, as informações foram replicadas do experimento da HBO e ampliadas pela aparição de Michael Sr.

O cético será rápido em apontar as limitações óbvias dessas duas leituras,

e seríamos os primeiros a concordar. Mas descartar as leituras como devido a fraude, leitura fria, palpites de sorte ou mesmo memória das leituras anteriores da HBO seria ignorar a porcentagem notavelmente alta de +3 acertos obtidos durante os períodos de silêncio (a pontuação revelaria que eram 77). percentual exato) e também ignoraria a natureza precisa das informações recebidas durante os períodos sim/não.

Suas conclusões podem ser diferentes das nossas, mas, no mínimo, vemos essas leituras como uma homenagem ao apaixonado motociclista que passou a acreditar na possibilidade de sobrevivência da consciência.

Primeiro, ele testemunhou a pesquisa em nosso laboratório como marido da babá principal do experimento da HBO. Em seguida, ele compartilhou sua nova visão sobre a possibilidade de sobrevivência com sua família e amigos. Finalmente, ele “participou” do além no Experimento Miraval, trazendo uma nova esperança e visão para sua esposa e para o mundo.

Michael estava, à sua maneira, “validando uma validação”? A história continua.

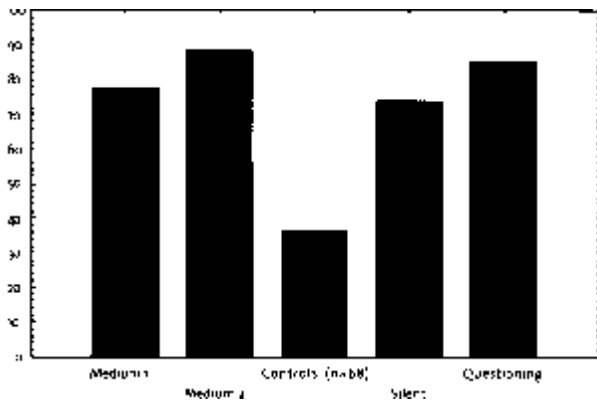
Resultados da Pontuação Detalhada

Quando as transcrições ficaram prontas e chegou a hora da pontuação, descobrimos um problema. Os assistentes, que viajaram de lugares tão distantes quanto a Costa Leste e o Havaí, fizeram suas viagens de bom grado para o experimento, mas retornar a Tucson para fazer a pontuação acabou sendo uma história diferente. No final, apenas Patricia Price fez a pontuação.

Ela combinou de aparecer em nosso laboratório em setembro de 1999, alguns meses depois das leituras. Para garantir que céticos e crentes pudessem verificar nossos procedimentos, toda a sessão de pontuação foi gravada em vídeo. Seguindo o mesmo procedimento anterior, Pat utilizou os números de -3 a +3 para avaliar individualmente os mais de duzentos itens recebidos por Suzane e John (Quadro 11-1).

Para as leituras totais, os dois médiuns alcançaram níveis de precisão semelhantes aos do experimento da HBO. As classificações de precisão dos sujeitos de controle do experimento HBO estão incluídas no centro para comparação.

Gráfico 11-1. Porcentagens de +3 Declarações dos Dois Médiuns nas Leituras de Patricia Price no Miraval



O gráfico também mostra os níveis de precisão para o período de silêncio, 77 por cento, e o período de perguntas sim/não, 85 por cento. Embora o número de itens tenha sido menor para o período de silêncio (64) do que para o período de sim/não (157), o nível de precisão de +3 para os itens de silêncio foi realmente notável. (Para constar, a maioria dos itens silenciosos veio de Suzane.)

John ou Suzane descobriram no período sim/não que a pessoa sentada atrás deles era Pat, uma das mulheres que eles leram no experimento da HBO? Como disse John, ele faz centenas de leituras por mês e não se pode esperar que ele se lembre de um determinado indivíduo meses depois.

Ao final de cada uma das leituras, cuidadosamente empurrava John e Suzane para adivinhar quem estava sentado atrás deles. Mais precisamente, eu os grelhei. Nenhum dos dois conseguiu identificar a babá, mas quando cada um se virou e viu quem era, é claro que a reconheceram do experimento da HBO, quando conheceram não apenas Pat, mas também seu marido, Mike. Cada um percebeu imediatamente que Mike era o marido morto de quem eles estavam falando, e sua dor era palpável.

Consideramos o experimento altamente bem-sucedido, fornecendo mais evidências convincentes. Mas seria o suficiente para convencer um cético? Eu tinha certeza que não. Que outros controles poderíamos implementar?

A pergunta me assombraria por semanas.

•12«

Existe tal coisa como precognição?

Não tenho mais certeza de quem sugeriu que algo poderia ter sido dito durante as leituras de Pat no experimento da HBO que deveríamos voltar e dar uma olhada. Mas pegamos as transcrições para revisá-las e nos encontramos em

mais um dilema.

Veja por si mesmo.

Pat Price com John Edward, experimento da HBO

Ok, a primeira coisa que está acontecendo é que eles estão me dizendo para falar sobre uma figura masculina ao seu lado. Uma figura masculina ao seu lado seria um marido ou um irmão que fez a transição. Você entende isso?

Eles estão me mostrando. . . um parece ser como uma figura de marido para você. Você entende isso?

Sim.

Pat respondeu afirmativamente, embora seu marido estivesse bem vivo na época; A morte de Mike ainda estava meses no futuro.

Momentos depois, John se referiu ao filho deles (aquele que se suicidou).

Há uma figura masculina mais jovem, também ligada ao seu marido que está cruzado, o que significa que é o irmão dele ou que há um filho que está cruzado. Mas há uma figura masculina mais jovem. Você entende isso?

Depois que John relatou que o filho havia saído “com um boom”, ele continuou com a conexão pai/filho.

OK. Eles estão vindo com seu marido e estão me mostrando o mês de maio, na verdade o que eles estão me mostrando é um cinco. Um cinco para mim representa o 5º mês, maio, ou o 5º dia de um mês tem algum tipo de significado. Você entende isso?

Sim.

E Pat passou a fazer uma ligação com o Dia das Mães, última vez que recebeu um presente do filho.

OK. Seu marido tinha um cachorro [que] passou?

Outra referência PeeWee. Em seus comentários seguintes, John descreveu um pouco da personalidade do cachorro, referindo-se a um “ele” que estava lhe contando a informação.

Grande parte do diálogo foi com o filho; no entanto, John às vezes parecia estar confuso sobre se vinha do pai ou do filho.

Pat tentou intervir, perguntando se ela poderia dizer algo, possivelmente querendo corrigir o erro. Pensando que isso interromperia o fluxo e possivelmente quebraria a concentração de John, pedi a Pat que não falasse naquele momento. John continuou a falar sobre o marido dela como se ele

estivesse morto.

Agora, era seu marido que estava em coma?

Sim.

Eu não entendi isso no momento da leitura, mas logo entenderia.

Porque ele está me fazendo sentir como se seu corpo físico ainda estivesse funcionando enquanto ele estava deixando o corpo. E que ele não estava com a mente clara quando ele passou. Mas ele está me dizendo para informar que sua morte foi rápida e pacífica. Ele me mostra uma passagem pacífica. OK?

John estava sendo muito específico sobre a morte de Mike, embora Mike ainda estivesse muito vivo.

Vejo seu filho parado na frente.... Vejo que é quase como se seu filho cumprimentasse a figura paterna. Seja seu pai ou padrasto, a figura paterna é saudada pelo homem mais jovem, é o que está sendo mostrado. É assim que está passando para mim.

E meu sentimento é dizer que eles estão juntos, e que está tudo bem. E você precisa ter tranquilidade com isso. Isso é o que estou sendo mostrado. Você precisa ter paz de espírito, e é isso que eles estão expressando para você.

Ao final da leitura, Pat pôde fazer perguntas. Ela queria mais informações sobre o marido.

O que eu estava vendo é que seu marido estava fazendo uma referência. Antes de deixar o corpo, ele me mostra uma figura masculina que não tem a mente clara, o corpo físico basicamente ainda está funcionando, mas a alma não está nele. Então eu vejo isso como se a alma fosse o motorista de um carro, o carro seria o corpo, o carro estava andando, mas o motorista não estava nele.

A analogia com um carro e um motorista assumiria um significado assombroso.

Só nesse ponto Pat revelou a John que seu marido ainda estava vivo. Apesar dessa nova informação, John manteve a validade de suas primeiras impressões.

OK. Bem, estou entendendo isso como sendo uma figura masculina ao seu lado. Isso para mim seria como a figura de um marido.

Por que Pat, em tantas ocasiões, seguiu o exemplo de John sobre a morte de seu marido? Achei que talvez, dominada pelas emoções do dia, ela tivesse dado a John a informação errada por engano, e John concordou com isso.

O cético poderia argumentar que este foi um caso clássico de engano intencional por parte do médium. Se John estivesse realmente se comunicando com os mortos, deveria saber que o marido dela ainda estava fisicamente vivo, certo?

Uma outra possibilidade pode ser cogitada aqui - algo que os médiuns afirmam acontecer de tempos em tempos. Isso poderia ser um exemplo de precognição psíquica - de John vendo o futuro e não sabendo disso?

Ele continuou dizendo: “Isto é o que estou vendo” e não “Isto é o que estou ouvindo”. Ele também disse, muitas vezes, “Eles estão me mostrando isso...” referindo-se a outros supostos espíritos que estavam permitindo que ele visse essa imagem. Então John estava vendo o futuro através de seus “guias”?

John afirma que era médium antes de ser médium. Foi enquanto fazia as chamadas leituras psíquicas que começou a perceber “ouvir vozes em sua cabeça”. Ele passou a aceitar essas vozes como espíritos conectados a seus clientes depois que percebeu que era capaz de fornecer aos clientes detalhes precisos sobre seus parentes falecidos.

Mas e Pat? Por que ela concordou com isso? Foi exatamente isso que perguntei a ela quando voltamos para revisar as transcrições da HBO e redescobrimos sua surpreendente falta de franqueza. Minha pergunta para ela não trouxe a resposta que eu esperava. Longe disso.

Pat explicou que, embora inicialmente relutasse em aceitar as declarações, ela foi forçada a acreditar que elas poderiam ter confirmado um sonho sombrio que ela tivera com o marido um mês antes do experimento da HBO. Em um pesadelo, ela viu Mike morrer em um acidente de carro.

Então ela entendeu quando John disse essas coisas? Ela sabia na época das leituras da HBO do que ele estava falando?

“Sim,” ela reconheceu. Ela não falou porque a verdade parecia tão sombria e tão pessoal.

Pat então nos contou a história completa, que nos perseguiria por muito tempo.

Dois Casos de Precognição?

Anos antes, Pat nos contou, Mike havia sido assaltado e quase morto. Desde então, ele sofria de dores crônicas na cabeça e no pescoço e, mais recentemente, os efeitos de longo prazo do incidente começaram a atingi-lo. Fortes dores de cabeça e desmaios, e paralisia ocasional na nuca, tornaram-se mais frequentes. Ele também estava perdendo a coordenação e dormindo muito.

Ambos haviam considerado a possibilidade de que ele pudesse morrer, mas nunca haviam compartilhado essa possibilidade com os médiuns, com Linda ou comigo.

Um dia, disse Pat, ele perguntou diretamente a ela: “Você sente isso, não é?”

“Não foi o que eu senti; era o que eu não sentia”, disse-nos Pat. “E isso era luz vindo dele.”

Três semanas antes de sua morte, o hábito habitual de Mike de trabalhar do anoitecer até o amanhecer mudou. Ele começou a vir para casa cedo e começou a comer muito pouco. Quando Pat tentou fazer planos para o aniversário deles, Mike apenas deu de ombros. “Vá em frente e faça os planos, e eu tentarei estar lá”, ela se lembra dele dizendo.

Ela se lembra de ter pensado: “O que você quer dizer com 'você vai tentar'?”

Um dia ele disse a ela: “Querida, não vou comemorar nosso aniversário”. Ele a abraçou com força e se afastou com lágrimas nos olhos. Alguns dias depois, ela o ouviu dizer a mesma coisa a um amigo. O momento arrepiante trouxe de volta lembranças do pesadelo quando ela imaginou um veículo branco batendo em uma árvore.

Na sexta-feira seguinte, Mike ligou várias vezes para avisá-la de sua agenda, dizendo que se ficasse fora até tarde para resolver algumas pendências, eles poderiam ter o fim de semana livre. Ela ligou para ele várias vezes, implorando para que ele voltasse para casa. “Toda vez que eu dizia: 'Venha para casa', o telefone desligava. Eu ligaria de volta e aconteceria novamente. Ele apenas dizia: 'Estou quase lá, querida, só mais algumas paradas'. ”

Mas ela não tinha ouvido até meia-noite e mal conseguia controlar o pânico. Quando ela olhou para o relógio às 12h29, uma sensação de morte a dominou. Ela disse em voz alta para a tia idosa que estava sentada com ela: “Mike acabou de morrer”. Ela sabia, porque tinha acabado de ouvi-lo dizer: “Querida, eu sempre vou te amar”.

Pat acordou às 3h55 para ouvir a voz de Mike dizendo: “Querida, a polícia está vindo para dizer que eu morri”. Ela se levantou e acordou a tia para avisá-la, e as duas sentaram-se juntas na sala. Logo, os faróis dos carros desceram a rua e viraram na entrada da garagem. Ela abriu a porta para encontrar dois policiais. Eles confirmaram o que ela já sabia: “Meu marido de vinte e nove anos morreu em 5 de junho às 12h29, um dia antes do nosso 30º aniversário de casamento.”

A polícia disse que ele saiu da estrada e bateu de frente em uma

árvore. Ele estava morto quando o esquadrão de emergência chegou.

Mais sobre precognição?

Aqui é onde a história se torna assustadora.

Durante as leituras da HBO, John Edward havia relatado impressões de morte “em torno do homem de barba”, antes de saber que Mike e Pat eram marido e mulher. Após o término das leituras daquele dia, Mike Price e John Edward se encontraram e começaram uma discussão sobre auras, durante a qual John mencionou que às vezes vê uma aura fraca em vez de uma normal ao redor de uma pessoa cuja morte não está longe.

Em resposta ao pedido que fiz a Mike naquele dia na sessão da HBO para escrever suas impressões e enviá-las para mim, ele escreveu uma carta apenas algumas semanas antes de seu acidente fatal. Em uma parte, ele escreveu:

“John disse algo sobre as pessoas terem uma ora [aura] ao seu redor e quanto mais próximo o evento da morte, menos ora ao seu redor. Houve algumas vezes em que ele olhava para mim, mas eu senti como se ele estivesse olhando além de mim. Ele parecia um pouco desconfortável sempre que olhava na minha direção. Tive a sensação de que ele não estava vendo a ora ao meu redor. Eu realmente não sei por que pensei isso, apenas pensei.

Mike ficou obcecado com essa conversa até sua morte, disse Pat.

Na carta, Mike também escreveu:

“John olhou para mim e disse: 'Seu filho realmente precisa falar com você. Estou disposto a me sentar com você, se quiser. Eu disse a John: 'Não, obrigado. Eu sabia o que Mike [seu filho] queria dizer e não queria ouvir.' ”

O que ele quis dizer? Ele sentiu que o que seu filho morto queria dizer era algo como “Logo estaremos juntos”?

Uma parte da leitura de Pat com George Anderson continha o que poderia ser um apoio adicional:

Ele fala sobre seu pai; Isso faz sentido?

Sim.

Eu não sei porque ainda. Não sei se ele está tentando me dizer que o pai está lá ou se está ligando para o pai.

Então não diga nada, eu quero que eles digam.

Isto. . . fala-se do filho que faleceu. Está correto?

Sim.

Certo, ele afirma ser o primeiro homem a entrar na sala. Isso faria sentido? Porque ele é... é por isso que eu estava ouvindo ele falar sobre papai. Agora é por isso que eu não queria que você explicasse. Deixe-o explicar onde está o pai.

Seu pai está na terra. "Por favor, diga ao papai que você ouviu falar de mim, quer ele acredite nisso ou não. " Quem se importa? É a mensagem que é importante, não o sistema de crenças. Além disso, como diz seu filho: "Ele vai descobrir que estou certo como sempre, algum dia, de qualquer maneira. "

Num dia de fevereiro, Mike Price acordou com a mesma crença que tivera por mais de quarenta anos: quando alguém morre, acabou. Eles terminaram. Mas no final do dia, ele havia testemunhado algo tão inacreditável, mas tão convincente, que toda a sua visão de mundo havia virado de cabeça para baixo. Ele não apenas experimentou fortes evidências de vida após a morte, mas algumas das comunicações de seu próprio filho sugeriram que ele poderia estar esperando que Mike se juntasse a ele. . . muito em breve.

Se isso não bastasse, seu ferimento na cabeça devido a um assalto mais de uma década antes estava começando a atingi-lo, com enxaquecas dolorosas o tempo todo e uma dor aguda no pescoço que

estava lentamente paralisando-o. E agora, por causa do dia de sua esposa com um grupo de autoproclamados médiuns, ele estava realmente assustado.

Pude entender como aquele único dia foi suficiente para mudar as percepções de Mike e transformá-lo em um crente.

E eu - estava pronto para acreditar? Eu tinha visto muitas evidências convincentes. Mas eu ainda era um cientista acima de tudo.

•PARTE IV•

O Experimento de Babá Totalmente Silenciosa do Canyon Ranch

•13»

The Canyon Ranch Experiment: E se os assistentes *nunca* falarem?

Um mágico como consultor científico

A história da pesquisa neste assunto está repleta de exemplos de investigadores cuidadosos que mais tarde se revelaram enganados por sua própria cegueira, ou por sua incapacidade de reconhecer as maneiras pelas quais estavam sendo enganados, ou pelo uso de técnicas investigativas que foram menos preciso e exigente do que parecia.

Considerando tudo, Linda e eu tínhamos um problema que não podíamos ignorar: nossos resultados até o momento eram bons demais.

As porcentagens de precisão de +3 eram tão altas para os experimentos da HBO e Miraval, e a qualidade do material frequentemente tão penetrantemente precisa, que suspeitávamos. E havia os incidentes verdadeiramente estranhos, aparentemente precognitivos, que pareciam exigir explicações paranormais extraordinárias.

Nossos resultados foram tão bons porque estávamos sendo enganados? Tínhamos que encontrar maneiras de determinar se éramos vítimas involuntárias de um erro, intencional ou inadvertido. Tínhamos que descartar qualquer possibilidade de engano, dicas dos assistentes, erros na técnica de pontuação ou algum outro perigo que nem poderíamos imaginar.

Como proceder quando o pesquisador não sabe onde pode estar a origem dos erros, se houver?

Decidimos que era hora de buscar o conselho de um mágico psíquico habilidoso, um “leitor frio” que não professa estar em contato com o mundo espiritual, mas usa descaradamente truques. Nossos primeiros esforços encontraram uma fonte local: o mágico de Tucson, Ross Horowitz, que entre outras coisas ensina um curso sobre leitura psíquica fria em uma faculdade comunitária local. Um mágico acadêmico? Fiquei intrigado.

Pude assistir a uma noite de seu curso de duas noites. Lá eu aprendi muitas das ferramentas sutis e truques que um mágico usa para atrair clientes para revelar mais informações do que eles imaginam, e fiquei fascinado com o quão fácil pode ser “enganar algumas pessoas o tempo todo”.

Além dos materiais que Ross forneceu para seus alunos, ele também me forneceu um conjunto mais extenso de manuscritos e livros que ensinam as técnicas de ser um falso médium.

Desnecessário dizer que estudei esse material cuidadosamente. No entanto, quanto mais eu investigava as táticas secretas dos truques psíquicos, mais me convencia de que os médiuns que observei em nosso laboratório não podiam e não estavam usando esses truques antigos.

Mais tarde, Ross concordou em examinar as imagens de vídeo coletadas

até o momento e nos ajudar a projetar procedimentos destinados a eliminar a possibilidade de engano deliberado por médiuns ou assistentes, bem como qualquer outro truque possível que ele pudesse imaginar.

Mas quando esse mestre da ilusão visitou o laboratório, a situação se inverteu. Não perdi tempo em pedir-lhe para ver se conseguia extrair um pouco da minha história pessoal, com a exigência de que não pudesse me fazer perguntas nos primeiros dez minutos.

Ele rapidamente explicou que suas técnicas eram inúteis a menos que ele tivesse a oportunidade de obter informações secretas de antemão, ou de manter um diálogo com o assistente, ou de preferência ambos. Eu o empurrei para tentar, e ele concordou relutantemente. Dando o melhor de si, sua precisão de +3 ficou bem abaixo de 20%.

Quando Linda e eu dissemos a ele que os médiuns que havíamos testado produziram informações específicas e precisas durante um período de silêncio, quando o médium nem sabia quem era o assistente, tivemos toda a sua atenção. Ele queria ver as fitas de vídeo, testemunhar isso por si mesmo e ver se as fitas permitiriam que ele descobrisse que truque estava sendo usado.

A primeira fita que reproduzi foi a leitura de Patricia Price feita por Suzane na HBO, aquela em que ela fez apenas cinco perguntas, mas gerou mais de 120 informações específicas, das quais mais de 80% eram precisas.

A expressão no rosto de Ross enquanto ele assistia a esta fita de vídeo foi realmente engraçada de se ver. Depois de apenas alguns minutos, ele me disse que não conseguiu encontrar nenhuma indicação de que Suzane estivesse usando táticas psíquicas de leitura fria. A única explicação que ele poderia fornecer para sua precisão era que ela poderia ter obtido informações sobre o assistente antes do experimento.

Ele nos disse que nenhum dos truques ou ferramentas que conhecia permitiria que ele - ou qualquer mágico psíquico que conhecesse - pontuasse tanto quanto Suzane. No entanto, ele sugeriu que considerássemos uma possível maneira pela qual os médiuns, em massa, poderiam estar trapaceando. Ele perguntou se era possível que eles tivessem acesso às informações pessoais dos assistentes antes de chegarem ao experimento.

Não acreditei que isso fosse plausível. Eu disse a ele que no experimento da HBO, até mesmo a equipe do laboratório não sabia quem a HBO havia escolhido como assistente até pouco antes do experimento. Além disso, nos certificamos deliberadamente de que a HBO não soubesse a identidade do modelo de Tucson que havíamos selecionado, cuja identidade havia sido mantida em segredo pela equipe de produção até o dia anterior ao experimento.

E nos estudos Miraval, mesmo que informações secretamente tenham sido obtidas sobre alguns dos possíveis assistentes, durante os períodos de silêncio os médiuns não tinham ideia de qual pessoa estava sentada atrás deles em uma determinada leitura. Como eles poderiam ter feito uso de qualquer informação obtida antes do tempo?

Ele perguntou simplesmente: “Você tem certeza de que seus telefones pessoais, os telefones do laboratório e os telefones da HBO não foram grampeados?”

Não, eu não podia ter certeza.

Por outro lado, aponte que os cinco médiuns teriam que concordar com uma conspiração. Eles teriam que contratar uma agência privada para grampear nossos telefones e os da HBO, monitorar os telefones por um longo período para descobrir secretamente a identidade dos assistentes, então designar pesquisadores ou detetives particulares para obter informações sobre cada um dos assistentes e, finalmente, passar esta informação a cada um dos médiuns para que cada um pudesse falsificar o processo de recuperação de informações do falecido. E eles teriam que ter várias pessoas observando qual assistente entrava em qual sala, e de alguma forma secretamente passar esta informação também para cada um *dos* médiuns no local no início de cada leitura.

Ele concordou que esses obstáculos apresentavam alguns desafios consideráveis. No entanto, ele admitiu que ele mesmo usa algumas dessas mesmas técnicas. Ross nos contou como ele se prepara para seus shows de mágica psíquica como um ator para grandes eventos privados. Ele não usa investigadores particulares, mas apenas porque faz o papel de detetive particular por conta própria.

Antes de um show, ele obtém uma lista com os nomes do maior número possível de pessoas que planejam comparecer. Então, por meio de vários métodos, incluindo conversas aparentemente inocentes com parentes, ele descobre detalhes específicos sobre os indivíduos, que usa para deixar o público maravilhado durante o show.

Com a ajuda da crítica de Ross, bem como de nossas próprias observações dos experimentos anteriores, partimos para a construção de um novo projeto de pesquisa — um que erigisse barreiras muito mais seguras contra a fraude e o engano.

Projetando o novo experimento

Decidimos ter mais certeza de que não haveria maneira possível para os médiuns descobrirem a identidade do assistente durante uma sessão. Embora os médiuns nunca se virassem para ver os assistentes em nosso segundo

experimento até o final de uma leitura, tivemos que descartar a possibilidade de que espelhos secretos ou outras técnicas sorrateiras (por exemplo, um reflexo de uma janela) pudessem ter permitido a eles de alguma forma, "dê uma espiada". Mesmo que os experimentadores tivessem o *The Canyon Ranch Experiment: E se os assistentes nunca falarem?* não observamos nenhuma evidência de que isso ocorreu, queríamos eliminar completamente a possibilidade.

Para obter essa garantia, dois conjuntos de lençóis brancos duplos seriam fixados de parede a parede e do chão ao teto em cada uma das salas onde as sessões aconteceriam. O médium ficaria posicionado em um lado da tela, de costas para a tela e de frente para a câmera de vídeo, e o experimentador escoltaria o assistente por uma porta do outro lado da tela, tornando impossível para o médium ter qualquer visão. contato.

Uma vez que o assistente estivesse no lugar, usaríamos novamente o paradigma silencioso de Russek de Miraval: os primeiros dez minutos da leitura seriam conduzidos com o assistente nunca falando. E para o período sim/não do experimento, adicionaríamos uma nova restrição: o médium nunca ouviria a voz do assistente. Dessa forma, o médium não teria pistas sobre a idade, sexo ou estado emocional do assistente em nenhum momento durante a sessão.

Consideramos muitas ideias para fazer isso, desde tocar sinos ou apitos até vozes computadorizadas ou luzes piscantes. O desafio era encontrar algum método que não atrapalhasse a concentração do médium. No final das contas, optamos pelo método menos distrativo e mais direto: o experimentador simplesmente observava o aceno silencioso ou o balançar da cabeça do assistente e dizia um sim ou não conforme apropriado para o médium do outro lado da tela.

Para que a voz ouvida por um determinado médium fosse a mais constante possível, cada médium teria o mesmo experimentador o tempo todo. Acreditávamos que seríamos mais capazes de controlar o tom de nossas vozes do que os assistentes individuais, já que estávamos emocionalmente distantes da informação recebida.

Novamente haveria cinco assistentes de pesquisa; eles escreveriam com antecedência os detalhes das vidas e suas relações com as pessoas falecidas que esperavam que pudessem participar. Esses registros seriam selados, sem serem vistos por nenhum dos experimentadores até a sessão de pontuação, muito mais tarde.

Uma sala seria reservada como "sala de isolamento dos assistentes", onde os assistentes esperariam entre as leituras, completamente protegidos de serem ouvidos ou observados pelos médiuns.

Um novo tipo de babá

Outra lição do experimento Miraval foi que assistentes de partes remotas do país trouxeram complicações quando chegou a hora de pontuar os dados. Além disso - embora não tivéssemos motivos para duvidar de que sua pontuação foi sincera e confiável - mesmo assim, a maioria dos assistentes anteriores não tinha experiência profissional na avaliação de dados.

Desta vez, usaríamos assistentes orientados para a pesquisa e pontuadores. Além disso, expandiríamos o procedimento de pontuação de uma maneira nova e importante.

Convidamos cinco pessoas para se tornarem nossa primeira equipe dedicada de assistentes de pesquisa - um grupo com idade variando de 22 a 55 anos, todos vivendo na área metropolitana de Tucson. Eles não apenas estavam abertos à possibilidade de contato com o outro lado, mas também queriam saber se o fenômeno era real ou não. Desta vez, porém, eles não teriam a proteção do anonimato: todos deveriam concordar que, se solicitados, confirmariam o experimento participando de entrevistas com céticos e a mídia.

A mais nova era Juliet Speisman, uma estudante de graduação que havia feito meu curso de psicologia da religião e espiritualidade. A partir do momento em que o tema da mediunidade foi mencionado na palestra, ela manifestou um profundo entusiasmo em participar de nossas futuras pesquisas. Ela tinha uma conexão anterior com John Edward, que realizou uma leitura com um amigo da família após uma morte traumática; depois disso, ela tentou por mais de dois anos conseguir um encontro com John. Seu profundo desejo de participar do experimento finalmente garantiu a ela uma posição de babá de pesquisa.

Sabrina Geoffrion fez parte da equipe de pesquisa e administração de nosso laboratório. Eu conhecia seu compromisso com a pesquisa e o conhecimento e sabia que podia confiar nela; a confiança era fundamental.

Os laços de Sabrina com a Universidade do Arizona são profundos. Sua mãe é professora e ex-presidente do departamento de arte, e seu pai foi reitor associado da Faculdade de Ciências e atuou como vice-presidente associado da universidade e oficial de integridade da universidade. Dada a sua origem familiar e seu extenso treinamento em ciência experimental, ela parecia uma escolha forte.

O componente número um na seleção era a integridade. É por isso que foi fácil selecionar Janna Excel, que trabalha como conselheira de luto em um cemitério local e lidera um grande grupo mensal de experiências de quase morte em uma igreja local.

Eu havia conhecido Janna dois anos antes, quando ela foi palestrante convidada para o popular curso do professor Robert Wrenn sobre a psicologia da morte e da perda. Ela relatou algumas experiências pessoais envolvendo uma forma particular de mediunidade, que ela estava interessada em investigar cientificamente. Seu conhecimento da morte, tanto pessoal quanto profissional, fez dela uma excelente candidata à pesquisa. Ela também tinha interesse em experimentar a mediunidade em primeira mão, já que muitas vezes é discutida como uma possível terapia para auxiliar no processo de luto. Janna queria saber se a mediunidade era algo que ela poderia ou deveria recomendar aos clientes. Que melhor maneira de tomar a decisão do que experimentar a mediunidade como assistente de pesquisa e testar experimentalmente o fenômeno em primeira mão?

A quarta pessoa que selecionamos foi uma velha amiga de Linda, Terri Raymond. Uma pessoa muito espiritual com experiência em hipnose clínica, Terri ficou fascinada com nossa pesquisa e pediu para testemunhar ela mesma.

A babá final foi uma colega profissional, Lynn Ferro, coordenadora de pesquisa do programa do Dr. Andrew Weil em medicina integrativa na faculdade de medicina. Ela é uma pesquisadora clínica bem treinada, que trabalhou por vários anos no Arizona Cancer Center. Dada a sua experiência em medicina convencional e alternativa, convidamos Lynn para participar como assistente e servir como presidente da equipe de assistente de pesquisa.

Uma questão que não abordamos anteriormente tinha a ver com viés não intencional na pontuação: a possibilidade de que os assistentes acreditassem tão profundamente na experiência pela qual passaram que classificariam como corretas declarações que de fato não eram corretas. (Existe um truque de cartas em que o mágico faz um membro da platéia escolher uma carta e depois, propositalmente, mostra a carta errada; quando a pessoa diz: "Não, essa não era a minha carta", o mágico a vira e , pronto, mudou para o selecionado. Mas o truque às vezes sai pela culatra: ocasionalmente a pessoa pensa que o mágico cometeu um erro e, na esperança de poupá-lo de constrangimento, aceita a carta errada como correta.) Da mesma forma, conscientemente ou inconscientemente, nossos assistentes podem ter classificado informações ruins como boas, um processo que chamamos de viés do avaliador.

Como estávamos profundamente preocupados com a possibilidade de viés do avaliador, decidimos exigir que cada leitura fosse pontuada não apenas pelo assistente dessa leitura, mas também pelos outros quatro assistentes. Sabíamos que seria um fardo para os assistentes, que teriam que pontuar suas próprias três leituras mais todos os itens das doze leituras dos outros assistentes também - um total de quinze leituras a serem pontuadas por cada pessoa. Deixamos isso claro com antecedência para cada pessoa que estávamos considerando; todos os cinco disseram que estavam dispostos.

No entanto, nenhum dos assistentes refletiu a extensão da perda experimentada pelos assistentes da sessão da HBO. Portanto, previmos que a precisão de +3 dos médiuns poderia ser reduzida. Nossa hipótese é que a “puxão” para o falecido falar pode ser menor para esses assistentes. No entanto, se resultados positivos pudessem ser obtidos nessas condições, isso forneceria a base para estabelecer um paradigma padronizado que acreditávamos poder ser aplicado a uma ampla gama de assistentes e médiuns, incluindo mágicos. Esperávamos, também, que pudesse ser eficaz o suficiente para ser replicado independentemente em outros centros experimentais em todo o país.

Grandes expectativas. Muito o que esperar de um experimento de um dia.

A estrada para Canyon Ranch

O spa Canyon Ranch, mais uma vez, ofereceu generosamente um acordo que forneceu financiamento e acomodações para o

The Canyon Ranch Experiment: E se os assistentes nunca falarem? experimentar. Eles entregaram para nosso uso exclusivo sua Dream Street House, uma grande casa de fazenda isolada entre as árvores.

Alguns de nossos fiéis médiuns estiveram disponíveis para as datas selecionadas, mas não todos. George Anderson estaria na Europa em sua turnê de lançamento de *Lessons from Heaven*, e Anne Gehman tinha um compromisso conflitante. Mas Laurie Campbell, Suzane Northrop e John Edward se juntariam a nós.

Reunimo-nos na casa do Canyon Ranch em uma manhã de sábado em dezembro de 1999, com as comemorações do milênio não muito longe. O plano previa que os médiuns fizessem cinco leituras seguidas, embora John insistisse que iria se cansar e que suas leituras posteriores não seriam tão boas quanto as primeiras.

Por causa de uma discussão intermitente sobre se deveríamos realizar uma leitura em grupo com todos os três assistentes no final do dia, John também estava convencido de que sua precisão não seria tão alta quanto para os experimentos da HBO e Miraval porque ele agora estava estressado.

Embora o dia tenha produzido sua parcela de decepções, duas leituras em particular se mostraram memoráveis — ambas, coincidentemente, por John Edward, o médium que havia levantado a maior preocupação sobre as chances de sucesso.

Ofereço a primeira dessas duas leituras com grande reverência e carinho pelas pessoas envolvidas: a jovem e sensível Sabrina Geoffrion e sua amada avó falecida.

Sabrina com John Edward

Levei Sabrina para a sala e ela sentou-se em silêncio. Assim que os gravadores de vídeo e áudio foram ligados, John fez sua breve introdução padrão e iniciou a leitura do período de silêncio.

OK. A primeira que quero reconhecer é que há uma mulher mais velha que está chegando

para mim, eu diria que seja uma irmã mais velha ou uma figura materna, há uma mulher mais velha acima de você que está se destacando. Eles estão me dizendo para reconhecer alguém com o mesmo nome ou iniciais sendo transmitido na família.

Juntamente com outras observações de verificação que John forneceu mais tarde na leitura, onde ele faz referência ao “nome do meio”, a babá conectou isso ao nome do meio de seu filho, que é tirado do nome de solteira de sua avó.

Ainda no período de silêncio, John fez outra referência que a babá acreditava estar ligada à avó.

Eles estão reconhecendo que há dois cachorros, não um, dois cachorros que passaram, mas há uma conexão de dois cachorros que está acontecendo.

No período sim/não, embora John ouvisse apenas minha voz e nunca a da babá, as informações tornaram-se mais específicas, exatamente como esperávamos. John conseguiu estender suas primeiras impressões fornecendo informações extremamente detalhadas sobre a avó falecida, incluindo mais informações sobre os cachorros. Por exemplo, John percebeu que um deles era um “grande poodle branco” que era “mau” e comia de tudo, desde “sapatos a lascas de madeira”. Ele também identificou essa avó como desempenhando um forte papel maternal na vida da babá.

Oh meu Deus, fale sobre um vínculo de amor. É como: “A princesa chegou.” Quero dizer, há um sentimento de que essa garota deve ter sido como a menina dos olhos dessa mulher, ou algo assim.

Também quero reconhecer que há um casamento, porque eles estão me mostrando que há um casamento.

Então eu não sei se essa pessoa agora é casada ou

eles vão se casar, mas a vovó quer saber — quer que eu reconheça o casamento.

Na verdade, desde a morte de sua avó, a babá havia se casado.

Isso significa que ela estava no casamento depois, você sabe, depois que

ela faleceu, mas há uma conexão com o casamento. E ela está falando. . . algum tipo de conexão de flores. E o que é estranho é que ela está me mostrando flores que eu nem pensaria em estar em um casamento, e estas são margaridas. Hum, eles estão me mostrando margaridas...

Não sei qual é a referência às margaridas, mas eles estão me mostrando margaridas.

Acontece que quando a mãe da babá se casou, sua mãe, a avó da babá, costurou um anel de margaridas no cabelo da filha. Quando as pessoas pensam em casamentos, as margaridas não são as flores que geralmente vêm à mente. A referência a estrados em um casamento é altamente improvável. Mais tarde, na sessão formal de pontuação, a babá determinou que quase 90 por cento das informações que John forneceu sobre sua avó estavam +3 corretas.

No entanto, neste ponto de nossa pesquisa, eu havia experimentado informações impressionantes e precisas sobre tantos entes queridos que partiram, fazendo com que essa leitura em particular parecesse quase rotineira. Familiares falecidos, principalmente avós, costumam aparecer nesse tipo de trabalho, e quando um ente querido falecido é descrito por um médium com detalhes tão específicos, não é ocasião para convocar uma coletiva de imprensa.

Descobrimos que às vezes, inesperadamente, há “anomalias dentro das anomalias” à medida que os dados se desenrolam. Quando você conduz a pesquisa de forma que esteja aberto para descobrir o estranho dentro do estranho, às vezes você se depara com uma classe extraordinária de dados – informações que não se encaixam facilmente nas explicações “anômalas” convencionais, como ler a mente do assistente. . Embora esses tipos de dados sejam os mais difíceis de detectar, produzir sob demanda e avaliar, eles são os mais empolgantes e, às vezes, os mais definitivos.

Essa noção veio ainda mais à mente com a próxima leitura de John.

Sitter No. 4 com John Edward - Uma Anomalia dentro das Anomalias

No final da sessão, levei a babá de volta à sala de espera para relaxar antes da próxima sessão. Parecia que ela teria cerca de meia hora para relaxar até a próxima leitura.

Eu então escoltei a babá seguinte de John até a sala e começamos o mesmo procedimento. Mas depois de sua apresentação habitual, John ficou em silêncio por um bom tempo. Por fim, ele disse: “Estou carregando o . . . a avó de outra mulher comigo.”

Os próximos momentos foram bastante desconcertantes. John me pediu para verificar se a pessoa agora atrás da cortina era uma babá diferente e uma

pessoa não relacionada à babá anterior. Ele queria ter certeza de que eu não estava pregando uma peça nele.

Ele também queria que eu anotasse a hora para que pudéssemos verificar mais tarde se a babá anterior havia ido para sua próxima leitura no momento do incidente. “Escreva exatamente que horas são agora, porque a avó daquela mulher, a avó daquela pessoa, ainda está aqui”, disse John.

Ele relatou mais algumas informações sobre a babá anterior: que ela estava ligada a um nome SA e que “A única coisa que toco na minha cabeça agora é 'On the Good Ship Lollipop'”, uma música mais lembrada em conexão com o A estrela infantil dos anos 1930, Shirley Temple.

A única outra informação que recebeu durante a fase silenciosa foi *Sabrina, a Bruxa Adolescente*, título de um programa de televisão contemporâneo.

Passamos então para um breve período de sim/não, e John rapidamente

The Canyon Ranch Experiment: E se os assistentes nunca falarem? determinou que nenhum dos dois títulos significava nada para o modelo ou para mim. Ele sugeriu que poderia ser uma mensagem da avó da babá anterior, embora não pudesse sugerir nenhum significado.

Eu nem sei o que é isso, tipo não sei se é um filme, não sei do que é isso. Quero dizer, pensei que era Shirley Temple, então não sei se isso significa que deveríamos falar sobre uma criança bonitinha com cachos ou se eu deveria estar falando sobre alguém com o nome Shirley, hum, o que não é como eu normalmente conseguiria isso, então quero registrar isso.

John se desculpou por não poder receber nenhuma informação da babá atual. Ele acrescentou que a avó do assistente anterior havia lhe dito que ele não era o médium certo para o assistente atual, a quem ele identificou corretamente como uma mulher. Ele também afirmou que a avó da babá anterior havia gostado dele.

Eu apenas, eu apenas tenho um sentimento muito protetor desta mulher, como se ela estivesse, ironicamente, me protegendo.

Embora John se considerasse completamente perplexo com a informação que estava obtendo e frustrado por sua incapacidade de obter qualquer outra coisa, comecei a ter uma ideia do que poderia estar acontecendo, embora escondesse meus pensamentos de John.

Ao final da leitura, John não havia recebido virtualmente nenhuma informação para a babá. Este foi um fracasso completo em termos de projeto experimental. Sua precisão de zero por cento para a sessão obviamente reduziria as médias gerais.

Ainda assim, talvez as médias gerais não fossem tão ruins no final. A babá anterior, afinal, era Sabrina Geoffrion, então *Sabrina, a Bruxa Adolescente* parecia um sucesso incrivelmente bom. Mas e “On the Good Ship Lollipop”? Eu dificilmente poderia ter antecipado o que estava prestes a descobrir.

Quando voltei para a área de espera da babá, Sabrina ainda estava lá, esperando para ir para a próxima sessão. Portanto, era pelo menos logicamente consistente que John pudesse ter continuado a se comunicar com a avó dela mesmo após o término da sessão.

Procurando uma resposta

Sentei-me ao lado de Sabrina e perguntei se “On the Good Ship Lollipop” significava alguma coisa para ela.

Ela começou a chorar.

Ganhando controle, ela explicou que, quando criança, seu cabelo era curto e encaracolado. Quando ela cantava e dançava, sua avó dizia que ela se parecia com Shirley Temple. Na verdade, ela cantou canções de Shirley Temple para sua avó.

Sabrina, a Bruxa Adolescente não parecia muito misteriosa, mas eu perguntei mesmo assim. Acabou sendo mais uma conexão do que apenas o nome Sabrina. Expliquei a ela como John havia recebido o título do programa, acreditando que era apenas uma maneira de transmitir o nome dela a ele. Na verdade, ele diz que costuma mostrar títulos de filmes para transmitir uma mensagem - algo que ele atribui a ter trabalhado em uma locadora de vídeo uma vez. Mas acontece que o filme tinha um significado mais direto.

Enquanto eu observava mais lágrimas escorrendo por seu rosto, Sabrina explicou que alguns de seus colegas adolescentes a provocaram chamando-a de *Sabrina, a Bruxa Adolescente*. E então ela corria para a avó em busca de consolo e compreensão.

Quando voltei para John, não pude deixar de dizer a ele que algumas de suas informações erradas com o quarto assistente haviam sido um tiro deslumbrante para o anterior. Sem demonstrar surpresa, ele aceitou a informação com calma, alegando que a avó de Sabrina ainda estava na sala enquanto conversávamos.

Para aceitar as declarações de John pelo valor de face, percebi que a avó poderia ficar por perto, interrompendo suas leituras, até que Sabrina começasse sua próxima sessão com outro médium. Acontece que ela estava a caminho de sua próxima leitura. De fato, o grande *The Canyon Ranch Experiment: E se os assistentes nunca falarem?* a mãe parecia ter ido embora; John foi capaz de recuperar sua concentração e receber informações

precisas para seu próximo assistente.

Fiquei profundamente tocado por essa experiência inesperada. Embora eu tivesse acabado de testemunhar John Edward arruinar nossos dados de pesquisa com um assistente, eu o vi apresentar informações fascinantes que são surpreendentemente consistentes com a hipótese de um universo povoado com as almas vivas de nossos entes queridos.

E havia mais por vir. Na última leitura do dia, John deveria receber informações que chegaram a mim pessoalmente.

• 14«

Mais Canyon Ranch: um visitante inesperado

Os médiuns perdidos informam a seus clientes – talvez “advertir” seja um termo mais apropriado – que eles não têm controle sobre quem pode optar por participar de uma determinada leitura. Eles simplesmente se abrem e se sintonizam, como uma antena, receptivos a quem e o que quer que apareça.

Aprendemos como é importante estar preparado para surpresas nesse tipo de trabalho. Essa imprevisibilidade previsível às vezes complica o processo de relatar os dados quando chegam informações imprevistas.

Como vimos com Sabrina, uma fonte de imprevisibilidade é que o ente querido de uma babá pode não estar pronto para ir embora quando a babá o faz. Outra é a chance de que os entes queridos falecidos de outra pessoa nas proximidades possam aparecer e interferir na tentativa do médium de alcançar os entes queridos do assistente. Isso é o que parece ter ocorrido na última leitura de John sobre o experimento Canyon Ranch.

Um Convidado Não Convidado

Quando chegamos à quinta e última leitura do dia, John e eu estávamos cansados e ansiosos para terminar. No entanto, John continuou com a leitura, pegando imagens e nomes de pessoas que o assistente reconhecia.

Mas não demorou muito para que ele reconhecesse uma diferença no que estava experimentando.

Isso não está fluindo como no meu estilo de conversa normal, está sendo dado a mim, tipo, grandes sinopses, mais ou menos assim. Eu escrevi no papel antes de todos entrarem.

Eles estão me dizendo que o nome feminino que soa como S está aqui, reconhecendo seus filhos. Tem que ser da área médica, porque ele é

médico. Que ela tem o marido lá. Ela fala sobre o signo de Gêmeos, o que significa que alguém é geminiano ou gêmeo. Mas isso não é para a babá. Gary, pode ser para você.

Fiquei atordoado e secretamente satisfeito. Minha mãe, cujo nome começa com S, teve dois filhos, um deles médico — eu (embora não fosse médico, mas um Ph.D.). E eu sou um geminiano. Mas a informação era realmente para mim?

John continuou com mais da mesma pessoa.

E alguém quer ser chamado de “o leiteiro.” E isso é estranho porque ele não está tentando me mostrar que entregou leite. Ele é o leiteiro... Eu tenho duas mães aqui. Eles não estão relacionados de forma alguma. Gary, para você. . .

Assustado e intrigado, encorajei John a continuar com o que estava recebendo, independentemente de ser para a babá ou para mim.

Mais disso ocorreu durante o período sim/não, e como John identificou isso como sendo para mim, as respostas que dei foram minhas, não dos assistentes.

.. sua vesícula biliar foi removida?

Não especificamente.

Desculpe? Houve cirurgia de estômago como vesícula biliar, apêndice removido?

Sim.

E sua mãe faleceu?

Sim.

Ela é a “S”?

Sim.

Voce tem um irmao?

Uh huh [sim].

Não estou sentado com seu irmão; correto?

Com licença?

Este não é seu irmão?

No.

OK. Isto é para você. O leiteiro é para você.

Hum.

Seu pai também passou

Sim.

Existe um Morris nessa família?

Sim.

O que vejo é ser como um tio ou um avô.

Uh huh [sim].

Após esse diálogo, John pediu permissão para pedir a minha mãe que ficasse quieta para que ele pudesse receber informações para a babá. Mas ele continuou a ter problemas. E então ele identificou a origem do problema: como ele havia sugerido anteriormente, de passagem, *duas* mães estavam presentes.

Um para a pessoa, um para você. Sua mãe fala mais alto, Gary.

Sua interpretação era consistente com a personalidade de minha mãe. Ela costumava ser a pessoa dominante em uma conversa.

John foi então capaz de se concentrar na verdadeira babá da sessão e receber informações significativas e precisas para ela, mas ele continuou a relatar informações precisas para mim também. Ele confirmou que o leiteiro que havia mencionado antes era para mim e disse que meu tio Morris era conhecido por duas outras versões de seu nome; que soava como Maurice ou Merle.

Depois da experiência, liguei para meu irmão, que por sua vez ligou para nosso primo, filho do tio Morris. O primo confirmou uma versão do que John havia dito: seu pai às vezes era chamado de Moshia ou Moe. Não os mesmos nomes que John havia dado - e talvez seja discutível se suas versões eram próximas ou não - mas sobre o homem ser chamado por dois nomes diferentes do seu, John acertou no alvo.

Se eu aplicasse nossos procedimentos de pontuação padrão às informações que John disse que vieram especificamente de minha família para mim, a classificação seria de pelo menos 80% +3 de precisão. A combinação de informações - nome da mãe "S", um filho na área médica, um geminiano, apêndice removido, um irmão, pai falecido, tio Morris, dois ou mais nomes - também não tinha conexão com nenhum dos assistentes ou os outros dois experimentadores. A combinação se aplicava apenas a mim. A probabilidade condicional é bem menor que uma em um milhão.

John fingiu ter recebido essas informações de minha falecida mãe - informações que ele localizou na internet ou de alguma outra forma?

Sabendo o quanto estou aberto na busca de fatos significativos, ele secretamente colocou essa informação fraudulenta nas leituras no último momento para que um cientista crédulo a relatasse como um achado experimental?

Se você é um cético, pode dizer: “Eu avisei - deve ser fraudulento”.

Se você é um crente, pode dizer: "A precisão de John para os assistentes que ele não conhecia era igualmente alta".

Se você for um agnóstico – um cientista como eu – colocaria todas as hipóteses sobre a mesa e diria: “Não sei. Vamos fazer mais pesquisas.”

Mas há outro capítulo nesta história.

O Leiteiro, Minha Mãe e o Misterioso Sexto Sitter

A maioria das informações sobre minha família era interessante e até precisa, mas e a referência ao “leiteiro”?

Quando checamos com todos os assistentes e experimentadores para ver se algum deles tinha um relacionamento ou conexão com um leiteiro, nenhum tinha.

Mas eu não esperava que nenhum deles relatasse uma conexão; Eu tinha certeza desde o início que a informação era para mim. Na verdade, trouxe de volta uma lembrança afetuosa da infância, algo em que não pensava há anos.

Quando jovem, desenvolvi grande entusiasmo por colecionar garrafas de leite de vidro, que usava para guardar os tipos de coisas que os meninos costumam colecionar - vaqueiros e índios de plástico favoritos, moedas velhas, vários besouros japoneses falecidos e vaga-lumes.

Eu tinha uma grande coleção dessas garrafas, o que deve ter me colocado em uma lista negra especial com o leiteiro, que constantemente as pedia de volta. O dia em que as garrafas de leite de vidro foram substituídas por caixas plastificadas foi um momento de choque para essa criança e para sua mãe solidária.

A menção de John a um leiteiro foi uma referência específica a uma memória minha de infância? Obviamente, não podemos saber a resposta. Mas eu estava inclinado a pensar que a resposta poderia ser sim... em parte por causa de um procedimento secreto que havíamos planejado para esse experimento, embora no final ele nunca tenha acontecido.

Os médiuns foram originalmente informados de que haveria seis

assistentes. No início de cada sessão, os experimentadores entravam na sala do médium com quem estavam trabalhando, acompanhando o próximo assistente. O plano era que, em algum momento do dia, o pesquisador chegasse sozinho; por causa da triagem, e porque durante o período sim/não o procedimento exigia que o experimentador, não o assistente, falasse as respostas, o médium não saberia que o assistente para esta sessão era de fato o experimentador. Assim, as informações relatadas pelo médium estariam potencialmente relacionadas aos familiares e amigos falecidos do experimentador. Eu finalmente teria a chance de andar na montanha-russa.

Após o estresse da manhã sobre os médiuns sobre abandonar as leituras de grupo pretendidas, decidimos que fazer essa surpresa poderia ser indesejável e injusto. Esperando uma oportunidade de tentar isso em um experimento posterior, nunca dissemos aos médiuns sobre o plano.

No entanto, John recebeu informações sobre meus entes queridos falecidos sem saber que esperávamos que isso fizesse parte do experimento original.

É possível que a mudança de planos tenha perturbado minha mãe, que estava ansiosa para falar comigo? Mais remoto ainda, será possível que o leiteiro da minha infância — que de fato tinha motivos para se lembrar de mim acima das outras crianças em seu caminho, pelos transtornos que lhe causei — a tenha acompanhado? Embora eu, como experimentador, tivesse decidido que poderia adiar o trabalho de babá para outro dia, talvez minha mãe estivesse ansiosa para ter a oportunidade de falar por meio de um médium e apareceu de qualquer maneira. Lembrei-me de como, em um de nossos primeiros experimentos formais com Laurie, quando ela tentava se comunicar com meu pai, minha mãe apareceu sem avisar e mais ou menos dominou a conversa, exatamente como havia feito em vida.

Minha resposta à intromissão de minha mãe na leitura de John poderia ter sido de desaprovação, uma vez que a interrupção dela contaminou o experimento e diminuiu as classificações de pontuação de precisão para aquela sessão. Mas, em vez disso, minha resposta foi um sorriso, acompanhado pela esperança de que minha querida mãe estivesse bem e que John ficasse satisfeito, e não aborrecido, por minha mãe aparecer tão inesperadamente.

Um outro item que ficaria comigo como um dos incidentes mais memoráveis do dia ocorreu com Suzane e a babá Janna Excel. No início do período de silêncio, Suzane relatou a presença de um homem de bigode e olhos azuis penetrantes que lhe mostrava um uniforme de policial.

Do outro lado da tela de folha dupla, Janna estava naquele momento segurando dois itens em seu colo: um conjunto de fotos de um homem com um bigode distinto e impressionantes olhos azuis, e a jaqueta de couro do

homem.

Sim, eu sei que um cético ignoraria o incidente. No entanto, estar presente e testemunhar um momento como este é uma experiência assustadora, para nunca ser esquecida.

Classificando os dados

As transcrições escritas das fitas de vídeo forneceram 317 páginas de material das quinze leituras, cada médium tendo se encontrado com os cinco assistentes individualmente. Apenas para os períodos de silêncio, isso nos deu mais de quinhentas informações específicas. Usando planilhas de computador, nossa equipe preparou uma lista item por item de cada informação fornecida pelos médiuns, agrupando os itens por meio e sequencialmente à medida que foram relatados. O Gráfico 14-1 mostra uma seleção de itens de uma leitura

Novamente usamos as mesmas categorias e sistema de pontuação, cada afirmação de um médium sendo classificada como Inicial, Nome, Fato histórico, Descrição pessoal, Temperamento ou Opinião, e cada uma sendo avaliada de -3 para um erro completo a +3 para um golpe correto. Mais uma vez, os assistentes foram instruídos a deixar um item sem pontuação se não soubessem e a atribuir uma pontuação negativa quando incertos.

Claramente, nosso foco estava nos resultados dos períodos de silêncio, para ver se os médiuns haviam alcançado uma taxa de precisão significativa quando não sabiam quem era o assistente e falavam sem receber nenhum feedback. Se os médiuns durante as leituras da HBO obtiveram pistas da voz, resposta e estado emocional percebido do assistente, eles não tinham nada disso em que confiar durante os períodos de silêncio no Canyon Ranch.

Os cinco assistentes e os três experimentadores passaram um fim de semana cansativo inteiro fazendo as avaliações apenas para o período de silêncio. Cada assistente e experimentador classificou individualmente todas as quinze leituras, dando-nos mais de 4.000 itens avaliados.

Calculamos o número percentual de certos acertos (+3) e certos erros (-3) de duas maneiras. Como de costume, os assistentes avaliaram suas próprias leituras. Além disso, cada assistente avaliou as leituras de todos os outros assistentes. E todos os três experimentadores avaliaram cada uma das leituras também.

Os resultados seriam significativamente diferentes? Haveria uma porcentagem maior de acertos para suas próprias leituras versus o controle

Gráfico 14-1. Exemplo de Planilha para Dados de Pontuação do Canyon Ranch Experiment

Classificação do Médium	Item No.
Fato Histórico	uma mulher

fato21. História babá está em espírito
 fato22. História invencível, amor entre babá e avó
 fato23. História criação da babá por sua morte
 fato24. História odor de seus relacionamentos com homens
 fato25. História babá precisa ser mais autossuficiente, não olhar para outros
 fato26. História babá precisa se encontrar, se tornar uma pessoa mais forte
 fato27. História eles andando por toda parte
 fato28. História babá deve ocupar o centro do palco, mover-se para a luz
 fato29. História ligamntas..
 fato30. História pessoa andando com tênis branco
 fato31. História sol em seu rosto
 fato32. História babá é um homem alto, com cabelos escuros
 fato33. História de terno
 fato34. História mais ligação, amor do pai
 fato35. História restrição ou separação do pai
 fato36. História dizer se é distância física ou emocional
 fato37. História babá é muito exigente
 fato38. História que comanda tudo
 fato39. História seguir uma mulher muito forte
 fato40. História no controle, cuidava de tudo, ele foi tranquila
 fato41. História ela como a executora e ele mais quieto
 fato42. História também faleceu?
 fato43. História vendo uma mulher mais velha do lado do pai
 fato44. História muito forte e teimosa...
 fato45. História amando à sua maneira
 fato46. História mulher dá sensação de invencível, ferro forte
 fato47. História sente como uma mulher menor
 fato48. História dela também é passado
 fato49. História estão juntos e são muito felizes
 fato50. História são pessoas menores na aparência
 fato51. História chamou este casal por um nome diferente
 fato52. História o está preocupado com o emocional da babá estado
 fato53. História as pessoas conheciam esse cachorro
 fato54. História tipo de terrier

temperamento

temperamento

Detalhamento do Médium

fato55. História lata...
 fato56. História pernas curtas e nariz pontudo
 fato57. História engraçado, extrovertido e amoroso
 fato58. História jogo de bola especial gostava; quicar bola no chão, ele pega

de 65 itens cachorro em casa
 de 55 itens sentado no sofá, há uma cadeira à esquerda
 de 50 itens alguém se sentaria lá ao brincar com
 cachorro '
 ou 46 David
 de 36 itens cabelo escuro
 de 35 itens uma alma gêmea
 de 31 itens um pouco
 de 27 itens partido da babá relacionado a ele
 de 28 itens a babá está partido, precisa de cura
 de 29 itens com David e um carro
 de 17 itens para o meio antes da experiência
 de 10 itens a babá veio falar hoje
 de 12 itens em um carro
 de 18 itens experiência dolorosa conectada a um carro
 de 10 itens dor perto de David

leituras dos outros? Nesse caso, isso nos diria se a informação que os médiuns estavam obtendo para Sabrina, digamos, era específica para Sabrina ou se a informação poderia se aplicar tão bem ou até melhor a outra pessoa.

O Médium 1 gerou substancialmente mais itens (aproximadamente 60 itens por leitura em média), em comparação com os Médiuns 2 e 3, que obtiveram uma média de cerca de 25 e 20 itens em cada sessão, respectivamente. O número total de itens gerados durante os períodos de silêncio para os três médiuns nas quinze leituras foi de 528.

Em termos de itens por leitura, o número médio de +3 acertos foi de 12 para as leituras reais versus 6 para os controles. Os três médiuns variaram individualmente de um mínimo de 25% a um máximo de 54% de +3 acertos, com uma média geral de 40%.

Quando os assistentes classificaram as leituras uns dos outros como um grupo de controle, eles detectaram uma média de metade de +3 acertos por leitura (6 para o grupo de controle versus 12 para os médiuns). Em outras palavras, como esperado, as leituras reais dos médiuns foram significativamente mais altas do que as leituras de controle, sugerindo que os resultados dos médiuns não foram alcançados por adivinhação.

Esta foi a primeira vez que realizamos um experimento em que as leituras simultâneas ocorreram em uma área relativamente confinada. As descobertas sugeriram a hipótese de que o “cross-talk” poderia estar se infiltrando – uma questão que merece ser sistematicamente investigada em pesquisas futuras.

A aparição inesperada de minha mãe acabou não sendo o único exemplo do que se poderia chamar de “visitas cruzadas” durante o dia. Em diversas ocasiões, o médium conseguiu identificar que a informação não era para a babá da sala, mas para outra pessoa da casa. No entanto, para fins de pontuação - mesmo quando as informações eram virtualmente 100% precisas para o assistente ausente - tais declarações eram classificadas como falhas. Em

pesquisas futuras, especificaremos quais tipos de erros podem ser marcados como acertos; por exemplo, se o médium declara especificamente que a informação se aplica a alguém que não seja o assistente.

Mesmo assim, para colocar essas descobertas em contexto, vale a pena lembrar que Michael Jordan teve uma média de 45% de acertos e 55% de erros - e foi quando ele pôde ver a cesta. Nossos médiuns não podiam ver nem ouvir os assistentes em nenhum momento. No entanto, seus acertos tiveram uma média de 40%.

Também podemos fazer a pergunta: esses resultados foram replicados para cada um dos cinco assistentes?

A resposta é sim. Cada um dos cinco assistentes marcou suas próprias leituras como tendo um número maior de acertos em comparação com as leituras de controle, e cada assistente marcou suas próprias leituras como tendo menos números de erros em comparação com as leituras de controle.

No entanto, apesar de tudo isso, os resultados foram significativamente piores do que na HBO ou no Miraval Experiments - na verdade, apenas cerca de metade da porcentagem de resultados +3: cerca de 40% em comparação com cerca de 80%. Se os médiuns estão realmente fazendo o que afirmam, é razoável que os resultados do período de silêncio sejam muito piores? Ou existem outros fatores que podem ter influenciado esse resultado?

Embora não fosse algo que havíamos experimentado com frequência antes, acontecia nessas leituras que os médiuns às vezes não ganhavam nada - zero - para um determinado assistente. Surge a pergunta, se estes são os Michael Jordans da mediunidade, por que às vezes eles perdem todas as cestas possíveis com um determinado assistente? Como podemos explicar essas performances terríveis?

Em uma publicação científica tradicional, simplesmente reportaríamos as médias mais baixas, ponto final. Não teríamos permissão para oferecer descrições de fundo do que realmente aconteceu nas sessões quando os médiuns perderam tudo. No entanto, às vezes, evidências importantes são reveladas nos erros. A avó de Sabrina e minha mãe ilustram esses erros — anomalias nas anomalias. Às vezes, a verdade é revelada nos erros. Nós apenas temos que estar dispostos a ouvir o que os dados estão nos dizendo.

Mas, apesar do desapontamento com as médias gerais dos dados do período de silêncio, o experimento do Canyon Ranch representou um passo importante no desenvolvimento de nossas técnicas experimentais. E os resultados do período de silêncio, afinal, estiveram bem acima de qualquer coisa que pudesse ser explicada por acaso ou adivinhação. Nesse sentido, o experimento foi um grande sucesso e nos deu todos os motivos para estarmos ansiosos para descobrir o que viria a seguir.

Descobrimos a Realidade Maior

A morte é apenas um horizonte

Carly Simon

Olhe para cima de sua vida.

James Taylor

Dê-nos mais para ver.

De Domingo no Parque com George por Stephen Sondheim

•15«

O que a fraude tem a ver com isso?



John Edward uma vez me disse em um e-mail que estava cansado de ser visto como uma aberração. Respondi com uma pergunta: “Como você prefere ser chamado? Uma aberração? Ou uma fraude?”

Se a ciência pudesse estabelecer que não há fraude no que nosso grupo de médiuns está fazendo, e eles são capazes de fazer algo tão especial e incomum que é quase bizarro, isso seria realmente um avanço significativo.

É nossa esperança fervorosa que pesquisas futuras nos permitam estabelecer definitivamente que algumas das pessoas que se autodenominam médiuns não são nem fraudes nem aberrações, mas podem realmente estar entre os maiores amigos da humanidade, fornecendo evidências confirmadas da existência de uma família espiritual maior.

Claramente, a ciência deve abordar explicitamente a hipótese da fraude e examiná-la por meio de experimentos de laboratório controlados e replicados se o trabalho dos médiuns for aceito. Esperamos que todos os interessados nesta questão - especialmente pessoas com conhecimento sobre o assunto e sobre esforços de pesquisa anteriores - examinem cuidadosamente nossos dados, nos ajudem a descobrir falhas em nossos métodos experimentais e nos apoiem no desenvolvimento de melhores experimentos.

Ou, pelo menos, descubra o que estamos fazendo antes de lançar ataques virulentos.

Provavelmente nossa maior surpresa e mais profunda decepção foi a descoberta inesperada de que algumas das pessoas mais convencidas de que todo esse assunto é baseado em fraude estavam dispostas a criticar nosso trabalho sem nunca olhar para nossos dados.

A lição do Sr. Wizard

Quando eu tinha dezoito anos e era um estudante calouro de engenharia elétrica na Cornell University, uma amiga íntima afirmou que conhecia um “Sr. Wizard” que, em um telefonema, poderia me dizer meu aniversário sem que eu falasse uma palavra com ele.

Curiosa, aceitei o desafio. Minha amiga me perguntou minha data de nascimento, eu disse a ela, e ela fez a ligação. Depois de uma breve espera, ela disse: “Olá, posso falar com o Sr. Wizard?”

Então ela ficou em silêncio novamente por alguns momentos, e eu estava disposto a esperar até que o misterioso Sr. Wizard estivesse disponível para atender a ligação. Enquanto isso, sempre desconfiado, eu observava cuidadosamente seus lábios, garganta e dedos, e ouvia atentamente para ter certeza de que ela não estava fazendo barulhos ou enviando toques sutis. Ela não estava.

Depois de um tempo, ela disse ao telefone: “É o Sr. Wizard?” Outra pausa. Eu me perguntei se ela ligou para um telefone público no corredor de um dormitório e alguém pegou o “Sr. Mago.” Ou talvez ela estivesse apenas confirmando que este era, de fato, o verdadeiro Sr. Wizard.

Então ela falou mais uma vez: “Obrigada, Sr. Wizard. Agora vou dar o telefone para o meu amigo.”

Quando coloquei o telefone no ouvido e disse cuidadosamente: “Olá”, a voz do outro lado simplesmente respondeu: “Aqui é o Sr. Wizard. Seu aniversário é 14 de junho”, e desligou.

O que estava correto.

Eu não podia acreditar. Como foi possível? Ela só se referiu a mim como “meu amigo” e nem mesmo pediu a ele que desse minha data de nascimento.

Totalmente estupefato, pensei ter testemunhado alguma forma de comunicação psíquica. Ou talvez comunicação supereletromagnética (afinal, eu era um estudante de engenharia elétrica). Poderia o Sr. Wizard ser real?

Implorei a ela que me contasse a verdade. Finalmente, depois de algumas provocações, ela revelou o truque.

Descobriu-se que não havia nada psíquico ou científico nisso. Eu tinha acabado de ser enganado por um estratagema conhecido por todos os mágicos.

Quando ela pediu para falar com o “Sr. Wizard”, a pessoa do outro lado nunca saiu da linha. Em vez disso, ele sabia que deveria assumir o papel de “mago” e começou lentamente a nomear os meses do ano: janeiro, fevereiro, março. ...

Quando ele disse “junho”, ela simplesmente interrompeu com a próxima pergunta: “É o Sr. Wizard?” Seu cúmplice então sabia o mês e começou a contar os dias lentamente: “1, 2, 3 ...” Aos 14 anos, ela interrompeu novamente.

Então tudo o que ela teve que fazer foi me passar o telefone e se preparar para dar uma grande risada às minhas custas.

No final, consegui rir também, mas aprendi uma lição que mudou minha vida e que permanece comigo até hoje. A experiência aparentemente inocente abriu meus olhos para o mundo mais amplo do engano, mesmo entre “amigos”, e francamente deixou um gosto ruim na minha boca.

Examinando o Engano

Sempre que penso no incidente do Sr. Wizard, isso me lembra o que me atraiu para a ciência em primeiro lugar. A ciência é uma abordagem sistemática para a obtenção de conhecimento. Foi desenvolvido para ser o campo de prova final para discernir o verdadeiro e real do falso e ilusório.

Todas as coisas sendo iguais, prefiro confiar nas pessoas, tanto cientistas quanto não cientistas. Quando conheço novas pessoas, quero poder confiar nelas. Sempre que possível, tento dar a eles o benefício da dúvida.

Ainda assim, sei perfeitamente que nem todo mundo age com base na confiança. A história documenta que o mundo sempre teve um amplo suprimento de enganadores e trapaceiros. Precisamos perguntar: “Há fraude envolvida nos experimentos mediúnicos que estamos realizando?” Como já está claro, essa é uma pergunta que fazemos constantemente.

A questão se aplica não apenas aos médiuns, mas também aos cientistas: “Os cientistas estão sendo enganados pelos enganadores (os médiuns) ou, pior ainda, os cientistas estão se enganando?”

O reino do engano não para necessariamente nas portas da academia. Às vezes, chega aos corredores e laboratórios da ciência. Este é o ambiente universitário que a sociedade moderna criou. Já vimos exemplos suficientes de engano científico para saber que isso acontece.

Considerando tudo, devemos fazer regularmente a pergunta, tanto na ciência quanto na vida cotidiana: estamos sendo enganados?

No caso da ciência, especialmente em áreas controversas, a pesquisa deve ser projetada com a possibilidade de engano e fraude em mente. A

possibilidade de engano por médiuns, assistentes e até mesmo pelos próprios experimentadores sempre esteve em primeiro plano em nossa consciência. A cada experimento sucessivo, a possibilidade de fraude operando em qualquer nível era cada vez mais abordada com rigor.

Tudo isso, e muito mais, passou pela minha cabeça enquanto eu testemunhava o desenrolar da pesquisa.

Quando observei os cinco médiuns no experimento da HBO fornecerem resultados surpreendentes, como o primeiro cientista a conduzir tal experimento sob um ambiente controlado, meus pensamentos imediatamente me trouxeram de volta ao Sr. Wizard.

Eu me perguntei, eu estava sendo enganado de novo? Desta vez, se eu estava sendo motivo de piada, não era apenas para rir — minha carreira científica, bem como a credibilidade de todos em nosso laboratório, estava em jogo.

Havia apenas um grupo do qual eu tinha 100% de certeza: nós, os pesquisadores, não estávamos envolvidos em engano deliberado. Vivemos conscientemente o lema “Deixe os dados falarem, o que quer que os dados digam.”

É uma questão de fé aceita em uma sociedade livre que os repórteres e a mídia tenham a mesma dedicação à verdade que os cientistas.

Infelizmente, essa fé nem sempre é justificada, como iríamos descobrir para nosso pesar.

tempo no ar

Em outubro, a HBO nos convidou para assistir a uma exibição antecipada do documentário, pouco antes da data de exibição, e voamos para Nova York para a ocasião.

Sentimo-nos como celebridades, como se estivéssemos assistindo ao Oscar e tivéssemos sido indicados ao Oscar. Todos nos sentamos, as luzes do teatro se apagaram e, por um momento, ficamos cativados. A HBO fez um show lindo e inspirador.

Mas a ciência ficou no meio e perdeu quase todo o seu impacto. Esperávamos que o programa deixasse o público com a sensação de que “a ciência pode ser aplicada nessas questões” e “Uau, esses médiuns foram testados pela ciência e, na verdade, descobriram que estavam fazendo o que afirmavam”.

Em vez disso, o show foi um bom entretenimento, mas pouco mais. Achávamos que a HBO realmente se importava com a ciência, mas descobrimos que o que os produtores mais queriam era ver quantas pessoas

choravam quando as luzes se acendiam. Afinal, a HBO realmente não se importava em fazer uma declaração científica.

Quando a exibição acabou, o público quis falar sobre a ciência. A discussão foi interrompida para que todos pudessem ir ao coquetel.

Dupla Decepção

Enquanto isso, um produtor de um programa de televisão na rede Fox apresentado pelo conhecido cético profissional Michael Shermer ligou e disse que estava interessado em abordar a possível verdade da mediunidade e queria fazer um segmento focado em Suzane Northrop. Talvez o resultado seja melhor desta vez; sempre poderíamos esperar. A abordagem, disse o produtor, seria comparar suas técnicas com as de um habilidoso mágico psíquico que afirmava não ter contato com o mundo espiritual, mas poderia recuperar o mesmo tipo de informação que Suzane.

À primeira vista, parecia uma excelente ideia. Fox tinha um mágico profissional, habilidoso nos truques secretos das leituras psíquicas frias, que poderia nos ajudar a determinar se Suzane era tão enganadora quanto aquele “Sr. Wizard” dos meus tempos de faculdade, ou a coisa real. Este era possivelmente alguém ainda mais habilidoso e experiente do que o leitor frio de Tuscon que havíamos consultado anteriormente.

Como os mágicos geralmente não estão dispostos a compartilhar os truques de seu ofício com não-mágicos, vimos isso como uma oportunidade que talvez pudesse levar a uma colaboração com um trapaceiro profissional, que poderia fornecer informações úteis sobre o que estávamos observando em nosso laboratório.

Nós concordamos, e a unidade da Fox enviou uma equipe de filmagem para Tucson. Em um dia longo e cansativo, a equipe me filmou no laboratório, entrevistando-me para a câmera por cinco horas.

Quando souberam do experimento da HBO, perguntaram se poderiam usar cenas dele. Demos a eles acesso a uma cópia da filmagem completa e não editada para que pudessem fazer suas próprias seleções.

O que vimos mais tarde no ar nos surpreendeu.

O produtor nos informou com antecedência que havia exibido toda a filmagem da HBO. Ele tinha visto Suzane falando praticamente sem parar por mais de dez minutos, fazendo apenas cinco perguntas, mas produzindo mais de 120 peças específicas de informações factuais com mais de 80% de precisão.

Mas, em vez de usar qualquer uma das imagens que mostram Suzane em condições de laboratório durante um experimento científico, Fox fez arranjos

paralelos para filmá-la em outro momento, enquanto ela oferecia leituras para quem ligava. Entre os curtos clipes das declarações de Suzane, o programa cortou para o mágico psíquico, que afirmou que suas declarações eram generalizações típicas que poderiam ser usadas para se adequar à maioria das pessoas. Ele alegou que ela estava dizendo coisas como “estou recebendo um nome M” para alguém “que pode estar vivo ou morto”.

Nossa filmagem da HBO deixou claro que ela não estava fazendo nada disso - então o programa nunca usou essa filmagem. Aparentemente, Michael Shermer e os produtores pensaram que seria melhor para a televisão usar um mágico de pick-up que não sabia nada além dos truques enganosos da falsa mediunidade como uma ferramenta para desmascarar Suzane, em vez de usar a filmagem autêntica que revelou seus notáveis sucessos.

A certa altura do show, o mesmo mágico foi visto em um movimentado shopping, se passando por médium e dando “leituras psíquicas” aos transeuntes. A parte editada de suas leituras o mostrava perguntando a muitas pessoas se elas conheciam um “Charlie, vivo ou falecido”. Ao final de cada leitura, o mágico admitia que não tinha poderes psíquicos e que sempre usava o nome de Charlie porque quase todo mundo conhece um Charlie.

Sim, essas pessoas foram enganadas pelo mágico, assim como “Sr. Wizard” me enganou muitos anos atrás.

Mas os produtores sabiam que Suzane não estava usando malandragem, como afirmava o mágico psíquico. Eles também conheciam os resultados dos estudos Miraval, nos quais nenhuma pergunta foi feita ao assistente nos primeiros dez minutos. No entanto, eles deixaram a impressão de que Suzane estava fazendo exatamente o que o mágico psíquico estava fazendo: usando malandragem, enganando os clientes.

E tudo, presumivelmente, porque criticar Suzane parecia um “entretenimento” melhor.

Um estudo de controle na sala de aula

Para explorar um aspecto do que aquele programa de televisão enganoso e prejudicial afirmava que nossos médiuns não podiam fazer, decidi realizar uma pesquisa com um grupo de aproximadamente setenta alunos em uma de minhas aulas, usando um incidente do experimento Miraval. Na leitura de John Edward com Patricia, ele relatou que a mãe dela estava mostrando a ele uma caixa de cigarros Parliament com algo “escondido dentro da caixa”. Esta foi claramente uma declaração incomum, mas Patricia imediatamente entendeu e sabia o que era o item escondido.

Os alunos poderiam duplicar algo do tipo?

Eu disse à classe que cada um deveria fingir que era um médium e

escrever em um pedaço de papel que tipo de cigarro eles achavam que a mãe de Patrícia fumava.

Quantos você acha que adivinhou Paramentos? 50 por cento? 10 por cento? Os dados de nossa amostra renderam *zero* por cento. As pessoas escolheram Winstons, Marlboros, Camels e até Newports, mas ninguém do grupo de setenta alunos adivinhou Parliaments.

Em seguida, pedi que escrevessem o que havia de incomum nos cigarros. Nenhum adivinhou que algo estava escondido dentro da caixa. As respostas que os alunos deram foram quase tão variadas quanto o número de pessoas na sala, mas nenhuma acertou.

Só para constar, John nunca disse qual era o item escondido, mas Patricia nos contou mais tarde. Seu filho - aquele que logo depois cometeu suicídio - misturou maconha aos cigarros Parliament de sua avó para ajudar a aliviar a dor e a náusea do câncer de pulmão de que ela estava morrendo. (Praticamente ninguém na família sabia que o neto havia feito isso; era ilegal e mantido em segredo até mesmo da maioria dos membros da família.)

Mas foi esse o tipo de informação que os telespectadores do programa da Fox ouviram? Suzane conta a todos os seus clientes que sua falecida avó está arrancando sua dentadura? John diz a todos os seus clientes que algo está escondido dentro de uma caixa de Paramentos? Como esses exemplos impressionantes podem ser comparados com as perguntas do mágico psíquico a todos os seus clientes se eles conhecem alguém, vivo ou morto, chamado Charlie?

É irritante. Mas eu estava descobrindo que esse tipo de acusação vem com o território quando você tenta fazer pesquisa em um dos assuntos “proibidos”.

Consequências

O epílogo dessa história foi inesperado. Apesar do que consideramos o engano do programa da Fox, ficamos impressionados com o domínio do mágico psíquico sobre os truques de seu ofício.

O que havíamos previsto com antecedência agora foi confirmado. Estávamos mais certos do que nunca de que alguém com suas habilidades poderia ser extremamente útil em nossos estudos. Observando nossas fitas de vídeo brutas, ele poderia nos avisar se os médiuns estavam usando algum truque que ele pudesse identificar. E esperávamos que ele pudesse estar disposto a servir como médium sob nossas condições controladas, para ver se ele poderia se sair tão bem quanto os médiuns de pesquisa com os quais estávamos trabalhando.

Então pedimos à emissora que nos colocasse em contato com o mágico psíquico que havia aparecido no programa. E então perguntamos novamente. Pedimos repetidamente e fomos impedidos. Talvez a rede tenha percebido que o segmento do programa foi irresponsável, talvez o mágico tenha pensado que estávamos com raiva e tentando prendê-lo de alguma forma, talvez ele soubesse pela filmagem que Suzane estava realmente fazendo coisas que ele não podia e estava simplesmente envergonhado por acusá-la de usar o mesmo tipo de truques que ele estava usando. Seja qual for o motivo, a rede não quis nos colocar em contato com o mágico, e finalmente desistimos de tentar.

Dupla decepção - primeiro do apresentador e produtor do programa e depois do mágico psíquico. Isso cria uma poderosa combinação enganosa que engana os espectadores.

Pedimos ao produtor do programa da Fox as mesmas coisas que pedimos aos produtores da HBO - que nos fornecessem uma cópia de toda a filmagem bruta filmada em nosso laboratório e que tivéssemos permissão para ver e comentar um corte bruto. antes do programa ir ao ar. A equipe da HBO ficou feliz em receber nossa contribuição, para ter certeza de que o programa apresentaria nosso trabalho de maneira cientificamente precisa. O roteiro e a filmagem foram revisados três vezes em resposta às nossas sugestões. Não esperávamos tamanha integridade da HBO. Mas talvez houvesse uma desvantagem: não nos deixou cautelosos o suficiente.

Neste ponto, você não ficará surpreso ao saber que os produtores da Fox não nos forneceram uma cópia de suas filmagens. Em vez disso, eles nos permitem ter apenas alguns breves momentos do segmento em nosso laboratório, tirados do contexto. O que eles não nos forneceram foi a maior parte do segmento que revelou as falsas impressões que eles criaram com sua edição muito inteligente.

•INTERLUDE*

"Recontatar"

Anteriormente, ofereci reflexões sobre uma cena do filme *Contato* que mostrava como pode ser difícil justificar cientificamente a subjetividade de nossa consciência em primeira pessoa, por exemplo, como você provaria que ama seu cônjuge.

Houve neste filme uma outra cena que também me tocou profundamente. Ambas eram cenas que expressavam a maravilha do universo visível e invisível, e ambas expressavam a união do amor e da integridade.

A segunda dessas cenas vem perto do final do filme. A cientista Dra. Ellie Arroway arriscou sua vida para fazer contato com os seres inteligentes que lhe forneceram os planos para a construção da enorme máquina que a levaria até eles.

Mas quando ela *retorna* de sua jornada notável, ela descobre, para sua

consternação, que seus colegas cientistas insistem que não há provas de que ela tenha ido a lugar nenhum. Ela experimentou uma jornada para estrelas distantes; ainda assim, para os observadores na Terra, sua espaçonave parece ter simplesmente caído no mar.

Ela imaginou as dezoito horas de sua jornada, a epifania que mudou sua vida? Ela alucinou a coisa toda? Quase ninguém acredita que suas experiências foram reais. E seus colegas cientistas apenas exigem dela os mesmos tipos de prova que ela sempre exigiu dos outros.

Claro que ela entende suas preocupações; ela é, afinal, uma cientista. Como cientista, também aprecia suas preocupações.

Mas a Dra. Arroway também entende que ela passou por um profundo conjunto de experiências pessoais. Ela não pode, com integridade, simplesmente descontá-los. Ela sabe que suas experiências na cápsula espacial, e além, foram tão reais e fortes quanto o amor que ela experimentou por seu pai.

Outro aspecto desse episódio ficcional também me afetou fortemente. A história retrata como alguns políticos seletos e cientistas seniores, alguns de seus supostos amigos, realmente veem dados concretos de um gravador de vídeo indicando que dezoito horas, de fato, inexplicavelmente se passaram. Embora a câmera tenha gravado nada mais do que ruído, essas dezoito horas de ruído apóia a estrutura temporal de sua experiência. No entanto, esta informação vital é deliberadamente retida, não apenas do público, mas da própria Dra. Arroway.

Carl Sagan parecia estar escrevendo de sua própria experiência sobre a duplicidade enganosa e a hipocrisia das pessoas no poder, incluindo céticos inescrupulosos.

A pesquisa que estamos realizando sobre a possibilidade de sobrevivência após a morte física não é muito diferente da pesquisa do Dr. Arroway em *Contact*. Nós também estamos procurando por inteligência consciente além de nossa limitada existência física e consciência.

Mas, ao contrário da situação do Dr. Arroway, nossa jornada de pesquisa é documentada por muitas horas de fitas de vídeo disponíveis que revelam coisas inexplicáveis por qualquer conhecimento atualmente aceito - fitas de vídeo disponíveis para qualquer pessoa interessada em vê-las. Essas fitas mostram coisas que cientistas e não cientistas nunca viram antes. Disponibilizamos ao público as filmagens brutas reais para que você possa ver e julgar por si mesmo.

• 16«

Respondendo aos Céticos



Diagnosticando e tratando a “ceptimania”

Uma coisa é ser cético — aberto a hipóteses alternativas. Outra é ser *devotamente* cético — sempre “sabendo” que trapacear, mentir, fraudar e enganar são as explicações para qualquer fenômeno ainda não explicável.

O que significa quando uma pessoa conclui que um evento “deve ser devido a fraude”, não importa quão fortes sejam os dados? Em que ponto o instinto de descartar dados reflete um viés tão forte que começa a beirar o patológico?

Simplificando, quando o ceticismo se torna o que eu chamaria de ceticismo? Quando a ceptimania se torna tão forte que uma pessoa se envolve em um duplo engano em vez de relatar os fatos como eles realmente ocorreram?

Essas são questões importantes e afetam a todos nós. A ciência morrerá se não seguir os dados com integridade.

Se, no final das contas, a sobrevivência da consciência for verdadeira, o potencial para duplicidade não será mais possível. Entraremos em uma nova era em que o amor e a integridade se tornarão parte integrante de nossas vidas, onde a ciência e a espiritualidade se tornarão os dois lados de uma moeda universal e onde a abundância de possibilidades e oportunidades eternas se tornará cada vez mais evidente.

Um Desafio Inicial

Como um jovem membro do corpo docente em Harvard, certa vez, algumas pessoas mais velhas de uma escola de meditação transcendental me pediram para conduzir pesquisas sobre os benefícios da MT para a saúde física e mental. Eu deveria aprender seu tipo específico de meditação e fui informado de que receberia valiosas informações profissionais secretas quando me juntasse ao grupo. Havia uma ressalva: eu teria que manter total confidencialidade de todas as informações.

Expliquei que não poderia aceitar seus segredos e me tornar um deles. Parte do motivo era a credibilidade - quem confiaria em um cientista fazendo pesquisas em sua própria escola ou seita? Seria como ter a polícia estudando a polícia. Mesmo que os policiais, é claro, saibam a verdade sobre o que está acontecendo em seu próprio departamento melhor do que ninguém, como podemos esperar que eles supervisionem a si mesmos com integridade? Pessoas de fora são necessárias para manter o equilíbrio.

Mas havia também uma segunda razão que eu não podia aceitar. Considere a importância da abertura – o que Marcel Proust chamou de “ver com novos olhos”. Às vezes, as crianças fazem ótimas perguntas precisamente porque têm uma “mente de principiante”. Além disso, eles não têm medo de fazer perguntas “estúpidas”. Lembrei-me da história que ouvi quando jovem sobre a criança que estava disposta a dizer que o imperador estava nu. É difícil para as pessoas amadurecerem e se tornarem mais sábias, mas ainda assim manter uma inocência de observação.

Expliquei meus pensamentos aos líderes do centro de meditação, usando a metáfora de um cego tentando auxiliar um estudo sobre visão de cores. A pessoa cega tem que ouvir atentamente o que está sendo dito pelos outros, e então freqüentemente faz perguntas aparentemente inocentes - perguntas que somente uma pessoa cega faria. O próprio fato de que uma pessoa pode ver resulta em muito sendo dado como certo.

As pessoas podem ser cegadas por sua própria visão; Eu me comprometi a ver mais na vida permanecendo “cego”.

Nosso comitê de Amigos Advogados do Diabo levantou as perguntas usuais que foram feitas por pelo menos um século de pesquisa científica nesta frágil área de pesquisa: sobre fraude e autoengano, e se pode haver erros de alguns outros tipos que não estávamos nem mesmo capaz de conceber.

Mas de vez em quando, como esperávamos, um membro do nosso comitê de Advogados do Diabo faz uma pergunta realmente penetrante que avança como só os cegos ou inocentes podem. Aqui estão algumas de suas perguntas poderosas, nossas respostas e como nossa pesquisa aborda essas questões.

Questão 1

Os médiuns podem ler os cétricos? Se os médiuns podem ler apenas os crentes, isso levanta sérias questões sobre as reivindicações.

Uma maneira de responder a esse desafio válido é recorrer a estudos psicológicos sobre o que é chamado de “percepção de estímulos fracos”, que trata de como as pessoas respondem a estímulos muito fracos.

Psicólogos experimentais conduziram pesquisas com sons muito suaves — tão baixos que é preciso muita atenção para detectá-los. Se um som alto for reproduzido logo antes do som suave, o ouvinte perderá o seguinte som suave. O som alto anterior serve como um estímulo de distração.

A distração também funciona para estímulos fortes. Os jogadores de basquete nos dizem que é mais difícil fazer arremessos falsos quando os torcedores adversários estão gritando para eles errarem.

Da mesma forma, os médiuns nos dizem que, para receber informações, que normalmente são suaves e sutis, eles devem tirar seus próprios pensamentos e emoções do caminho. Seus próprios sentimentos os ensurdecem, por assim dizer, para as informações sutis que estão tentando receber.

Nosso time dos sonhos de médiuns nos diz que quando eles se deparam com clientes hostis ou uma audiência hostil, eles ficam ansiosos. Eles têm pensamentos e sentimentos negativos que os distraem de obter as informações sutis que estão tentando receber. Alguns dizem que se lembram de serem

provocados quando eram crianças; eles se preocupam em errar o tiro e depois ser ridicularizados, ou pior. E eles sabem que os céticos dirão: “Veja, você não pode fazer isso – deve ser uma fraude”.

Claro, se os médiuns estivessem envolvidos em fraude, não deveria importar se eles estavam lendo crentes ou céticos. Se eles tivessem detetives secretamente obtendo informações com antecedência, por exemplo, os fatos obtidos com antecedência estariam lá para os médiuns usarem, não importa o quão cético o assistente.

Aparentemente, pelo menos, a explicação dos médiuns de por que eles não gostam de ler para os céticos parece razoável. Talvez seja realmente mais difícil - por razões de processamento de informações cognitivas bem estabelecidas. Mas esta será uma questão valiosa a ser abordada em pesquisas futuras.

Questão 2

Se os médiuns podem realmente ouvir pessoas mortas, por que eles nunca ouvem e falam em línguas estrangeiras ou fazem diagnósticos médicos de um médico morto? Se os médiuns só podem ouvir o que sabem, talvez estejam apenas repetindo suas próprias memórias e fantasias.

Os médiuns afirmam que os estímulos estão lá para todos perceberem, mas são de baixo nível e sutis, e a maioria de nós está distraída demais com o mundo exterior, bem como com nossos próprios pensamentos e sentimentos, para senti-los.

Muito do que ouvimos está incompleto, mas geralmente somos capazes de preencher as lacunas. Por exemplo, se você está assistindo a um filme romântico na televisão em uma sala barulhenta e capta um grupo incompleto de sons — “I over” —, muito provavelmente seria capaz de preencher o que está faltando e, mesmo sem perceber que não entendeu todos os sons, entenda que o que o personagem realmente disse foi “eu a amo”. Esse tipo de fenômeno de “preenchimento” tem sido substancialmente investigado na psicologia cognitiva contemporânea.

Agora, em vez disso, imagine que o personagem do filme disse um grupo de sons que, acima do barulho na sala, chegaram até você como “J a or”. Você se pergunta: “O que ele disse? Eu perdi.” Mas se você soubesse francês, sua mente poderia preencher as lacunas para completar a frase – “Je l'adore” – que significa a mesma coisa de antes: “Eu a amo”. (Bem, tudo bem, também pode significar “eu o amo” ou “eu amo isso”. Deixe para os franceses serem inespecíficos, mesmo sobre o amor.)

A psicologia experimental nos diz que muitas vezes inconscientemente preenchemos informações sutis ou incompletas com as informações que

conhecemos - as informações de nossas próprias memórias. Essa é, pelo menos, uma explicação razoável de por que não se deve esperar que os médiuns transmitam mensagens em idiomas que não entendem, ou jargões altamente técnicos ou terminologia médica desconhecida para eles. Mais uma vez, um assunto para experimentação futura.

A esse respeito, nossa equipe de médiuns nos diz que os símbolos de suas próprias vidas pessoais costumam chegar a eles e eles aprendem a interpretá-los. Achei John Edward especialmente surpreendente e muitas vezes divertido a esse respeito. Como vimos, seu trabalho na locadora quando jovem às vezes o leva a obter nomes ou imagens de filmes que tenham uma conexão com algo que um falecido está tentando comunicar - o que aconteceu com o incidente de *Pretty in Pink* (e é, na verdade, uma das minhas anedotas favoritas dos médiuns no trabalho, talvez porque não seja apenas comovente, mas também engraçado).

Questão 3

Por que os mortos sempre dão informações chatas como mensagens de amor e coisas do tipo? Por que eles não nos fornecem informações sobre novas ciências ou tecnologias? Parece que os médiuns estão apenas dando aos clientes o que eles querem ouvir.

Lembro-me exatamente quando um dos membros seniores do nosso comitê Advogado do Diabo, uma pessoa que normalmente faz perguntas minuciosas, lançou isso para nós em um seminário, desafiando nossa pesquisa até o momento.

Esta é uma questão preocupante. Talvez a resposta esteja na seguinte linha de raciocínio: imagine uma pessoa falecida, um pai que espera há meses ou até anos para se comunicar com sua filha. Seu tempo com o meio caro é talvez cinco minutos ou, se ele tiver sorte, talvez até quinze. Existem outras pessoas falecidas que também querem se comunicar.

O que ele vai querer dizer à filha? As últimas descobertas científicas? Os grandes livros que ele leu na vida após a morte? Não foi isso que sua filha veio ouvir. E ela provavelmente não acreditaria em nada disso, mesmo que fosse verdade.

Ele e sua filha estão com a médium por um motivo: dar e receber expressões de amor. Ele está lá antes de tudo para provar de alguma forma para sua filha, de uma forma que ela possa entender, que ele ainda existe. Não apenas isso, mas ele quer provar a ela que ainda se importa - que ainda é o pai dela e que, se tiver algo a dizer sobre isso, será o pai dela para sempre.

Então ele tenta mostrar à médium quem ele é, identificando-se ao relatar informações que a filha saberia. Ele então mostra à filha que ainda está por

perto, reconhecendo as coisas presentes em sua vida que ela pode verificar como verdadeiras. E ele diz a ela, à sua maneira pessoal, que a ama. É isso que ele quer fazer no pouco tempo que tem com a médium.

Se eu fosse esse pai, isso é o que eu gostaria de fazer. Isso é consistente com o que o pai de Linda fez por Linda, o que a mãe de Susy fez por Susy, o que o avô de Christopher fez por Christopher e o que minha mãe fez por mim. É o que pais amorosos fazem.

No entanto, a pergunta do meu colega é ponderada e provocativa. O que aconteceria se levássemos a sugestão a sério? O que aconteceria se pegássemos um grupo de grandes médiuns e os convidássemos a se comunicar com grandes cientistas já falecidos, como Sir James Clerk Maxwell e o professor William James? O que aconteceria se honrássemos a possibilidade da hipótese da alma viva e pedíssemos a ajuda deles?

É possível que um dia possamos obter informações dessa maneira, ajudar doentes para os quais a ciência moderna não tem respostas, resolver problemas complexos nas ciências e na tecnologia, talvez oferecer sugestões para promover a paz mundial? Os verdadeiros visionários são pessoas que concebem coisas que a maioria das pessoas considera impossíveis.

Já estamos planejando experimentos para buscar essas possibilidades. Parece esperar demais, e ainda assim. . .

Questão 4

Mesmo que pareça haver alguns médiuns “corvos brancos”, e daí? Já que sabemos que mágicos realmente bons podem enganar outros mágicos, quem pode dizer que seus médiuns brancos como lírios realmente não estão apenas “pintando” seus experimentos?

Lembro-me vividamente do dia em janeiro de 1997, quando o professor Daryl Bem, da Cornell University, deu um colóquio na University of Arizona sobre sua análise dos estudos de telepatia conduzidos por pesquisadores consagrados. Bem é um psicólogo social excepcionalmente sofisticado que também é um mágico psíquico talentoso. Em sua apresentação, ele realizou alguns feitos notáveis de mágica mentalista para mostrar ao seu público - professores e alunos - que mentes inteligentes podem ser facilmente enganadas por mágicos bem treinados.

Ele também mostrou, de forma igualmente convincente, que os resultados combinados de estudos excepcionalmente bem controlados sobre telepatia eram extraordinariamente significativos. As estatísticas produziram valores na casa dos bilhões. Em comparação, os valores necessários para a publicação dos principais descobertas estão na casa das centenas.

Após a palestra, perguntei a um membro sênior do nosso comitê de

Advogados do Demônio Amigável o que ele achava das opiniões de Bem. Seu comentário foi impagável. Ele disse: “Devemos lembrar, só porque os valores de probabilidade são inferiores a um em um bilhão, eles ainda podem ter ocorrido por acaso”.

Em nossos últimos experimentos mediúnicos, realizamos análises estatísticas indicando que os resultados poderiam ter ocorrido por acaso menos de uma em 100 trilhões de vezes. E digo a mim mesmo:

“Mas eles ainda podem ter ocorrido por acaso.” Essas palavras me perseguem.

A frase de Carl Sagan (aparentemente tirada de Marcello Tru-izzi, um distinto cético) de que “afirmações extraordinárias requerem evidências extraordinárias” levanta a questão: Quão extraordinária deve ser a evidência para ser considerada extraordinária? Quando é suficiente?

Uma jovem médium de pesquisa, Allison Klupar, quando questionada sobre isso, respondeu: “*Nunca é* o suficiente”.

Compreendendo o ceticismo

Quando os próprios médiuns têm dificuldade em acreditar que o que estão fazendo pode ser real e chegam à conclusão de que “nunca é o suficiente”, como podemos esperar que agnósticos bem condicionados e céticos profissionais concluam: “Já vi o suficiente para mudar minha mente?”

É compreensível porque céticos profissionais como James Randi e Michael Shermer, que ganham dinheiro e constroem reputações alardeando que todas as alegações paranormais são devidas a conjuração, levarão a “hipótese do engano” o mais longe possível. Na revista *Skeptic*, por exemplo, Randi escreveu sobre John Edward “fingindo” falar com pessoas mortas.

Para justificar sua alegação de que John Edward estava fingindo, Randi teve que ignorar a pesquisa conduzida em nosso laboratório – que foi exatamente o que ele fez.

No entanto, a pesquisa sugere que existem razões psicológicas profundas pelas quais muitos de nós, não apenas céticos profissionais, temos dificuldade em acreditar.

Lembre-se dos experimentos familiares feitos há cem anos pelo fisiologista russo Ivan Pavlov, que condicionou cães a salivar sempre que ouviam um sino. Percebi que muitas pessoas na sociedade contemporânea, inclusive eu, sofrem de uma forma insidiosa de neurose condicionada. Fomos condicionados desde a infância a associar palavras como *alma*, *espírito* e *sobrevivência da consciência* a termos negativos como *estúpido*, *impossível*, *falso*, *louco*, *vergonhoso*, *pecaminoso*, *supersticioso*, *equivocado* e até “*bom demais para ser verdade*.” Nossas crenças são tão profundamente

condicionadas que, mesmo diante de experimentos de laboratório controlados, fortes emoções negativas são desencadeadas pelas descobertas. Pensamos “impossível” ou “fraude” ou “é bom demais para ser verdade” automática e incontrolavelmente.

Quando alguém experimenta traumas emocionais repetidos, isso pode levar ao TEPT: transtorno de estresse pós-traumático. O que acontece quando toda uma cultura experimenta repetidos condicionamentos emocionais condicionados a certas ideias? Desenvolvemos um PESD: transtorno de estresse pós- *educacional* ?

Céticos pensativos que são cientistas sérios estão começando a fazer a mesma pergunta. O professor Ray Hyman, um dos céticos acadêmicos mais ilustres, disse-me: “Não tenho controle sobre minhas crenças”. Ele aprendeu desde a infância que eventos paranormais são impossíveis. Hoje ele se surpreende com o fato de que, mesmo diante de teorias convincentes e dados científicos convincentes, suas crenças não mudaram. Seus repetidos desapontamentos com fraudes genuínas do passado o impedem de aceitar a ciência genuína hoje.

Talvez os céticos profissionais compartilhem um perigo com os engenheiros civis profissionais: se um engenheiro civil projeta uma única ponte que cai, ele quase certamente perde sua reputação e seu sustento. Se a ciência revelar que uma das maiores pontes conceituais de um cético caiu – por exemplo, a convicção de que todos os médiuns estão “fingindo” – o cético pode perder sua reputação e seu sustento. E uma vez que a ponte caia, quem sabe o que mais pode cair?

Os cientistas profissionais, por outro lado, não enfrentam tais consequências. As teorias vêm e vão. A terra era plana; então era redondo. O sol girava em torno da terra; então a terra girava em torno do sol. Os objetos materiais eram sólidos (física clássica); então os objetos materiais eram principalmente espaço vazio (física quântica). Se uma ponte conceitual cai, os cientistas simplesmente encontram outra.

Para ser justo com céticos profissionais como James Randi e Michael Shermer, eles afirmam que cederão a argumentos convincentes.

dados. Eles certamente desempenharam um papel valioso ao revelar trapaceiros e enganadores. No entanto, se John Edward, por exemplo, for o verdadeiro negócio (e todos os nossos experimentos sugerem que ele é tão real quanto o aço), esperamos que o Incrível Randi não seja o “Incrível Enganador”.

O propósito da ciência não é confirmar nossas crenças condicionadas, mas revelar verdades, sejam elas quais forem. Felizmente, os tempos estão mudando e as crianças de hoje vivem com tecnologias como radiotelescópios,

teorias como a física quântica, filmes como *O Sexto Sentido* e programas de televisão como *Crossing Over*.

Graças a Linda e seu sonho de saber cientificamente, de uma forma ou de outra, se seu amado pai médico ainda está aqui, anos de pesquisas surpreendentes emergiram do laboratório. No processo, ela me ajudou a descobrir as profundas cicatrizes emocionais condicionadas que levam muitos a descartar os dados e suas implicações como “insanos”. O fato é que, se algo é insano, é nossa incapacidade coletiva de reparar os danos e curar as feridas causadas por condicionamentos equivocados. Se os humanos têm uma natureza espiritual fundamental, nosso futuro como espécie dependerá de podermos “olhar para cima de nossas vidas” (parafraseando James Taylor) ou “subir acima dela” (como disse o pai de Linda) e celebrar nossa potencial para aprender e evoluir.

Ainda estamos na infância dessa ciência e ainda não descobrimos se podemos, ao persegui-la, desenvolver as técnicas para obter informações valiosas para nós como indivíduos e para nós como sociedade. Mas estamos progredindo.

•17«

As Leituras do Corvo Branco de Campbell

Quando um experimento científico está sendo considerado, os pesquisadores e os cientistas envolvidos no projeto tomam decisões sobre o que é necessário, quais procedimentos serão mais apropriados e como realizar o que é necessário.

Essa é a maneira usual. Nosso próximo experimento não incluiria muito do que era “usual”.

Laurie Campbell mencionou ao nos visitar um dia em dezembro de 2000 que ela estava usando um novo procedimento em casa em suas leituras telefônicas com clientes. Ela começou a perceber que estava recebendo informações antes mesmo de uma leitura começar - informações específicas como nomes, parentesco, causas da morte, descrições pessoais. Uma lâmpada acendeu; ela havia começado a fazer uma “pré-leitura” na qual meditava por quinze minutos ou meia hora antes de iniciar uma leitura e anotava todas as informações que lhe chegavam durante esse período.

Quando recebia a ligação da babá, Laurie explicava como conduzia uma leitura e depois repassava o que havia recebido no período de meditação. Só depois disso ela começaria a leitura habitual.

Na época em que soubemos disso, Laurie já havia coletado dados de mais de cem assistentes e disse que suas taxas de precisão nos dados de pré-leitura variavam entre 50% e 95%.

Eu vim a chamar esse projeto de Procedimento Campbell para reconhecer que Laurie teve a ideia sozinha. Parecia ser uma extensão do Procedimento Russek, onde os primeiros dez minutos das leituras são conduzidos em completo silêncio.

Desnecessário dizer que Linda e eu estávamos ansiosos para testar a ideia de Laurie no laboratório e concebemos um experimento controlado e cego para investigar suas alegações. A ideia era combinar o Procedimento Russek e o Procedimento Campbell no mesmo experimento.

A coleta de dados ocorreu logo depois, em Tucson, no domingo, dia 20 de dezembro. Três assistentes foram usados, de vários locais, e cada um concordou em permanecer em casa, pronto para participar. Extremo cuidado foi tomado desde o início para garantir que ninguém além dos experimentadores soubesse a identidade dos assistentes. Laurie ficou em nossa casa, onde pudemos observá-la, e ela não tinha celular ou outro dispositivo de comunicação que pudéssemos detectar.

O plano era bastante simples. Meia hora antes de uma leitura agendada, Laurie meditava, em reclusão e em silêncio, e então anotava as impressões que recebia durante esse período de meditação. Com os assistentes cada um em algum local distante, todas as pistas possíveis - visíveis, auditivas e até olfativas - foram eliminadas. Isso pareceu descartar totalmente quaisquer acusações de leitura fria, dicas sutis ou fraude média como possíveis explicações para as descobertas.

Após cerca de meia hora de pré-leitura, estabelecemos contato telefônico com a babá agendada. Um gravador de vídeo digital da Sony foi usado para registrar a recepção inicial do assistente e a conduta do Procedimento Russek.

A babá foi lembrada de que o telefone seria momentaneamente colocado no mudo (para que a babá não pudesse ouvir Laurie falando) e que, durante o período de silêncio de dez minutos, a pessoa deveria segurar o telefone para a orelha dele. Cada vez, antes de passar o telefone mudo para Laurie, verificávamos se o botão mudo estava funcionando para cortar o som e se nem Laurie nem a babá conseguiam ouvir nenhuma voz.

Com o mudo ativado, o fone foi passado para Laurie, que optou por segurar o telefone longe do ouvido para minimizar quaisquer ruídos ou estática na linha telefônica.

A câmera de vídeo da Sony gravou o Procedimento Russek de dez minutos enquanto Laurie descrevia em voz alta as impressões que estava

recebendo. Em nenhum momento os experimentadores se referiram ao assistente pelo nome e, claro, Laurie ainda não tinha ouvido a voz do assistente.

Após a conclusão do período de silêncio do assistente, o telefone foi desligado e Laurie então se apresentou e explicou como conduzia uma leitura normal do diálogo médium/assistente. Ela então leu, item por item, as anotações que havia feito na contemplação da pré-leitura e pediu ao assistente que confirmasse, questionasse ou contradissesse a informação.

O que mais queríamos saber era se Laurie seria capaz de gerar informações precisas discretas e específicas durante o período de pré-leitura.

A leitura de George Dalzell

Das três leituras, a mais marcante foi aquela em que havíamos arranjado para que o assistente fosse outro médium, George Dalzell. Ele foi uma escolha apropriada por vários motivos. Um assistente social clínico profissionalmente treinado e licenciado, ele vem de uma família acadêmica altamente educada. Ele próprio foi educado na Northwestern University em Chicago, e seu pai, avô e bisavô foram educados na Yale University. E ele tem atuado como médium nos últimos anos - mas em segredo, por medo de colocar em risco sua posição profissional na comunidade de assistência social.

Na época do teste, Laurie e George nunca haviam se encontrado pessoalmente, nem se comunicado por telefone, fax, correio ou e-mail. Laurie conhecia George e sabia que ele trabalhava como médium, mas não foi informada de que ele seria um dos assistentes selecionados para participar desse experimento.

George havia “convidado” quatro pessoas falecidas para participar. Uma infinidade de informações documentadas estaria disponível para nós; poderíamos verificar facilmente os dados que Laurie poderia receber.

A sessão com George durou mais de uma hora. Após o período de meditação de Laurie, ela escreveu que a babá (que ainda não havia sido telefonada) estava preocupada com “a verdade contida na jornada da alma — jornada do caminho da alma — verdade de alguém com um nome M” e que a babá estava se preparando para “se levantar e ser contado”. Ela também escreveu os nomes George, Michael, Alice, Bob e Jerry, e menções a “um cachorrinho” e “velas acesas”.

Logo saberíamos que *todos* os nomes das pessoas falecidas convidadas por George estavam absolutamente corretos. Em particular, ela recebeu o próprio nome de George e o nome de seu melhor amigo, Michael, que havia falecido recentemente. George acendeu uma vela pouco antes do início do experimento - algo que, segundo ele, raramente faz. Sobre o “levantar-se e ser

contado”, embora isso possa ser um exagero, em certo sentido sabíamos que ele estava se preparando para fazer isso na época: ele havia escrito um livro, *Messages*, sobre suas experiências como *médium* e estava ansioso para publicá-lo.

Durante o período de silêncio do Procedimento Russek - com Laurie segurando o telefone, mas ainda sem ter ouvido a voz da pessoa do outro lado da linha - ela produziu uma grande quantidade de dados.

A essa altura, havíamos experimentado repetidas vezes médiuns produzindo uma grande quantidade de informações corretas - nada de novo nisso. A distinção crucial aqui residia no fato de o assistente não estar na mesma sala - o assistente e o médium, de fato, estando em duas partes diferentes do país sem nenhum contato ou, no máximo, conectados apenas por um telefone mudo. Isso parece responder às dúvidas até do cético mais desconfiado.

A quantidade de informações totalmente corretas que Laurie relatou era estonteante. Todas estas declarações estavam corretas: que a leitura era para uma pessoa chamada George e que a pessoa falecida principal era Michael. Que havia uma conexão entre a Costa Leste e a Califórnia (George vem da Costa Leste e atualmente mora na Califórnia). Que seu pai é falecido. Que tanto ele como o pai tiveram ligações com a ciência e com os livros.

E mais: Que Alice era nome de uma tia. Que havia um cachorro e tinha um nome com “S”. E que havia alguém com um nome estranho que soava como “Talya”, “Tiya” ou “Tilya”.

Ainda assim, como sempre, a leitura não foi perfeita. Algumas das declarações eram gerais e poderiam se aplicar a muitas pessoas - por exemplo, que a babá era amorosa e atenciosa. E ela cometeu erros absolutos, como a morte da mãe de George, quando na verdade ela estava viva e gozava de boa saúde.

Quando a leitura propriamente dita começou - ambas as pessoas ao telefone e capazes de falar umas com as outras - Laurie primeiro revisou as informações de pré-leitura que havia recebido e, em seguida, começou a leitura mencionando que alguém chamado Jerry havia falecido recentemente e que Michael era um “parceira” de George e a “musa” de George. Ela descreveu a personalidade de Michael com precisão - não apenas como amoroso e carinhoso, mas obsessivamente organizado e “imaculado” - tudo correto, e George concordou particularmente que “imaculado” era uma descrição precisa. Ela o viu em uma cozinha branca que era aconchegante e feita de pedra, também correta.

Laurie então mudou-se para Jerry. Ela o viu da área do Brooklyn. Mais

uma vez, aqui estava um fato que o assistente, George, não sabia sobre seu amigo, mas pôde confirmar após a leitura. Laurie o viu sentado em bancos de bar, bebendo e fumando, e muitas vezes embriagado, mas que havia parado de beber antes de morrer. Cada uma dessas declarações estava certa no dinheiro.

Ainda mais notável, pensei, foram as declarações de Laurie de que Michael mostrou a ela onde ele havia morado em algum lugar da Europa; ele mostrou a ela uma cidade grande e depois viajou pelo interior até sua casa. Ao longo da estrada para sua casa, Laurie viu um rio, um antigo mosteiro de pedra à beira do rio e “pedras centenárias”. Ela relatou que os pais dele tinham um sotaque forte.

George visitou Michael na casa de seus pais na Alemanha e sabia que os pais de Michael realmente falavam inglês com forte sotaque. Ele também pode confirmar as partes sobre a cidade grande, o campo, a estrada para sua casa ao lado de um rio e a vida deles em uma aldeia. No entanto, ele não se lembrava de nada sobre um antigo mosteiro de pedra ao longo do rio.

Laurie então descreveu a tia A mais velha, seu grande senso de humor (verdadeiro), mas relatou que A estava sentindo “compaixão e tristeza” por sua neta (verdadeiro). Laurie deu corretamente o nome exato da neta, que ela disse estar tendo dificuldades, estava “descontrolada” e estava recebendo “cura”.

George desconhecia tal situação.

Voltando ao próprio George, Laurie disse que estava sendo mostrado por Michael que a vida de George estava prestes a se tornar "barulhenta" e "virada de cabeça para baixo". De fato, com a publicação do livro de George, sua vida secreta como médium se tornaria uma questão de registro público, e ele poderia ter de enfrentar complicações profissionais em seu papel de assistente social psiquiátrico em boa posição no Departamento de Saúde Mental do Condado de Los Angeles. Health, ou com seu outro trabalho como coordenador de internações psiquiátricas em um hospital em Glendale, Califórnia.

Laurie relatou que Michael mostrou a ela George e médicos de “jaleco branco” em um hospital. Descobriu-se que George havia realizado avaliações psicológicas na sala de emergência de um hospital de Los Angeles pouco antes da leitura.

Ela descreveu um cachorro pequeno - descrição de personalidade e cores relatada por George como precisa - e viu o cachorro perto de uma árvore e água favoritas. George mais tarde nos informou que ele e seu cachorro passaram muitas horas em uma árvore especial perto da água, onde seu antigo cachorro foi enterrado.

Houve momentos neste trabalho em que foi difícil manter um distanciamento científico. Este foi certamente um deles. A precisão dos detalhes e sua precisão eram simplesmente incríveis.

Mas havia mais. Após a leitura, George fez três ligações para obter informações sobre as declarações feitas por Laurie que ele não pôde confirmar ou refutar.

Uma delas era para a mãe da jovem que supostamente estava passando por dificuldades. A mãe confirmou que a jovem realmente estava com problemas graves e havia procurado aconselhamento psicológico na semana anterior ao experimento porque estava em crise.

Ele também perguntou sobre o nome da neta. Embora Laurie tenha dado o nome corretamente, é aquele que tem duas grafias comuns, e George acreditava que Laurie havia dado a grafia incorreta. Errado—George estava enganado sobre a grafia do nome de seu próprio parente. Laurie havia escrito corretamente.

A segunda ligação foi para os pais de Michael na Alemanha, que confirmaram que existe, de fato, uma velha igreja semelhante a um mosteiro construída de pedra ao longo da beira do rio no caminho para a casa deles; George simplesmente nunca notou isso quando passou correndo na autobahn a caminho de visitá-los. Eles também mencionaram que haviam realizado um culto para Michael neste prédio algumas semanas antes do experimento.

A terceira ligação, para um amigo de Jerry, confirmou que Jerry realmente morava no Brooklyn.

Laurie Campbell, a dona de casa que a princípio se preocupara em tentar fazer leituras na companhia de médiuns conceituados com reputação nacional, havia realizado uma façanha de mediunidade que pode muito bem ser lembrada na história do campo.

Pontuação das leituras

A pontuação formal dessas leituras mostrou que duas das três estavam de acordo com os padrões do que esperávamos.

O terceiro, com George Dalzell, não apenas atendeu a esse padrão, mas foi muito além dele. Laurie fornecera mais de cem detalhes específicos, com uma precisão que variava entre 90% e 100% por pessoa falecida.

Como exemplo, o Gráfico 17-1 mostra todos os nomes dados por Laurie em todas as três partes de sua leitura com George.

Tabela 17-1

Pré leitura
 A leitura
 anjo
 Bialdo
 anjo (Becky,
 Bárbara, Betty)
 anjo
 Paulo/Bob
 anjo/Tilya
 Camille
 Corbin (Sherm?)
 (Laurie soletrou)
 Babá silenciosa
 anjo
 anjo
 — Joyce
 anjo
 anjo
 Anjo com Agredo
 — Elaine
 +1
 leitura real
 anjo
 anjo
 anjo
 anjo joel
 Tilly
 Aurore
 Anjo (Arthur)
 Nemo (dito para privacidade)
 — Joe/Joseph

Dos trinta e um nomes ou variações que Laurie relatou, apenas três não tinham qualquer ligação com George, enquanto treze eram absolutamente precisos. Os nomes das quatro pessoas especificamente convidadas por George — Michael, Alice, Bob e Jerry — foram recebidos por Laurie durante a mais desafiadora das três fases: a pré-leitura do Procedimento Campbell e a leitura silenciosa do Procedimento Russek. Além disso, acabou sendo factualmente correto que George tinha um amigo com um nome incomum que soava como “Talya”, embora Laurie tenha trocado a ortografia; também que George tinha um cachorro com um nome “S” (o palpite de Laurie sobre o nome real era semelhante em som, mas não exatamente correto).

Como nos estudos anteriores, e não inesperadamente, as informações mais extensas e detalhadas foram fornecidas durante a leitura tradicional, com Laurie e George ao telefone e capazes de se ouvir. Durante esse período, Laurie forneceu quatro exemplos de informações não conhecidas anteriormente por George, mas posteriormente verificadas como corretas.

Uma curiosidade é notada por uma questão de integridade e integridade. Na fase de leitura propriamente dita, Laurie mencionou os nomes de três cientistas famosos já falecidos. Mais tarde, George nos informou que

também havia convidado “cientistas espirituais” para ajudar a facilitar o experimento, sem especificar nenhuma pessoa em particular. Ela deu os nomes de Albert Einstein, Carl Jung e David Bohm (um físico de renome internacional que já havia ensinado em Princeton, mas um nome que Laurie dificilmente deveria saber).

Qualquer cético que assistisse ao videotape desse experimento teria grande dificuldade em explicar como Laurie mencionou a presença de três cientistas — algo que ela nunca havia feito no contexto de qualquer leitura de pesquisa anterior desde que começamos nosso trabalho com ela três anos antes.

Resumindo

O novo método que havíamos chamado de Procedimento Campbell bloqueia qualquer possibilidade de entrada da babá do tipo confiado por leitores frios - qualquer coisa que possa sugerir se uma determinada declaração está próxima da verdade ou fora do campo esquerdo. Nem mesmo um ruído inadvertido como uma mudança de posição do corpo ou uma respiração inconsciente se tornaria uma pista.

Além disso, os procedimentos usados neste experimento completamente an-

As leituras do Campbell White Crow responderam às questões levantadas pelo mágico psíquico Ross Horowitz. Mesmo que o médium ou um investigador trabalhando para ela descobrisse com antecedência quem seriam os assistentes, Laurie não poderia saber para quem tínhamos discado.

George escreveu mais tarde: “Se você pontuar a leitura geral com base na nomeação dos colaboradores espirituais pretendidos, Laurie obteve 100% de precisão. ... Foi uma das grandes emoções da minha vida ter uma médium trazida por meio de minha tia Alice, que era o amor mais querido da minha vida, como uma segunda mãe para mim - e com tanta força e precisão na leitura.

Linda e eu ficamos felizes. Em nosso experimento mais persuasivo até o momento, em termos de salvaguardas contra engano ou trapaça, esse procedimento parecia responder a quase todos os desafios que um cético poderia nos lançar.

O Design Definitivo

Na medicina, o que é chamado de procedimento duplo-cego é considerado o projeto de pesquisa “padrão ouro”. Além de nenhum dos pacientes saber se está recebendo o medicamento em teste ou um placebo, o pesquisador também não sabe quais pacientes estão tomando o medicamento e quais estão tomando o placebo. Isso é chamado de medicina baseada em evidências.

O mesmo tipo de procedimento pode ser criado para a ciência mediúnica. Chamamos isso de mediunidade baseada em evidências.

A elegância do procedimento de Campbell é que ele pode ser usado de maneira duplo-cega. Isso exclui completamente qualquer acusação de fraude. De fato, alguns meses depois, concebemos e conduzimos um projeto duplo-cego complexo com Laurie mais uma vez como médium.

Havia seis assistentes, um dos quais era George. Como em experimentos anteriores, Laurie não foi informada de quem seriam os assistentes. Ela era “cega” para os assistentes.

No entanto, desta vez Laurie não apenas nunca ouviu as vozes dos assistentes, mas os assistentes nunca ouviram a voz de Laurie. Como salvaguarda adicional, Linda e eu não sabíamos a ordem em que as seis disciplinas deveriam ser executadas. Os telefonemas, silenciamento e gravação foram conduzidos pela equipe do Laboratório de Sistemas de Energia Humana.

Depois que as fitas das declarações de Laurie foram transcritas, cada assistente recebeu duas transcrições - uma de sua própria leitura e uma transcrição "placebo", que pertencia a um dos outros assistentes. Os papéis foram intencionalmente não marcados para mostrar qual transcrição pertencia a qual assistente, então os assistentes não sabiam qual leitura era sua. Eles foram instruídos a pontuar ambas as transcrições, cegamente. A questão era, mesmo sob condições cegas, os assistentes poderiam determinar qual das leituras era deles?

As descobertas foram de tirar o fôlego. Mais uma vez foi a leitura de George Dalzell que se destacou.

Durante o período de pré-leitura - com o médium e o assistente sem nenhum contato, e Laurie não tendo a menor ideia de quem era o assistente - a informação que ela obteve foi 60% precisa; a precisão aumentou para 65% durante o período de silêncio do assistente. As classificações duplamente cegas de George para os erros de Laurie durante sua leitura foram de apenas 13% para a pré-leitura e 17% para o período de silêncio do assistente.

Quando George marcou a leitura de controle - isto é, a leitura de Laurie de um dos outros assistentes - ele avaliou Laurie obtendo zero acertos no período de pré-leitura e o mesmo - zero - no período de silêncio. Em outras palavras, apenas uma das leituras combinava fortemente com a história de George, e essa era sua própria leitura pessoal.

Mais uma vez, George não ouviu sua leitura no momento em que ocorreu. Como resultado, ele não sabia qual das transcrições era de sua leitura e qual era de outro assistente.

Isso forneceu evidência incontestável em resposta ao argumento altamente implausível dos cétricos contra o estudo simples-cego de que o assistente seria tendencioso em suas avaliações (por exemplo, avaliando incorretamente os nomes e relacionamentos de seus entes queridos falecidos) porque ele sabia que esta informação foi de sua própria leitura.

A reclamação dos cétricos torna-se um argumento completamente e convincentemente impossível no caso do estudo duplo-cego.

Parecia ser o design final do “corvo branco”.

•18*

Como nossas vidas podem mudar

^Há uma tarefa fora do comum que gosto de apresentar em minhas aulas, pelo desafio que oferece e pelo meu próprio prazer em ver se algum aluno apresentará ideias originais revigorantes. E às vezes, para relaxar, eu e meus colegas também gostamos desse jogo mental.

O desafio é imaginar a vida sem fronteiras entre este mundo e o próximo.

Tente. Imagine que um dia, em um futuro não muito distante, você pega o jornal local e seu olhar é atraído por uma manchete mais ou menos assim:

CIÊNCIA PROVA QUE A ALMA HUMANA VIVE PARA SEMPRE Experiências de laboratório conclusivas mostram que a consciência sobrevive após a morte

O parágrafo principal do artigo relata que, nos últimos meses, uma equipe colaborativa de cientistas conduziu uma série de experimentos altamente controlados e replicados em vários laboratórios nos Estados Unidos e no exterior. Assim como a luz das estrelas distantes continua para sempre, observaram os cientistas, o mesmo acontece com a consciência humana. Os resultados finais dos experimentos são relatados como claros e positivos.

De acordo com o relatório, o experimento multicêntrico e duplo-cego da mediunidade exclui qualquer possibilidade de fraude, engano, sugestão sutil ou coincidência estatística. O projeto experimental da pesquisa foi atestado por uma equipe de cientistas laureados com o Nobel.

Histórias relacionadas preenchem a primeira página e a maior parte da primeira seção do jornal. Você percebe que artigos semelhantes também estão sendo publicados simultaneamente em jornais importantes como o *New York Times*, o *Washington Post* e o *Times* de Londres. Centenas de milhões de

pessoas em todo o mundo estão lendo esta notícia.

Imagine que depois de todos os desafios inevitáveis, acontece que não é pó para pó, mas energia para energia — como previsto em meu primeiro livro com Linda, *The Living Energy Universe*.

Como essa descoberta mudaria sua vida se você soubesse, de uma vez por todas, que a consciência permanece conosco para sempre?

Você perceberia e acreditaria que a vida em seu corpo físico, relativamente falando, reflete apenas um breve momento no tempo. Que seu tempo aqui na terra seja com o propósito de aprender lições avançadas de amor e compaixão, e para você honrar os muitos dons que recebeu aprendendo a doar para sua família, amigos, comunidade e o mundo como um todo. E que, como a lagarta eventualmente se torna uma borboleta, você também poderá, com o tempo, voar de maneiras que ainda não podemos imaginar.

As questões vão além de como você mesmo mudaria. Considere: Se tudo isso e muito mais fosse verdade, como esses fatos mudariam a educação, a ciência, a medicina, o sistema jurídico, a religião e o restante das instituições humanas?

À medida que Linda e eu ponderamos sobre essa questão e a colocamos para nossos colegas, alunos e amigos, percebemos que, se a hipótese da alma vivente se tornar verdadeira, praticamente tudo o que conhecemos e vivemos mudará.

Albert Einstein costumava propor “experimentos mentais” para explorar assuntos difíceis de imaginar. Então, de tempos em tempos, conduzimos nossos próprios experimentos mentais sobre como nossos resultados podem afetar os indivíduos e o mundo como um todo.

Muitas das respostas às questões que colocamos não são evidentes e permanecerão necessariamente sem resposta no futuro imediato. Pessoalmente, acredito que se e quando a hipótese da alma vivente estiver completamente fora de dúvida, será necessário o esforço colaborativo e integrador de nossos maiores líderes científicos, educacionais, empresariais, políticos e espirituais - tanto do presente quanto do passado - para desenvolver a filosofias práticas e ética necessárias para nos guiar em direção à paz, sabedoria e saúde.

Mas aqui estão algumas de nossas próprias conjecturas.

Como esse conhecimento mudaria nossa vida diária?

Saber que a vida continua após a morte (a frase é contraditória, claro, mas agora você entende o que quero dizer) nos daria permissão para

desacelerar. Agora saberíamos que a vida na Terra não é uma corrida e não sentiríamos mais uma pressão intensa para alcançar o máximo possível no menor espaço de tempo.

Quando eu era professor em Yale e minha agenda ficava cada vez mais sobrecarregada, percebi um dia que era impossível para mim realizar os sonhos de meus pais. Fui criado para acreditar que o objetivo número um na vida é alcançar o potencial pessoal. Ocorreu-me que minha agenda lotada não me dava tempo para conduzir todas as pesquisas científicas que eu tinha potencial para fazer, sem mencionar todas as outras metas pessoais que estabeleci para mim mesmo.

Passei a apreciar uma intrigante ironia. Quanto mais potencial uma pessoa tem, mais impossível é para esse indivíduo atingir esse potencial em uma única vida. Percebi que não é aconselhável tentar viver a vida apenas para realizar o próprio potencial - cada ser humano tem um potencial muito grande; ainda há muito pouco tempo na terra para manifestar tudo isso.

Naquele momento de realização, desisti de tentar “alcançar meu potencial”. Decidi que era mais razoável fazer escolhas na vida e focar nos interesses que são mais preciosos e valiosos.

Durante o tempo em que estive em Yale, se eu tivesse um voto no universo, teria votado que algo como a reencarnação seria possível, porque assim não teria que me preocupar em atingir meu potencial nesta vida. Eu poderia esperar, sabendo que não estaria desperdiçando os talentos e habilidades com os quais fui abençoado. E ninguém mais teria que se preocupar em desperdiçar seus talentos.

Se a hipótese da alma vivente pudesse ser comprovada como verdadeira, seria lógico que as pessoas não precisassem mais se preocupar em amontoar cada pedacinho de experiência em sua vida física atual.

Se você está, ou já esteve em sua vida, em conflito sobre passar mais tempo com seus filhos, por exemplo, em vez de conseguir uma casa maior, e você tem uma visão que transcende a morte física, fica fácil determinar o que é mais importante. Se soubéssemos com certeza que a sobrevivência da consciência é real, isso nos permitiria parar de olhar para as pressões sociais externas como os principais guias de nossa vida. Em vez disso, poderíamos voltar nossa atenção para encontrar significado e propósito em nossas próprias vidas, percebendo que temos o potencial de ser seres humanos compassivos com uma capacidade suprema de amar.

O processo de desaceleração, se apreciado globalmente, beneficiaria a todos e à Terra como um todo. Meu amigo Christopher gosta de dizer que muitos de nós passamos horas por dia indo e vindo de empregos que esperamos nos render mais dinheiro para que possamos comprar uma casa

maior e mais longe da cidade, exigindo ainda mais tempo de deslocamento.

Sim, muitas vezes tentamos realizar tudo isso e muito mais em nome do amor. Mas pode-se perguntar com razão, isso é verdadeiramente amoroso? Se pudéssemos aceitar plenamente que o objetivo de obter bens materiais é menos importante do que a qualidade do tempo que passamos com aqueles que amamos, seríamos mais felizes e saudáveis. Como vimos na sequência do Harvard Stress Study, ter relacionamentos amorosos parece trazer a bênção adicional de uma saúde melhor.

Se pudéssemos gastar menos tempo “correndo para a sepultura” enquanto exploramos os recursos da Terra com abandono, diminuiríamos o ritmo, iríamos com mais calma e daríamos um sábado à Terra também.

A economia global colocou uma pressão extra sobre a terra, e nosso planeta nunca consegue seu descanso essencial. Em qualquer dia, 24 horas por dia, o tráfego de automóveis e caminhões, o tráfego aéreo, o transporte comercial e até mesmo o uso da Internet contribuem 24 horas por dia para poluir nosso ar e usar os recursos valiosos da Terra para alimentar as conexões globais que temos. venha a depender e esperar ser acessível para sempre.

É claro que a hipótese da alma viva e suas muitas implicações poderiam beneficiar nossas vidas pessoais, as vidas de nossos entes queridos e todo o nosso planeta. Isso nos dá novos motivos para agir de maneiras que certamente nos farão sentir melhor em nossos corações.

Quanto à forma como valorizamos as relações humanas, não será mais justificável ver os conhecidos em nossas vidas, principalmente nos negócios, como obstáculos competitivos entre nós e o que queremos da vida.

A hipótese da alma viva encoraja as pessoas a reavaliar o quão gentis e compassivos somos. Torna-se mais possível que esses valores tenham prioridade em nossos relacionamentos em evolução. Por exemplo, se você tivesse sido cruel com uma determinada pessoa, que depois morreu, como você se sentiria se soubesse cientificamente e sem dúvidas que ela ainda estaria por aí?

Você se sentiria confortável em ter essa pessoa olhando por cima do seu ombro - não apenas metaforicamente, mas literalmente?

Você gostaria de enfrentá-lo quando chegasse a sua hora de “passar”?

As consequências emocionais continuam após a morte?

Se a dor que causamos nos outros ainda vive dentro deles após a morte em seus sistemas de infoenergia, podemos continuar a ressoar energeticamente com seu sofrimento. Como as relações podem continuar entre os sistemas

físicos (nós) e os sistemas de infoenergia (os falecidos), essa possibilidade nos leva a reconsiderar como tratamos os outros no mundo físico.

A ênfase resultante na bondade e na compaixão também inclui novas consequências relacionadas ao engano e à mentira, com implicações de longo alcance para todas as interações humanas.

Teoricamente, se a hipótese da alma vivente se tornar uma verdade aceita, será mais difícil para nós justificar nosso comportamento enganoso, pois teremos fortes razões para esperar que aqueles a quem enganamos hoje nos alcançarão no futuro. Além disso, é possível que não tenhamos que esperar até morrer para enfrentar as consequências de nossas decepções, uma vez que nossos entes queridos que partiram, bem como os entes queridos que partiram daqueles a quem estamos enganando, estarão testemunhando nossa mentira “online”. , " em tempo real.

E também é possível que os médiuns sirvam de detectores de mentiras, dando-nos mensagens do além que confirmam quem está mentindo para nós?

À medida que as pessoas em todos os lugares se tornam hábeis em receber informações dos que partiram, a ajuda do outro lado poderia, em princípio, dar a cada um de nós, direta ou indiretamente, a capacidade de discernir quem está sendo justo e honesto conosco e quem está sendo injusto e enganoso.

Se a hipótese da alma viva for verdadeira, e desenvolvermos nossas habilidades para “ouvir” o que os mortos têm a nos dizer, talvez o engano humano possa chegar ao fim. É possível que possamos entrar em uma nova era de cuidado humano que Linda e eu chamamos de amor íntegro. Seríamos fortemente encorajados, para dizer o mínimo, a assumir a responsabilidade por nossas ações, transformando a maneira como vivemos nossas vidas diárias. E à medida que mais de nós olhamos abertamente para o falecido em busca de orientação diária, esse potencial pode tornar a vida mais fácil, segura e gratificante.

Receber comunicação do outro lado pode ajudar em nossas decisões diárias, tanto em nossa vida pessoal quanto profissional. E saber que os nossos entes queridos estão sempre por perto e disponíveis para nos ouvir permitiria que nos sentíssemos menos sozinhos. A dor de sentir saudades de nossos entes queridos seria diminuída.

A intuição de todas as pessoas seria alimentada e nutrida em plena floração.

Claro, teríamos então que reconsiderar seriamente e aceitar de onde vêm alguns dos “nossos” pensamentos. Talvez seja hora de todos nós nos humilharmos e considerarmos a possibilidade de que, em vários graus, já podemos estar recebendo comunicação daqueles que caminharam nesta terra antes de nós.

Se a hipótese da alma vivente for precisa, precisaremos despertar para a percepção de que a distinção entre “nossas” mentes e “deles” mentes pode ser muito menos clara do que se imaginava anteriormente. É possível que cientistas, artistas, médicos e educadores contemporâneos estejam recebendo informações de pessoas falecidas, hábeis nessas áreas e dedicadas ao nosso potencial evolutivo? A lógica exige que consideremos a ideia de que aqueles de nós que estão abertos à possibilidade podem, sem saber, estar recebendo ideias de grandes mentes de gerações anteriores.

Parte do que se segue pode soar ridículo e indigno. Sabemos por nossas experiências iniciais com Susy e Laurie como é difícil suprimir uma resposta de julgamento negativo quando confrontados com a experiência mediúnica. Poucas coisas são mais sérias do que a morte, poucas coisas mais impressionantes do que a ideia de falar com os mortos. Mas se uma determinada sugestão parece ridícula para você, lembre-se de que todas elas são oferecidas com um propósito claro. Embora a questão da alma vivente abra uma verdadeira caixa de Pandora, é uma caixa que, para o bem ou para o mal, deve finalmente ser aberta se realmente existir.

O Sistema Jurídico Espiritual

Historicamente, os tribunais selecionam júris sem nunca questionar as crenças dos parentes *falecidos dos candidatos* sobre preconceito, pena de morte e outras opiniões relacionadas a um determinado caso. Mas surge uma questão interessante: se o falecido pode ouvir o julgamento, está certo que os jurados estejam abertos a receber opiniões de seus entes queridos falecidos durante as deliberações do júri?

E essas contribuições podem ajudar os jurados a encontrar de forma mais consistente o caminho para a verdade da culpa ou inocência?

Além de instruir os jurados a não discutir o julgamento com amigos ou parentes, os juízes aconselharão os jurados a não conversar com amigos e parentes falecidos sobre o caso? Ou eles podem, ao contrário, *insistir* que os jurados tentem se comunicar e buscar conselhos com os que partiram?

Pessoas falecidas terão sido testemunhas de crimes, especialmente se forem vítimas em casos de assassinato. Se médiuns cientificamente documentados e licenciados forem aceitos no futuro, então, teoricamente, o relato de um médium sobre o testemunho do falecido sobre o crime poderia ser considerado pelo tribunal. Isso soa como ficção científica; na verdade, algum escritor de ficção científica imaginativo provavelmente usou exatamente essa premissa.

O testemunho da vida após a morte de uma vítima pode ser um fator crítico para determinar a condenação ou absolvição do réu, especialmente se o testemunho puder ser obtido cientificamente e validado independentemente

por vários médiuns certificados.

A hipótese da alma viva também tem implicações para a sentença. Se existe vida após vida, não podemos mais presumir que a pena de morte seja o pior castigo da sociedade. E, assim como existem os direitos da família da vítima, os tribunais teriam que decidir em que medida os direitos do falecido deveriam ajudar a determinar uma punição apropriada. A vítima pode não estar com pressa de ver seu assassino na vida após a morte. A punição final – a pena de morte – pode precisar ser reconsiderada, não apenas em relação à sua adequação para o réu, mas do ponto de vista das vítimas falecidas.

Advogados e empresários também precisarão reconsiderar o que fazer em relação aos direitos de propriedade intelectual. Imagine que um cientista, engenheiro, inventor ou pessoa criativa morre e então, do além, comunica uma descoberta que pode ser patenteada – um conceito para um livro ou filme, uma ideia para uma nova forma de obra de arte, um plano para um novo edifício, um plano para reduzir o crime ou reabilitar criminosos. Quem deve receber o crédito? As patentes serão de propriedade conjunta, aqui e ali? O Writers Guild irá arbitrar entre

contribuidores vivos e falecidos de um roteiro? As pessoas serão aclamadas e promovidas por ideias recebidas “de lá”?

Esta questão também se estende a testamentos e propriedades. Embora reconheçamos que você não pode levar o dinheiro com você, se a hipótese da alma viva for verdadeira, talvez você possa ter uma opinião sobre como o que você deixa para trás é gasto. Depois de morrer, você deveria continuar tomando decisões sobre como sua empresa é administrada ou como seu patrimônio é administrado? Deve-se permitir que os falecidos mudem seus testamentos depois de mortos, acrescentando codicilos ou emendas se não gostarem da maneira como os benfeitores de suas propriedades e fundações estão gastando seu dinheiro? Isso, é claro, abriria toda uma nova arena do direito.

Vamos começar a falar de “direitos dos falecidos” e ver a futura legislação surgir para proteger esses direitos?

Novos votos de casamento

O voto de casamento mais familiar ainda contém as palavras “até que a morte nos separe”.

Mas e se a morte não nos separar? Até onde vai o compromisso com o casamento?

Podemos imaginar um sistema que forneça um novo nível de voto de casamento, que vá além de “até que a morte nos separe”. Refletiria um verdadeiro contrato espiritual que uniria os entes queridos eternamente. Aqui

o casal estaria se comprometendo com a evolução contínua de seu relacionamento um com o outro, independentemente de seus respectivos altos e baixos, aqui ou ali.

Se Sir Isaac Newton e muitos outros gigantes intelectuais e espirituais antes dele estiverem corretos, a astrofísica e a metafísica podem refletir dois lados da mesma moeda: a moeda universal do amor.

Educação Espiritual

Na sociedade contemporânea, as crianças são regularmente expostas à violência e à morte, não apenas em filmes, televisão, histórias em quadrinhos, videogames e afins, mas também em seus bairros da vida real e até mesmo em suas escolas. No entanto, se não houver morte da personalidade, a maneira como a mídia retrata a violência e a morte pode mudar. As consequências dessas mudanças influenciariam a mente e o coração de nossos filhos. . . possivelmente de maneiras negativas, bem como positivas.

As crianças costumam relatar ter amigos imaginários, além de ver fantasmas e anjos. Os adultos desacreditam essas experiências e as interpretam como “faz de conta”. Mas se a hipótese da alma vivente for verdadeira, é razoável sustentar a tese de que as crianças podem estar mais abertas a receber esse tipo de informação. Incentive os jovens a cultivar essas experiências e, quando atingirem a idade adulta, esses talentos latentes poderão se desenvolver em habilidades significativas que poderão ajudar substancialmente a sociedade.

Como o mundo mudaria se um número crescente de adultos tivesse uma conexão profunda com essas info-energias vivas? Estudiosos da educação, como Howard Gardner, da Escola de Educação de Harvard, documentaram pelo menos sete tipos diferentes de inteligência, que influenciam diretamente como as crianças adquirem habilidades em tudo o que fazem, desde ler, falar e andar até sua capacidade de funcionar em um ambiente complexo. sociedade. Os educadores podem querer considerar a adição de uma oitava categoria de inteligência para descrever o reino das habilidades psíquicas e espirituais que refletem as capacidades inerentes da alma viva.

Do outro lado da equação, e se um jovem estiver deprimido e souber que a hipótese da alma vivente é verdadeira, ele ou ela se sentiria mais à vontade para cometer suicídio?

Segundo números recentes, cerca de trinta mil pessoas por ano nos Estados Unidos tiram suas próprias vidas. É possível que o suicídio aumente se a hipótese da alma viva for comprovada? Como as crianças podem ser educadas e encorajadas a manter uma paixão e reverência pela vida física se o que elas experimentam no mundo é violência crescente, apatia e mensagens desanimadoras sobre o futuro de nosso planeta?

Não há respostas simples aqui. Mas se nossas vidas pessoais continuarem além do físico, as crianças podem ser ensinadas a apreciar as muitas aventuras e dádivas da vida que só podem ser experimentadas no físico.

No livro de Suzane Northrop, *The Seance: Healing Messages from Beyond*, ela relata que em seu trabalho com clientes, muitos dos quais desejam entrar em contato com uma pessoa que cometeu suicídio, o falecido muitas vezes se arrepende de ter deixado o reino físico tão cedo. Segundo Suzane, o motivo que os falecidos dão não é que onde eles estão agora é tão ruim. Em vez disso, eles percebem que abreviaram o caminho natural de sua vida e falharam em completar a jornada que traçaram para si mesmos, ou que foi traçada para eles, antes de nascerem.

O humanista em mim se encolhe com a ideia de que a prova da hipótese da alma viva pode encorajar algumas pessoas instáveis ou fanáticas a decidirem chegar ao “outro lado” mais cedo tirando suas próprias vidas, como os cultistas do Portão do Céu. Ainda assim, esta é uma possibilidade, um lado obscuro da realidade que devemos reconhecer.

Deveria ser possível ensinar às crianças desde cedo que presente verdadeiramente profundo é o nosso tempo na terra. Por causa de sua abertura única, as crianças podem aprender as coisas mais rapidamente do que seus pais. Assim como os jovens frequentemente têm mais facilidade em aprender novos idiomas, eles também podem achar mais fácil aprender o idioma da alma.

Ciências Biocomportamentais Espirituais

As crianças que relatam “ver coisas” às vezes se tornam adultos rotulados como psicóticos e delirantes por profissionais de saúde mental. Quando tais experiências são descartadas e rotuladas como delírios e alucinações, essa rejeição geralmente aumenta o comportamento disfuncional. As pessoas que têm as experiências ficam com medo de sua própria consciência e literalmente se sentem loucas.

A mente humana é extremamente inventiva, e um subconjunto de pessoas que relata ver coisas pode muito bem estar vendo as criações de sua própria imaginação. No entanto, se a hipótese da alma vivente for verdadeira, os diagnósticos de delírio e alucinação terão que ser reconsiderados. Os profissionais de saúde mental não apenas terão que se tornar mais abertos e científicos, mas também pode ser necessário adicionar médiuns qualificados às equipes integrativas de saúde mental para ajudar a diagnosticar diferencialmente e tratar as pessoas em geral e também ajudar aqueles que têm medo especial de vendo aspectos da realidade espiritual.

No futuro, os médicos precisarão considerar seriamente a possibilidade de que seus pacientes não compareçam sozinhos às sessões. E se o cliente de um

terapeuta estiver trazendo uma ou mais pessoas falecidas para suas sessões?

A psicoterapia pode ser melhorada no futuro se os falecidos forem mais ativamente incorporados ao processo terapêutico? E na pesquisa psicológica, onde tanto os investigadores quanto os sujeitos podem ter indivíduos falecidos testemunhando a pesquisa? É possível que as almas vivas compliquem as descobertas, tornando-as mais difíceis de replicar precisamente por causa da combinação única de pessoas envolvidas, não apenas aqui, mas ali?

Nas ciências físicas, químicas e biológicas, os níveis de energia eletromagnética do ambiente criados pela natureza e pela tecnologia podem causar “contaminação” nas descobertas experimentais. Seria curioso se uma nova forma de “contaminação” experimental acabasse sendo as almas vivas de investigadores anteriores.

Medicina Espiritual

Quando alguém morre em um hospital, o pessoal da equipe médica diz que o paciente “expirou”. Mas esse termo descreve apenas o processo físico e não contaria mais toda a história. Seria mais apropriado dizer que a pessoa “passou”?

Se os médicos não vissem a morte como o fim, mas como um novo começo, a maneira como abordariam o tratamento de doentes graves mudaria drasticamente.

Salvar alguém “a todo custo” seria sempre a melhor solução? Se a hipótese da alma vivente for verdadeira, as práticas espirituais devem ser incluídas nos procedimentos médicos no momento em que a alma vivente está se separando do corpo físico? As implicações para o hospício e o cuidado dos moribundos são vastas.

Outra área da medicina que se torna significativa é a chamada intuição médica. Às vezes, os médicos são capazes de pro-

Como nossas vidas podem mudar fornecendo diagnósticos muito além das informações científicas disponíveis. São apenas suposições de sorte informadas ou é possível que haja mais coisas envolvidas? Poderia a capacidade de médicos, enfermeiras, psicólogos e até mesmo curandeiros leigos que fazem tais diagnósticos estarem consciente ou inconscientemente sintonizando e recebendo informações de profissionais de saúde falecidos?

Lembro-me com muita clareza, como se fosse ontem, da compreensão que Linda e eu tivemos sobre o pai dela. Dr. Russek era conhecido por ser extraordinariamente bom em tomar decisões relativas ao diagnóstico e tratamento de seus pacientes cardíacos. A complexidade das decisões que ele tomava muitas vezes ia muito além dos dados científicos disponíveis. A explicação simples que Linda e seu pai deram foi que ele tinha uma intuição

extraordinária.

No entanto, vamos levar em conta três fatores: a devoção do Dr. Russek à oração noturna (ele sempre agradecia ao “Grande Experimentador” pelas bênçãos que recebia em sua vida), seu gosto pela filosofia (ele lia regularmente Spinoza e Victor Frankl) e sua curiosidade secreta sobre a plausibilidade da astrologia (ele costumava gostar de ler horóscopos e acompanhar quais previsões se ajustavam a membros específicos da família). À luz desses três fatos adicionais, talvez não seja surpresa saber que ele era um homem que considerava seriamente a possibilidade da existência de uma realidade espiritual. O fato de ele ser receptivo a esses tipos de fenômenos pode significar que ele estava aberto a fontes desconhecidas de informações que ele não sabia que estava recebendo.

Se a hipótese da alma vivente for comprovada, segue-se que o que Linda e eu chamamos carinhosamente de medicina assistida pelo espírito, ou SAM, também pode ser verdade. À medida que os profissionais de saúde se tornam mais habilidosos na comunicação com o outro lado, as práticas médicas podem ser aprimoradas por meio de orientação e assistência de médicos e terapeutas falecidos.

Iniciamos uma pesquisa científica que tenta estabelecer se colaboradores como o Dr. Russek podem ser documentados como estando presentes em sessões de cura e se efeitos mensuráveis no resultado clínico podem ser atribuídos à sua participação.

Embora a pesquisa esteja em fase exploratória, os dados são interessantes e consistentes com a hipótese.

A hipótese da alma viva tem implicações para reavaliar a resposta “placebo”, que junto com casos de “cura espontânea” são efeitos persistentemente observados na medicina antiga e contemporânea. As tentativas de explicar o placebo e os incidentes de cura espontânea em termos de fenômenos conhecidos, incluindo crença e expectativa do paciente, e variáveis sociais como o calor do médico, foram insuficientes para explicar todas as descobertas.

Tendo treinamento formal em psicofisiologia e tendo publicado mais de duzentos artigos científicos que empregam medidas psicofisiológicas, certamente aprecio o papel que tais processos podem desempenhar na cura. Mas a questão permanece: as explicações “mente-corpo” fornecem toda a história, ou precisamos expandir nossa visão para incluir “mente-corpo-espírito”?

Uma vez que abrimos a porta para a possibilidade de uma alma vivente, muitas possibilidades merecem nossa séria consideração. Da medicina energética à parapsicologia, as teorias e descobertas devem ser, como disse

Proust, “vistas com novos olhos”.

É possível que nossa saúde e doença sejam afetadas, pelo menos em parte, por nossa interação com sistemas vivos de infoenergia ou almas? É possível que apegos inconscientes com almas “negativas” possam contribuir para a presença de doenças, bem como problemas comportamentais de saúde em certos indivíduos?

Essas são possibilidades surpreendentes de entreter, e é tentador rejeitá-las ou ignorá-las simplesmente rotulando-as de estranhas ou inúteis.

religião espiritual

Se não gastarmos nosso tempo principalmente em busca de mais dinheiro, um parceiro mais bonito e uma casa maior, ou em uma competição com pessoas que se interpõem em nosso caminho, como gastaremos nosso tempo? É possível que passemos mais tempo revisitando questões que nos incomodam desde o início da humanidade?

De onde viemos? Quando a consciência começou? Porque estamos aqui? Onde estamos indo? À medida que a ciência e a espiritualidade se unem, isso nos permitirá fazer um avanço espiritual coletivo que pode ser maior do que em qualquer outro momento da história registrada.

A maioria de nós foi ensinada que a primeira pessoa a ser ressuscitada, que continuaria a servir como uma ponte entre a terra física e Deus, foi o profundamente amoroso e carinhoso Jesus. No entanto, se a hipótese da alma vivente for verdadeira, é possível que outras pessoas espiritualmente iluminadas, incluindo Moisés e Buda, possam ser incluídas entre a grande comunidade de líderes espirituais falecidos que se preocupam profundamente com a família da humanidade e estão prontos para nos ajudar ainda mais. se estivermos preparados para receber sua sabedoria. Essa extensa comunidade de líderes espirituais não apenas precedeu Jesus, mas também pode tê-lo ajudado quando ele andou na Terra.

Ao considerarmos tais ideias, somos levados a postular que pessoas verdadeiramente amorosas de todas as fés religiosas podem estar contribuindo para a evolução da consciência humana em todo o mundo.

Se a hipótese da alma vivente for verdadeira, todos enfrentaremos a necessidade de reexaminar a história e a evolução das instituições religiosas. Sem dúvida, será reconhecido que muitas religiões podem estar mais interconectadas espiritualmente do que até mesmo seus líderes atualmente avaliam. Da mesma forma que os trabalhadores da comunidade de saúde estão começando a perceber, lenta mas seguramente, que devem combinar medicinas convencionais, complementares e alternativas em uma estrutura de “medicina integrativa”, de modo que o cuidado espiritual possa um dia combinar medicina convencional, complementar, e religiões

alternativas em uma estrutura “espiritual integrativa”.

•19*

Olhando para frente e para fora

navalha de occam

Em 1º de janeiro de 2000, Linda e eu fizemos uma resolução incomum de Ano Novo, ou mais precisamente, uma resolução do Novo Milênio.

Decidimos que tentaríamos viver nossas vidas como se a hipótese da alma vivente fosse verdadeira, desde que não houvesse dados convincentes em contrário. Daquele dia em diante, enquanto a hipótese de sobrevivência fosse plausível, tentaríamos tomar decisões pessoais com a consciência de que nossas vidas poderiam continuar depois que morrêssemos fisicamente. Viveríamos nossas vidas pessoais como um grande experimento.

Se nossa decisão for equivocada e a verdade for realmente das cinzas às cinzas, do pó ao pó, nunca saberemos que o experimento falhou.

No entanto, se nossa suposição estiver correta e a alma viva for uma porta de entrada para a existência de uma realidade maior, uma realidade espiritual/energética viva, quando morrermos, estaremos cientes de que nossa consciência continua. E ficaremos aliviados ao descobrir que as escolhas que fizemos foram sábias.

Um dos membros de nosso comitê anônimo de Advogados do Diabo Amigos nos informou que essa mesma decisão foi tomada há muitos anos pelo grande matemático do século XVII, Blaise Pascal. Pensamos que, se a lógica era boa o suficiente para Pascal, deveria fazer sentido para nós também.

Há também outra razão para conduzirmos nossas vidas como se a hipótese da alma vivente fosse verdadeira. Isso também vem dos cânones da ciência na forma de um princípio conhecido como navalha de Occam, em homenagem ao filósofo inglês do século XIII que primeiro enunciou a ideia. Uma maneira de expressar seu princípio é esta: “Todas as coisas sendo iguais, a hipótese mais simples é geralmente a correta”.

Aqui está um exemplo favorito da sabedoria desta declaração simples. Quando os astrônomos da Idade Média começaram a reunir as evidências reveladas a eles pelo telescópio recém-inventado, o modelo do universo centrado na Terra tornou-se cada vez mais complicado à medida que os observadores tentavam explicar os dados cada vez mais contraditórios. Uma vantagem do novo, mas altamente controverso, modelo centrado no Sol, que colocou Galileu em tantos problemas, era apenas que era *mais simples* no sentido de que poderia explicar mais dados. Uma ideia

poderia explicar tantas observações - a ideia, em uma palavra, era elegante.

A mesma lógica se aplica aos dados emergentes que se desdobram não apenas em nossos experimentos, mas também na história da pesquisa mediúnica nos últimos cem anos. Conforme descrito no livro *Mediunidade e Sobrevivência de Alan Gauld*, uma história definitiva de um século de investigações abordando a hipótese da alma viva, o número de diferentes explicações necessárias para dar conta de todos os dados é em si extraordinário. Os melhores experimentos sobre esse assunto podem ser explicados apenas se alguém fizer toda uma série de suposições:

- Algumas das descobertas exigiriam que os médiuns estivessem secretamente usando detetives que eram tão bons que não eram detectados por outros detetives – “super trapaça”.
- Algumas das descobertas exigiriam que os assistentes estivessem se lembrando falsamente de fatos específicos de suas histórias pessoais, incluindo nomes de parentes e causas de morte – “viés de super-assistente”.
- Algumas das descobertas exigiriam que os médiuns fossem extraordinários adivinhadores de informações, mesmo quando os assistentes não estivessem dizendo uma palavra e os médiuns não pudessem vê-los – “super adivinhação”.
- Algumas das descobertas exigiriam que os médiuns estivessem interpretando mudanças sutis na respiração do assistente para descobrir, por exemplo, que a avó do assistente trouxe margaridas para o casamento de sua mãe – “leitura super sutil”.
- Algumas das descobertas exigiriam que os médiuns estivessem lendo não apenas a mente inconsciente dos assistentes, mas também informações que os próprios assistentes não conseguiam lembrar ou lembravam errado, apenas mais tarde para verificar através de uma conversa com outro parente – “super telepatia.”

No entanto, se aplicarmos a navalha de Occam ao conjunto total de dados coletados nos últimos cem anos, incluindo as informações sobre as quais você leu neste livro, há uma hipótese direta que é elegante em sua simplicidade. Esta é a simples hipótese de que a consciência continua após a morte. Esta hipótese é responsável por todos os dados.

Se levarmos a sério o processo da ciência, chega um ponto em que faz sentido aceitar o princípio da navalha de Occam: às vezes a hipótese mais simples é a correta.

E às vezes é o menor dado que nos lembra dessa verdade simples.

Relembrando “Picolés” e a Luz das Estrelas Distantes

Se existe um único dado de mediunidade que me levou a aceitar a hipótese da alma vivente, é um incidente breve e aparentemente tolo que ocorreu em uma leitura de John Edward na televisão.

Ele estava falando com uma mulher que parecia estar em seu trinta e poucos anos e estava recebendo informações sobre um de seus parentes falecidos mais velhos. Ele então disse algo como “Ela está me mostrando um cachorrinho. Seu parente tinha um cachorrinho?”

A mulher parecia confusa. Ela não sabia se seu parente tinha um cachorrinho ou não.

Então John disse algo que realmente me surpreendeu. Ele disse: “Ela está me dizendo que o cachorro recebeu o nome de uma comida. Um nome de comida.

Um nome de comida para um cachorro? O que poderia ser? Alface? Banana? Hamburger? Aqui, pequena Cenoura. Role, Grits. Tortilla, se finja de morto!

Não é provável.

Após a leitura, a babá foi mostrada ligando para a tia para perguntar sobre o cachorro do parente falecido. O parente tinha, de fato, um cachorrinho. Quando a babá perguntou seu nome, o parente respondeu: “Picolé”.

Isso soou quase tão estranho quanto Grits ou Tortilla. A babá perguntou à tia sobre o nome estranho e ela respondeu: “Porque o cachorro adorava picolé”.

Sendo o agnóstico entusiasmado que sou, marquei as possibilidades céticas sobre detetives... ou algum engano fora da câmera para fazer parecer que John tinha feito algo notável quando na verdade estava trapaceando... ou lendo a mente do público membro ... ou um palpite incrível . . .

Ou foi apenas mais um pequeno e inocente dado sugerindo que John realmente fala com pessoas mortas?

O que você acha?

Aqui está o que eu penso, como cientista.

A probabilidade de que John seja a coisa real - e que Laurie, Suzane, Anne, George e alguns outros médiuns estejam envolvidos em algo honesto e

verdadeiramente espiritual - é tão grande quanto a probabilidade de que a luz das estrelas distantes continue de alguma forma, para sempre. .

E eu me lembro do que o professor William James escreveu sobre a Sra. Piper, uma médium que ele estudou com muito cuidado:

Eu estaria disposto agora a apostar tanto dinheiro na honestidade da Sra. Piper quanto na de qualquer pessoa que eu conheça, e estou bastante satisfeito em deixar minha reputação de sabedoria ou loucura, no que diz respeito à natureza humana, para permanecer ou cair esta declaração.

Comemorando o placar final

Depois de três anos conduzindo os experimentos descritos nestas páginas, Linda me perguntou um dia como eu podia ver todos esses dados e ainda não acreditar.

Acreditar. A verdade é que eu não conseguia acreditar. Não poderia, porque sou um cientista, e os dados, embora altamente favoráveis, não são 100% certos.

Ela me acusou de escrever sobre a navalha de Occam, mas não colocar a navalha em uso.

E ela estava certa. Até então, eu havia evitado encarar os dados como um todo, o que me permitia manter minha posição segura de não me comprometer com uma crença de uma forma ou de outra. Metaforicamente, eu estava me escondendo atrás da minha barba e não estava prestes a fazer a barba conceitualmente com a navalha de Occam - ou de qualquer outra pessoa.

A verdade é que eu estava sendo cientificamente hipócrita. Eu havia falhado em fazer exatamente o que sempre tento encorajar meus alunos e colegas a fazer.

Por que resisti a resumir os dados como um todo? Como alguém que tinha a reputação de ser uma pessoa de visão geral poderia resistir a pintar o quadro geral? Descobri que o motivo era simples: eu estava experimentando um crescente medo profissional e pessoal.

Não, eu não estava com medo de que os céticos estivessem certos. Os dados pareciam bastante claros nesse ponto.

E, não, eu não estava com medo de que os médiuns e os céticos pudessem estar empatados. Na verdade, isso seria bastante reconfortante. Se fosse esse o caso, eu poderia ficar em cima do muro, e meus colegas mais céticos ficariam tranquilos.

Meu medo crescente era que, se eu realmente resumisse e integrasse todo o conjunto de observações, poderia ser forçado a concluir que – pelo menos

no que diz respeito aos médiuns de pesquisa específicos com os quais trabalhamos – os céticos estavam completamente errados.

Fui criado desde tenra idade para acreditar que os cientistas não devem *acreditar* nas coisas - no sentido de crença em oposição a aceitar ideias e fatos específicos que a ciência atual reconhece como cientificamente verificados.

Linda estava me pedindo para enfrentar meu medo de acreditar na mediunidade. E se eu acreditasse, em que sentido? “Acreditar” pode variar de simplesmente ter pontos de vista ou opiniões sobre algo, ter confiança nos fatos ou ideias, aceitar pela fé.

Percebi que no que diz respeito à crença na sobrevivência da consciência, eu estava no nível das “opiniões”. A teoria científica indicava fortemente a plausibilidade da hipótese, e os dados eram suficientemente claros para permitir-me manter a opinião de que a sobrevivência, em teoria, era verdadeira. Essa foi a minha opinião fundamentada.

Em termos de crença como tendo confiança - não, eu não tinha confiança naquela opinião fundamentada. A verdade é que, apesar de todos os experimentos e de todos os nossos controles, por alguma razão eu ainda duvidava dos médiuns, dos assistentes, de Linda e de meus co-investigadores, e até mesmo do que havia testemunhado com meus próprios olhos. Meu grau de dúvida diante de todos os dados era francamente irracional. Eu estava experimentando mania de ceticismo. Eu sabia disso, mas não fui capaz de fazer nada a respeito.

Era hora de somar o placar e ver o que os dados revelavam — se as alegações e acusações dos céticos agora pareciam válidas ou se já havíamos apresentado um argumento tão forte que eu poderia transformar meu próprio ceticismo em alguma forma de crença.

Passei por todos os experimentos – cada leitura, dentro e fora dos períodos formais de coleta de dados – e examinei tudo com base em onze pontos-chave que formam o núcleo.

Não posso mais ignorar os dados e descartar as palavras. Eles são tão reais quanto o sol, as árvores e nossos aparelhos de televisão, que parecem arrancar imagens do ar.

Então o que eu recomendo?

Que celebremos o Big H, momentos memoráveis na praia, o “Good Ship Lollipop”, a vaca no quintal e as margaridas no casamento.

Que celebremos os bilhões de trilhões de estrelas e o milagre físico de que sua luz brilha para sempre.

Que celebremos a existência da mente humana, que não apenas levanta questões científicas, mas também desenvolve a sabedoria para saber quando é hora de parar de questionar obsessivamente e aceitar a verdade das respostas.

Que celebremos a existência de almas vivas em um universo vivo e em evolução.

E que, com humildade, agradeçamos a uma Essência Amorosa que torna tudo isso possível.

Os onze principais pontos de resumo

- 1. Fraude
- 2. Dicas
- 3. Memória seletiva
- 4. Informações vagas
- 5. Suposições de sorte
- 6. Viés ou erros do experimentador
- 7. Motivação dos médiuns
- 8. Motivação dos céticos
- 9. Leitura da mente por médiuns
- 10. Memória no universo
- 11. Conversando com pessoas mortas

Na análise a seguir, é importante entender que não estamos analisando o trabalho de *todos* os médiuns. Muitos médiuns - talvez até a *maioria* dos médiuns - estão dando a seus clientes o que os clientes querem, da mesma forma que as pessoas vão a um show de mágica para que o mágico as deslumbre e agrade. A principal diferença é que o cliente pagante do show de mágica sabe que a malandragem está sendo usada, e o cliente pagante da sala da médium quer acreditar.

Não, não é o médium psíquico que usa técnicas de leitura fria que estamos avaliando aqui, mas apenas o pequeno e altamente seletivo grupo de médiuns de alto nível que estão dispostos a arriscar a exposição e a humilhação ao permitir o exame científico de seu trabalho sob circunstâncias altamente controladas.

Então, aqui está o que os dados mostram sobre os experimentos envolvendo esse pequeno grupo de médiuns:

Ponto 1: Fraude

Céticos especulam

Eles de alguma forma obtêm informações com antecedência, por detetives ou outros meios secretos.

Médiuns dizem

Não sabemos quem são os assistentes, não apenas nos estudos de laboratório, mas também em nossas práticas diárias.

O que os experimentos realmente revelam

Em algumas partes dos experimentos, os médiuns poderiam de fato ter trapaceado colocando grampos nos telefones do laboratório e em nossos telefones residenciais para que pudessem obter os nomes de todos os assistentes com antecedência, depois patrulhando ou contratando um detetive para obter informações úteis e memorizando toda a informação.

Mas isso não teria ajudado nos períodos de silêncio nos experimentos de Miraval e Canyon Ranch, porque os médiuns não podiam ver quem estava sentado atrás deles ou do outro lado da tela. E eles não podiam saber a ordem em que os assistentes seriam trazidos até eles (o que foi decidido apenas no último minuto, no dia do teste). Como o assistente não falou durante o período de silêncio, o médium não tinha pistas sobre idade, sexo, estado emocional ou qualquer outra coisa que pudesse ser revelada ao ver ou ouvir o assistente.

Além do mais, no experimento do “corvo branco” de Campbell, os assistentes não estavam no mesmo local que o médium, e os dados mais impressionantes foram fornecidos antes mesmo de qualquer contato telefônico ser estabelecido.

Ponto 2: Cuieting

Céticos especulam

Os médiuns obtêm informações estudando expressões faciais e sinais não-verbais, analisando o conteúdo verbal, interpretando o tom de voz e usando outros truques de leitura fria.

Médiuns dizem

Não precisamos ver os assistentes, nem mesmo ouvir suas vozes, para obter informações precisas, e os experimentos foram bem-sucedidos mesmo quando não podíamos ver os assistentes e eles não falavam.

O que os experimentos realmente revelam

Nos experimentos de Miraval e Canyon Ranch, os médiuns eram surdos e cegos para os assistentes. No entanto, na ausência de quaisquer pistas verbais

ou visuais, eles ainda forneceram uma quantidade muito grande de dados, dos quais 40% a 80% foram classificados como +3, absolutamente precisos. No estudo da HBO, uma médium em particular, Suzane Northrop, fez apenas cinco perguntas, mas relatou mais de 120 informações classificadas como mais de 80% precisas. Novamente, no experimento de Campbell, as barreiras entre o médium e os assistentes eram ainda mais distintas, mas a precisão do médium era surpreendente.

Ponto 3: Memória Seletiva

Céticos especulam

Os assistentes lembram-se principalmente dos acertos e esquecem-se dos erros porque estão de luto e querem acreditar. Isso aumenta sua precisão lembrada, criando uma ilusão auto-realizável que é completamente falsa.

Médiuns dizem

Exceto por informações que parecem sensíveis e devem ser mantidas em sigilo, transmitimos tudo o que recebemos. Nossos clientes se lembram principalmente dos hits porque são muitos.

O que os experimentos realmente revelam

As técnicas de pontuação usadas no laboratório nesses experimentos não dependiam das memórias gerais das leituras dos assistentes, mas eram pontuadas a partir das transcrições do que os médiuns realmente disseram. Os assistentes pontuaram cuidadosamente cada dado; quando o médium dissesse algo como “o número seis, que poderia significar o mês de junho ou o sexto de um mês”, o assistente pontuaria cada uma das declarações, provavelmente marcando um dos itens como um acerto e o outro como um erro. Os dados avaliados desta forma, e mostrando altas taxas de precisão, não podem ser explicados pela lembrança seletiva.

Ponto 4: Informação Vaga

Escéticos especulam

A informação que os médiuns pretendem receber é tão vaga e geral que pode se aplicar a muitas pessoas.

Médiuns dizem

Leitores frios fornecem informações vagas e gerais. Frequentemente, obtemos informações muito específicas - iniciais, nomes exatos, fatos históricos como as causas da morte, descrições pessoais como tamanho e aparência, características de personalidade como tímida ou extrovertida - que correspondem aos entes queridos falecidos dos assistentes.

O que os experimentos realmente revelam

Quando os assistentes pontuam cuidadosamente os dados para iniciais, nomes, fatos históricos, descrições pessoais, características de personalidade e afins, os dados se tornam muito específicos para assistentes individuais. Isso ficou claro quando as leituras foram pontuadas por grupos de controle; as classificações de precisão do grupo de controle foram consistentemente muito mais baixas.

Ponto 5: Suposições de sorte

Céticos especulam

As altas taxas de precisão, se ocorrerem, devem refletir palpites de sorte. Devem ser acidentes, resultado da pesca. Eles não são replicáveis

Médiuns dizem

Nós definitivamente não estamos adivinhando. Estamos obtendo visões, sons e sentimentos específicos. Às vezes, interpretamos o que vemos e, às vezes, a informação é fraca. Mas o processo não envolve adivinhação.

O que os experimentos realmente revelam

Nossos experimentos forneceram replicação ao fazer assistentes lerem até cinco médiuns. Após uma pontuação precisa, as descobertas mostraram replicação notável entre médiuns e assistentes, e também entre experimentos. Os valores de probabilidade vão de milhões a trilhões. Adivinhação e acaso não podem explicar a precisão das informações fornecidas.

Ponto 6: Tendências ou Erros do Experimentador

Céticos especulam

Ou os experimentadores estão envolvidos em fraude ou devem estar enganando a si mesmos. Eles estão, de alguma forma, influenciando inconscientemente os resultados, dando informações aos médiuns ou encorajando os assistentes a aumentar suas avaliações.

Médiuns dizem

Os experimentadores sempre suspeitaram de nós, nunca aceitando com fé o que dissemos, mas construindo controles cada vez mais rígidos para garantir que os estudos fossem à prova de fraude média e à prova de avaliação do assistente. Os cientistas que conduzem os experimentos relutam em acreditar e continuam desafiando nossa honestidade e integridade.

O que os experimentos realmente revelam

Apesar dos controles experimentais cada vez mais rígidos, esforços consistentes para que os avaliadores dessem pontuações menos favoráveis em caso de dúvida e, no experimento do Canyon Ranch, fazer com que os

avaliadores pontuassem silenciosamente suas próprias transcrições, bem como as transcrições dos outros assistentes (eliminando assim quaisquer sugestões de os experimentadores), os dados ainda assim foram notavelmente positivos. No entanto, os experimentadores ainda estão preocupados em concluir que os dados são genuínos, refletindo sua própria abordagem cautelosa e seus próprios medos.

Ponto 7: Motivação dos Médiuns

Os cétricos dizem

Os médiuns são motivados a enganar o público; tirar dinheiro de pessoas crédulas e enlutadas; e ser famoso. Eles estão participando de experimentos de laboratório defeituosos para alimentar seus egos e aumentar seus honorários.

Médiuns dizem

A descrição de tirar dinheiro de pessoas ingênuas pode se encaixar em alguns, talvez muitos, que se autodenominam médiuns. Aqueles de nós que estiveram envolvidos nos experimentos fazem este trabalho porque descobrimos um dom para ele e porque ajuda as pessoas a perceberem que a vida é eterna.

O que os experimentos realmente revelam

Os médiuns que participam desta pesquisa estão colocando suas carreiras e reputações em risco. Se os pegarmos trapaceando, iremos expô-los, de acordo com o lema do nosso laboratório de “Se for real, será revelado; se for falso, encontraremos o erro.” Nunca encontramos nenhuma evidência de fraude ou trapaça em nosso grupo altamente seletivo de médiuns de pesquisa. Eles sabem que, se o fizermos, ficarão envergonhados publicamente e suas carreiras sofrerão.

Ponto 8: Motivação dos cétricos

Os cétricos dizem

Nossa motivação é proteger o público contra médiuns falsos e ciência vodu. Médiuns são fraudes, e os cientistas que os estudam são ingênuos ou pior.

Médiuns dizem

Os cétricos estão decididos e não estão dispostos a examinar os dados dos experimentos. Eles não estão dispostos a ter a mente aberta na presença de dados convincentes.

O que os experimentos realmente revelam

Os cétricos muitas vezes ignoram detalhes essenciais dos métodos científicos. Eles normalmente descartam dados que são positivos e se

envolvem em argumentos irracionais para manter suas crenças pessoais. Os céticos extremos praticam o que poderia ser chamado de ceticismo voodoo, que carece de integridade e humildade.

Por exemplo, o homem que se intitula como o Incrível Randi, um “desmistificador de alegações paranormais e pseudocientíficas”, insiste enfaticamente que todos os médiuns “fingem” e se envolvem em “arte enganosa”. Ele parece tão comprometido com essa visão que nem mesmo dados sólidos o farão mudar de ideia. Os céticos profissionais descobriram que, como céticos, podem ganhar dinheiro vendendo livros e revistas. Suas carreiras estão em jogo.

Ponto 9: Leitura da Mente por Médiuns

Céticos especulam

Se os médiuns estão fazendo algo paranormal, devem estar lendo as mentes dos assistentes. Eles não podem estar falando com pessoas mortas, porque pessoas mortas estão mortas, ponto final.

Médiuns dizem

Se estivéssemos lendo as mentes dos assistentes, obteríamos apenas as informações que os assistentes conhecem e esperam receber. Frequentemente, recebemos pessoas que a babá conhece, mas não esperava. Às vezes, obtemos informações que o assistente acha que estão erradas ou não sabem, mas que depois se mostram corretas.

O que os experimentos realmente revelam

A análise cuidadosa dos dados experimentais mostra muitos exemplos que a leitura da mente não pode explicar - entre eles, quem os assistentes esperam ouvir versus quem eles realmente ouvem, informações fornecidas pelo médium que não são nada sobre o que o assistente estava pensando, e informações que o assistente não sabia, mas depois pôde confirmar. Muitos desses exemplos deixam claro que a telepatia não pode explicar todos os dados.

Ponto nº: Memória no Universo

Céticos especulam

A física nos lembra que a luz e a energia se estendem pelo espaço, e fótons tão antigos quanto o nascimento do universo foram registrados como radiação de “fundo”. Talvez os médiuns, se estiverem fazendo algo paranormal, estejam simplesmente lendo vestígios de memória morta de informação e energia no universo.

Médiuns dizem

Talvez estejamos lendo alguma informação dos bancos de memória do universo. No entanto, muitas vezes não parece assim. A informação parece muito viva e divertida. Além disso, memórias mortas discordariam de nós quando ouvimos ou interpretamos mal o que é comunicado, como costuma acontecer em nossas leituras?

O que os experimentos realmente revelam

A pesquisa até o momento não elimina um possível processo de recuperação da memória do “vácuo” do espaço. No entanto, uma análise cuidadosa da linguagem usada pelos médiuns, além de exemplos como a falecida avó de Sabrina aparentemente continuando a se comunicar durante a leitura para o assistente subsequente, sugere que a “informação” não é estática ou “morta” como as informações armazenadas em um disco rígido. ou CD.

Ponto 11: Conversando com pessoas mortas

Céticos especulam

Como sabemos que a morte é definitiva, o que os médiuns relatam deve ser sua imaginação. Ou pior, os médiuns estão inventando. Se os médiuns realmente acreditam no que estão fazendo, devem estar se enganando.

Médiuns dizem

Realmente parece que estamos falando com almas vivas. Eles parecem tão vivos quanto os céticos, só que geralmente mais amorosos e receptivos. Pessoas mortas frequentemente nos mostram e nos contam coisas que nos surpreendem tanto quanto aos assistentes. O falecido frequentemente nos corrige, contradizendo o assistente.

O que os experimentos realmente revelam

Nos experimentos, as informações foram consistentemente recuperadas e podem ser melhor explicadas como provenientes de almas vivas. No procedimento de Campbell, a informação era obtida antes que o médium falasse com os assistentes. Às vezes chegam informações com as quais o assistente discorda, mas que acabam sendo corretas. Além disso, os médiuns às vezes são corrigidos por pessoas falecidas. Os dados parecem ser tão válidos, convincentes e vivos quanto os próprios médiuns, assistentes, céticos e cientistas.

Isso é o que os dados experimentais mostram inequivocamente.

Novamente, esta análise aplica-se apenas aos médiuns que concordaram em ser os sujeitos de nossos experimentos controlados de laboratório: cinco médiuns “corvos brancos” – Laurie Campbell, John Edward, Suzane Northrop, Anne Gehman e George Anderson.

Se houver cinco, provavelmente haverá muito mais.

Cérebro primeiro ou mente primeiro?

Provavelmente, a implicação mais importante da hipótese da alma vivente tem a ver com a questão fundamental da origem da mente e sua relação com o cérebro.

A questão me atingiu como resultado de uma observação de Beth Costello, diretora executiva da Mind Science Foundation, em San Antonio, Texas. Ela me fez uma pergunta sobre a natureza da consciência que imediatamente percebi ser tão significativa para mim quanto a pergunta de Linda sobre a sobrevivência da consciência.

A questão era aparentemente simples, mas profundamente importante: “Por que uma fundação preocupada com o estudo da consciência deveria considerar o financiamento de pesquisas na controversa área da mediunidade?”

Quando as pessoas me perguntam: “Por que estudar mediunidade?” geralmente ocorre no contexto do medo da morte, do processo de luto, da possibilidade de reparar relacionamentos que não foram curados na Terra ou para explorar as implicações de como podemos viver nossas vidas de maneira diferente. Mas ninguém jamais havia me feito uma pergunta que girasse em torno do que a pesquisa mediúnica tem a ver com a essência da própria mente.

A resposta, percebi, tinha a ver com o motivo pelo qual a fundação se dedicava à ciência da mente em vez da ciência do cérebro. Criado nas tradições da ciência ocidental, fui ensinado que a mente é uma criação da estrutura e função neural e da neuroquímica, que a mente desempenha um papel pequeno no comportamento humano e que, quando o cérebro morre, a mente desaparece. . Caso encerrado.

Essa é a hipótese do “cérebro primeiro, mente depois”. É o modelo predominante na ciência contemporânea. Supõe-se que seja verdade e, para todos os propósitos práticos, é aceito com fé pela ciência ocidental moderna. Até alguns anos atrás, eu também acreditava nisso.

No entanto, existe um modelo alternativo, tão atual quanto a ciência visionária de hoje, mas tão antigo quanto a história registrada, considerado verdadeiro por estudiosos como Platão e Pitágoras há mais de dois mil anos. E foi sustentado por estudiosos como Sir John Eccles, o neurofisiologista ganhador do Prêmio Nobel, e o Dr. Wilder Penfield, o distinto neurocirurgião, no século passado. Também foi realizado pelo Dr. William James; David Bohn, Ph.D., o distinto aluno de física quântica de Einstein; e Tom Slick, que estabeleceu a Mind Science Foundation.

Este modelo diz que a mente está em primeiro lugar. A consciência existe

independentemente do cérebro. Não depende do cérebro para sua sobrevivência. A mente vem primeiro, o cérebro vem depois. O cérebro não é o criador da mente, é uma poderosa ferramenta da mente. O cérebro é uma antena/receptor para a mente, como uma sofisticada televisão ou telefone celular.

Cientificamente, a questão-chave é que tipo de experimento nos permite decidir qual modelo é o correto: primeiro o cérebro ou primeiro a mente?

A história nos lembra que às vezes um único experimento, adequadamente replicado, pode mudar nossa visão do mundo. A viagem de Colombo, navegando para o além, foi apenas um desses experimentos.

Que tipo de experimento na pesquisa da consciência é como navegar para o além?

Experiências mediúnicas.

As experiências com médiuns descritas nestas páginas sugerem fortemente que, metaforicamente, a Terra não é plana, mas redonda. O cérebro não é primário, a mente é. A mente se estende como a luz de estrelas distantes. Este único fato é mais devastador do que a descoberta de que a Terra é redonda.

De acordo com os dados coletados em nosso laboratório, o Dr. William James sobreviveu para contar a história - a consciência continua após a morte física. E agora que Susy Smith partiu fisicamente, novos dados coletados em nosso laboratório indicam que ela também sobreviveu para contar a história.

Plana, redonda; cérebro, mente - os paralelos valem a pena ponderar. Se os estudos mediúnicos continuarem positivos, nossa visão do universo e nosso lugar privilegiado dentro dele nunca mais serão os mesmos.

Quando é hora de considerar mudar nossas mentes?

É sensato esperar até que estudos definitivos sejam concluídos antes de nós, humanos, começarmos a trabalhar, brincar, amar e ser pais como se a hipótese da alma vivente já estivesse comprovada?

Quando as pessoas nos perguntam "Você está defendendo a sobrevivência da consciência", dizemos: "Não - o que estamos defendendo é a sobrevivência da *pesquisa da consciência*".

É verdade que os experimentos da Universidade do Arizona produziram alguns eventos notáveis — tantos, na verdade, que rejeitá-los é cometer o maior pecado científico. Quando um pesquisador tem a sorte de testemunhar repetidamente e coletar dados extraordinários em muitos experimentos ao longo de muitos anos, ele ou ela tem a responsabilidade de respeitar a realidade desses fatos.

É exatamente isso que pretendemos fazer nestas páginas: registramos os fatos.

Todos os experimentos aqui descritos poderão um dia ser vistos como representando um estágio tão primitivo que corresponde à primeira alavanca já usada por um ser humano em contraste com as máquinas e computadores de hoje.

De que adianta termos confirmado que este ou aquele espírito sabe do cachorro que morreu ou do filho que se suicidou? Apenas oferecendo evidências aparentemente convincentes de que a continuidade da consciência pode ser verdadeira, de que a sobrevivência da alma pode realmente ser real. A confirmação, se válida, seria de abalar a terra - igual a provar que a Terra é redonda em vez de plana. Seria uma das revelações mais profundas da ciência na história da humanidade.

Mas as informações sobre o cachorro e o suicídio são irrelevantes em si. O que realmente queremos é obter conhecimento do outro lado sobre coisas que ainda não sabemos. Conhecer essas coisas será entender a imortalidade.

Provar essas coisas será obter conhecimento de nossa própria imortalidade.

Será este um dia um presente da humanidade?

A busca continua.. ..

• Apêndice A •

Integrando Ciência e Espiritualidade

O seguinte é derivado em parte de artigos científicos publicados desenvolvidos com Linda Russek.

A origem da palavra *ciência* vem do latim *scire*, que significa simplesmente “saber”.

A ciência está, antes de tudo, preocupada em descobrir a verdade. O processo da ciência envolve a busca de informações e a repetição da busca – ou seja, “pesquisa” – para replicar as observações. O propósito da ciência não é validar a forma como desejamos *que* a natureza seja – é descobrir *a forma como a natureza realmente é*.

Esta é a razão pela qual escolhemos como lema do Laboratório de Sistemas de Energia Humana *veritas*, a busca da verdade – emprestada do lema de Harvard – e porque escolhemos ser guiados pelo princípio “Deixe os dados falarem”.

A história da ciência nos lembra que às vezes a pesquisa leva a descobertas que desafiam a maneira como pensamos sobre praticamente tudo. Quando isso acontece, muitas vezes é

tentador enfiar a cabeça na areia. Preferimos fazer de conta que a natureza é do jeito que queremos que seja (o que normalmente é o jeito que fomos criados quando crianças para acreditar que é) ao invés do jeito que a natureza realmente é. Já foi dito que a ignorância é uma bênção. A verdade é que muitas vezes é mais fácil se apegar ao passado do que enfrentar as descobertas reveladas pela ciência.

A ciência como processo e a sobrevivência como hipótese têm uma relação única. A hipótese da alma vivente tem profundas implicações em como a ciência é conduzida; por sua vez, a ciência tem profundas implicações para nossa compreensão da continuação da consciência. A pesquisa que descrevemos neste livro pode ser considerada a ponta de um prisma gigantesco, criando uma possibilidade espetacular nas cores do arco-íris que transcende virtualmente qualquer coisa que tenhamos imaginado. É mais do que apenas poesia que buscamos cientificamente *Lux et Veritas* - Luz e Verdade, o lema de Yale - porque a chave pode ser literalmente a luz.

A chave para prever a sobrevivência da consciência acontece quando entendemos o conceito de sistema.

Teoria dos Sistemas: Compreendendo a Magia e o Milagre da “Água”

Como é possível que duas ou mais coisas se juntem e criem algo – um todo – que seja verdadeiramente diferente dos componentes individuais que os constituem?

O conceito de sistema é usado para explicar a troca de informações e energia que, no processo, cria conjuntos cada vez mais complexos.

No processo de compartilhamento de informação e energia, os componentes se tornam um casal, ou uma unidade. À medida que desenvolvem um relacionamento - um trabalho em equipe de compartilhamento mútuo de informações e energia - surgem novas possibilidades dinâmicas que são diferentes e vão além de qualquer um dos componentes em si. A frase “o todo é maior que a soma de suas partes” é uma forma de expressar essas “propriedades emergentes” dos sistemas.

Nosso livro anterior, *The Living Energy Universe*, explica como em todos os níveis da natureza - desde os níveis micro de átomos e moléculas até os níveis macro de sistemas solares e galáxias - e tudo mais, incluindo pessoas, quando as coisas se juntam e se conectam, eles podem desenvolver laços duradouros que “trazem o melhor um do outro”. Por meio desse processo de propriedade emergente e sistêmica, testemunhamos fenômenos novos e imprevisíveis que surgem apenas quando os componentes desenvolvem uma relação estável e se tornam um todo.

Minha ilustração favorita de propriedades emergentes sistêmicas é “água”.

À temperatura ambiente, o hidrogênio e o oxigênio, os dois gases que criam a água, são indetectáveis pelos nossos sentidos humanos. Não podemos vê-los, saboreá-los ou cheirá-los. Mas quando eles unem forças e se tornam a molécula “simples” chamada H_2O , o que emerge à temperatura ambiente é um novo líquido que representa 70% a 80% de nossos corpos e é necessário para toda a vida física como a conhecemos.

A água é um sistema molecular especial, expressando um padrão único de propriedades diferente de qualquer outro. À temperatura ambiente, é um líquido, mas quando congela, cria complexos cristais de gelo que flutuam quando colocados no líquido – ao contrário da maioria dos outros sólidos, que afundam em suas respectivas formas líquidas.

A água também tem a capacidade de criar cristais primorosamente belos e complexos: flocos de neve. Cada flake é único e reflete um padrão de estruturas que deslumbram os

olhos. Tenho um livro que contém fotografias de milhares de flocos de neve individuais e não há dois idênticos.

De onde vem essa capacidade de organização, estrutura e outras propriedades únicas da água?

Podemos prevê-los examinando o hidrogênio e o oxigênio sozinhos? Não. É somente quando esses dois gases são reunidos e permitem que circulem sua energia e informação como H_2O que surgem os novos padrões de água.

Mas o que a água tem a ver com a alma viva e a sobrevivência da consciência após a morte? Como você está prestes a ver, a resposta é “tudo”.

Ciclos de feedback: compreendendo a “mágica” e o “milagre” da memória viva

Quando combinamos a ideia de energia eterna (ver capítulo 1) com a ideia de um sistema, descobrimos a ideia nova e emergente da “teoria dos sistemas dinâmicos de energia”. Não é curioso que a própria ideia da teoria dos sistemas preveja que, quando combinada com a física quântica, novas propriedades sistêmicas serão reveladas e o todo será maior que a soma de suas partes?

A física quântica nos diz que tudo vibra e nunca está completamente em repouso. Mesmo na temperatura do zero absoluto, os sistemas atômicos vibram. Sistemas subatômicos, como fótons e elétrons, agem mais como ondas perturbadas ou nuvens difusas do que como objetos ou partículas discretas. Dependendo de como são medidos, podem se assemelhar a ondas, distribuídas no espaço, ou partículas, localizadas no espaço. Fótons e elétrons parecem dançar no espaço, por assim dizer, esperando para serem “materializados” na matéria.

Quando observamos de perto como a informação e a energia circulam dentro de um sistema, descobrimos algo notável. Fótons e elétrons podem circular dentro de um sistema por “loops de feedback”. Uma explicação de como os neurônios no cérebro aprendem é que eles são organizados como redes complexas de componentes interconectados por loops de feedback recorrentes. Enquanto os circuitos de feedback estiverem conectados, a informação e a energia circularão e as memórias se acumularão. O que a ciência dos sistemas nos diz é que a razão pela qual os neurônios aprendem é precisamente porque eles são arranjados como sistemas contendo aparências de feedback. Quando a informação e a energia circulam continuamente dentro de um sistema - neural ou não - essa informação e energia em constante transformação serão armazenadas no sistema e evoluirão com o tempo. Em outras palavras,

Todos os sistemas, desde os átomos mais simples até os organismos mais complexos e além, contêm feedback. Como os loops de realimentação criam memória, todos os sistemas devem conter memória dinâmica em vários graus.

A maneira mais simples de descrever esse processo é usando um sistema de dois componentes, com os componentes A e B.

A teoria permite que A e B sejam literalmente qualquer coisa: dois átomos, como a relação entre hidrogênio e água; ou duas células, como entre dois neurônios no cérebro; ou entre duas células cardíacas no coração. Eles também podem ser dois órgãos, como entre o cérebro e o coração; ou duas pessoas, como entre Linda e seu pai; ou mesmo duas grandes massas, como a terra e o sol, ou uma galáxia e outra.

A escala não importa. O tamanho não é importante. O que importa é que um deles é A e o outro é B, e eles têm a possibilidade de se relacionar, de interagir através do feedback.

A chave a lembrar é que, para criar e manter um sistema, o componente A deve ser capaz de enviar informações e energia para o componente B, e B deve ser capaz de enviá-las de volta para A, repetidas vezes.

Observe que o processo de enviar informações e energia de A para B e vice-versa leva tempo. Mesmo quando o processo ocorre tão rápido quanto a velocidade da luz (ou ainda mais rápido, como especulam alguns físicos), ainda leva tempo. Uma vez que a informação de A chega a B, B irá interpretá-la e enviá-la de volta para A em forma revisada. Exceto para circuitos digitais de propósito especial em dispositivos artificiais, a informação retornada para A terá sido revisada de alguma forma por B.

Digamos que A representa Albert (em homenagem a Einstein) e B representa Betty (em homenagem à mãe de Susy Smith). Imagine que eles estão falando um com o outro. Eles estão se tornando um sistema de duas pessoas.

Vamos pegar o caso mais simples: depois que Albert diz algo para Betty, Betty responde repetindo o que Albert acabou de dizer.

O que Albert vai ouvir?

Albert não ouvirá exatamente o que ele disse porque a voz e a entonação de Betty refletirão sua interpretação do que ela ouviu Albert dizer a ela de seu passado imediato. Mesmo que Betty simplesmente repetisse, palavra por palavra, o que quer que Albert dissesse, a energia de sua resposta seria um pouco diferente da de Albert. Nesse sentido, a cada ciclo de sua “conversa”, a energia do passado será revisada e incorporada ao presente. Às vezes, essa energia pode ser aditiva.

Por exemplo, um exemplo familiar de memória de energia com feedback é o que acontece quando um alto-falante amplificado (A) é conectado a um microfone (B) e o microfone é então apontado para o alto-falante.

O que você ouvirá emergindo do alto-falante?

O som “uau” que emerge rapidamente é uma expressão simples do acúmulo de informações e energia à medida que o som viaja entre o alto-falante A e o microfone B, repetidas vezes, amplificado e revisado rapidamente com o tempo.

A lógica da memória sistêmica também pode ser expressa com dois diapasões do mesmo tom.

Se o diapasão A for tocado na presença do diapasão B, as vibrações de A viajarão para B, fazendo com que B comece a ressoar um som. Porém, agora que B está vibrando, suas ondas voltarão a A, carregando a história da vibração inicial de A mais a nova vibração de B, criando uma história “AB”.

Assim que esse novo histórico de vibração retornar e interagir com A, ele revisará o histórico inicial de A e começará de volta para B.

Para resumir, o que retorna a A é a história de A interpretada por B e retornada a A de forma revisada.

Isso representa o que foi chamado de interação dinâmica de feedback recorrente.

Aqui está uma observação inesperada e nova. A física quântica nos diz que os diapasões, uma vez que começam a vibrar, nunca estarão completamente em repouso. Eles continuarão a vibrar.

Cada diapasão representa um sistema material complexo contendo bilhões de átomos organizados como uma rede de loops de feedback vibratórios. Quando a física quântica é então combinada com nossa análise de feedback em sistemas, segue-se logicamente que uma história ou “memória” vibratória de sua interação permanecerá em cada um dos diapasões em vários graus.

Essa construção lógica – que as propriedades emergentes nos sistemas representam o acúmulo dinâmico de interações de relacionamentos circulantes como memória sistêmica – é consistente com a teoria atual do caos e da complexidade, que evoluiu da teoria geral dos sistemas (feedback). O desafio é explicar como essas memórias dinâmicas podem ser recuperadas, sejam elas de redes “neurais” estruturadas no cérebro, ou qualquer outra rede “sistêmica” contendo loops de feedback recorrentes existentes em sistemas naturais ou artificiais.

Como todas as redes de feedback teoricamente armazenam informações e energia em vários graus, qualquer sistema que contenha feedback gerará memórias e evoluirá.

Mas quão comuns são as estruturas de rede de feedback na natureza?

A teoria da memória viva universal sugere que os sistemas de rede de feedback são a regra, não a exceção, em todos os níveis da natureza. Simplificando, isso significa que todos os sistemas armazenarão memórias e evoluirão. Nesse sentido, todos os sistemas podem ser vistos como “vivos”.

Pense nisso. Quando combinamos a física quântica com a teoria dos sistemas, percebemos que o que percebemos a olho nu como coisas “inanimadas” pode na verdade ser “invisivelmente animado”.

Vamos repetir isso; é a chave. O que vemos com nossos limitados olhos nus como “inanimado” pode na verdade ser “invisivelmente animado”.

Daí a visão de um universo de energia viva.

Claro, segue-se que a complexidade da estrutura ditará a complexidade de seu armazenamento de “memória” e, portanto, sua “vida”. Uma cadeira não armazena informações tão complexas quanto uma planta, uma planta não tão complexa quanto um cachorro e um cachorro não tão complexo quanto um ser humano. O aumento da complexidade leva ao aumento da complexidade da memória e ao aumento da “vivacidade”.

Mas o que exatamente está sendo armazenado? O que está sendo “lembrado”?

Usamos os termos *informação* e *energia* para descrever o que está viajando entre A e B.

O que é informação? É “na forma”, um padrão com uma estrutura reconhecível.

E o que é energia? Energia é poder, a capacidade de realizar trabalho e superar resistências.

Tanto a informação quanto a energia são “invisíveis” até que manifestem sua organização em sistemas físicos. Informação e energia são mais eficazes em equipe. Informação sem energia é “sem poder” e energia sem informação é “sem propósito”.

Mesmo que não possamos ver a maioria das informações e energia per se, sabemos que elas existem por meio de seus efeitos nos sistemas físicos que podemos ver. Uma vez que a informação e a energia, na forma de fótons, são liberadas no “espaço”, elas terão as mesmas propriedades da luz das estrelas, que vemos a olho nu, ou das ondas de rádio das estrelas, por exemplo, que não podemos ver a olho nu. Olho, mas pode medir com telescópios de rádio.

A ciência nos diz que os humanos, assim como as estrelas, geram ondas de rádio que também podem ser medidas com precisão por radiotelescópios.

Fótons são fótons; ondas são ondas - quer venham de grandes estrelas

como o nosso sol ou pequenas estrelas como nós. No entanto, o brilho de uma estrela enorme pode bloquear nossa percepção das estrelas fracas ao nosso redor.

De manhã, quando nosso sol parece nascer no leste, o céu noturno parece ficar azul e a luz das estrelas parece desaparecer de nossa consciência. No final do dia, quando o nosso sol parece se pôr no oeste, descobrimos que a luz das estrelas “reapareceu” como num passe de mágica. Da mesma forma, os padrões de informação e energia estão sempre presentes, embora às vezes sejamos cegados por luzes brilhantes figurativas que nos impedem de vivenciar a verdade mais profunda.

Onde tudo isso nos leva? Bem, vamos considerar um tópico polêmico: a suposta existência de “fantasmas”. Quando essas entidades são supostamente vistas?

A história nos diz que eles geralmente aparecem em sonhos, durante a meditação ou na escuridão quando a luz é fraca. Estas são precisamente as condições de estímulo, previstas pela física contemporânea, que nos permitiriam potencialmente detectar os sutis, mas ainda assim persistentes, padrões de infoenergia da história do universo que literalmente envolve cada um de nós.

A hipótese de fantasmas em termos de sistemas de energia não é diferente da ideia de estrelas distantes em termos astrofísicos. Embora possamos ver fantasmas ou estrelas apenas em condições muito especiais, a teoria dita que seus padrões de infoenergia ainda estão lá, estejamos cientes deles ou não.

O trabalho pioneiro do Dr. Raymond Moody envolve colocar as pessoas em uma sala mal iluminada com cortinas de veludo preto e um espelho acima de suas cabeças e convidá-las a olhar, por assim dizer, para o infinito do espaço. Dr. Moody afirma que quando as pessoas que perderam entes queridos sentam-se calmamente nesta escuridão confortável, com apenas uma pequena quantidade de luz para permitir uma percepção mínima, entre 60 por cento e 80 por cento (dependendo da configuração experimental) relatam ter visto e ouvir coisas que parecem ser experiências fantasmagóricas de entes queridos que partiram - experiências normalmente perdidas em condições normais de paredes brancas e bem iluminadas.

Essas percepções refletem meramente a amplificação das próprias memórias ou fantasias de uma pessoa? Ou as pessoas estão realmente vendo a existência das almas vivas (informação) e espíritos (energias) que constituem a evolução contínua dos sistemas de energia viva de seus entes queridos?

A Ciência da “Alma” e do “Espírito” no Vácuo do Espaço

Este trabalho sugere claramente que a “alma” e o “espírito” de uma pessoa viva continuarão após a morte corporal como um “sistema de informação-energia viva” no vácuo do espaço.

Voltemos brevemente à nossa consideração de A e B para que você possa saltar do visível para o invisível.

Por definição, quando A e B interagem, o compartilhamento de informação e energia ocorre dentro do espaço vazio que separa os elementos materiais de A e B. Este espaço, de acordo com a física quântica, não é realmente vazio de informação e energia. Muito pelo contrário - está cheio disso.

A física quântica nos diz que o que experimentamos como objetos físicos é principalmente espaço, embora cheio de energia e informação.

Se você imaginar que um átomo é do tamanho do Empire State Building, você sabe qual é o tamanho do núcleo dentro do átomo? Dez andares? Um andar de altura? Do tamanho de um tijolo? A física quântica nos diz que é apenas do tamanho de um grão de areia.

O vácuo do espaço permite que as informações de A para B e de B para A fluam livremente, viajando em fluxos circulantes entre A e B. Como a distância entre A e B é principalmente "imaterial", isso significa que é possível para a infoenergia para circular também *dentro do espaço entre A e B*. Portanto, o que acontece *entre* A e B é espelhado *dentro do espaço* entre A e B. Eu denomino isso um sistema de info-energia. Assim como experimentamos com nossos sentidos limitados o externo O sistema AB é dinâmico e vivo, então esse “vórtice vivo” dentro de A e B é dinâmico e vivo.

Segue-se que, se os objetos materiais do sistema AB forem removidos, a informação e a energia no vácuo do espaço ainda estarão intactas. O que deve permanecer é o sistema de informação-energia circulante que representa a história daquilo que já foi matéria – incluindo a memória para os “limites” que mantiveram a informação-energia dentro do sistema em primeiro lugar.

Podemos reimaginar A e B como os andaimes que ajudam a construir sistemas vivos de infoenergia. A e B tornam-se as ferramentas que ajudam a construir e desenvolver o universo de energia viva.

Uma vez que tudo em um corpo físico está interconectado energeticamente – por exemplo, todas as células e moléculas estão interconectadas por energia eletromagnética que viaja através da água onipresente no corpo – todas as células e moléculas estão armazenando um registro da história energética que define a totalidade de quem nós somos. são.

Além disso, essa informação e energia não apenas se estendem pelo espaço enquanto vivemos fisicamente, mas, além disso, continuam a circular dentro de nossos corpos, acumulando cada vez mais estrutura. Portanto, quando nossos corpos físicos se decompõem, os sistemas vivos de informação-energia dentro de nós agora são “libertados” além de seus andaimes físicos e terão toda a consciência, intenção e personalidade – para o bem ou para o mal – de tudo o que ocorreu em nossas vidas. . Cientificamente, isso pode ser visto como a “alma” e o “espírito” de nossos seres físicos – visto por novos olhos.

Claro, o que descrevemos acima é apenas uma teoria, uma “história” científica que pode ou não estar correta. No entanto, como essa história em particular é baseada nos fundamentos da física contemporânea e da ciência de sistemas, se estivermos dispostos a ser fiéis à lógica, essa história merece nossa consideração séria.

(A frase “fiel à lógica” foi originalmente sugerida por Lonnie Nelson, um estudante de pós-graduação inspirado na Universidade do Arizona, cujos interesses unem a ciência convencional e de fronteira. Como Lonnie coloca, ser fiel à lógica significa que seguimos a lógica onde ela nos leva, mesmo que nos leve a áreas que não gostamos ou mesmo nos assustam porque as previsões desafiam nossas visões de mundo atuais.)

Ser fiel à lógica é um pré-requisito para ser fiel aos dados.

E ser fiel aos dados é o coração e a alma da ciência.

Escolhendo “Verdade em vez de paz de espírito”

Se devo ser fiel aos dados, devo reconhecer as informações de nossos próprios experimentos,

quer eu goste de algumas das previsões ou não. Mesmo que eu considere algumas das previsões ridículas (e às vezes considero), devo estar disposto a entretê-las na medida em que os dados apontam em sua direção.

Pelo menos é isso que se espera que alguém faça se estiver praticando ciência com integridade.

É por esse motivo que incluí o presente de PeeWee e as histórias da morte de Michael Senior neste livro. Embora eu me sinta desconfortável com esse nível de possibilidade “psíquica”, os dados sugerem que devo estar aberto à possibilidade de que a “pré-cognição” desempenhe um papel em pesquisas desse tipo.

Conforme mencionado anteriormente, Chet Raymo, em seu livro *Skeptics and True Believers: The Exhilarating Connection Between Science and Religion*, afirma que os cientistas devem sempre “escolher a verdade em vez da paz de espírito”. É com esse espírito que conduzimos pesquisas no Laboratório de Sistemas de Energia Humana. Nossa pergunta número um ao apresentar nossos dados e resultados é “O que está acontecendo nesses experimentos?”

O que esses médiuns aparentemente superestrelas estão realmente fazendo no laboratório? O que essas descobertas significam?

Se a explicação não é fraude, leitura fria, captação de pistas psicológicas sutis ou coincidência estatística, então o que exatamente está acontecendo?

É telepatia com os vivos?

É ler memórias no vácuo do espaço?

Os médiuns estão recebendo informações de seus “guias” invisíveis?

Eles estão se conectando aos sistemas vivos de informação de energia de nossos falecidos?

É uma combinação de todas essas coisas e muito mais?

Os fatos sugerem, conforme os descrevemos de forma lúdica, que alguma combinação de FATOS pode estar envolvida: Comunicação Anômala Fundamental Telepaticamente.

Pode ser um FATO Tipo P, para telepatia com os vivos fisicamente.

Pode ser um FATO Tipo V, para telepatia com a totalidade da informação e energia armazenada no vácuo do espaço.

Pode ser um FATO Tipo G, para telepatia com os “guias” de alguém.

Pode ser um FATO Tipo D, para telepatia com os que partiram.

O processo pode envolver todos esses FATOS e muito mais.

Qualquer que seja a resposta ou respostas, devemos estar dispostos a escolher a verdade em vez da paz de espírito.

E se a verdade que a ciência descobrir não trouxer paz de espírito?

Dependendo do resultado — não ou sim para a hipótese da alma vivente — algumas pessoas sentirão paz de espírito, enquanto outras não. Isso parece inevitável.

E se a crença na vida após a morte for uma criação equivocada de nossas mentes para

nos ajudar a lidar com o medo da morte e a perda de nossos entes queridos?

E se a ciência estabelecesse, além de qualquer dúvida razoável, que a hipótese da alma viva é provavelmente uma fantasia, um ópio mental para amortecer nosso terror da morte?

Para o não-cientista que está mais do que aberto à crença na sobrevivência, mas deseje desesperadamente que seja verdade, tal conclusão pode ser devastadora. Embora seja impossível para a ciência provar que algo não *existe* (em estatística diz-se que não se pode provar a “hipótese nula”), a ciência pode nos levar a questionar fortemente a crença de que algo existe.

Se a hipótese de uma alma viva fosse seriamente questionada pela pesquisa científica, isso poderia ter o impacto devastador de refutar para muitas pessoas o sonho de que há propósito e significado para o nosso universo, deixando os fiéis religiosos como os únicos ainda capazes de encontrar a paz dentro de si. E isso significaria que nossa capacidade de amar é, no grande esquema das coisas, uma emoção fugaz que morre com a decomposição de nossos corpos físicos?

Descobertas negativas sobre a hipótese da alma vivente não trariam paz de espírito para as pessoas que acreditam fortemente na vida após a vida.

No entanto, com base nos experimentos e descobertas obtidas até o momento, a integridade exige que concluamos que os dados são fortemente consistentes com a hipótese de que algum tipo de recuperação anômala de informações está acontecendo com o falecido.

Evidências que apóiam a hipótese da alma vivente não trarão, pelo menos a curto prazo, paz de espírito para as pessoas que desejam acreditar que (1) o universo é basicamente pó ao pó, cinzas às cinzas, (2) a consciência é um processo adaptativo, efeito colateral de um cérebro material e (3) na ausência de neurônios físicos em funcionamento, não há mente - nem pensamento, nem memória, nem sentimento.

Isso é parte da razão pela qual, à medida que surgem mais descobertas consistentes com a hipótese da alma viva, a paz de espírito será escassa para aqueles indivíduos que preferem descartar as descobertas como devido a acidente, percepção errônea inadvertida por parte do investigadores, ou fraude do experimentador.

Quando confrontados com dados que desafiam a visão de mundo familiar e preferida de alguém, há uma tendência entre cientistas e leigos de desconfiar dos experimentos, e até mesmo dos experimentadores, em vez de acreditar nos dados. Este é um mecanismo de defesa compreensível, pois quanto mais acreditamos profundamente em algo, mais resistiremos a desistir.

No entanto, há outra razão pela qual a ciência conservadora primeiro escolherá desconfiar dos experimentos, e mesmo dos experimentadores, antes de aceitar dados extraordinários. Eu aplaudo esta razão. A verdade é que os cientistas às vezes cometem erros e todos nós somos humanos. Devemos estar abertos a todas as interpretações, incluindo possíveis erros experimentais e do experimentador.

Há um ditado na medicina de emergência: “Quando você ouvir o som de cascos, não pense em zebras”. Em situações de emergência, é essencial considerar primeiro a explicação ou causa mais provável de um problema e, em seguida, percorrer a lista. Deve-se pensar primeiro em “cavalos” e depois em “pôneis”, e só depois considerar zebras ou camelos depois que cavalos e pôneis foram descartados. Quando se trata de salvar uma vida física, é fundamental fazer a escolha certa o mais rápido possível.

De maneira semelhante, quando um cientista ouve sobre dados estranhos, as hipóteses do

“cavalo” e do “pônei” a serem consideradas primeiro são o erro experimental, o viés do experimentador e até mesmo a fraude do experimentador. Na verdade, como qualquer estudante bem treinado em psicologia sabe, havia um cavalo famoso conhecido como “Clever Hans” que aparentemente sabia fazer matemática, mas descobriu-se que estava “calculando” por meio de dicas sutis fornecidas inadvertidamente pelo experimentador humano.

Criado com a história do “Clever Hans” e treinado tanto em psicologia experimental quanto em medicina baseada em evidências, sou sensível à sabedoria de tentar fazer a escolha certa sem perder tempo em becos sem saída.

Dependendo do ponto de vista de alguém, metaforicamente, pode-se concluir que os dados que coletamos até agora sugerem fortemente que “Clever Hans” não é a explicação – não há humanos criando o fenômeno.

Como cientistas conduzindo pesquisas nesta área que acreditam fortemente em deixar os dados falarem, obtendo descobertas que (1) não apenas sugerem que a hipótese de sobrevivência é verdadeira, mas (2) realmente apontam para a possibilidade de prová-la “além de qualquer dúvida razoável” (que é tudo o que a ciência pode fazer, de uma forma ou de outra), é uma espécie de bênção confusa.

Um dos membros mais expressivos de nosso comitê de Advogados do Diabo Amigável me disse um dia: "Gary, você pegou uma carona em um trem em movimento do qual será impossível sair".

Expliquei a essa pessoa, um respeitado professor de psicologia, que se a totalidade dos dados fosse negativa ou inconclusiva, teria sido fácil para mim descer do trem e deixar esta pesquisa.

Lembrei a ele que o que me levou a entrar no trem em primeiro lugar foi a possibilidade teórica do fenômeno – a hipótese da memória sistêmica descrita acima – e o sonho de Linda de saber cientificamente, de uma forma ou de outra, se seu falecido pai ainda está morto. aqui. Se os dados experimentais não apoiassem a hipótese, eu estaria livre para descer do trem. Na verdade, a integridade exigiria *que* eu saísse do trem, ou pelo menos questionasse seriamente para onde ele estava indo.

No entanto, continuei explicando que o que me mantém no trem - que, entre parênteses, parece estar se movendo cada vez mais rápido nos dias de hoje - são os esforços do Dream Team de médiuns com os quais tivemos o privilégio de trabalhar e as muitas vezes dados inexplicáveis que continuam chegando através deles.

Saltar do trem agora significaria que eu não tinha integridade. Eu teria que estar disposto a ignorar extensas informações provocativas, se não profundas, reveladas nos experimentos até o momento.

Como um aluno, David Meusam, colocou apropriadamente: “Você estava disposto a coletar os dados. Agora você está preso a eles.

Davi está certo. Os dados sugerem que nossos entes queridos, seus “sistemas de informação de energia”, podem estar conosco. E estamos presos aos dados.

A questão então surge, como diz a música: “O que o amor tem a ver com isso?” Acontece que não são apenas os médiuns que afirmam que o amor tem tudo a ver; a ciência contemporânea também é consistente com a visão de que o amor realmente importa.

Se a energia é importante, como sugere a física, a energia número um pode ser o amor.

A energia é amor

Segue abaixo uma tradução de um artigo científico desenvolvido com Linda Russek.

Quando as pessoas me perguntam “Por que você está conduzindo pesquisas sobre a hipótese da sobrevivência da consciência?” Eu explico que há dois motivos principais:

Razão 1: Sou *impulsionado* pela teoria e pelos dados da ciência. A ciência fornece a base para a realização de pesquisas sobre a hipótese da alma viva.

Motivo 2: sou *atraído* pela força do amor - primeiro, pelo amor de Linda por seu falecido pai, segundo pelo amor de Susy por sua falecida mãe, terceiro, por meu amor pelas Lindas e Susys do mundo que entendem que o que importa, mais do que qualquer outra coisa, é a nossa notável capacidade de amar.

Enquanto a ciência nos leva a considerar a hipótese da alma viva, a atração do amor também nos leva até lá. A combinação de ciência e amor fornece uma equipe conceitual e experimental convincente para entender a hipótese da alma vivente.

Nossa capacidade de amar é nosso maior dom, assim como nosso maior desafio.

Não é novidade que o amor é tudo menos fácil. A expressão do amor traz consigo não apenas todo o espectro de emoções positivas, mas também um espectro complementar de emoções negativas.

Surge a pergunta: se a hipótese da alma vivente for verdadeira, todo o espectro de nossas emoções – nossos prazeres e dores, conflitos e alegrias – continua conosco após a morte física, como prevê a memória sistêmica?

Para abordar a questão da relação fundamental entre o amor e a alma viva, vamos primeiro considerar a natureza complexa do próprio amor e seu papel nas relações humanas.

O Mistério e a Majestade da Capacidade Humana de Amar

O escopo potencial do amor humano é vasto. Podemos amar praticamente tudo, do profundo ao profano. Os seres humanos têm potencial para amar pessoas, animais de estimação, plantas, pianos, política e o planeta como um todo. Os cientistas não são exceção - suas paixões profissionais se estendem de A a Z, da astrofísica à zoologia.

Conheço o dom e o desafio de amar “muitas coisas” em primeira mão.

Quando criança, desenvolvi uma paixão por animais de praticamente todos os tamanhos e formas. Eu tinha um pequeno zoológico em nossa casa, incluindo um cachorro e um gato; vários tanques de peixes de água doce, peixes tropicais e peixes de água salgada; cobras e enormes tartarugas em piscinas externas; bem como porquinhos-da-índia, hamsters e até uma família de ratos brancos.

Também desenvolvi uma paixão pela ciência. Criei laboratórios de eletrônica, física, química e biologia no porão da minha família e no meu quarto.

Felizmente, meus pais apreciavam a importância de encorajar o amor e o promoviam sempre que podiam. Desenvolvi um amor tão profundo pelo aprendizado que um dos meus

Ph.D. em Yale. os alunos o descreveram com carinho como um “senso de admiração superdesenvolvido”. Meu amor pelo aprendizado reflete um legado vivo instilado por meus pais e pelos pais deles.

De um ponto de vista evolutivo, os amores e desejos individuais das pessoas de proteger seus amores especiais – desde salvar baleias assassinas e sequóias até pessoas e até ideias – não apenas nos definem como espécie, mas apontam para seres extremamente inteligentes, altamente adaptáveis e natureza potencialmente amorosa do universo.

No entanto, a poderosa força motivadora para salvar nossos amores também leva muitos a economizar em excesso.

Às vezes superprotegemos em nome do amor e até massacramos outras pessoas que não compartilham de nosso amor. Muitas vezes deixamos de amar com sabedoria, não porque aprender a amar com sabedoria seja tão difícil, mas porque não tem sido uma alta prioridade para nossa sociedade fazê-lo.

Embora a ciência saiba relativamente pouco sobre essa força motivadora fundamental, não é inerentemente controverso postular o papel penetrante que o amor desempenha nas relações humanas em todos os níveis da sociedade.

A presença penetrante de nossa capacidade de amar é evidente no nascimento. A maioria dos pais testemunhou em primeira mão que, quando os bebês vêm ao mundo, muitas vezes se comportam como pequenas máquinas de amor. Praticamente tudo com que os bebês entram em contato se torna uma oportunidade para eles explorarem.

Se os bebês forem criados em ambientes seguros e confiáveis, sua propensão para brincar e seu instinto predominante de curiosidade prometem o desenvolvimento de uma criança que crescerá com o potencial de amar, dentro do razoável, todos e tudo na natureza.

Quando as pessoas pensam em amor, muitas vezes o associam ao conceito de atração – do físico, passando pelo emocional e mental, até o espiritual. Pode-se dizer que o amor é uma poderosa força atrativa que une os relacionamentos humanos – não apenas “aqui”, mas também entre “aqui” e “lá”.

A ideia de uma força atrativa não se limita à psicologia. O conceito de atração é discutido em ciências exatas, como física e química. Os exemplos incluem a atração de pólos opostos de um ímã na física e a ligação química que ocorre entre dois elementos, como hidrogênio e oxigênio, à medida que unem forças para criar a substância química fundamental que torna possível a vida física.

Uma questão surge imediatamente quando falamos do amor como reflexo de uma força atrativa: estamos usando a palavra *força* apenas metaforicamente ou existe realmente uma força associada ao amor?

Algumas pessoas, intuitiva e literalmente, experimentam um relacionamento energético entre elas e aqueles que amam?

O conceito de amor é um conceito universal, uma “biofísica” genérica de infoenergia que varia em complexidade do subatômico ao astronômico?

As especulações sobre a amplitude e a profundidade do amor como reflexo de uma força universal e unificadora no cosmos supostamente remontam a um tempo anterior à história registrada. No entanto, o fato de ser antigo não o torna correto.

No entanto, quando reformulamos o conceito de amor e o descrevemos em termos bioeletromagnéticos, descobrimos que previsões específicas podem ser formuladas e

colocadas em teste experimental.

A pesquisa no Laboratório de Sistemas de Energia Humana sugere que o amor pode ser estudado como uma energia bioeletromagnética tão real quanto a gravidade de Newton. O amor pode ser investigado como uma força atrativa invisível que, não muito diferente da gravidade, pode transcender a maioria dos limites e barreiras – incluindo a aparente separação de nossos entes queridos que ocorre na morte física.

Antes de compartilharmos com vocês algumas dessas pesquisas de fronteira, devemos primeiro considerar por que os médiuns acreditam que o propósito final da alma viva e a comunicação pós-morte é o potencial universal para o amor.

Quem procura médiuns? O denominador comum parece ser o amor

Que porcentagem de pessoas que normalmente procuram um médium esperam fazer contato com uma pessoa falecida a quem amam muito?

Tanto quanto sei, ninguém abordou esta questão cientificamente. No entanto, não é razoável estimar que a porcentagem esteja bem acima de 90%.

Por outro lado, embora também não tenha sido estabelecido cientificamente, parece razoável prever que as pessoas que não amaram profundamente e não perderam um ente querido provavelmente não procurarão um médium.

A menos que a pessoa tenha uma forte motivação para fazê-lo, é preciso muito esforço e gastos para buscar médiuns profissionais. Este é especialmente o caso dos médiuns que colaboraram conosco em nossa pesquisa. Os membros mais visíveis de nosso Dream Team de médiuns têm listas de espera que se estendem por mais de um ano e, às vezes, recebem mais de US\$ 1.000 por uma única leitura de uma hora.

Se acontecer de você ser alguém que perdeu entes queridos, acredita que há uma chance de descobrir que eles estão bem e sente que existe a possibilidade de receber uma mensagem pessoal deles, então você pode optar por procurar um médium. Assim, é razoável antecipar que os clientes dos médiuns, em geral, representam um subgrupo especial de pessoas. Devemos manter este fato em mente quando tentamos entender os tipos de observações relatadas por médiuns experientes com base em suas práticas profissionais.

Outra maneira de dizer isso é que os médiuns profissionais, especialmente os médiuns conhecidos, muito provavelmente não veem uma distribuição aleatória da população. Uma descrição definidora das pessoas que eles veem é provavelmente um desejo primordial de se reconectar com um ou mais entes queridos falecidos.

De acordo com pesquisas nacionais, 75% da população acredita na existência de uma vida após a morte. O amor das pessoas por seus amigos e parentes é provavelmente a força inspiradora que permite que as pessoas se apeguem a esse sonho, especialmente devido à controvérsia científica que envolve essa crença.

A energia do coração viaja no espaço para sempre

A física define energia como a capacidade de realizar trabalho e vencer resistências. Energia é força. Magnetismo, eletricidade, calor e gravidade são todos exemplos de energia.

Conforme discutido anteriormente, um sistema é definido como um conjunto de componentes ou partes que interagem recorrentemente. Os componentes compartilham informações e energia entre si. No processo de conexão e compartilhamento, as partes se unem e se tornam um todo cujas novas propriedades são denominadas emergentes.

Quando combinamos o conceito de energia com a ideia de um sistema, o sistema conceitual resultante é denominado teoria dos sistemas dinâmicos de energia. A hipótese do sistema de info-energia prevê que tudo na natureza – sim, *tudo* – não apenas tem um corpo físico (o que experimentamos como material), mas também tem uma alma interna invisível (informação) e espírito (energia) que se estendem continuamente em espaço na velocidade da luz.

Vamos considerar o coração, o maior gerador de sinais eletromagnéticos do corpo.

O eletrocardiograma do coração – sua carga elétrica que muda dinamicamente criada a cada batimento cardíaco – pode ser prontamente registrado com eletrodos colocados na superfície da pele. Nossos corpos, contendo 70% a 80% de água constituindo o sangue e a linfa (que inclui sal e outros minerais), são excelentes condutores de eletricidade. Como resultado, a cada batida do coração, o sinal elétrico viaja para cada célula do corpo. Isso significa não apenas que cada célula é banhada pelo sangue circulado pelo coração, mas também cada célula é banhada pela energia eletromagnética produzida pelo coração.

O sinal eletrocardiográfico padronizado, ou infoenergia cardíaca, pode ser registrado de qualquer parte do corpo. Isso inclui as pontas dos dedos das mãos e dos pés, o nariz e até o topo da cabeça. Na verdade, quando os médicos querem registrar ondas cerebrais, tensão muscular ou qualquer outro sinal bioeletromagnético, eles primeiro devem filtrar o eletrocardiograma do coração.

Portanto, a qualquer momento, enquanto seu coração estiver batendo, toda essa informação e energia bioeletromagnética estará se misturando e interagindo por todo o seu corpo, em uma forma de circulação constante.

Agora, o que acontece com os sinais cardíacos (e outros eletromagnéticos) quando atingem a superfície da pele?

Estamos envolvidos em um escudo eletromagnético que impediria os sinais de deixar o corpo? Não.

Um momento de reflexão lhe dirá que os sinais continuam viajando e vão para o espaço na velocidade da luz, que é de aproximadamente 186.000 milhas por segundo. A física nos diz que o eletrocardiograma do coração, como todos os sinais eletromagnéticos, é na verdade uma forma de “luz” invisível ou fótons.

Assim, quando nossa energia cardíaca deixa o corpo, ela se irradia para o vácuo do espaço.

Imagine que você está do lado de fora à noite, olhando para as estrelas em um céu claro, e agora considere o seguinte:

Um segundo depois que seu coração bate, ou o coração de seu ente querido bate, ou mesmo o coração de seu cachorro bate - na verdade não importa qual - o eletromagnetocardiograma do coração terá viajado aproximadamente 186.000 milhas no espaço.

A física nos diz que deve estar lá fora porque é um sinal eletromagnético. É de natureza semelhante aos sinais eletromagnéticos gerados por estrelas distantes ou telefones celulares. É claro que nossos sinais eletrocardiográficos são mais fracos em comparação com esses sinais e continuarão a enfraquecer à medida que se expandem para o vácuo do espaço. No entanto, apesar da relativa fraqueza desses sinais, a física nos diz, em termos inequívocos, que eles estão viajando no “vácuo” do espaço.

Dois segundos depois, o sinal do seu coração estará a 372.000 milhas no espaço e, uma vez lá fora, continuará indo e indo. Pense nisso - uma vez que o sinal do seu coração está no espaço, não há como se livrar dele.

A ciência da astrofísica é baseada no fato de que uma vez que uma estrela nasce, ela começa a emitir e irradiar campos eletromagnéticos, alguns dos quais chamamos de luz visível, e eles vão continuar indo e indo, como aquele brinquedo animado de propaganda, o Coelho Energizer— exceto que esses sinais são *verdadeiramente* eternos.

Muito tempo depois que a estrela física “morreu”, sua energia e informação continuam viajando, finalmente alcançando a Terra onde você está. Os fótons que viajaram bilhões de quilômetros para chegar às suas pupilas não são muito maiores do que a cabeça de um alfinete. As células da retina em seus olhos detectam informações de milhares de estrelas que podem estar a milhões de anos-luz de distância.

Então, o que você está olhando quando vê as estrelas “no céu?” A física nos diz que o que você realmente está vendo é a história das estrelas refletindo a forma como elas costumavam ser quando emitiam seus íons de energia atrás.

Embora as implicações filosóficas desse fato sejam normalmente ignoradas, a verdade é que a luz tem uma espécie de imortalidade. Essa luz, composta de fótons infinitesimalmente minúsculos, supostamente contém informações que remontam ao Big Bang e que a maioria dos físicos contemporâneos presume ter sido criada no início do universo conhecido.

O que é chamado de radiação de fundo, que foi documentado nas últimas décadas, é o “ruído eletromagnético” que se acredita refletir a história do universo que remonta a 12 bilhões de anos ou mais.

E estes são realmente minúsculos fótons.

Quer adivinhar quantos biofótons são necessários para nossas células da retina dispararem? Milhões? Milhares? Dez?

A ciência nos diz que é preciso apenas um.

Quer adivinhar quantos biofótons estão sendo emitidos apenas do seu coração a cada batida? Milhões e milhões.

Uma vez que nossos biofótons cardíacos chegam ao espaço, toda essa informação e energia são preservadas no espaço. **Portanto, a info-energia do nosso coração também** tem uma espécie de imortalidade, assim como as próprias estrelas.

Explicações das sincronicidades amorosas:

A Previsão da Cardiologia Energética

Em conexão com nosso trabalho de acompanhamento no Harvard Mastery of Stress Study, Linda perguntou a cada um dos homens dos quais coletamos dados se eles já haviam experimentado sincronicidades ou coincidências significativas em suas vidas. Praticamente todos eles relataram que os experimentaram pessoalmente ou testemunharam um ou mais membros de sua família tendo-os. Os exemplos incluíam ter o mesmo pensamento de sua esposa, ou uma filha sentindo que sua mãe ou pai estava doente e ligando para casa.

Os homens ofereceram três explicações possíveis para essas aparentes coincidências.

Aproximadamente um terço dos homens disse que o motivo era simplesmente coincidência estatística; a sincronicidade aconteceu por acaso.

Outro terço dos homens atribuiu a coincidência ao fato de que, ao longo dos anos, eles e suas esposas passaram a conhecer os gostos e desgostos um do outro, ou a filha conhecia os hábitos e preocupações de seus pais.

No entanto, um terço dos homens disse acreditar que tinha algo a ver com “vibrações”. Cada uma dessas três hipóteses é plausível.

Em seguida, contei aos homens nossa hipótese de cardiologia energética — sobre como a energia de nosso coração teoricamente se estende pelo espaço e interage com nossos entes queridos. Ao ouvirem a hipótese da cardiologia energética, ficaram intrigados com a possibilidade de haver algum tipo de reconhecimento neural entre os eletrocardiogramas das pessoas, mesmo a longas distâncias.

Esta hipótese torna-se ainda mais plausível quando percebemos que a maioria de nós já passou muitos milhares de horas com nossos familiares e entes queridos, começando desde o momento íntimo que passamos banhados no eletrocardiograma de nossa mãe em seu ventre, até os milhares de horas por dia. ano muitos de nós passamos em contato próximo com nossos cônjuges dormindo na cama.

A capacidade de construirmos uma memória sistêmica do eletrocardiograma de nosso ente querido requer que cada coração tenha características diferentes para que possamos saber de quem é o padrão de energia cardíaca ou a “assinatura” de energia cardíaca que estamos reconhecendo.

Acontece que o coração de cada pessoa tem um padrão único, que pode ser comparado às semelhanças dos rostos.

Em certo sentido, todos os rostos saudáveis têm a mesma aparência. Eles têm dois olhos, um nariz e uma boca. No entanto, a experiência nos diz que não há dois rostos exatamente iguais. As diferenças sutis nas formas e cores dos olhos, nariz e boca são o que nos permite distinguir um rosto do outro. Quanto melhor conhecemos as pessoas e as amamos, mais fácil é reconhecer seus rostos na multidão.

É o mesmo com a assinatura eletromagnética do coração. Todos os corações saudáveis têm a mesma aparência. Todos eles têm o que é chamado de onda P, complexo QRS e onda T. No entanto, quando olhamos mais de perto, descobrimos que não há dois eletrocardiogramas exatamente iguais. Existem diferenças sutis nas formas das ondas P, complexos QRS e ondas T, e essas diferenças nos permitem distinguir um eletrocardiograma de outro. A anatomia única de cada coração, muito parecida com um floco de neve, permite que ele tenha uma assinatura de energia diferente que pode desenvolver uma memória sistêmica única. A física quântica contemporânea sugere que tais diferenças energéticas podem, em teoria, ser detectáveis a longas distâncias.

É possível que possamos distinguir conscientemente entre essas diferenças sutis? Aqui está um exemplo simples que ilustra a possibilidade. Você já esteve em uma festa ou em um restaurante barulhento com muito barulho de fundo e alguém fala baixinho seu nome e você percebe isso apesar do barulho?

Mesmo quando não estamos prestando atenção, somos muito bons em reconhecimento de padrões, especialmente para padrões que foram repetidos milhares de vezes e são significativos para nós, como nossos próprios nomes.

Os sistemas podem reconhecer uns aos outros, como um diapasão que ressoa quando outro diapasão próximo vibra. Nesse sentido, é possível que tanto nosso corpo quanto nossa mente se lembrem das pessoas com quem mais convivemos. Nossos diapasões, por assim dizer, podem ficar sintonizados uns com os outros porque compartilhamos um vínculo

comum de memória sistêmica.

Da energia cardíaca aos raios X de alta frequência e aos raios gama

Se isso não for suficiente para levantar uma ou duas sobranceiras, vamos compartilhar brevemente uma descoberta recente que Linda e eu fizemos com colegas em nosso laboratório.

Temos registrado o que chamamos de raios gama, que são sinais de frequência muito alta que normalmente vêm de estrelas distantes. Os raios gama passam não apenas através de corpos e paredes, mas também através de escudos de chumbo.

Esses estudos mostraram que o corpo humano absorve e/ou espalha espontaneamente raios gama de alta frequência e simultaneamente emite raios X de alta frequência. Parece que nossos corpos estão continuamente emitindo raios X de alta frequência à medida que absorvemos e/ou espalhamos os raios gama de frequência ainda mais alta. A maior parte da energia estudada em nosso laboratório até hoje é das regiões do coração e das mãos. No entanto, até onde sabemos, todo o corpo participa desse processo. É importante lembrar que os raios gama e os raios X são, na verdade, fótons; quando se originam do corpo, são chamados de biofótons.

Novas pesquisas em andamento em nosso laboratório sugerem que durante os momentos em que as pessoas enviam energia intencionalmente para uma pessoa, especialmente um ente querido, há um aumento detectável na absorção e/ou dispersão dos raios gama e um aumento na emissão de alta frequência raios X.

Quando reunimos todas essas descobertas, elas se somam fortemente à possibilidade de uma ligação biofísica entre o amor, o coração e a energia. Alguns de meus colegas foram tão ousados a ponto de postular que os raios gama podem ser interpretados como refletindo a energia amorosa vinda do universo, que quando absorvida é desacelerada pelo corpo e redistribuída para as pessoas ao nosso redor em uma frequência mais baixa, observada como raios X de alta frequência.

O que aconteceria se fôssemos levar essas observações e inferências ainda mais longe? E se a energia amorosa que uma mãe compartilha com seu filho enquanto ele está no útero realmente afetasse a estrutura e o desenvolvimento do DNA do bebê? Se os sinais eletromagnéticos dos telefones celulares podem supostamente fazer isso de uma forma promotora de doenças, por que os sinais eletromagnéticos do nosso corpo também não poderiam fazê-lo - esperançosamente, de uma maneira que afirma a vida?

Você pode estar se perguntando: como podemos fazer previsões sobre coisas que não podemos ver, cheirar, saborear ou tocar? Eletrocardiogramas, cérebros, raios X e raios gama compartilham uma propriedade fundamental – eles são todos invisíveis aos nossos sentidos normais. Algumas dessas forças invisíveis poderiam refletir o poder conectivo do amor universal?

Tal ideia não é de forma alguma nova. Na verdade, um debate semelhante ocorreu quando Sir Isaac Newton decidiu abordar a questão da lei universal da gravidade.

Gravidade como uma Força Atrativa Universal Invisível:

Esta é a evidência para a existência do amor incondicional de Deus?

Sempre que perco a fé na humanidade, na natureza ou no cosmos como um todo, realizo uma pequena experiência.

Eu largo as coisas.

Chaves, borrachas, ossos de cachorro - quaisquer objetos que eu tenha em minhas mãos que não quebrem ao cair, eu os deixo cair. Agora, enquanto paro um momento para refletir, é o osso do meu cachorro Sammy.

Conduzi esta pequena experiência milhares de vezes. Toda vez que deixei cair um objeto, ele caiu no chão. Claro, eu percebo que *teoricamente* não é impossível que alguém possa diminuir a velocidade com que um determinado objeto cai, ou mesmo fazer um objeto flutuar no ar. No entanto, quando largamos as coisas, o que acontece é totalmente previsível. O objeto cai.

Quando vou dormir à noite, não me preocupo com a possibilidade de, ao acordar, encontrar meu corpo flutuando perto do teto. A verdade é que, depois de ter conduzido o experimento milhares de vezes e de ter testemunhado meu corpo em segurança na cama todas as manhãs, coloquei minha fé na força de Newton chamada gravidade.

A questão profunda, no entanto, é: qual é a explicação para essa observação replicável? Sério, podemos “medir a gravidade?”

A verdade é que não podemos medir a gravidade diretamente. O que fazemos é observar objetos, ou mostradores se movendo em uma balança, e inferimos a existência de uma força invisível que não pode ser vista ou ouvida. Essas forças misteriosas atuam até mesmo à distância. Todo mundo sabe que a lua atrai a terra, a terra atrai o sol, o sol atrai a lua, a lua atrai o sol e a terra atrai a lua. A verdade é que é extremamente difícil calcular matematicamente os efeitos que três “corpos” têm uns sobre os outros quando se envolvem em interações de feedback atraentes mútuas.

Na época de Newton, ele enfureceu algumas pessoas com sua proposta de que tínhamos que hipotetizar a existência de algo que não podíamos ver ou ouvir, e que podíamos observar apenas indiretamente. Isso soa muito como mediunidade, não é? Inferimos a existência de nossos entes queridos observando o que um médium diz ou tendo uma experiência indireta com eles. Você e eu não podemos vê-los ou detectá-los nós mesmos.

Meu querido amigo Paul Pearsall sugeriu que a gravidade e os fantasmas compartilham o mesmo problema conceitual - eles só podem ser conhecidos indiretamente por meio de seus efeitos inferidos em objetos ou seres.

É curioso que as palestras e os livros didáticos de física normalmente não mencionem que, além de físico e matemático, Newton também era um místico. Um homem profundamente religioso e espiritual, ele estudou alquimia e filosofia, e alguns cientistas francamente o consideravam um floco.

Aqui está o que Newton realmente acreditava. Ele propôs que todo objeto físico tem massa e que essa massa tem uma atração gravitacional que exerce sua força em todas as direções. Isso significa que cada objeto no universo, em vários graus, está puxando todos os outros objetos em todas as direções. Através da força universal da gravidade, tudo está literalmente conectado a tudo o mais. De acordo com a visão de Newton, o universo é um gigantesco sistema de feedback interconectado.

Para que qualquer objeto se mova, ele deve afetar todos os outros objetos em seu ambiente imediato em algum grau. A força universal da gravidade exige que tudo dependa de tudo o mais – nada no universo que tenha massa é independente da força interligada da gravidade.

Para Newton, essa força era verdadeiramente incondicional — fosse branca ou negra, masculina ou feminina, oriental ou ocidental, boa ou má — não importava. A força incondicional da gravidade era totalmente não prejudicial e confiável. Na verdade, a

gravidade era a força que literalmente mantinha o universo unido. Se Newton tivesse vivido para ver *Star Wars*, ele teria adorado a frase “Que a força esteja com você”.

Aqui está a parte incrível da história - a parte que a maioria das aulas de física não consegue ensinar. Acontece que Newton via a força atrativa universal e incondicional da gravidade como uma expressão do amor incondicional de Deus pelo universo como um todo.

De acordo com Newton, o amor é a energia universal, e a existência da gravidade é uma das ilustrações mais fundamentais e abrangentes desse processo de amor incondicional. O coração amoroso de Deus é literalmente expresso através da força de atração universal da gravidade.

A persistência da gravidade, como a persistência da luz, aponta para a natureza duradoura, senão eterna, da informação e da energia. Na medida em que a consciência é uma propriedade fundamental de um universo de feedback interconectado, como a própria energia, ela não pode ser destruída, mas apenas transformada.

Então, o que a mediunidade tem a ver com o amor?

Voltemos agora à mediunidade e imaginemos que temos entes queridos falecidos. Como a luz de estrelas distantes, a física sugere que a infoenergia de nossos entes queridos ainda está lá, e o médium pode registrar sua infoenergia.

Agora vamos adicionar a história da atração amorosa e permitir a possibilidade de que nossos padrões individuais de energia tenham criado um vínculo de memória sistêmica que não desaparece simplesmente com a decomposição física. Se o amor, como energia, é de fato duradouro, como sugere a física contemporânea, isso fornece uma razão para acreditar que as pessoas que experimentaram o amor na vida desejaram manter seus relacionamentos amorosos no que é chamado de vida após a morte.

A maioria dos médiuns com quem tivemos o privilégio de trabalhar são obcecados pelo amor. Eles chegam a essa obsessão de muitas maneiras diferentes. No entanto, todos eles veem seu trabalho como uma bênção e um presente, ajudando as pessoas a se conectarem com seus entes queridos que partiram.

Uma das críticas que os céticos às vezes fazem aos médiuns é que eles frequentemente relatam receber as mesmas informações “chatas”. As pessoas do outro lado muitas vezes parecem comunicar a mesma mensagem geral: querem que seus amigos e familiares saibam que ainda estão vivos e que ainda amam aqueles de quem eram mais próximos.

Anteriormente nestas páginas, abordamos a questão dos céticos “Por que o falecido desperdiça seu breve encontro com um médium compartilhando uma mensagem de amor com sua família?”

Mais uma vez, acreditamos que a resposta é simples.

Imagine que você é uma pessoa falecida e está esperando há meses ou até anos para entrar em contato com alguém que você ama muito. Depois de toda essa espera, você tem **apenas** alguns momentos preciosos **para** se conectar com seu ente querido por meio do meio.

O que você vai querer compartilhar com seu ente querido?

A última física e química do outro lado?

O livro atual que você está lendo ou o planeta que está visitando?

Se você está esperando há meses ou anos para se conectar com seu ente querido, e a razão pela qual deseja comunicar é o seu amor por ele, o que você vai fazer?

Você vai querer provar que está realmente aqui, identificando-se. E você vai querer compartilhar alguns de seus sentimentos especiais. Você também pode comentar sobre certos eventos atuais que estão ocorrendo na vida de seu ente querido.

No experimento fotográfico “daqui para lá e de volta” com Laurie Campbell descrito anteriormente, ela supostamente contactou quatro pessoas que partiram para saber mais sobre suas fotos. Como você deve se lembrar, Laurie teve dificuldade em tirar as fotos porque foi inundada com mensagens de amor e preocupação.

Imagine por um momento que alguns médiuns são genuínos e você é um médium.

Para obter informações precisas, você deve primeiro tirar sua própria consciência do caminho. Você também deve tirar outras distrações do caminho, incluindo atividade eletromagnética no ar de TVs, telefones, rádios e assim por diante, para que você possa sintonizar as mensagens fornecidas por uma determinada pessoa falecida. Talvez seu cliente tenha perguntas específicas para essa pessoa falecida, mas é difícil receber as respostas, não porque não haja contato, mas porque a pessoa falecida está focada em transmitir suas mensagens de amor e prefere não responder a suas perguntas específicas.

Como você pode imaginar, esta não é uma tarefa fácil. Se a mediunidade é genuína, a

verdade é que temos muito pouca ideia de como os médiuns realmente a fazem. Muito do milagre e majestade sobre tudo isso é que é totalmente confundido pelo amor.

Uma nota final sobre o papel potencial de

Amor na vida do supercético

Você deve se perguntar, por que certas pessoas são tão cínicas e negativas em relação aos médiuns?

Isso é simplesmente culpa dos médiuns, particularmente os dissimulados e fraudulentos?

Ou a fonte da negatividade surge profundamente dentro dos próprios cétricos?

As opiniões extremamente negativas sobre a hipótese da alma viva derivam das próprias histórias de amor pessoais dos cétricos, ou da falta delas?

Que tipo de pessoa prefere acreditar que a mediunidade é um erro, uma coincidência ou uma fraude total?

É possível que a própria história de amor do cético extremo o encoraje a preferir um universo que permitiria que a luz de estrelas distantes durasse para sempre, mas não os padrões de energia do amor humano?

Como você pode ver, podemos levantar muito mais perguntas do que respostas neste momento.

No entanto, assim como é importante para a humanidade entender o que é mediunidade e por que as pessoas escolhem carreiras mediúnicas, também é importante para a humanidade entender a raiz do superceticismo, especialmente quando os dados em evolução de experimentos científicos controlados fortemente encoraje-nos a, pelo menos, manter a mente aberta sobre a possibilidade de que tudo isso, e muito mais, possa ser real.

Nossa hipótese de trabalho é que nunca entenderemos as respostas a essas e outras questões relacionadas, a menos que compreendamos a natureza e o papel do amor na existência humana e no cosmos como um todo. Uma das grandes surpresas em abordar a questão da hipótese da alma vivente é que ela estimula novas visões sobre a natureza do amor e seu papel no universo.

Que as surpresas continuem.

•Apêndice C*

Artigo de jornal sobre precisão e replicabilidade da comunicação pós-morte

Este relatório do experimento da HBO foi publicado no *Journal of the Society for Psychical Research*, 2001, vol. 65.1, nº 862, páginas 1-25.

Precisão e replicabilidade da comunicação anômala após a morte em médiuns altamente qualificados

Abstrato

Quando vários médiuns tentam receber comunicações pós-morte (ADCs) de um único indivíduo (o assistente/sujeito) que sofreu múltiplas perdas, informações precisas e replicáveis de ADC serão obtidas? Cinco médiuns altamente qualificados foram levados para o Laboratório de Sistemas de Energia Humana para pesquisa sobre ADC. Uma mulher do Arizona, desconhecida de todos os médiuns, que havia sofrido seis perdas significativas nos últimos dez anos, serviu como o sujeito principal. Ela preencheu questionários pré-experimentais detalhados sobre suas perdas. Cada médium se reunia individualmente com o assistente. Não houve comunicação entre os médiuns sobre as sessões. Duas cadeiras foram colocadas lado a lado, a poucos metros de distância, separadas por uma tela que eliminou pistas visuais. Exceto por uma saudação inicial, as únicas comunicações permitidas do assistente eram simples respostas de sim ou não a possíveis perguntas dos médiuns. Dezenove canais de EEG e ECG foram registrados simultaneamente dos médiuns e do assistente. Duas câmeras de vídeo registraram as sessões. Relatórios literais foram obtidos a partir de transcrições completas das sessões. Um segundo assistente foi testado com dois dos médiuns.

A precisão média dos médiuns foi de 83% para o assistente um e 77% para o assistente dois. A precisão média para 68 indivíduos de controle foi de 36%. Em um experimento de replicação e extensão, a precisão média dos médiuns em um período inicial de dez minutos que não permitia perguntas sim/não foi de 77%. Os dados sugerem que médiuns altamente qualificados são capazes de obter informações precisas (p menor que um em dez milhões) e replicáveis. Como os fatores de fraude, erro e coincidência estatística não podem explicar os presentes achados, outros possíveis mecanismos devem ser considerados em pesquisas futuras. Estes incluem telepatia, super psi e sobrevivência da consciência após a morte.

Introdução

A pesquisa empírica sobre mediunidade tem sido limitada por uma série de fatores:

- (1) disponibilidade de médiuns experientes dispostos a colaborar na pesquisa.
- (2) disponibilidade de sujeitos (assistentes) dispostos a se envolver em pontuação cuidadosa de transcrições,
- (3) e financiamento para investigar essas questões.

A pesquisa aqui relatada tornou-se possível por meio de circunstâncias únicas. Uma grande rede de televisão dos Estados Unidos decidiu produzir um documentário sobre a comunicação após a morte (ADC) e a plausibilidade da sobrevivência da consciência após a morte física. Quando a produtora/diretora (Lisa Jackson) abordou Schwartz e Russek sobre a possibilidade de participar do documentário, propusemos que, se eles estivessem seriamente interessados na ciência da mediunidade, deveriam financiar um experimento de laboratório inédito com médiuns conhecidos para examinar possível replicabilidade entre mídias das informações obtidas durante as leituras sob circunstâncias controladas. Além disso, graças ao interesse e cooperação dos médiuns cujos dados são relatados aqui, foi possível gravar 19 canais de EEG e ECGs de cada um deles, bem como de um dos assistentes.

Os dados foram coletados no Laboratório de Sistemas de Energia Humana da Universidade do Arizona em Tucson. Análises preliminares foram relatadas na reunião de junho de 1999 da Society for Scientific Exploration e foram exibidas no especial da HBO “Life Afterlife” que foi transmitido em outubro de 1999. Pontuações e análises detalhadas

subseqüentes são relatadas aqui.

Foi conduzido um experimento de replicação e extensão. Quatro dos cinco médiuns originais conseguiram coordenar seus horários para participar da pesquisa. Circunstâncias únicas ocorreram novamente. O marido da babá apresentado no documentário da HBO morreu alguns dias antes de o experimento de replicação e extensão ser conduzido. O desenho do segundo experimento possibilitou a coleta de dados de forma que os médiuns não fossem capazes de identificar os assistentes. A babá concordou em ser “relida” para ver se as informações poderiam ser replicadas e estendidas para incluir a morte de seu marido. Portanto, a replicabilidade da informação foi abordada não apenas em cinco mídias (Experiência I, a experiência HBO), mas também ao longo do tempo para duas das mídias (Experiência II, a experiência Miraval). O experimento de replicação e extensão foi possível graças ao apoio do Canyon Ranch Resort, do Miraval Resort, do Susy Smith Project da Universidade do Arizona e da Family Love and Health Foundation. Os dados foram coletados no Miraval em Tucson.

No Experimento I, os médiuns foram autorizados a fazer perguntas que permitiam respostas sim ou não. No Experimento II, os médiuns não foram autorizados a fazer perguntas por dez minutos na Parte I; A Parte II replicou o Experimento I, que permitia perguntas sim/não. Os experimentos foram planejados principalmente para minimizar a plausibilidade das interpretações psicológicas e estatísticas (por exemplo, fraude e acaso); eles foram secundariamente projetados para abordar indiretamente duas possíveis interpretações anômalas (telepatia com o assistente e comunicação direta com o falecido).

Experimento I (O Experimento HBO)

Propósito

O objetivo principal do Experimento I era determinar se os médiuns poderiam obter independentemente informações precisas e replicáveis de um assistente sob condições naturalísticas controladas. Essas descobertas são relatadas no corpo do artigo.

O objetivo secundário era exploratório. O objetivo era examinar a possível sincronia ECG/ECG e ECG/EEG entre médiuns e um assistente durante os períodos de linha de base e leitura. Nós levantamos a hipótese de que se os médiuns estivessem envolvidos em leitura psicológica (atenção focada) e/ou parapsicológica (telepatia) do assistente (ou seja, a vida física), evidências aumentadas de sincronia ECG/ECG e ECG/EEG médium assistente poderiam ser observadas durante as leituras comparadas com as linhas de base em repouso (Russek e Schwartz, 1994; Song, Schwartz e Russek, 1998). No entanto, se os médiuns estivessem focando sua atenção longe do assistente (por exemplo, prestando atenção à comunicação do falecido), a sincronia ECG/ECG e/ou ECG/EEG médio-assistente diminuída pode ser observada durante as leituras em comparação com as linhas de base em repouso.

Médiuns

Quatro médiuns conhecidos internacionalmente concordaram em vir a Tucson para colaborar na pesquisa: listados em ordem alfabética, George Anderson, John Edward, Anne Gehman e Suzane Northrop. A quinta, Laurie Campbell, já havia participado de pesquisas mediúnicas realizadas em nosso laboratório (Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999). Os médiuns foram plenamente informados de que o Laboratório de Sistemas de Energia Humana estava colaborando com a HBO, que a pesquisa seria filmada profissionalmente e transmitida internacionalmente, que a pesquisa exigia que eles não conhecessem a identidade dos assistentes selecionados para a pesquisa e que a pesquisa exigia a mais alta integridade de todos os envolvidos - o laboratório, a HBO, os médiuns e os assistentes.

Cada um dos cinco médiuns teve uma sessão experimental com uma assistente, uma mulher de 46 anos que mora ao norte de Tucson. Ela foi selecionada porque experimentou a morte de pelo menos seis entes queridos nos últimos dez anos. A babá foi recrutada pela HBO. A babá foi recomendada à HBO por um pesquisador da ADC que sabia de seu caso. A HBO informou à assistente que era essencial que sua identidade fosse mantida em segredo dos médiuns até que o experimento fosse concluído. Além disso, ela foi informada de que sua identidade seria mantida em segredo dos pesquisadores até o dia anterior à realização do experimento. Uma segunda mulher conhecida pessoalmente por GERS e LGSR (uma mulher de 54 anos que mora em Tucson que também experimentou a morte de pelo menos seis entes queridos nos últimos dez anos) foi convidada para servir como segunda babá. A identidade desta babá foi mantida em segredo da HBO, bem como dos médiuns. O tempo permitiu coletar sessões experimentais com o segundo assistente e dois dos médiuns.

Ambos os assistentes assinaram declarações indicando que não tiveram contato verbal ou escrito com nenhum dos cinco médiuns antes do experimento. As informações sobre os assistentes eram mantidas em segredo dos médiuns. Eles só sabiam que cada um dos assistentes havia experimentado a perda de vários entes queridos em um período de dez anos.

Medidas

Informações pré-teste foram obtidas sobre cada um dos seis indivíduos falecidos que cada assistente previu que poderiam ser recebidos por um ou mais dos médiuns (Apêndice B).

Durante as leituras experimentais, os assistentes tomaram notas. Imediatamente após cada leitura, eles completaram classificações numéricas de -1 a +5 (Apêndice C).

Cada um dos cinco médiuns e um dos assistentes foi equipado com uma tampa de eletrodo contendo 19 eletrodos de EEG e um terra. Eletrodos de ouvido ligados foram conectados, bem como ECG registrado braço a braço. Os eletrodos foram fixados por um dos autores (LN) e Mercy Fernandez, Ph.D. usando pasta de eletrodo padrão e procedimentos de redução de impedância; todas as resistências dos eletrodos eram inferiores a 5 K ohms.

Os sinais de EEG e ECG foram registrados em dois sistemas Lexicor Neurosearch 24 e processados por PCs, um sistema para o médium e um segundo sistema para o assistente. Os sinais foram amostrados a 256 Hz. Os sinais de ECG dos médiuns e do assistente foram registrados em ambos os sistemas. Usando um software especialmente projetado, foi possível examinar a média do sinal disparado por ECG dentro dos médiuns e assistentes (interações ECG/EEG intrapessoais) e entre os médiuns e assistentes (interações interpessoais de ECG/EEG e ECG/EEG) (Russek e Schwartz, 1994; Song, Schwartz e Russek, 1998).

Alguns meses após a coleta dos dados, cada um dos assistentes foi convidado a voltar individualmente ao laboratório para pontuar cuidadosamente as transcrições de cada um dos médiuns obtidas das gravações de vídeo. Cada possível item proferido por cada um dos médiuns foi colocado em uma das seis categorias (nome, inicial, fato histórico, descrição pessoal, temperamento e “opinião”) e avaliado pelo assistente usando uma escala numérica (-3 definitivamente um erro, -2 provavelmente um erro, -1 possivelmente um erro, 0

Artigo de jornal sobre precisão e replicabilidade da comunicação pós-morte talvez um erro ou talvez correto, +1 possivelmente correto, +2 provavelmente correto, +3 definitivamente correto).

Os assistentes foram solicitados a explicar e justificar cada classificação de precisão que fizeram para os itens. A justificação das classificações de precisão, particularmente +3s, pode ser tão simples como “o nome do meu filho falecido era Michael” (categoria de nome) até tão

complexa como “minha avó tinha dentes postiços e os tirava e tirava em público, o que envergonhou muito minha mãe” (categoria fato histórico). Os assistentes também foram solicitados a indicar se as informações poderiam ser verificadas independentemente por outro membro vivo da família ou amigo (somente a categoria “opinião” continha itens que não poderiam ser verificados independentemente). Cada item foi lido em voz alta pelo GERS; as avaliações foram registradas em arquivos Excel pela CB

Observe que as classificações de precisão não discriminam entre as diferenças no grau de especificidade. Por exemplo, informações precisas como “M” (inicial), “Michael” (nome), “cometeu suicídio” (fato histórico), “magro” (descrição pessoal), “senso de humor brincalhão” (temperamento) e “ não o culpa por sua decisão de se matar” (opinião) diferem em seu grau de especificidade, mas todos estavam corretos e receberam classificações de precisão de +3 por um assistente.

Procedimento

Sete sessões de coleta de dados (cinco para o assistente um e duas para o assistente dois) foram coletadas no laboratório de cardiologia energética do Laboratório de Sistemas de Energia Humana no decorrer de um único dia. Os dados foram coletados em fevereiro de 1999. Cada sessão durou aproximadamente uma hora (incluindo conectar e desconectar eletrodos, nomear arquivos nos computadores, linhas de base e leituras). A sala foi organizada para acomodar o projeto experimental, bem como as necessidades de filmagem. Os dois sistemas EEG/ECG foram colocados mais distantes da porta (geridos por GERS). O assistente sentou-se em uma cadeira confortável ao lado do equipamento de gravação, à vista do GERS e de duas câmeras de vídeo operadas pela equipe de filmagem da HBO. Cada médium entrou na sala, um por sessão, e sentou-se em uma cadeira confortável que era separada da cadeira do assistente por uma grande tela coberta de tecido no chão. A tela tinha aproximadamente 6 pés de altura por 4 pés de largura. Embora o médium nunca estivesse visível para o assistente durante a leitura, e vice-versa, o médium era visível para ambas as câmeras de vídeo, assim como o assistente.

Cada médium foi executado individualmente, a ordem de sua participação selecionada de comum acordo entre todos os cinco médiuns. Os médiuns esperavam sua vez no pátio atrás do laboratório e eram monitorados de perto e continuamente ao longo do dia por um dos investigadores seniores (LGSR) mais uma assistente de pesquisa (Carolyn Luna) para garantir que nenhuma comunicação sobre as sessões ocorresse durante o dia de coleção de dados. Como mencionado anteriormente, os médiuns entenderam que a integridade era absolutamente essencial nesta pesquisa, e que fraudes não seriam toleradas durante o experimento.

Quando cada médium entrava na sala, suas derivações de ECG e EEG eram conectadas ao Lexicon. Uma linha de base de repouso de dois minutos com os olhos fechados foi obtida tanto para o médium quanto para o assistente. Seguindo a linha de base de repouso, cada médium explicou brevemente ao assistente como ele ou ela conduzia uma leitura. Em seguida, o médium foi autorizado a conduzir a leitura à sua maneira, com a restrição de que eles poderiam fazer apenas perguntas de sim ou não. Os médiuns variavam no número de perguntas que faziam. A leitura real durou aproximadamente 15 a 20 minutos.

Terminada a leitura, o médium saía da sala experimental e voltava para o pátio. O experimentador lembrou a cada médium para não discutir a(s) leitura(s) até que o experimento fosse concluído, e que eles seriam continuamente monitorados por dois experimentadores. Os assistentes então fizeram suas avaliações imediatas conforme mostrado no Apêndice C.

Resultados:

Sitter 1 (5 leituras): avaliações imediatas

As classificações imediatas, embora importantes, não são primárias e, portanto, são mencionadas apenas brevemente aqui. As principais descobertas são os resultados de pontuação detalhados relatados na próxima seção.

O número de pessoas falecidas identificadas pelo assistente (com base em sua lista original de 6) para cada um dos cinco médiuns foram 5, 4, 3, 3 e 4, respectivamente; as classificações de semelhança variaram de 4 a 5+ (nomes verificáveis, datas, causas de morte, características pessoais, etc.). A porcentagem média de identificação foi de 63%.

Curiosamente, de acordo com a babá, cada um dos cinco médiuns comunicou independentemente informações específicas de 2 dos 6 indivíduos falecidos em sua lista original (a mãe e o filho da babá). Portanto, um terço das pessoas falecidas previstas foram replicadas 100% de forma independente em todos os cinco médiuns. Além disso, informações anômalas de 9 outros indivíduos que partiram (não na lista original de 6) também foram documentadas. O número de pessoas falecidas adicionais identificadas pela babá a partir de suas leituras com cada um dos cinco médiuns foram 5, 6, 1, 5, 4; as avaliações de semelhança variaram de 4 a 5. De acordo com a babá, informações específicas identificando dois desses indivíduos (o avô da babá e um cachorro amado por seu filho falecido) foram comunicadas independentemente por quatro dos cinco médiuns. Por isso,

À luz dessas observações resumidas iniciais, avaliações cuidadosas item por item das transcrições foram conduzidas.

Sitter 1 (5 avaliações): Item por Item Respostas Sim/Não

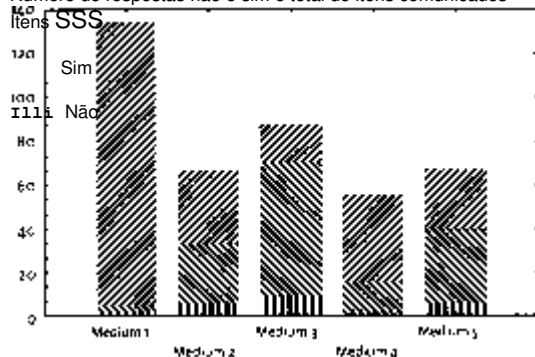
A Figura 1 exibe o número total de itens por leitura, o número de perguntas feitas que receberam uma resposta sim e o número de perguntas feitas que receberam uma resposta não.

A Figura 2 mostra a porcentagem de perguntas feitas sobre o número total de itens gerados.

Pode-se ver que os médiuns variaram no número de itens totais que ob-

figura 1

Número de respostas não e sim e total de itens comunicados



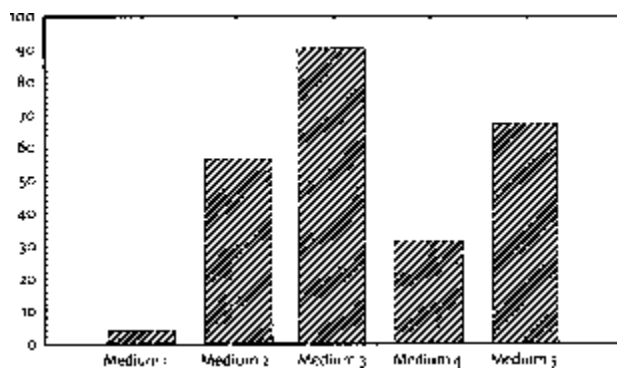
Total

Total

Total

Figura 2

Porcentagem de perguntas feitas a itens comunicados por meio

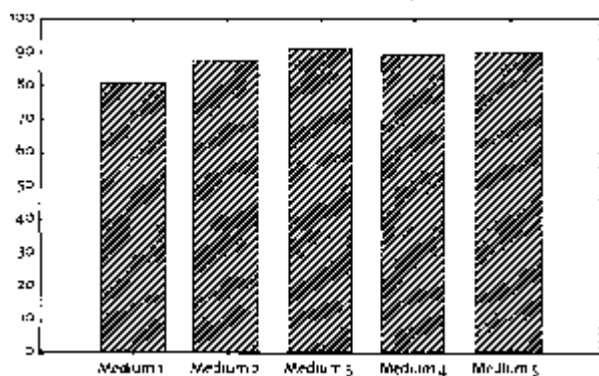


respondidas e o número de perguntas que fizeram. O meio 1, em particular, gerou mais de 130 informações específicas, mas fez apenas 5 perguntas, 4 das quais (80%) foram respondidas sim.

A Figura 3 mostra a porcentagem de respostas sim obtidas por meio. O

Figura 3

Percent Yes Answers to Questions Asked by Mediums



cinco médiuns variaram em porcentagem de respostas sim; a precisão média foi de 85%. O Médio 1, que obteve a pontuação mais baixa (80%), fez apenas um total de cinco perguntas. Portanto, é impossível afirmar que as classificações de precisão percentual do meio 1 (veja abaixo) foram devidas a “leitura fria” e “pesca de informações”.

No entanto, surgiu a pergunta: os outros médiuns obtiveram suas pontuações de alta precisão porque fizeram mais perguntas? Para responder a esta questão, os dados foram analisados apenas para as primeiras cinco perguntas feitas. Os resultados são exibidos na Figura 4.

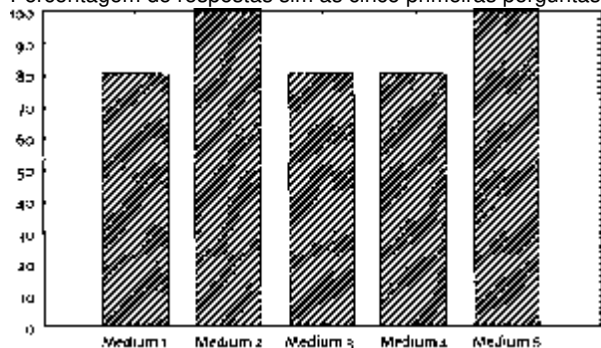
Pode-se observar que a precisão variou de 80% a 100%; a média foi de 88%. Um qui-quadrado comparando o número de respostas sim versus não para as primeiras cinco perguntas, em comparação com uma estimativa binária simples (sim/não) de chance (50%) foi $p < 0,006$. Não está claro se o uso de uma estimativa binária simples de 50% superou ou subestimou o acaso neste experimento. Uma análise cuidadosa do conteúdo sugere que o valor de 50% pode ser uma superestimação. As primeiras treze perguntas do meio 3 são apresentadas literalmente na discussão geral para ilustrar a natureza do conteúdo das perguntas sim/não e seu grau de especificidade e precisão.

Os dados sugerem que, de acordo com as avaliações do assistente, os médiuns estavam recebendo informações precisas.

Surge a pergunta: pessoas inteligentes e motivadas podem adivinhar esse tipo de informação apenas por acaso? Alguns itens eram sim/não (por exemplo, seu filho está vivo ou morto?); outros itens eram menos suscetíveis à estimativa de probabilidade (por exemplo, o primeiro nome de seu filho começa com a letra ____?). Como era impossível estimar

Figura 4

Porcentagem de respostas sim às cinco primeiras perguntas por meio



antes das taxas básicas de tempo por item, selecionamos uma grande variedade de itens representativos, tanto corretos quanto incorretos, e obtivemos empiricamente as taxas de adivinhação do sujeito de controle para os dados do assistente 1.

Foi elaborado um questionário com 70 itens representativos, com base no conteúdo fornecido pelos médiuns (Anexo D). Alguns itens eram sim/não; outros exigiam que os sujeitos fornecessem respostas de conteúdo. Foi administrado a um grupo de controle de 68 estudantes de graduação do sexo masculino e feminino na Universidade do Arizona (idade média de 21 anos, 70% do sexo feminino). Uma vez que teria sido preferível que as classificações de controle fossem feitas por um grande grupo de mulheres de meia-idade que correspondessem à demografia dos assistentes, os achados de controle relatados aqui devem ser vistos com cautela. Os sujeitos de controle foram desafiados a tentar adivinhar tão bem quanto os médiuns. Como incentivo, eles foram informados de que, após preencherem os questionários, seriam informados sobre as respostas reais,

Os dados são exibidos na Figura 5.

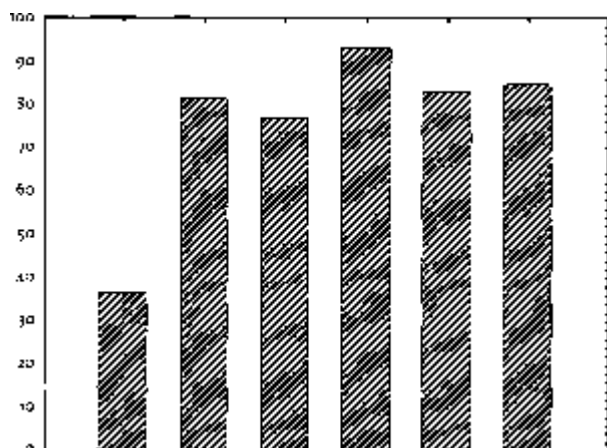
Sua precisão média para os 70 itens foi de 36%, variando de 20% a 54%. A pontuação média de precisão dos médiuns (+3 avaliações do número total de itens que receberam uma classificação por médium) foi de 83%, variando de 77% a 93%. Especialmente significativo é que o meio 1, que fez apenas 5 perguntas, recebeu 83% de avaliações de +3 do total de 130 itens do meio 1. Um teste comparando o desempenho dos médiuns versus o grupo de controle foi p menor que um em dez milhões.

Análise de Categorias de Conteúdo

A Figura 6 exibe a porcentagem de pontuações +3 para as seis categorias de conteúdo coletadas nas cinco mídias. Não surpreendentemente, a precisão percentual para nomes foi a menos precisa. Curiosamente, a precisão percentual para iniciais e, especialmente, temperatura

Figura 5

Comparação de desempenho de adivinhação de controles (n = 68) com cada desempenho de controle médio variando de 20% a 54%



Controles Médio 1 Médio2 Médio3 Médio4 Médio5

mento foi mais preciso. É importante reconhecer que nomes, iniciais, descrições, fatos históricos e temperamento podem ser confirmados por parentes vivos e amigos do assistente. Apenas a categoria “opiniões” era “subjetiva” para o assistente.

Replicação com a segunda babá: avaliações numéricas item por item

Só foi possível testar o segundo assistente com os médiuns 1 e 3. Embora as classificações iniciais resumidas, obtidas com o propósito de examinar a replicabilidade das informações obtidas entre os médiuns, não sejam significativas aqui ($n = 2$ médiuns é insuficiente para tirar conclusões), a análise detalhada de suas classificações numéricas item por item é valiosa como uma comparação com o primeiro assistente.

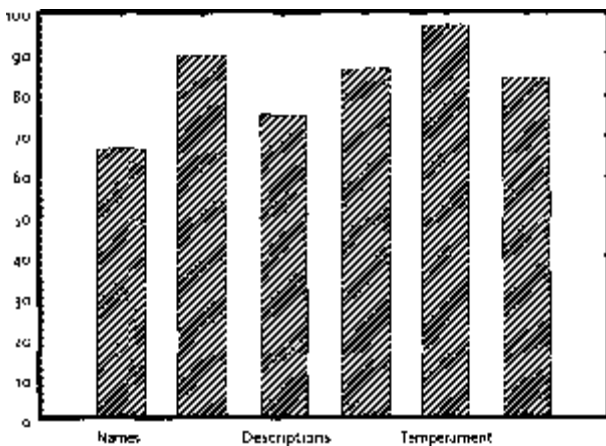
A primeira média gerou 103 itens; o segundo meio gerou 95 itens. O primeiro meio obteve 64% de acerto; o segundo meio atingiu 90% de precisão; a média foi de 77% de precisão.

A Figura 7 exibe a precisão percentual média para as seis categorias de informações.

A precisão das iniciais foi novamente maior do que a dos nomes, e a precisão do temperamento foi novamente maior do que a dos fatos históricos. Observe que, para este assistente, as informações mais subjetivas (“opiniões”) eram, na verdade, as mais baixas. O primeiro

Figura 6

Porcentagem de acertos certos (+35) por categoria com média de 5 médiuns



Iniciais

Fatos Históricos Opiniões

O médium forneceu várias declarações de categoria de “opinião” que foram avaliadas com menos de +3 pelo assistente, diminuindo assim a precisão média deste médium abaixo de 70%.

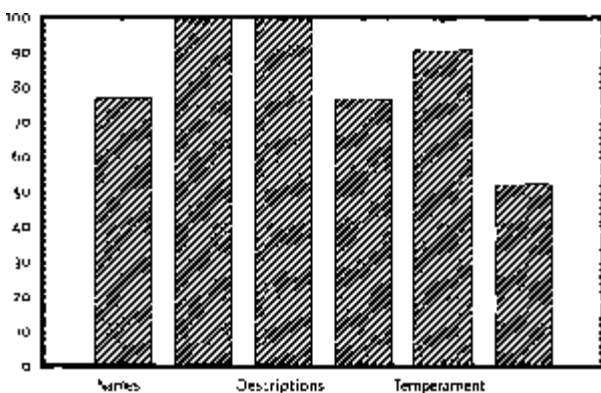
Discussão

Parece que médiuns altamente qualificados, em condições controladas de laboratório, mas de suporte, podem receber categorias específicas de informações que podem ser avaliadas com precisão por assistentes de pesquisa treinados. Um assistente teve leituras independentes com cinco médiuns. Ela também teve seu ECG e EEG gravados. O outro assistente fez leituras separadas com dois dos cinco médiuns. A precisão percentual média foi de 83% para o primeiro assistente e 77% para o segundo assistente. Cada um dos médiuns teve um desempenho bem acima das taxas de adivinhação. Os sujeitos de controle que tentaram adivinhar a informação obtiveram uma precisão média de 36% para todas as categorias de informações combinadas. O valor de p foi inferior a um em dez milhões.

A precisão de adivinhação percentual dos assuntos de controle pode ser um pouco menor do que a precisão de adivinhação real porque (1) os assuntos de controle eram substancialmente mais jovens do que os assistentes (sujeitos mais velhos podem ter informações mais extensas para adivinhar) e (2) eles não tinham o benefício de ouvir as respostas às perguntas sim/não como os médiuns faziam. Por outro lado, os sujeitos de controle viram uma foto da mulher (os médiuns não viram os assistentes até que todos os dados fossem coletados). Dada a natureza claramente específica da representação

Figura 7

Porcentagem de acertos certos (+35) por categoria com média de 2 médiuns



Iniciais Fatos Históricos Opiniões

itens obrigatórios reimpressos no Apêndice D, parece improvável que um segundo grupo de indivíduos de controle que foram pareados por idade, sexo e dados demográficos, mesmo recebendo feedback de sim/não por resposta, pontuassem tão alto quanto os médiuns neste experimento, adivinhando por si.

Embora os nomes tenham sido classificados com menos precisão, a magnitude da precisão ainda foi surpreendentemente alta (67% para o assistente um e 76% para o assistente dois). As iniciais receberam pontuações percentuais de precisão mais altas (90% para o assistente um e 100% para o assistente dois). As informações sobre temperamento pessoal foram relatadas com muita precisão (95% para o assistente um e 93% para o assistente dois).

Os médiuns variaram muito no número de perguntas feitas. O Médio 3 geralmente fazia mais perguntas do que o Médio 1 e tendia a ter classificações de precisão mais altas. No entanto, é significativo que o médium 1 tenha feito apenas cinco perguntas ao assistente 1 e tenha mais de 80% de precisão nessas perguntas. Além disso, a precisão do meio 3 para as cinco primeiras perguntas feitas também foi de 80%.

Os achados preliminares de ECG e EEG resumidos no Apêndice A são intrigantes e vale a pena explorar em pesquisas futuras. Nenhuma evidência foi encontrada para os médiuns registrando o ECG dos assistentes em seus EEGs. Além disso, quando as leituras começaram, o grau de sincronia coração a coração entre o médium e o assistente mudou - o coração do médium tendia a bater quando o coração do assistente não *estava* espancando. A combinação dos achados de ECG e EEG não é consistente com a hipótese telepática de que os médiuns estavam registrando a energia ou memórias do assistente. O padrão de descobertas é consistente com a hipótese de que esses médiuns podem estar se desconectando biofisicamente do assistente enquanto tentam receber comunicação anômala, supostamente de indivíduos falecidos. Os dados qualitativos apresentados na discussão geral também sugerem que a telepatia com o assistente não explica satisfatoriamente todas as descobertas.

O objetivo de incluir os dados preliminares de ECG/EEG neste relatório é ilustrar o potencial do uso de tais técnicas em pesquisas futuras para abordar possíveis mecanismos biofísicos de recuperação de informações anômalas. Pesquisas futuras exigirão o uso de condições de controle apropriadas comparando, por exemplo, períodos de comunicação não mediúnica versus mediúnica, para tirar conclusões definitivas sobre o significado dos achados cardíacos observados no Experimento I.

Experimento II (O Experimento Miraval)

Propósito

O Experimento II foi projetado para tentar replicar e estender o Experimento I. O

objetivo principal era (1) usar um novo grupo de assistentes de várias partes do país que variavam em idade, sexo, histórico de número de perdas pessoais, crença no plausibilidade da comunicação pós-morte e profundidade do amor pelo falecido, e (2) adicionar uma nova condição de controle que não permite nenhuma comunicação verbal entre o médium e o assistente.

Médiuns

Quatro dos cinco médiuns originais puderam vir a Tucson para colaborar na pesquisa: listados em ordem alfabética, Laurie Campbell, John Edward, Anne Gehman e Suzane Northrop.

A babá

Este relatório apresenta as descobertas da babá um, cujo marido morreu em um acidente de carro alguns dias antes do Experimento II ser conduzido em junho de 1999. Ela ligou para LGSR para compartilhar sua perda. LGSR sugeriu que ela poderia considerar ser uma babá no próximo Experimento II, já que a Parte I ocorreu em completo silêncio, e as babás não podiam ser vistas pelos médiuns. Essa notável coincidência levou aos dados de replicação relatados aqui. A assistente afirmou que não teve contato verbal ou escrito com nenhum dos médiuns sobre a morte de seu marido e sua posterior participação no Experimento II.

Procedimento

Os quatro médiuns foram alojados no Canyon Ranch, localizado a mais de dezesseis quilômetros de Miraval. A babá estava alojada em um hotel separado. Os testes foram realizados em dois dias. Os quatro médiuns foram levados para quatro salas separadas; cada quarto era separado por pelo menos quatro outros quartos. Havia quatro experimentadores (GERS, LGSR, Carolyne Luna e Patti Harada). Os assistentes foram isolados em uma sala separada, muitas salas longe de onde os médiuns estavam sendo testados. Os médiuns sentaram-se em uma cadeira confortável, de frente para uma câmera de vídeo e um gravador de áudio reserva, de costas para a porta. Um determinado experimentador entrava na sala e certificava-se de que o médium estava sentado de costas para a porta e de frente para o gravador de vídeo. Os gravadores seriam então iniciados. Próximo, o assistente foi trazido para a sala e sentou-se a cerca de um metro e oitenta atrás do médium. Nos primeiros dez minutos, os médiuns foram instruídos a receber todas as informações que pudessem sobre o falecido e compartilhar essas informações em voz alta. Eles não tinham permissão para fazer perguntas aos assistentes. Os assistentes foram instruídos a permanecer em silêncio. Após esse período de silêncio da Parte I, os médiuns puderam fazer perguntas sim/não, replicando o procedimento utilizado no Experimento I.

A babá relatada aqui foi trazida para participar no final dos dois dias; o tempo permitiu que ela pudesse ser lida pelos médiuns 1 e 2 (conforme mostrado nas figuras, não conforme listado alfabeticamente) do Experimento I, que também participou do Experimento II. GERS foi o experimentador. As sessões foram gravadas e as informações verbais transcritas.

Resultados

O conteúdo dessas duas leituras foi dramático. As informações sobre o filho e o cachorro falecidos foram novamente replicadas por ambos os médiuns. No entanto, ambos os médiuns também receberam informações sobre o marido recentemente falecido. O médium 2 relatou estar confuso, dizendo “Continuo ouvindo Michael vezes dois, Michael vezes dois”. O nome do pai era Michael, o nome do filho era Michael, Jr.

Alguns meses depois dessas duas sessões, depois que as transcrições foram preparadas, o assistente voltou ao laboratório para uma sessão de pontuação detalhada. A sessão de

pontuação de cinco horas foi gravada em fita de vídeo. O GERS leu novamente os itens em voz alta e o CB registrou as respostas em um arquivo Excel. O procedimento de classificação foi idêntico ao Experimento 1, usando números de -3 a +3.

A Figura 10 exibe as descobertas resumidas.

As duas barras à esquerda exibem as classificações de precisão de porcentagem +3 para o meio 1 e o meio 2, combinando os dados dos períodos de silêncio (Parte I) e questionamento (Parte II). Pode-se observar que a precisão média para as duas mídias foi de 82%. O meio 1 gerou um total de 127 itens, o meio 2 um total de 94 itens.

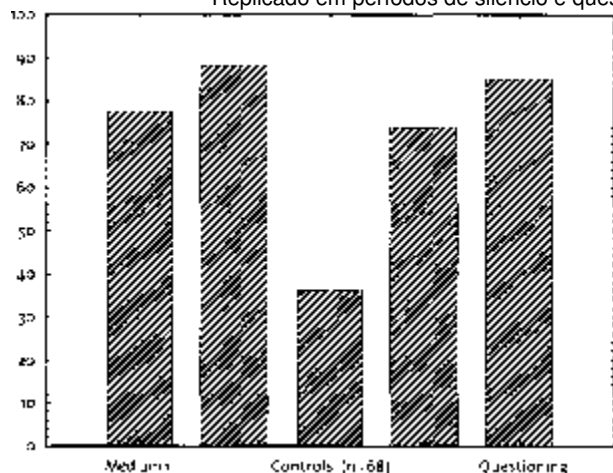
As duas barras à direita exibem as classificações de porcentagem + precisão para os períodos de silêncio e questionamento, combinando os dados dos médiuns 1 e 2. A precisão média para os períodos de silêncio foi de 77% e para o período de questionamento, 85%. O número total de itens recebidos durante o período de silêncio foi de 64; o total durante o período de questionamento foi de 157. A diferença entre os períodos de silêncio e questionamento em porcentagem de precisão não foi estatisticamente significativa. As classificações percentuais de precisão do sujeito de controle do Experimento I estão incluídas no centro para comparação. -

Para completar a apresentação, a figura 11 (página 306) exibe um histograma de frequência das classificações do assistente 1 para HBO (Experiência I) e Miraval (Experiência II), separadamente para as sete sessões (duas cada com os médiuns 1 e 2, uma cada um com os meios 3, 4 e 5).

Discussão

A precisão dos médiuns 1 e 2 foi replicada, inclusive durante um período de silêncio de dez minutos, quando nenhum questionamento foi permitido. Novas informações sobre o marido falecido foram recebidas por ambos os médiuns. Mais informações foram obtidas durante o período de questionamento do que no período de silêncio, e o índice de precisão

Figura 10
Porcentagem de Comunicações Corretas para Meio 1 e Meio 2
Replicado em períodos de silêncio e questionamento



Médio 2 Silencioso

foram um pouco mais elevados. No entanto, informações detalhadas foram obtidas durante os períodos de silêncio, quando nenhuma “leitura fria” era possível.

Curiosamente e surpreendentemente, nenhum dos médiuns relatou adivinhar quem era o

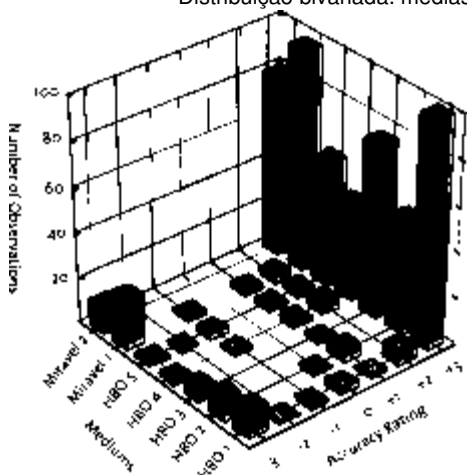
assistente durante ou imediatamente após o período de questionamento sim/não (Parte II). O experimentador (GERS) não permitia que os médiuns vissem o assistente até que ele os pressionasse repetidamente para adivinhar quem estava atrás deles. Ambos os médiuns insistiram que não tinham ideia de quem estava por trás deles. Ambos afirmaram que realizam muitas leituras por semana em suas vidas profissionais ocupadas e que é difícil manter leituras específicas em suas mentes, especialmente depois de muitos meses. Ambos expressaram profundo choque quando foram autorizados a ver a babá e a reconheceram do Experimento I. Deve-se lembrar que os médiuns não haviam sido informados do que havia acontecido com esta babá por LGSR ou GERS, e que eles não foram informados de que a estariam “relendo” no experimento de replicação e extensão. A tristeza deles aumentou visivelmente quando perceberam que era seu marido, Michael sênior, que havia morrido recentemente.

Um revisor anônimo sugeriu a interessante possibilidade de que os médiuns pudessem ter reconhecido inconscientemente o odor do assistente, o que desencadeou memórias de suas leituras anteriores. Esta sugestão é criativa, mas não explica tudo

Figura 11—Experimentos I e II combinados para Sitter One

Esta figura exibe distribuições de classificações de -3 a +3, separadamente para cada mídia nos dois experimentos (HBO e Miraval). Pode-se ver que cada um dos cinco médiuns obteve em sua maioria +3 classificações de precisão completa (a porcentagem média é de 83% nas sete leituras), pontuações esporádicas de +2 a -2 e uma minoria de -3 pontuações de erros completos (a porcentagem média é 10% nas sete leituras).

Distribuição bivariada: médias em ambos os experimentos por classificações



os dados. Por exemplo, no Experimento I, o médium 1 relatou ter visto um cachorrinho marrom. No Experimento II, o médium 1 relatou ter visto um beagle malhado. Após a sessão, a babá explicou que a mãe do cachorro marrom experimentado por quatro dos médiuns no Experimento I era de fato um beagle malhado. Na sessão de avaliação alguns meses depois, a babá trouxe fotos tanto do beagle malhado (a mãe) quanto do cachorrinho marrom (sua prole).

Discussão Geral: Descobertas Quantitativas

Esses dois experimentos fornecem dados quantitativos que são consistentes com a hipótese de que alguma forma de recuperação anômala de informação estava ocorrendo nesses médiuns qualificados. As hipóteses tradicionais de fraude, dicas sutis e coincidência estatística são explicações improváveis do conjunto total de observações relatadas aqui. Adotando a metáfora de William James, os médiuns particulares participantes desta pesquisa podem ser exemplos de cinco "corvos brancos" de recuperação anômala de informações.

Os experimentadores não descartaram definitivamente que a HBO, com ou sem a cooperação do assistente 1, se envolveu em fraude no Experimento I. Detetives particulares não foram contratados para tentar verificar a confidencialidade de forma independente. No entanto, parece altamente improvável que Lisa Jackson, uma produtora vencedora do Emmy que trabalha para uma produtora vencedora de vários prêmios Emmy, arrisque sua reputação profissional e pessoal, bem como a reputação de sua produtora, para se envolver em fraudes. na Universidade do Arizona. Além disso, os experimentadores selecionaram independentemente um segundo assistente cuja identidade foi mantida em segredo da HBO, bem como dos médiuns. Lisa Jackson e sua equipe estavam bem cientes das consequências de arriscar sua integridade, bem como a integridade do laboratório. Os experimentadores foram sensíveis à natureza única desta pesquisa e à necessidade de eliminar, da melhor forma possível, a ocorrência de engano nos experimentos. Isso incluía ter os médiuns observados o tempo todo por dois experimentadores no Experimento I para garantir que os médiuns fossem lembrados do requisito absoluto de integridade.

Os presentes achados não falam diretamente sobre o(s) mecanismo(s) de recuperação de informações anômalas observado(s). No entanto, a aparente dessincronia dos ECGs do médium com o ECG do assistente durante os períodos de leitura em comparação com os períodos de linha de base é inconsistente com uma interpretação de “telepatia com o assistente” dos resultados. Se a telepatia com o assistente estiver envolvida, pode ter sido observada uma maior sincronia ECG/ECG do médium. Medições interpessoais de ECG/ECG e ECG/EEG de médiuns podem ser úteis em pesquisas futuras sobre possíveis mecanismos de fenômenos mediúnicos (Russek e Schwartz, 1994).

Discussão geral: resultados qualitativos

As ricas e extensas informações qualitativas transmitidas nessas leituras não poderiam ser relatadas aqui. No entanto, é importante mencionar que os médiuns falaram com uma rapidez notável e geraram um número surpreendentemente grande de fatos específicos.

A natureza precisa das perguntas sim/não merece alguma apresentação qualitativa. As primeiras treze perguntas do meio 3 no experimento 1 são apresentadas literalmente abaixo para ilustrar a natureza das perguntas sim/não e suas respostas.

É claro que a maioria dessas perguntas fornece informações exclusivas que não estão implícitas nas perguntas anteriores. As perguntas eram tipicamente confirmatórias das informações recebidas pelo médium e repassadas ao assistente. As perguntas normalmente *não* solicitavam informações novas do assistente em si. Os exemplos confirmatórios ilustrados abaixo incluem que houve um jovem que faleceu, o pai do filho ainda estava vivo e que a babá teve um aborto espontâneo.

Observe também que o médium foi muito claro quando fez uma pergunta que possivelmente era vaga em seu papel como médium de pesquisa (ele é conhecido por fazer isso também profissionalmente). Este médium claramente não queria feedback do assistente. Por exemplo, ele diz abaixo “Isso eu não entendo. Se sim, diga que sim, você entende, mas não explique.” e “Então não diga nada, quero que eles digam.” Os dados são consistentes com a sugestão de que a estimativa estatística de 50% de chance binária pode ter sido uma superestimação.

MÉDIUM: Agora, não sei se eles querem dizer isso por idade ou por geração, mas eles falam sobre o macho mais jovem que passou. Isso faz sentido para você?

ASSISTENTE: Sim.

MÉDIUM: Ok, porque onde quer que ele esteja, ele está afirmando que foi o primeiro a chegar. Então eu acho que ele quer o crédito de vir primeiro. Ele afirma que é da família,

correto?

ASSISTENTE: Correto.

MÉDIUM: Isso eu não entendo. Se sim, diga que sim, você entende, mas não explique. Ele fala sobre seu pai, isso faz sentido?

ASSISTENTE: Sim.

MÉDIUM: Ainda não sei porque. Não sei se ele está tentando me dizer que o pai está lá ou se está ligando para o pai. Então não diga nada, eu quero que eles digam. Além disso, outra presença masculina se aproxima de você e diz: “Papai está aqui.” Está correto que seu pai faleceu?

ASSISTENTE: Correto.

MEDIUM: Ok, porque ele está lá. Mas esse homem mais jovem, são duas pessoas diferentes, correto?

ASSISTENTE: Correto.

MÉDIUM: Sim, porque eu não, ele já explicou “Não me confunda.” Você sabe, eles se conhecem, mas não se esqueça dele. Sim, então seu pai se apresenta. Agora seu pai, ok, de novo, não explique, apenas diga que você entende. Seu pai fala sobre a perda do filho. Isso faz sentido?

ASSISTENTE: Sim.

MÉDIA: Duas vezes?

MÉDIUM: Porque seu pai diz duas vezes.

ASSISTENTE: Sim.

MÉDIUM: Espere um minuto, agora ele diz três vezes. Ele está dizendo três vezes. Isso faz sentido?

ASSISTENTE: Isso mesmo.

MÉDIUM: Porque seu pai disse: “Uma vez, duas vezes, três vezes.”

ASSISTENTE: Isso mesmo.

MÉDIUM: É.. . fala-se do filho que faleceu. Está correto? *ASSISTENTE: Sim.*

MÉDIUM: Ok, ele está afirmando ser o primeiro homem que entrou na sala. Isso faria sentido?

ASSISTENTE: Sim.

MÉDIA: Ok. Então ele e seu avô estão juntos. Agora o pai do seu filho ainda está na terra, imagino, sim?

ASSISTENTE: Sim.

MEDIUM: Porque ele é. . . é por isso que eu estava ouvindo ele falar sobre papai. Agora é por isso que eu não queria que você explicasse. Deixe-o explicar onde está o pai. Seu pai está na terra. Por favor, diga ao papai que você ouviu falar de mim, quer ele acredite nisso ou não. Quem se importa? É a mensagem que é importante, não o sistema de crenças. E,

como diz seu filho, além disso, um dia ele descobrirá que estou certo como sempre. Espere um minuto agora. Fala-se da perda de outro filho, certo? Espere um minuto agora. Espere um minuto, não responda ainda. Seu pai fala sobre um aborto espontâneo. Está correto, você teve um?

ASSISTENTE: Sim

Numerosos exemplos indicam que não apenas as informações qualitativas eram frequentemente precisas, mas também que as interpretações paranormais, como a telepatia com o assistente, parecem insuficientes para explicar os dados. Esses novos exemplos qualitativos complementam curiosamente os achados quantitativos de ECG de médiuns resumidos no Apêndice A.

Dois exemplos qualitativos do Experimento I são apresentados abaixo para ilustrar seu significado conceitual potencial para interpretar os resultados quantitativos. Incluímos um que é um tanto sutil, mas potencialmente importante teoricamente; o outro é direto e é especialmente significativo.

Exemplo Qualitativo I: Ouvir iniciais e nomes de pessoas e não de animais de estimação. Para o primeiro assistente, todos os cinco médiuns obtiveram informações sobre um filho falecido. Três dos cinco médiuns ouviram a inicial “M” do filho, um disse o nome “Michael”. Nenhum deu uma inicial ou nome falso para o filho. Além disso, nenhum obteve informações sobre uma filha falecida (seu filho morreu; sua filha estava viva).

Surge a pergunta: essa informação altamente precisa foi recuperada telepaticamente da mente do assistente?

Considere as seguintes informações: quatro dos cinco médiuns obtiveram detalhes altamente precisos sobre um cachorro falecido. No entanto, descobriu-se que nenhum dos médiuns ouviu a inicial P de cachorro e nenhum disse “Peewee”, o nome do cachorro. Nenhuma inicial ou nome foi ouvido e relatado para o cachorro. Além disso, nenhum dos médiuns obteve informações sobre um gato falecido (seu cachorro morreu e era muito próximo do filho; o gato estava vivo). É *uma falha* em ouvir a inicial e o nome do cachorro da babá que questiona a plausibilidade da interpretação de ouvir a inicial e o nome do filho telepaticamente da babá.

A discrepância entre os médiuns ouvirem a inicial ou o nome do filho falecido do assistente, e não obterem esse tipo de informação sobre o cão falecido do assistente, é potencialmente significativa porque após a conclusão do experimento (durante as sessões de debriefing e pontuação múltipla), nós observou repetidamente que sempre que a babá falava de seu cachorro falecido, ela se referia a ele pelo nome, assim como fazia com seu filho. Testemunhamos a babá dizer afetuosamente o nome de seu cachorro centenas de vezes (por exemplo, “Peewee era tão esperto”) em uma conversa, assim como ela diria afetuosamente o nome de seu filho em uma conversa (por exemplo, “Michael e Peewee se amavam”).

Surge a pergunta, se os médiuns estavam “lendo a mente do assistente”, por que *não* ouviram o nome “Peewee” ou a inicial “P”? Isso foi simplesmente um descuido aleatório ou seletivo com o cachorro? Ou esta é uma distinção comum na experiência de pessoas falecidas versus animais de estimação falecidos?

O que os médiuns diziam eram coisas como “estou vendo um cachorrinho jogando bola” (segundo a babá, “Peewee adorava jogar bola”) e “O cachorro voltou! O cachorro está de volta!” Os médiuns relataram vivenciar o cachorro como se estivesse vivo e não-verbal.

Discrepâncias sutis como as acima (e existem muitas nos dados qualitativos) levam a

questionar se a telepatia com o assistente é o único mecanismo de comunicação anômala. Esses tipos de “anomalias nas anomalias” merecem análise sistemática em pesquisas futuras.

Exemplo Qualitativo II: Receber informações precisas dias antes das leituras. Um dos médiuns supostamente recebeu comunicação da falecida mãe de um dos assistentes alguns dias antes de viajar para Tucson. A mãe supostamente transmitiu ao médium uma oração favorita que ela recitava regularmente para a filha quando criança. Além disso, de acordo com a falecida mãe, a filha continuava secretamente a fazer esta oração por ela. Um assistente do médium foi instruído a localizar a oração, plastificá-la e embrulhá-la para presente.

Quando a leitura estava prestes a começar com a assistente, a médium inesperadamente relatou aos experimentadores que havia se esquecido de trazer para o laboratório um presente que trouxera de sua falecida mãe para essa pessoa. Surpresos com a alegação de tal presente, instruímos o médium que ele poderia pedir a seu assistente que o trouxesse após o término oficial da leitura e os dados formais coletados.

O presente era levado ao laboratório no final da sessão e passado pela tela para o assistente. Ao abrir o presente, a babá, em prantos, confirmou que aquela era uma oração especial que sua mãe lhe ensinara quando criança. Além disso, ela compartilhou que silenciosamente continuou a fazer essa oração por sua falecida mãe.

Uma vez que o médium supostamente não sabia quem eram os assistentes antes do tempo, e também não sabia quem estava atrás da tela, a observação do médium recebendo comunicação anômala três dias antes do experimento e dando a este assistente em particular este presente específico levanta questões desafiadoras. . O exame cuidadoso de tais exemplos qualitativos imprevisíveis fornece pistas importantes que podem ser potencialmente replicadas e estendidas em pesquisas futuras especificamente projetadas para documentar sua frequência e veracidade.

As presentes descobertas sugerem que pesquisas sistemáticas sobre mediunidade, documentando a recuperação de informações anômalas e examinando seu(s) mecanismo(s), podem ser conduzidas em laboratório. A colaboração de meios orientados para a pesquisa comprometidos com a integridade da ciência e dos dados é fundamental. Os médiuns que colaboram conosco passaram a perceber que nosso objetivo é explorar os fenômenos, sejam eles quais forem, em um ambiente de respeito e responsabilidade. Levamos a sério suas experiências, hipóteses e sentimentos, e tentamos promover um ambiente de laboratório que possa permitir que os supostos fenômenos sejam descobertos. O clima emocional do laboratório e o conforto de todos os envolvidos - médiuns, assistentes e cientistas - podem ser a chave para permitir que as presentes observações sejam reveladas.

É possível realizar pesquisas de longa distância por telefone. Ao colocar o telefone do médium no mudo durante os períodos de coleta silenciosa de dados (para que os assistentes não possam ouvir as informações on-line), é possível manter os assistentes “cegos” às informações. Este procedimento de coleta de dados possibilita a realização de pontuação cega pós-sessão das transcrições, onde cada assistente pontua não apenas suas próprias transcrições, mas também as transcrições de outros assistentes, sem ter conhecimento prévio de qual transcrição é sua transcrição.

Os médiuns sabem que o lema do nosso laboratório é “deixar os dados falarem”, sejam eles quais forem – positivos ou negativos, esclarecedores ou confusos. É mutuamente entendido que, se “os médiuns estão dispostos a se levantar e serem contados, os cientistas devem estar dispostos a se levantar e contá-los”. Os médiuns também sabem que nosso laboratório é projetado para atingir o seguinte: “Se for real, será revelado; se for falso, vamos pegar o erro.”

O desafio para o futuro é possibilitar a realização de pesquisas sistemáticas, incluindo ensaios multicêntricos, adotando a filosofia da ciência em evolução “medicina baseada em evidências”, a prática da mediunidade pode se tornar “mediunidade baseada em evidências”. Pesquisas futuras também podem abordar os mecanismos da recuperação anômala de informações, incluindo telepatia com os vivos (assistente), várias interpretações superpsi e telepatia com os que partiram (Braude, 1992; Cook, Greyson e Stevenson, 1998; Schwartz, Russek, e outros, 1999).

Agradecimentos

Agradecemos a Robert Morris e Monty Keen por seus comentários sobre uma versão preliminar do manuscrito, Zofia Weaver e dois revisores anônimos do manuscrito por seus importantes esclarecimentos, à equipe de assistentes de pesquisa que ajudaram nos experimentos e aos médiuns, assistentes e familiares hipotéticos pela sua colaboração ativa e responsável.

Referências

Braude, SE (1992). Sobrevivência ou super-psi? *Jornal da exploração científica*. 6,2: 127-144.

Cook, EW, Greyson, B. e Stevenson, I. (1998). Alguma experiência de quase morte fornece evidência para a sobrevivência da personalidade humana após a morte? Características relevantes e relatos de casos ilustrativos. *Jornal da exploração científica*. 12,3: 373-406.

Russek, LG e Schwartz, GE (1994). Registro interpessoal do coração e do cérebro e a percepção do amor dos pais: um acompanhamento de 42 anos do Harvard Mastery of Stress Study. *Energias Sutis*. 5,3:195-208.

Schwartz, GER, e Russek, LGS (1999). *O universo da energia viva: uma descoberta fundamental que transforma a ciência e a medicina*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing.

Schwartz, GER, Russek, LGS, et al. (1999). Meio potencial para partir para meio de comunicação de informações pictóricas: Evidência exploratória consistente com psi e sobrevivência da consciência. *The Noetics Journal*, no prelo.

Song, LZYX., Schwartz, GER e Russek LGR (1998). Atenção focada no coração e sincronização coração-cérebro: Mecanismos energéticos e fisiológicos. *Terapias Alternativas em Saúde e Medicina*. 4,5:44-63.

Apêndice A: Os achados de ECG/EEG

As Figuras 8a, 8b e 8c exibem os ECGs médios (-20 a +20 amostras em torno do pico do pico R nos ECGs) durante a linha de base de repouso de olhos fechados (painéis esquerdos) e os primeiros seis minutos das leituras (painéis direitos) para o primeiro assistente.

Seis minutos foram selecionados porque representavam o maior tamanho de arquivos de sinal armazenados no computador (o programa de média funciona apenas em arquivos individuais). 8a reflete o sinal médio de ECG do médium disparado pelo pico R do ECG do médium (média intrapessoal). 8c reflete o sinal médio de ECG do acompanhante disparado pelo pico R do ECG do acompanhante (também média intrapessoal). No entanto, 8b reflete o sinal médio de ECG do médium disparado pelo pico R do ECG do assistente (média interpessoal).

Uma vez que os painéis esquerdos refletem a linha de base dos olhos fechados em

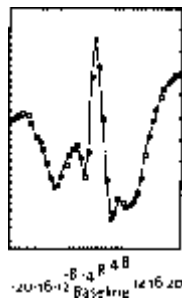
repouso, não é surpreendente que o ECG intrapessoal médio do médium (8a à esquerda) seja semelhante em forma ao ECG intrapessoal médio do assistente (8c à esquerda). Quando o médium começa a falar durante o período de leitura, o ECG intrapessoal médio do médium (8a à direita) mudou claramente em comparação com o ECG intrapessoal médio do assistente (8c à direita), que também mudou um pouco. Análises de variação com condição (base versus leitura) e tempo (+ o pico R) revelam interações altamente significativas para as mudanças intrapessoais do médium ($p < 0,00001$) e intrapessoais do assistente ($p < 0,00001$), bem como entre si ($p < 0,0001$).

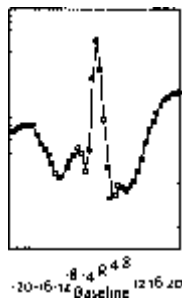
No entanto, o que é teoricamente importante é a comparação do padrão dos achados do ECG interpessoal - quando a evidência da presença do ECG do assistente no ECG do médium é examinada. Durante a linha de base em repouso com os olhos fechados (8b à esquerda), a tendência era que um pico no ECG do médium estivesse presente quando o pico R do assistente ocorreu. A questão era: essa “sincronia” seria alterada durante as leituras? Um pico sincronizado mais forte implicaria maior conexão interpessoal; um pico mais fraco (ou perda do pico sincronizado) implicaria em diminuição da conexão interpessoal.

O padrão em 8b à direita indica que o pico do ECG do médium praticamente desapareceu na época do pico do ECG R do assistente e se moveu para a direita e para a esquerda do pico do ECG R do assistente. Em outras palavras, o tempo do pico do ECG R do médium mudou de forma que o coração do médium começou a bater antes ou depois do batimento cardíaco do assistente. Essa mudança no tempo do coração do médium para longe do coração do assistente foi observada em cada um dos cinco médiuns. As análises de variância revelaram uma

Figuras 8a, 8b, 8c

Média do ECG do Sitter disparado pela condição altamente significativa do ECG do Sitter (base versus leitura) por interação de tempo ($p < 0,0000001$). A evidência sugere que, pelo menos no que diz respeito à sincronia de coração para coração, o coração do médium mostrou diminuição da sincronia (mais precisamente, uma “dessincronia”) com o coração do assistente desde a linha de base até o período de leitura





ECG da babá

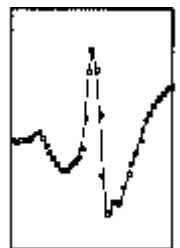
ECG médio médio acionado pelo ECG do acompanhante



-8-4R 48, -8-4R 48
-20-76-U Base||ne 12 16 20 _ 20 · 16 · 12 B 4 e| · não 12 16 20

ECG médio

Média ECG dos Médiuns disparada pelo ECG do Médium



-20 -16 -12 -8 -4 0 4 8 12 16 20
Baseline



ECG médio

Os achados do EEG podem ser resumidos brevemente. Apenas o EEG do médium foi analisado. Três locais (FP1, Figura 9a, C3, Figura 9b e O1, Figura 9c) foram analisados durante as linhas de base (painel esquerdo) e leituras (painel direito). As linhas sólidas representam a média do ECG do médium conforme expresso no EEG do médium (ECG-EEG interpessoal). As linhas tracejadas apresentam a média do ECG do assistente conforme expresso no EEG do médium (ECG-EEG interpessoal).

Os padrões intrapessoais de ECG-EEG replicam descobertas anteriores (Russek e Schwartz, 1994; Song, Schwartz e Russek, 1998). Os picos de ECG R sincronizados observados no EEG são maiores em O1 (9c) e menores em FP1 (9a) durante as linhas de base de repouso de olho fechado (linhas sólidas, painéis à esquerda). Interpessoalmente, havia pouca evidência para o pico do ECG R do assistente no EEG do médium durante a linha de base (linhas tracejadas, painéis à esquerda). Durante o período de leitura, as curvas sugerem que o pico ECG R do médium aumentou em seu registro em FP1 (9a, painel direito, linha sólida), assim como o pico ECG R do assistente aumentou em seu registro em FP1 (9a, painel direito, tracejado linha). No entanto, a análise de variância revelou que a interação condição (linha de base versus leitura) por tempo não foi significativa ($p > 0,40$).

Em suma, os padrões ECG-ECG do médium assistente indicam que durante as leituras, o ECG do médium mudou significativamente; os batimentos cardíacos do médium diminuíram sua sincronia temporal com os batimentos cardíacos do assistente em comparação com os olhos fechados em repouso. Os padrões de ECG-EEG do médium assistente não revelam nenhuma evidência de que os médiuns estavam registrando o ECG do assistente em seus EEGs, especialmente durante as leituras.

Apêndice B: Informações pré-teste coletadas em todas as seis pessoas falecidas

Informações sobre amigos e parentes falecidos

Observação para classificações de Relacionamento, use o seguinte:

0 = distante e frio

- 1 = moderadamente distante

- 2 = neutro

- 3 = moderadamente próximo
- 4 = muito quente e fechado

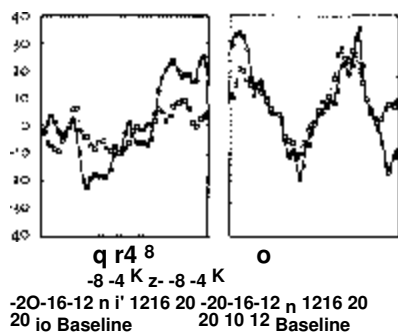
Nota para classificações de Experiência de Perda, use o seguinte:

0 = alívio na perda

- 1 = um pouco difícil
- 2 = moderadamente difícil
- 3 = muito difícil e doloroso
- 4 = extremamente doloroso emocionalmente

Figuras 9a, 9b, 9c

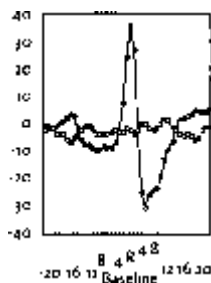
EEG FP1 médio médio acionado por ECG médio e ECG assistente

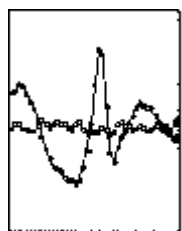


ECG do médium

ECG da babá

EEG O1 médio médio acionado por ECG médio e ECG assistente



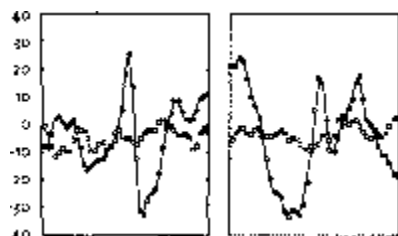


-20 -16 -12 -8 -4 0 4 8 12 16 20

ECG do médium

ECG da babá

Média EEG C3 do Médium disparado pelo ECG do Médium e ECG do Sitter



o R*8

o r48

-8 ~4 z- -8 ~4 K z-
-20-16-12 n i- 1216 20 -20-16-12 n i- 1218 20
20 10 12 Linha de Base 2U 1D 12 Linha de Base

-o- ECG do médium ECG do assistente

Pessoa #1

Nome Sexo Relação

Data do falecimento: Mês Ano Sua idade no momento do falecimento anos.

Causa da morte _____

Avaliação de Relacionamento Avaliação de Experiência de Perda

Altura da pessoa Peso Cor do cabelo

Ocupação_____

Interesses especiais e
passatempos_____

Memórias especiais:

Crença da pessoa na sobrevivência após a morte (circule um): Sim, Talvez, Não, Não sei

Você já experimentou uma comunicação com essa pessoa após a morte? (Marque com um círculo):

Sim, talvez, não, explique

Apêndice C: Classificações durante as sessões experimentais

Instruções para "Assistentes"

Depois de cada “sessão” com cada médium, avalie o médium em quão preciso ele ou ela foi ao receber informações de cada um de seus amigos ou parentes falecidos. Use os seguintes números para classificar sua **impressão geral** por amigo ou parente falecido:

- -1 Identidade equivocada
- 1 Sem menção
- 2 Ligeira semelhança
- 3 Semelhança moderada
- 4 forte semelhança
- 5 Semelhança muito forte
- 6 Comunicação definida

Pessoa falecida

(preencha os nomes) *Médio 1 Médio 2 Médio 3 Médio 4 Médio 5*

TERRA IIIIIII III Colina HIIIIII

Nas páginas seguintes, observe quaisquer sinais especiais, mensagens, memórias, etc., abaixo, para pessoas específicas, quando acontecerem, por médium.

Apêndice D: Questionário do Sujeito de Controle

*Nota: Sessenta e oito indivíduos de controle preencheram o seguinte questionário. A média de acertos para as primeiras 11 questões, para os 68 sujeitos como um todo, foi de **56%**. A chance de perguntas sim/não é de 50%. O desempenho em questões que exigiam respostas específicas, como a questão 12, foi muito inferior a 50% (muitas questões foram inferiores a 5%). Este questionário potencialmente superestima as taxas reais de adivinhação porque sugere áreas onde as informações devem ser solicitadas. Os médiuns não tinham esses ponteiros.*

Nome Sexo Idade

Você consegue adivinhar informações, bem como um meio?

Por favor, ajude-nos a determinar até que ponto as pessoas podem adivinhar informações sobre uma pessoa que está sendo “lida” por um médium. Por favor, responda a cada uma das seguintes perguntas. Quando terminar, pontuaremos suas respostas e determinaremos sua

precisão geral.

A mulher “babá” tem 46 anos; ela experimentou várias mortes de entes queridos durante os últimos dez anos. Ela mora no Arizona.

Marque “vivo” ou “falecido” para cada listagem

vivo falecido

- 1. Marido
- 2. Filha
- 3. Filho
- 4. Mãe
- 5. Pai
- 6. Sogra
- 7. Sogro
- 8. Tia
- 9. Tio
- 10. Gato
- 11. Cachorro

Responda a cada uma das seguintes perguntas:

- 1. Quem chamou a babá de “Patsy”?
- 2. O filho da babá que morreu morreu depois do pai?
- 3. Qual é a inicial do filho da babá?
- 4. Qual é o nome do filho da babá?
- 5. Qual foi a causa da morte do filho da babá?
- 6. O filho da babá estava feliz?
- 7. O filho da babá tinha senso de humor?
- 8. O filho da babá culpou a mãe (a babá) por sua condição?
- 9. O filho da babá culpou o pai por sua condição?
- 10. A mãe da babá morreu há muito tempo?
- 11. O pai dela morreu há muito tempo?
- 12. A mãe dela tinha algum vício? Se sim, o que?
- 13. O pai dela tinha algum vício? Se sim, o que?
- 14. Qual foi a causa da morte de sua mãe?

- 15. Qual foi a causa da morte de seu pai?
- 16. Quem a nomeou (a babá)?
- 17. Ela era próxima do pai?
- 18. Ela era próxima da mãe?
- 19. Alguma coisa foi passada de seu pai? Se sim, o que?
- 20. O pai dela usava gravata?
- 21. O pai dela usava terno?
- 22. O pai dela usava chapéu?
- 23. O pai dela usava botas?
- 24. O pai dela morreu lentamente?
- 25. Quem tinha dentes postiços?
- 26. O que ela fez com os dentes?
- 27. Quem morreu primeiro, mãe ou pai?
- 28. Onde morava o pai dela?
- 29. Quem deu uma aliança de casamento?
- 30. A quem foi dado?
- 31. Onde moravam os pais de sua mãe?
- 32. Quem ajudou a criá-la?
- 33. Quem era muito bom com as mãos?
- 34. Quem era muito bom com as mãos?
- 35. Quem adorava dançar?
- 36. Que tipo de dança ele(a) fazia?
- 37. Quem criou rosas?
- 38. Quem era uma “pistola”?
- 39. Quem recebeu uma honra de família?
- 40. Qual foi a honra?
- 41. Quem não conheceu o marido antes do casamento?
- 42. Quem compareceu ao casamento supostamente do mundo espiritual?
- 43. Quem não poderia andar bem, de um derrame?
- 44. Quem dirigia veículos grandes?
- 45. A mãe dela foi criada na cidade?

- 46. Qual era o nome do pai de seu pai?
- 47. O pai dela usava barba?
- 48. A mãe dela era uma mulher fraca?
- 49. Qual nome masculino foi recebido pela maioria dos médiuns?
- 50. Qual é outro nome masculino recebido pela maioria dos médiuns?
- 51. Qual nome feminino foi recebido pela maioria dos médiuns?
- 52. Qual era o tamanho do cachorro? pequeno médio grande
- 53. Qual era a cor do cachorro? branco com manchas marrom preto e castanho
- 54. Qual era a textura do pelo do cachorro? cabelo curto cabelo áspero cabelo fofo
- 55. Qual era o nome da tia?
- 56. Alguém vestiu um traje militar? Se sim, quem?
- 57. Que coisa estranha aconteceu na casa?
- 58. Quem se acredita ter causado este evento?
- 59. Quem recebeu um memorial?

Quão preciso você acha que foi? % (de 0 a 100%)

Quão precisos você acha que os médiuns eram? % (de 0 a 100%) Qual é a sua crença sobre a sobrevivência da consciência após a morte? Circule um: NÃO Provavelmente NÃO Possivelmente NÃO Talvez Possivelmente SIM Provavelmente SIM SIM

•Apêndice D*

Artigo de jornal sobre precisão e replicabilidade da recuperação anômala de informações

Este artigo sobre o experimento Canyon Ranch foi submetido ao *Journal of the Society for Psychical Research*, março de 2001.

Precisão e replicabilidade da recuperação de informações anômalas: replicação e extensão.

Gary ER Schwartz, Ph.D., Linda GS Russek, Ph.D., e Christopher Barentsen, BA

Abstrato

Um século atrás, William James e seus colegas investigaram uma mulher chamada Sra. Piper, que afirmava ser capaz de receber informações de indivíduos falecidos. James chegou à

conclusão de que Piper era um genuíno “corvo branco” que refutou a lei de que “todos os corvos são pretos”. A pesquisa contemporânea parece ter descoberto mais “corvos brancos” que fornecem evidências de recuperação anômala de informações. O presente estudo investigou a capacidade de três “médiums” de pesquisa (que supostamente recebem as informações) para obter informações sobre os entes queridos falecidos de cinco “assistentes” (sujeitos) de pesquisa. Os médiums foram mantidos cegos para a identidade dos assistentes. Os médiums sentavam-se atrás de uma tela do chão ao teto, de costas para a tela voltada para as câmeras de vídeo. Os médiums não tinham permissão para fazer perguntas e os assistentes nunca falavam. As transcrições foram feitas a partir das gravações. Os assistentes pontuaram todas as iniciais, nomes, fatos históricos, descrições pessoais e descrições de temperamento ($n = 528$ itens para 15 leituras) usando uma escala de classificação de -3 (erro definitivo) a +3 (acerto definitivo). Quando os assistentes avaliaram suas próprias leituras, a porcentagem média de pontuação +3 foi de 40%. Quando os assistentes avaliaram as leituras dos outros assistentes (leituras de controle), o valor foi de 25% ($p < 0,03$). As descobertas replicam e ampliam a hipótese de James de que informação e energia, e potencialmente a própria consciência, podem continuar após a morte física. Quando os assistentes avaliaram suas próprias leituras, a porcentagem média de pontuação +3 foi de 40%. Quando os assistentes avaliaram as leituras dos outros assistentes (leituras de controle), o valor foi de 25% ($p < 0,03$). As descobertas replicam e ampliam a hipótese de James de que informação e energia, e potencialmente a própria consciência, podem continuar após a morte física.

Introdução

Na história da ciência, os fenômenos anômalos às vezes desempenharam um papel importante na revisão e expansão de teorias, métodos e aplicações em áreas tão amplas como física, química, biologia, psicologia, medicina e astrofísica (Cardena, Lynn e Krippner, 2000).

William James tinha um profundo interesse em fenômenos anômalos na psicologia e na ciência em geral. Seu volume *As Variedades da Experiência Religiosa* é um clássico aclamado na psicologia acadêmica. No entanto, a pesquisa empírica de James sobre fenômenos anômalos relacionados à possibilidade da continuação da consciência após a morte física – um dos fenômenos anômalos mais desafiadores e controversos em psicologia, ciência e religião – é frequentemente ignorada.

Em *In Search of White Crows: Spiritualism, Parapsychology and American Culture*, de Moore, a história da pesquisa de James sobre mediunidade é resumidamente revisada:

No outono de 1885, por recomendação de sua sogra, James compareceu a uma sessão espírita conduzida por uma médium de Boston, a Sra. Leonora Piper, que apenas recentemente, durante o curso de uma doença, tomou conhecimento de seus poderes. “Minha impressão depois dessa primeira visita”, escreveu James, “foi que a Sra. P. ou possuía poderes sobrenaturais ou conhecia os membros da família de minha esposa de vista e, por alguma feliz coincidência, conheceu uma multidão de seus familiares. circunstâncias para produzir a impressão surpreendente que ela causou. Meu conhecimento posterior de suas sessões e conhecimento pessoal com ela me levou a rejeitar absolutamente a última explicação e a acreditar que ela tem poderes sobrenaturais.” (itálico adicionado).

Moore continua a escrever:

A Sra. Piper provou ser o corvo branco de muitas outras pessoas além de James. A SPR

[*Society for Psychical Research*] efetivamente a contratou como objeto permanente de pesquisa. . . não havia indício de fraude. . . Hodgson, quando começou a organizar as literalmente milhares de sessões que ela deu sob o patrocínio da SPR, a seguiu por um detetive que relatou que ela certamente não fazia parte de nenhuma rede de espionagem através da qual os médiuns supostamente obtinham informações sobre possíveis assistentes . . . as pessoas que se sentavam com ela frequentemente a procuravam disfarçadas e sempre usavam nomes falsos. Com poucas exceções, eles concordaram com Charles Eliot Norton, que depois de duas sessões com a Sra. Piper em 1894, disse que “não havia dúvida quanto à boa fé da Sra. Piper. ”

Cem anos depois dos estudos abrangentes de Janies e SPR sobre a Sra. Piper, um grupo de novos “corvos brancos” foi investigado em uma série de estudos de laboratório conduzidos na Universidade do Arizona (Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz e Russek, 2001). Dada a natureza controversa do tema da mediunidade e a possibilidade de continuação além da morte física, a maioria dos periódicos convencionais nas ciências biológicas e comportamentais têm sido compreensivelmente reticentes em publicar artigos na área. Por esta razão, periódicos “alternativos” como o *Journal of the Society for Psychical Research* (publicado pela SPR por mais de 100 anos) (por exemplo, Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001) ou o *Journal of Scientific Exploration* (por exemplo, Schwartz e Russek, 2000), têm sido os únicos meios até agora para a publicação de tais dados.

O experimento relatado neste artigo aborda a questão da replicabilidade da recuperação de informações anômalas em médiuns altamente qualificados. Seus métodos e descobertas têm implicações importantes para estudos da consciência, parapsicologia e a possibilidade da continuação da consciência após a morte física.

Métodos

assuntos

Havia três “médiuns” (pessoas que supostamente recebem informações de indivíduos que já morreram; Laurie Campbell, John Edward e Suzane Northrop). Eles haviam colaborado em dois experimentos multimídia anteriores no Laboratório de Sistemas de Energia Humana (Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001). Além disso, Campbell também colaborou em estudos de laboratório de meio único (por exemplo, Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999) e duplo (por exemplo, Schwartz e Russek, 2001).

[Nota: esses indivíduos são médiuns de pesquisa – eles estão dispostos a participar de estudos que requerem um controle experimental substancial. Nenhuma evidência de fraude ou leitura fria foi observada com esses médiuns de pesquisa selecionados.]

Havia cinco “assistentes” (todas mulheres, com idades entre 20 e 50 anos). Todos tinham dois ou mais entes queridos falecidos com fortes laços emocionais. As identidades dos assistentes foram mantidas em segredo dos médiuns (descrito com mais detalhes abaixo). Além disso, os experimentadores foram mantidos cegos para a maioria das informações específicas sobre os entes queridos falecidos dos cinco assistentes da pesquisa até que os dados fossem coletados e a pontuação das transcrições tivesse sido concluída pelos assistentes.

[Nota: esses indivíduos são assistentes de pesquisa que estão dispostos a realizar uma pontuação cuidadosa e demorada das transcrições. Todos possuem graduação. Dois têm mestrado e trabalham como coordenadores de pesquisa na Universidade do Arizona.]

Projeto

O projeto de pesquisa simples-cego consistia em duas partes:

- (1) *Sitter-Silent Condition*: Durante este período de dez minutos, os médiuns foram solicitados a falar em voz alta qualquer informação que recebessem sobre os entes queridos falecidos dos assistentes. Os médiuns não tinham permissão para fazer perguntas aos assistentes. Os médiuns foram testados em salas separadas, de frente para câmeras de vídeo e gravadores de backup. Eles se sentaram de costas para uma tela do chão ao teto que os separava dos assistentes e dos experimentadores. Os médiuns não podiam ver ou ouvir os assistentes. Portanto, os médiuns eram cegos para idade, sexo, aparência, pistas visuais não-verbais e pistas verbais.
- (2) *Condição de Questionamento*: Durante este período de dez minutos, os médiuns foram autorizados a fazer perguntas simples de sim/não aos assistentes. No entanto, os assistentes ainda não tinham permissão para falar. Em vez disso, os assistentes acenaram com a cabeça sim ou não, e os experimentadores falaram sim ou não. Assim, as únicas vozes que os médiuns ouviram durante o experimento foram as vozes dos experimentadores.

Schwartz foi o experimentador com Edward, Russek foi o experimentador com Campbell e Barentsen foi o experimentador com Northrop. Assim, um determinado médium ouviu apenas a voz de um experimentador durante a coleta de dados.

Os assistentes foram isolados em uma sala separada. Eles foram escoltados para uma determinada sala pelo experimentador apropriado. Uma vez que havia cinco assistentes e três médiuns, havia pelo menos dois assistentes esperando na sala o tempo todo.

Controle para Cegueira

A ordem das sessões (cada assistente foi testado com cada médium) foi determinada na manhã do dia em que os dados deveriam ser coletados. Portanto, mesmo que os médiuns tivessem de alguma forma obtido informações prévias sobre a identidade dos assistentes, as informações não teriam sido úteis durante a condição de silêncio dos assistentes, pois os médiuns não saberiam quando aplicar quais informações [Nota: se os médiuns tivessem de alguma forma obtiveram informações detalhadas sobre cada um dos cinco assistentes por escutas telefônicas e detetives com antecedência, e como os médiuns receberam feedback sim/não durante os períodos de questionamento, eles poderiam ter descoberto, ao final da quarta leitura, quem era o última babá seria.]

Os dados mais convincentes de recuperação de informações anômalas vêm do período sitter-silencioso. Estes são os dados relatados aqui.

Pontuação das transcrições

As quinze fitas de áudio (cinco assistentes vezes três médiuns) foram transcritas profissionalmente. O terceiro autor extraiu todas as iniciais, nomes, fatores históricos, descrições pessoais, temperamentos e “outras” declarações (por exemplo, supostas opiniões declaradas por pessoas falecidas aos médiuns) e as colocou em planilhas Excel. Os cinco assistentes foram obrigados a pontuar cada item usando uma escala de -3 a +3, onde -3 era uma falha definitiva, -2 um erro provável, -1 um possível erro, 0 um talvez erro/talvez acerto, +1 um possível acerto, +2 um provável acerto e +3 um acerto definitivo. Os assistentes foram encorajados a dar classificações conservadoras (ou seja, usar números menos positivos, a menos que tivessem certeza de uma determinada classificação). Caso não soubessem se determinado item estava correto ou não, deveriam deixá-lo em branco. Os três experimentadores também marcaram as 15 leituras como se a informação se aplicasse a eles.

Resultados

Total de itens calculados sobre leituras e médias

A Figura 1 mostra o número total de itens gerados pelos três médiuns durante a condição de sitter-silencioso, com a média das cinco leituras. Uma vez que o propósito deste artigo não é focar nas personalidades individuais e performances dos médiuns, os médiuns são simplesmente referidos como 1, 2 e 3.

Pode-se observar que o meio 1 gerou substancialmente mais itens (aproximadamente 60 itens por leitura em média), em comparação com os meios 2 e 3, que tiveram em média cerca de 25 e 20 itens por sessão, respectivamente. O número total de itens gerados durante os períodos de silêncio para os três médiuns nas 15 leituras foi de 528.

A Figura 2 exibe o número de itens ao longo das cinco leituras (da primeira à última do dia), com a média dos três médiuns. Os médiuns previram que se cansariam ao longo das cinco sessões. Os dados são consistentes com sua hipótese.

Precisão de Comparação de Avaliações +3 (Acertos) e -3 (Erros)

Quando o número percentual de acertos (+3) e erros (-3) foi examinado comparando quando os assistentes avaliaram suas próprias três leituras (chamadas de “leituras” nos gráficos)

figura 1

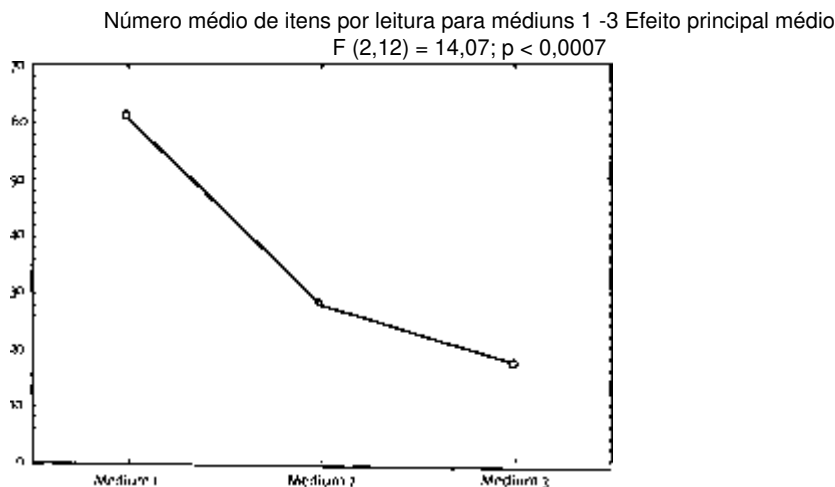
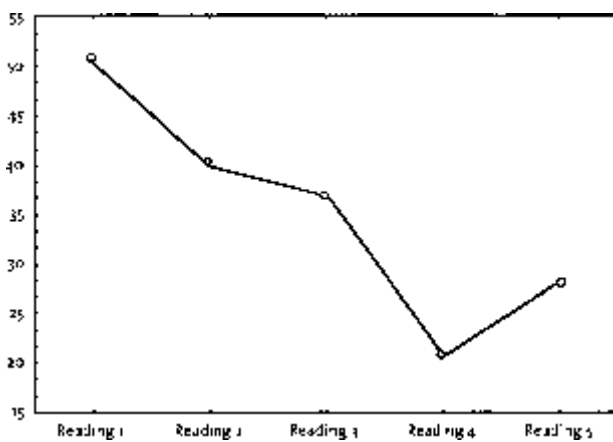


Figura 2

Alteração nas leituras em número de itens com média sobre médias 1-3 leituras Efeito principal
 $F(4,8) = 4,80; p < 0,0286$



versus quando os assistentes classificaram as outras doze leituras (chamadas de “controles” nos gráficos), houve (1) um número maior de acertos para suas próprias leituras em comparação com os controles e (2) um número reduzido de erros para suas próprias leituras em comparação com os controles?

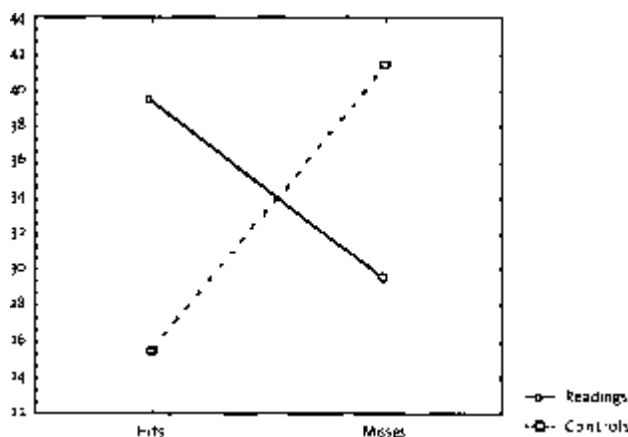
Conforme exibido na Figura 3, pode-se observar que o percentual de acertos (mostrado à esquerda) foi maior para as leituras reais (40%, círculos com linhas sólidas em comparação com 25%, quadrados com linhas tracejadas) do que para as leituras de controle, e esse padrão foi invertido para as faltas (29% versus 42%). A diferença total foi de 28% (aumento de 15% para acertos e queda de 13% para erros).

Em termos de números reais de itens por leitura, o número médio de +3 acertos foi de 12 para as leituras reais versus 6 para os controles. O número médio de 3 erros por leitura foi 7 para leituras reais versus 13 para controles. Curiosamente, o número de espaços em branco (itens sem pontuação percebidos pelos assistentes) foi quase idêntico para leituras e controles (6 em cada caso).

Os experimentadores também marcaram todo o conjunto de 15 leituras. Suas médias acabaram sendo virtualmente idênticas às classificações de controle dos assistentes. Os experimentadores obtiveram uma média de 25% +3 acertos em comparação com 25% +3 acertos para os controles do assistente; os experimentadores obtiveram uma média de 55% -3 erros em comparação com 42% erros para os controles dos assistentes.

Figura 3

Comparação de leituras e controles para porcentagem de acertos e erros interação de 2 vias
 $F(V3) = 534; P < 0,0302$



Em suma, o aumento da precisão foi observado apenas para os itens obtidos pelas próprias leituras dos assistentes. Esse efeito foi observado em vários graus nas categorias de informação.

Os médiuns variaram em sua porcentagem de precisão. O meio 1 teve uma média de 40% de precisão, o meio 2 teve uma média de 28% de precisão e o meio 3 teve uma média de 54% de precisão. Como o meio 1 tinha mais que o dobro de itens que os outros dois meios, e o meio 3 tinha o menor número de itens, parece que a precisão dos médiuns não é uma simples função do número absoluto de itens gerados per se.

No entanto, cada meio mostrou discriminação em termos de avaliações de leitura versus controle. Essas descobertas são exibidas na Figura 4.

Pode-se ver que +3 acertos foram consistentemente maiores para as próprias leituras do assistente em comparação com as classificações de controle (linhas contínuas versus tracejadas, caixa à direita) e -3 erros foram consistentemente menores para as próprias leituras do assistente em comparação com as avaliações de controle (linhas sólidas versus tracejadas, caixa à esquerda).

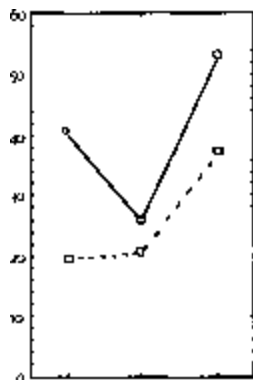
Quando a média dos dados é calculada entre os três médiuns, cada assistente tem pontuações de classificação mais altas para suas próprias avaliações em comparação com os controles.

Seqüências de ocorrências: pacotes de informações

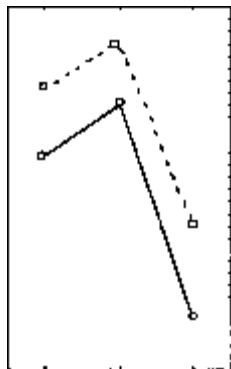
As classificações de itens individuais não abordam a observação de que os médiuns às vezes obtiveram seqüências ou cadeias de acertos que representavam temas e significados.

Figura 4

Comparação de leituras e controles para meios 1 - 3 para porcentagem de acertos e porcentagem de erros



Médio 1 Médio 2 Médio 3 Acertos



Médio 1 Médio 2 Médio 3 Erros

—○— Leituras

—□— Controles

conteúdo interessante. Um novo procedimento de pontuação foi implementado onde assistentes e experimentadores buscavam três ou mais ocorrências consecutivas que refletissem um tema ou grupo de conteúdo significativo.

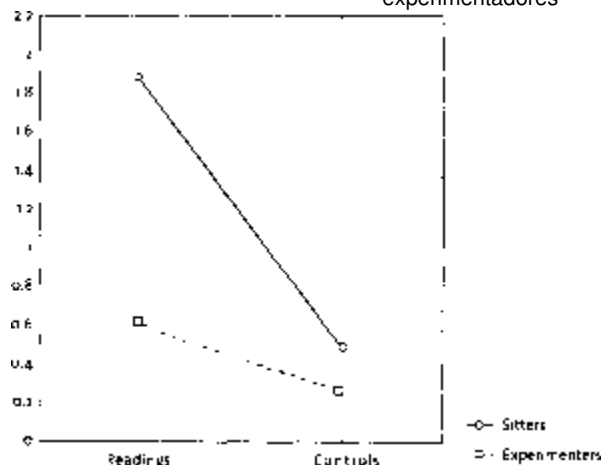
Para os experimentadores, a categoria “leituras” referia-se às cinco leituras para o meio específico a que serviam como experimentador. A categoria “controle” referiu-se às dez leituras dos outros dois médiuns. Isso tornou possível procurar uma expressão *sutil potencial* de informações refletindo os entes queridos falecidos do experimentador entrando nas leituras de seus respectivos médiuns.

Como pode ser visto na Figura 5, o efeito primário apareceu para os próprios assistentes (linhas sólidas). Os assistentes detectaram aproximadamente dois pacotes de informação por leitura em média para suas próprias leituras (círculo esquerdo) em comparação com aproximadamente 0,5 pacotes de informação por leitura em média para as leituras de controle (círculo direito) (interação $p < 0,01$). Para ter certeza de que os assistentes e os experimentadores usaram os mesmos critérios, cada pessoa (cinco assistentes e três experimentadores) teve que (1) apresentar a todo o grupo todos os pacotes de informações possíveis que pontuaram em todas as 15 leituras e (2) justificar a inclusão ou exclusão. O

grupo como um todo pressionou os assistentes a incluir o menor número possível de pacotes de informações (para diminuir suas pontuações), e pressionou os experimentadores a incluir tantos pacotes de informações quanto possível (para aumentar suas pontuações). Apesar desses esforços, a experiência

Figura 5

Número de pacotes de informações em leituras e controles para assistentes e experimentadores



os mentores detectaram claramente um número mínimo de pacotes de informações possíveis (linha tracejada, quadrados à esquerda e à direita), mesmo durante suas “leituras”.

Análises suplementares: paralelos potenciais entre assistentes e

experimentadores Parecia haver uma tendência interessante nos dados dos experimentadores. Dado o pequeno tamanho da amostra (três experimentadores), as análises apresentadas a seguir devem ser vistas como possíveis sugestões para pesquisas futuras.

Os experimentadores marcaram uma média de 0,6 pacotes de informação por leitura (o que acabou sendo mais de um pacote de informação para cada duas leituras) para as leituras que testemunharam com os médiuns que supervisionaram, contra 0,3 pacotes de informação por leitura (o que resultou em menos de um pacote de informação para cada três leituras) para as leituras dos médiuns dos outros experimentadores.

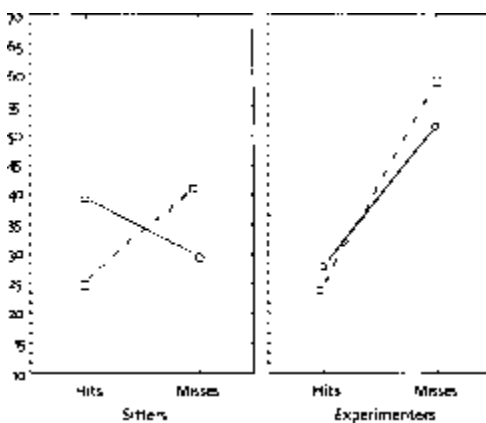
Uma vez que os pacotes de informação eram compostos de itens individuais, uma análise subsequente foi realizada comparando a porcentagem de +3 acertos e -3 erros dos assistentes com a porcentagem de +3 acertos e -3 erros dos experimentadores, separadamente para leituras e leituras e controles.

Na Figura 6, a caixa à esquerda exibe os dados dos assistentes (uma versão menor da Figura 3 anterior); a caixa da direita exibe paralelamente os dados para os experimentadores.

• Figura 6

Comparação de assistentes e experimentadores para leituras e controles para acertos e erros

- o- Leituras
- Controlos



Os experimentadores mostram os acertos gerais baixos (intervalo de 20s) e erros altos (intervalo de 50s) mencionados anteriormente.

No entanto, quando as pontuações percentuais para os controles são subtraídas das pontuações percentuais para as leituras, separadamente para os assistentes (esquerda) e experimentadores (direita), pode-se ver que o padrão de subtrações é semelhante (embora claramente menor) para o experimentadores em comparação com os assistentes.

A Figura 7 indica que a linha sólida, para os acertos, é maior que 0 tanto para assistentes quanto para experimentadores, e a linha tracejada, para erros, é menor que 0 para assistentes e experimentadores.

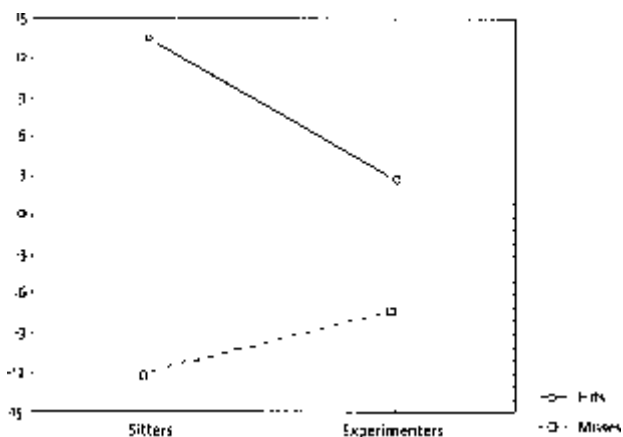
Esse padrão aparentemente replicado tanto para os assistentes quanto para os experimentadores reflete um sutil viés de pontuação? Ou a informação anômala estava “sangrando” das mentes dos assistentes e dos experimentadores (telepatia com os vivos) e/ou do mundo “espírito” (a hipótese da continuidade da consciência) ocorrendo tanto para os assistentes quanto para os experimentadores? Esta é uma questão importante para pesquisas futuras.

Discussão

As presentes descobertas sugerem que, sob condições experimentais controladas, onde os médiuns de pesquisa são (1) cegos para a identidade dos assistentes e (2) eles não são sempre

• Figura 7

Mudança nas respostas percentuais: leituras menos controles para assistentes e experimentadores para acertos e erros



autorizados a fazer perguntas aos assistentes, eles podem obter informações que são consistentemente pontuadas como mais precisas (porcentagens mais altas de +3 acertos, menores percentuais de -3 erros e maior número de pacotes de informações) quando os assistentes marcam suas próprias leituras em comparação com quando eles pontuam as leituras de outros assistentes (isto é, controles).

As pontuações de precisão percentual para as leituras (40% para +3 acertos) são mais altas do que as pontuações de precisão percentual para os controles (25% para +3 acertos). Os 40% para +3 acertos também são maiores que os 29% para -3 erros. No entanto, as médias não expressam a riqueza das transcrições reais e “anomalias dentro das anomalias”. O exemplo a seguir ilustra algumas das novas observações que surgem nessa área de pesquisa.

Exemplo de conteúdo real

Para a terceira babá, a médium 2 relatou ter recebido informações sobre uma avó falecida que era muito amorosa (informações gerais que podem ser aplicadas à maioria das pessoas). No entanto, a médium 2 também relatou (1) que a avó trouxe “margaridas para o casamento da mãe da babá” (um conjunto único de informações específicas que eram verdadeiras), (2) que a avó tinha dois cachorros, um grande poodle preto e um grande poodle branco (informação altamente específica que era verdadeira) e (3) que o “branco rasgou a casa” (informação incomum que era verdadeira). A precisão das informações sobre a avó (a primeira pessoa falecida nesta leitura) foi avaliada pelo assistente acima de 80%.

Mais interessante é a informação obtida durante a leitura do quarto assistente. O meio 2 não recebeu *nada* para este assistente (ou seja, 0%, o que obviamente reduziu a precisão média percentual +3 para todo o experimento, bem como a pontuação geral de precisão do meio 2 de 28%). O Médium 2 relatou que não conseguiu receber nenhuma informação para esta babá. Em vez disso, o Médium 2 relatou que estava recebendo informações contínuas do assistente anterior!

A médium 2 disse que “a avó ainda está aqui”. O médium 2 propôs que o assistente anterior não estava com outro médium naquele momento (ele estava correto), que foi sua explicação para o fato de a avó ainda estar em sua presença. Medium 2 relatou ter ouvido a música “On the Good Ship Lollipop” e “Sabrina, a bruxa adolescente”.

Depois que a quarta (e aparentemente falha) leitura foi concluída, o experimentador (Schwartz) trouxe o assistente de volta à sala onde os assistentes foram isolados. Para sua surpresa, ele descobriu que a babá anterior ainda estava lá.

Quando ele questionou essa babá, ela o informou (com emoção) que (1) ela tinha cabelos castanhos cacheados quando criança e cantava e dançava canções de Shirley Temple

com sua avó, incluindo “On the Good Ship Lollipop”. (2) o nome da babá era Sabrina, e (3) quando ela era adolescente, algumas crianças caçoavam dela por ser “Sabrina, a bruxa adolescente”, e ela procurava consolo na avó.

A previsão e informações específicas do meio 2 foram confirmadas. A única informação previamente conhecida pelo experimentador era que o nome da terceira babá era Sabrina e que ela tinha uma avó falecida. Este é apenas um dos numerosos exemplos notáveis e convincentes de recuperação de informações aparentemente anômalas genuínas no experimento atual.

Pesquisa futura

É possível estender o paradigma sitter-silencioso para criar estudos duplo-cegos e até triplo-cegos. Um estudo multicêntrico, triplo-cego foi aprovado pelo comitê IRB da Universidade, e o estudo piloto está sendo conduzido atualmente. Os assistentes são selecionados por suas respectivas universidades e apenas os investigadores de cada centro conhecem as identidades de seus respectivos assistentes. Os médiuns estão localizados em várias partes do país. Um coordenador de pesquisa trabalha com o investigador para agendar consultas por telefone de longa distância.

Na hora marcada, o coordenador da pesquisa liga para o investigador. O telefone do coordenador da pesquisa é então colocado no mudo, e o acompanhante é solicitado a segurar o telefone silenciado em seu ouvido durante a leitura silenciosa do acompanhante. O médium é então chamado. O médium fala ao telefone por dez a quinze minutos. A informação é gravada em fita. Observe que o médium nunca vê ou ouve o assistente, e o assistente nunca vê ou ouve o médium (eles são cegos um para o outro). Além disso, observe que, embora o coordenador da pesquisa não seja cego para a identidade do médium, ele ou ela é cego para a identidade do assistente (portanto, triplo-cego).

Quando todos os dados são coletados, os assistentes recebem dois conjuntos de transcrições. Um conjunto é das transcrições obtidas de suas leituras pessoais com os vários médiuns; o outro conjunto é o conjunto de leituras de outra pessoa com os vários médiuns. Portanto, os assistentes são cegos para quais leituras são deles. Todos os itens são pontuados. Além disso, os assistentes são solicitados a selecionar quais leituras eles julgam ser suas leituras pessoais.

Se resultados positivos forem obtidos, possíveis explicações convencionais de leitura fria (truques de mágica usados por médiuns falsos), viés do avaliador assistente (embora possível nos estudos anteriores, é altamente improvável - por exemplo, considere a informação da avó relatada acima), viés do experimentador e adivinhação, será descartada nos estudos triplo-cegos. A recuperação de informações anômalas exigirá a consideração de hipóteses alternativas, incluindo (1) telepatia com os vivos fisicamente, (2) as chamadas hipóteses “super-psi”, como precognição (Braude, 1992) e ressonância de memória sistêmica estendida (Schwartz e Russek, 2001), e (3) continuação da consciência após a morte.

Integridade dos meios de pesquisa, passado e presente

Conforme declarado acima, depois de muitas investigações com a Sra. Piper, William James chegou à conclusão de que “eu estaria disposto a apostar tanto dinheiro na honestidade da Sra. Piper quanto na de qualquer pessoa que eu conheça, e estou bastante satisfeito em deixar minha reputação de sabedoria ou loucura, no que diz respeito à natureza humana, para permanecer ou cair por esta declaração.

Como resultado da realização de vários experimentos com Laurie Campbell, John Edward e Suzane Northrop (que colocaram suas carreiras profissionais em risco para serem investigadas em um laboratório universitário) nos últimos três anos, devemos estar dispostos

a seguir James e afirmam que, com relação ao comportamento deles em nosso laboratório, estamos “dispostos agora a apostar tanto dinheiro na honestidade de Campbell, Edward e Northrop quanto na de qualquer pessoa que conheçamos, e estamos bastante satisfeitos em deixar nossa reputação de sabedoria ou loucura, então no que diz respeito à natureza humana, permanecer ou cair por esta declaração”.

O desafio para a psicologia contemporânea, neurociência e estudos da consciência é considerar as implicações de tais descobertas para a compreensão dos mecanismos da consciência e suas implicações para a continuação da hipótese da consciência.

Referências

Braude, SE (1992). Sobrevivência ou super-psi? *Jornal da exploração científica*. 6,2:127-144.

Cardena, E, Lynn, SJ e Krippner, S. (2000). *Variedades de Experiência Anômala: Examinando a Evidência Científica*. Washington, DC: Associação Americana de Psicologia.

Russek, LGS, Schwartz, GER, Russek, E., e Russek, HI (hipótese) (1999). Uma abordagem possível para pesquisar a suposta comunicação espiritual: uma investigação empírica-anedótica. *Avanços na Medicina Mente-Corpo*. 15,4: 295-301.

Schwartz, GER, e Russek, LGS (1999). *O universo da energia viva: uma descoberta fundamental que transforma a ciência e a medicina*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing.

Schwartz, GER, Russek, LGS, et al. (1999). Meio potencial para partir para meio de comunicação de informações pictóricas: Evidência exploratória consistente com psi e sobrevivência da consciência. *O Jornal Noética*. 2,3: 283-294.

Schwartz, GER, e Russek, LGS (2001, no prelo). Evidência de recuperação anômala de informações entre dois meios de pesquisa: telepatia, ressonância de memória de rede e continuidade da consciência. *Journal of the Society for Psychical Research* (reimpresso neste livro como Apêndice E.)

Schwartz, GER, Russek, LGS, Nelson, LA e Barentsen, C. (2001 no prelo). Precisão e replicabilidade da comunicação anômala após a morte em médiuns altamente qualificados. *O jornal da sociedade para a pesquisa psíquica*. 65, 862:1-25. (Reproduzido neste livro como Apêndice C.)

•Appendix E •

Artigo de jornal sobre as leituras do “corvo branco” de Campbell

Este relatório das leituras de Campbell “White Crow” está no prelo para publicação no *Journal of The Society of Psychical Research*, 2001.

Evidência de recuperação anômala de informações entre dois meios de pesquisa: telepatia, ressonância de memória de rede e continuidade da consciência

Gary E. Schwartz, Ph.D., e Linda G. Russek, Ph.D., Laboratório de Sistemas de Energia Humana, Universidade do Arizona.

Os médiuns podem receber informações altamente precisas e específicas sob condições cegas controladas por laboratório: (1) antes do horário programado para a leitura e (2) durante a leitura na ausência de pistas visuais, auditivas ou outras pistas sensoriais potenciais? Uma médium que nos últimos três anos tem participado da pesquisa conduzida no Laboratório de Sistemas de Energia Humana da Universidade do Arizona participou de um novo experimento com um único assistente que ela não conhecia. A médium estava em Tucson, Arizona; a babá (também médium) estava em Los Angeles, Califórnia. O projeto experimental envolveu três fases: Fase 1, um período de contemplação pré-leitura onde o médium tentou receber informações sobre os entes queridos falecidos do assistente antes do início da leitura; Fase 2, um período de silêncio do acompanhante em que o telefone estava mudo para que o acompanhante não pudesse ouvir as informações recebidas pelo médium; e Fase 3, uma leitura telefônica real envolvendo o diálogo entre o médium e o assistente. Informações específicas e precisas sobre nomes e relacionamentos foram obtidas durante as Fases 1 e

2, enquanto as informações obtidas durante a Fase 3 incluíam quatro informações específicas desconhecidas do assistente e posteriormente confirmadas. O número de nomes e outros detalhes impressionantes fornecidos na leitura descartam a possibilidade de que os resultados sejam devidos ao acaso (p menor que 1 em 2,6 trilhões), mesmo na estimativa mais conservadora. Precauções rigorosas foram tomadas para descartar fraude, leitura fria, informações vagas, coincidência estatística, memória seletiva do assistente e viés do avaliador do assistente. Postula-se que três mecanismos anômalos podem estar envolvidos: telepatia com os vivos, ressonância da rede de memória com os vivos (uma hipótese super-psi) e a existência de uma consciência organizadora intencional.

Para refutar a lei de que todos os corvos são pretos, basta encontrar um corvo branco.

William James, MD

Introdução

A pesquisa contemporânea sobre recuperação de informações anômalas avançou por meio da cooperação de médiuns orientados para a pesquisa com talento e integridade excepcionais e cientistas abertos a explorar suas habilidades (Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz, Russek e Barentsen, 2001).

A fim de estabelecer recuperação anômala de informações, é essencial descartar (1) fontes convencionais de informações (por exemplo, visual e auditiva) obtidas intencionalmente (por exemplo, por meio de fraude ou leitura a frio) ou não intencionalmente (por exemplo, por meio de pistas sutis associadas ao respiração dos assistentes); (2) viés ou erro do experimentador; e (3) viés do avaliador por parte *dos* assistentes (por exemplo, efeitos seletivos de memória ou classificações infladas de informações) (revisado em Gauld, 1984).

A pesquisa no Laboratório de Sistemas de Energia Humana (HESL) empregou experimentos simples-cegos onde, na primeira parte da sessão, médiuns de pesquisa (ou seja, médiuns que se envolvem em estudos de pesquisa controlados) são completamente cegos para os assistentes (por exemplo, Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz, Russek e Barentsen, 2001). Os médiuns não veem ou ouvem o assistente. Os médiuns devem relatar as informações em voz alta nos primeiros dez minutos, sem conhecimento da idade, sexo, aparência, tom de voz, história pessoal e crenças dos assistentes. Experimentos duplo-cegos em que os assistentes (1) não ouvem as leituras quando são realizadas e (2) pontuam transcrições cegas posteriores (contendo suas leituras pessoais e leituras de controle de outros assistentes) estão em andamento no HESL.

Em Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen (2001), cinco médiuns foram

investigados. Sugerimos que “os médiuns particulares que participam desta pesquisa podem ser exemplos de cinco ‘corvos brancos’ de recuperação anômala de informações”. Estendendo ainda mais a metáfora de James, sugerimos que o projeto de pesquisa particular e a leitura relatada aqui podem ser um exemplo de uma leitura do “corvo branco” na ciência mediúnica. Também acreditamos que as presentes descobertas são consistentes com a recomendação frequentemente citada de que “reivindicações extraordinárias requerem evidências extraordinárias”.

O paradigma sitter-silêncio cego único (denominado procedimento Russek no HESL) foi estendido por Laurie Campbell (LC), presidente do nosso comitê de pesquisa mediúnica. LC começou a fazer leituras particulares no verão de 2000 e desejava estender o procedimento Russek para seu consultório particular. Ocorreu a LC que, durante suas sessões de contemplação pré-leitura (o termo “contemplação” foi proposto por Stanley Krippner; LC as chama de “meditações”), que ocorrem regularmente aproximadamente meia hora antes de uma leitura programada, ela poderia solicitar informações supostamente dos entes queridos falecidos do assistente *antes do início da leitura*.

LC notou que ela normalmente recebia informações específicas - nomes, relacionamentos, causas de morte, descrição pessoal - que ela podia registrar antes de cada leitura e depois confirmar ou não, item por item, com o assistente na primeira parte da leitura real. No momento em que este relatório foi escrito, LC registrou dados em mais de 100 leituras usando este procedimento de contemplação de pré-leitura (denominado procedimento de Campbell no HESL), com índices de precisão variando de 50% a 95%.

Soubemos de seu procedimento em dezembro de 2000 e decidimos realizar um experimento de laboratório cego controlado para investigar suas alegações. O projeto do experimento é descrito abaixo, seguido pelos dados de uma leitura com um único assistente cuja evidência é tão extraordinária que merece um exame minucioso.

Um relatório completo resumindo as estatísticas do grupo está sendo preparado. Evidência estatisticamente significativa para recuperação de informações anômalas foi encontrada para cada um dos três assistentes investigados no experimento. No entanto, é a singularidade e a natureza extraordinariamente evidencial da leitura particular destacada neste relatório detalhado que justifica o foco nesta leitura de pesquisa do “corvo branco”. Procuramos relatar todas as fontes potenciais de erro e/ou fraude na condução deste experimento, deixando o leitor tirar sua própria conclusão sobre possíveis fontes de contaminação no projeto.

Design experimental

Seleção de assistentes

Os assistentes escolhidos pelos experimentadores (os autores, GERS e LGSR) precisavam atender aos seguintes critérios: (1) experiência de perdas pessoais significativas de indivíduos queridos; (2) interesse sincero na possibilidade de uma realidade espiritual e na hipótese da sobrevivência da consciência; (3) maturidade, integridade e compromisso com os rigores da pesquisa experimental; e (4) vontade de pontuar as informações coletadas nas condições simples-cega e duplo-cega depois que as leituras foram realizadas e as transcrições foram preparadas.

O médium (LC) era cego para a seleção e identidades dos assistentes específicos.

O assistente particular cujos dados são relatados aqui, George Dalzell (GD), é (1) treinado profissionalmente como assistente social psiquiátrico no Condado de Los Angeles, na Califórnia, (2) vem de uma família acadêmica altamente educada, (3) está profundamente interessado em pesquisa e (4) validou dados de quatro indivíduos falecidos (descritos

abaixo). Além disso, ele tem sido secretamente um médium nos últimos anos desde a morte de um querido amigo, Michael (M), que foi uma das quatro pessoas que GD convidou para servir como “co-investigadores hipotéticos falecidos” no presente experimento (Schwartz et al, 1999; Russek et al, 1999).

Este último fato é especialmente importante, porque GD possui dados extensos documentados em um livro a ser publicado (Dalzell, 2001) que fornece suporte evidencial para a existência continuada de M.

No momento do teste, LC e GD nunca haviam se encontrado (pessoalmente ou por telefone, carta ou e-mail). Os médiuns estavam dispostos a ter seus registros telefônicos examinados, embora a possibilidade de terem usado cabines telefônicas ou telefones de amigos não possa ser eliminada.

LC havia sido informada da existência de GD (os autores deste relatório mencionaram a seu interesse de GD na pesquisa do HESL alguns meses antes). No entanto, ela não foi informada de que GD seria um dos assistentes selecionados para participar deste experimento, nem foi informada de que GD seria considerado para servir como assistente em qualquer investigação de laboratório. LC não tinha visto o manuscrito de GD (Dalzell, 2001). O manuscrito foi mantido fora da vista de LC. Vários detalhes obtidos por LC nas leituras não estavam apenas ausentes do livro, mas eram desconhecidos de GD antes das leituras. Portanto, a alegação de que LC de alguma forma leu o manuscrito não pode explicar a evidência.

GD sabia da existência de LC (GD tinha lido relatórios do laboratório descrevendo pesquisas com LC; Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001). GD foi informado de que LC *pode* ser o médium neste experimento (ele sabe que HESL está trabalhando com vários médiuns de pesquisa). Dada a formação acadêmica e posição profissional de GD, bem como seu interesse pessoal nesta área de pesquisa, a oportunidade de participar como assistente de pesquisa neste experimento foi de importância profissional e pessoal para ele. Envolver-se em fraude no laboratório, se detectado, prejudicaria muito sua carreira como assistente social e também como médium. Ele foi informado (como todos os médiuns e assistentes) de que, se a fraude fosse detectada, ela seria exposta.

Projeto

O experimento foi conduzido em Tucson, Arizona. LC veio de Irvine, Califórnia, para participar da pesquisa. Os assistentes estavam localizados no Arizona e na Califórnia. Todas as leituras foram realizadas por telefone. As distâncias entre o médium e os assistentes variavam de aproximadamente dez milhas a mais de mil milhas.

Os assistentes foram telefonados pelo GERS e LGSR e convidados a participar. Os procedimentos foram descritos em detalhes, incluindo os períodos de contemplação pré-leitura e os períodos de sitter-silencioso. Os assistentes foram encorajados a tentar se conectar pessoalmente com seus entes queridos falecidos e convidá-los a se comunicar com LC antes dos horários agendados com LC. Os assistentes foram informados de que, como em nossos experimentos anteriores (Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz, Russek e Barentsen, 2001), LC seria completamente cego para sua identidade.

Os assistentes foram lembrados da necessidade de integridade absoluta e de que seriam solicitados mais tarde a pontuar cuidadosamente as transcrições das leituras. Eles entenderam que algumas das transcrições eles reconheceriam e outras não (Fases 1 e 2 descritas abaixo). Explicamos que eles não seriam informados com antecedência quais das transcrições

cegas eram suas transcrições até que tivessem concluído a pontuação e analisados os dados.

LC ficou na casa de GERS e LGSR durante o fim de semana do experimento. Quando um dos experimentadores estava falando com uma babá em potencial ao telefone em uma determinada sala (para agendar um horário), o outro experimentador estava com LC em outra sala, garantindo assim que LC não estivesse ouvindo a conversa telefônica. Desde o momento em que os assistentes foram selecionados até a conclusão do experimento, LC nunca saiu de casa, exceto quando estava na companhia dos experimentadores.

Uma vez que a natureza excepcional dos dados relatados aqui não foi antecipada, o experimento não incluiu controles adicionais desejáveis, como observadores independentes de todos os procedimentos para estabelecer que os experimentadores não estavam envolvidos em fraude consciente ou inconsciente. No entanto, os experimentadores são excepcionalmente sensíveis à possibilidade de “vazamento” inconsciente, se não concluiu consciente. Foi considerado mais eficaz observar LC para descartar qualquer possibilidade de comunicação do LC com os assistentes - os assistentes foram contatados apenas um dia antes da coleta de dados para participar do experimento - do que ter LC hospedado em um hotel longe do experimentadores.

As leituras foram agendadas para horários específicos (por exemplo, 14h30, 16h30, 18h). O procedimento para cada leitura foi o seguinte:

Fase 1: Procedimento de pré-leitura (Campbell)

Meia hora antes do horário marcado, LC realizava seu período de contemplação, em reclusão e silêncio. Ela anotava as informações que recebia durante o período de pré-leitura. Esta fase elimina todas as possíveis pistas visíveis e auditivas (assim como pistas olfativas) e, portanto, elimina definitivamente as explicações convencionais de leitura a frio, dicas sutis e fraude média, como possíveis explicações dos achados.

Fase 2: Procedimento Sentar-Silencioso (Russek)

Na hora marcada, dependendo do acompanhante específico, o acompanhante telefonou para os experimentadores (GESR atendeu o telefone) ou o experimentador telefonou para o acompanhante. Um gravador de vídeo digital da Sony foi usado para registrar a recepção inicial do assistente e a conduta do Procedimento Russek.

O assistente foi lembrado de que o telefone seria colocado no mudo (portanto, os assistentes não seriam capazes de ouvir LC falando) e que eles deveriam segurar o telefone no ouvido durante o período de dez minutos em silêncio do assistente. Confirmamos empiricamente que o botão mudo funcionou de forma eficaz e que os assistentes não conseguiram detectar as palavras faladas por GERS antes que ele entregasse o telefone mudo a LC. Além disso, LC estava sentado a poucos metros da secretária eletrônica que continha o botão mudo. Ela segurava o telefone com a mão esquerda e fazia anotações com a mão direita. *Não havia possibilidade de ela secretamente tentar manipular o botão mudo.*

Quando o telefone foi colocado no mudo, foi entregue a LC. Como o telefone do assistente não foi colocado no mudo (nem todos os assistentes tinham um botão de mudo, e queríamos que os assistentes concentrassem sua atenção como se o telefone estivesse sendo usado nesta fase da leitura), ruídos esporádicos gerados pelo assistente e seus ou seu ambiente às vezes pode ser ouvido por LC se ela segurava o telefone em uma posição normal de escuta e fala. Os ruídos esporádicos estavam distraindo LC. Assim, LC segurou o telefone com o instrumento afastado do ouvido, minimizando possíveis distrações.

Um revisor sugeriu que LC poderia ter usado dicas como respiração vinda do telefone como feedback para leitura fria. No entanto, uma vez que os assistentes *não podiam* ouvir LC,

o “feedback” teria que ser de assistentes *inconscientemente recebendo informações de LC via telepatia* e, em seguida, comunicando concordância por meio de mudanças sutis na respiração. Esta especulação seria uma nova hipótese do tipo leitura fria super-psi.

A câmera registrou o procedimento de Russek, durante o qual LC compartilhou em voz alta as impressões que estava recebendo. Em nenhum momento os experimentadores se referiram aos assistentes pelo nome, e LC ainda não tinha ouvido a voz do assistente. A Fase 2 durou aproximadamente 15 minutos. A fase silenciosa do acompanhante cego elimina possíveis pistas visíveis e olfativas (e, portanto, leitura fria, dicas sutis e fraude), bem como dicas auditivas úteis, uma vez que o acompanhante não podia ouvir LC, e LC não estava usando dicas auditivas distrativas esporádicas para moldar as respostas dela.

Fase 3: O procedimento de leitura real

Quando o período de silêncio do assistente terminou, o experimentador pegou o telefone de LC, desligou o botão mudo e ligou um gravador de telefone Radio Shack que gravou a voz de LC e a voz do assistente. Com o telefone mudo, a voz de LC não pôde ser gravada no gravador do telefone. No entanto, a voz de LC foi gravada através do canal auditivo do videocassete.

O experimentador explicou ao assistente que ela ou ele agora ouviria a voz de LC, e que LC explicaria como ela conduzia uma leitura normal. LC então se apresentou e explicou como conduzia uma leitura normal de um diálogo de médium. LC então lia, item por item, o conteúdo recebido durante a contemplação da pré-leitura, e pedia ao assistente que confirmasse, questionasse ou negasse a informação. Portanto, o assistente não estava cego para o conteúdo de contemplação pré-leitura (o procedimento de Campbell) neste experimento.

No entanto, solicitamos que LC não lesse o conteúdo do período sítter-silent (o procedimento de Russek) neste experimento. Este material deveria ser guardado para posterior pontuação cega pelos assistentes.

Como será discutido abaixo, o procedimento de pré-leitura (Campbell) também pode ser usado para pontuação cega pelos assistentes. No entanto, este não foi o objetivo do presente experimento. O objetivo era documentar se o procedimento de pré-leitura gerou informações precisas discretas e específicas em condições laboratoriais simples-cegas.

O material obtido durante a Fase 3 (a leitura propriamente dita) é obviamente complicado pelo diálogo estabelecido entre o médium e o assistente. No entanto, como ficará claro, o conteúdo recebido durante a leitura real complementou e ampliou o conteúdo recebido durante as Fases 1 e 2, fornecendo assim evidências de suporte convincentes para a recuperação de informações anômalas por LC.

Resultados para DG

Nomes e relacionamentos para as fases 1 e 2

Os experimentadores sabiam que GD planejava convidar M como co-investigador hipotético falecido. No entanto, os experimentadores eram cegos para os outros indivíduos que GD supostamente convidou para participar da pesquisa.

Posteriormente, de acordo com GD, ele convidou quatro indivíduos específicos: (1) M, (2) uma tia falecida chamada Alice, A, (3) seu pai, Bob, B, e (4) outro amigo próximo, Jerry, J.

Durante as Fases 1 (pré-leitura) e 2 (assistente-silenciosa) combinadas, LC relatou:

- (l) que ela estava sendo informada de que esta leitura era para alguém chamado George (GD),
- (2) que havia um amigo falecido chamado Michael (M),
 - (3) que havia uma pessoa falecida chamada Bob (B) (relação não especificada),
 - (4) que havia um amigo falecido chamado Jerry (J),
 - (5) que havia alguém com um nome estranho que soava como "Talya", "Tiya" e "Tilya" (T) (a grafia fonética de LC do nome que ela ouviu),
 - (6) que havia uma pessoa falecida chamada Alice (A) (relação especificada na Fase 3)
 - (7) que havia um cachorro falecido cujo nome começava com um S.

No entanto, LC encerrou a Fase 2 com uma declaração indicando que a principal pessoa falecida para esta babá em particular era um homem chamado Michael (M). [Na discussão posterior, os nomes serão indicados pelas iniciais.] LC forneceu nomes completos, não iniciais, para esses indivíduos nas Fases 1 e 2.

A Tabela 1 lista todos os nomes e iniciais registrados por escrito por LC durante as Fases 1-3 (exceto os nomes de três cientistas, mencionados para completude na seção Discussão). O assistente usou uma escala de classificação de 0 a 3: (0) desconhecido para o assistente (possivelmente um erro, por exemplo, Joyce), (1) conhecido, mas não próximo - por exemplo, GD conhece um Sherm, mas duvida que Sherm (a ortografia de LC) seja importante para a leitura, (2) conhecido e moderadamente próximo - por exemplo, o assistente conhece um Fred e LC pode estar se referindo a ele e (3) conhecido e próximo (por exemplo, os nomes GD, M, B, A, J, Talya, S e K).

Os nomes das quatro pessoas especificamente convidadas por GD - M, A, B e J - foram recebidos por LC durante as Fases 1 e 2. Além disso, verificou-se que era factualmente correto que GD tinha um amigo com o nome incomum que soava como Talya (T) (GD a chamava de Tallia) e que GD tinha um cachorro amado com um nome S (o palpite de LC sobre o nome real era semelhante em som, mas não precisamente correto).

Tabela 1. Resumo de nomes, relacionamentos e classificações
"Refere-se a pessoas ou animais de estimação de significado especial para GD.

---Significa que nenhuma informação foi fornecida pela LC.

É lamentável que não tenhamos pensado em fazer com que o GD anotasse os nomes das pessoas convidadas 24 horas antes da leitura e autenticasse esse documento. Sugeriu-se que GD pode ter nos enganado e/ou a si mesmo sobre as pessoas que convidou para a leitura para ajudar nas vendas de seu livro quando foi publicado. Essa especulação não tem base em fatos e é totalmente inconsistente com a história profissional e pessoal de GD. Também não poderia explicar outros fatos nos dados, como as quatro informações obtidas por LC, desconhecidas de GD, que ele posteriormente confirmou após as leituras.

LC relatou ter recebido outros nomes; três não foram reconhecidos pelo GD e, portanto, poderiam ser pontuados como erros (listados na Tabela 1 como Joyce, Elaine e Joe/Joseph). No entanto, ambos os experimentadores têm relacionamentos próximos com Joyce, Elaine e Joseph.

Para fins de pontuação nas Fases 1 e 2, limitamos nossa análise aos nomes, relacionamentos e detalhes específicos das quatro pessoas convidadas pelo GD (M, B, J, A)

mais dois outros indivíduos claramente importantes (uma pessoa e um animal de estimação) perto de GD (T,S).

Como ficará claro na leitura real (Fase 3) descrita abaixo, não apenas cada uma das quatro pessoas principais foi descrita com precisão por LC, mas quatro *fatos adicionais não conhecidos por GD e posteriormente confirmados por fontes próximas a GD* indicaram que informações excepcionalmente precisas foi obtido para a família falecida de GD e amigos próximos.

Conteúdo adicional durante as fases 1 (pré-leitura) e 2 (assistente-silencioso)

LC relatou conteúdo significativo durante as Fases 1 e 2 que eram claramente relevantes para GD e seus entes queridos falecidos. Foi sugerido durante o processo de revisão que muitos desses itens eram, por si só, “vagos” e poderiam se aplicar a muitas pessoas. No entanto, o que torna essas informações importantes é a *constelação* de descrições, principalmente quando as informações mais vagas são intercaladas com conteúdos altamente específicos. Só porque um médium relata informações vagas às vezes não implica necessariamente que o mecanismo seja “leitura fria”. A informação, embora geral, ainda pode se aplicar ao indivíduo em questão.

Durante a Fase 1 (pré-leitura), LC escreveu que o assistente (que ainda não havia sido telefonado) estava preocupado com “a verdade que está contida na jornada da alma – jornada do caminho da alma – verdade de alguém com um nome M” e que o assistente estava se preparando para “se levantar e ser contado”. GD se prepara para se levantar e contar com a publicação de seu livro (Dalzell, 2001). Os nomes G, M, B, T e um cachorrinho foram mencionados.

LC viu “velas acesas”. GD nos informou que havia acendido uma vela pouco antes do início do experimento, ato raramente praticado por GD.

Durante a Fase 2 (assistente-silencioso), LC relatou a Costa Leste e a Califórnia (ambos corretos - GD vem da Costa Leste e atualmente mora na Califórnia), vendo ciência e livros associados ao assistente e seu falecido pai (ambos verdadeiros), novas descobertas com rádio e televisão no futuro (tudo verdade), avanço recente com novas direções (verdadeiro), pai falecido (verdadeiro), o nome “Michael” chave para a leitura (verdadeiro) e Jerry.

Outro material recebido por LC era mais geral e poderia se aplicar a muitas pessoas (por exemplo, que a babá era amorosa e atenciosa). Deve-se notar que LC disse que a mãe de GD havia falecido; GD nos informou que isso foi um erro; sua mãe estava viva e com boa saúde na época do experimento.

Como na pesquisa anterior (Schwartz et al, 1999; Schwartz e Russek, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz, Russek e Bar-entsen, 2001), foi durante a leitura propriamente dita (Fase 3), que foram recuperadas as informações mais extensas e detalhadas e que replicaram e ampliaram as informações obtidas durante as Fases 1 e 2.

Fase 3 (Leitura Real) ■

O conteúdo foi descrito à medida que surgiu, incluindo quatro exemplos de informações não conhecidas anteriormente pelo GD. Depois de revisar a Fase 1 com GD, LC começou a leitura focando em M. Ela também mencionou que J havia falecido recentemente (nos últimos 6 meses, o que era verdade) e que A também estava fortemente presente. LC descreveu M como um parceiro (o que era verdade) e que M era a “musa” de GD (uma frase interessante - lembre-se de que LC era cega para a identidade do modelo, embora ela agora soubesse que o modelo era homem e que os nomes que ela haviam recebido anteriormente eram precisos e importantes para o assistente).

Ela descreveu M como vindo o “mundo” através de “muitos vidros”. Ela voltou a esse fato em vários pontos da leitura. LC não conseguia interpretar o que M estava “mostrando” para ela. Descobriu-se que M era comissário internacional e comissário de bordo da Lufthansa Airlines. Ele voou por todo o globo, literalmente vendo o mundo através das janelas de vidro dos aviões.

Ela descreveu a personalidade de M com precisão - não apenas como amorosa e carinhosa, mas obsessivamente organizada e “imaculada” (verdade).

LC então mudou-se para J. Ela o viu como sendo da Costa Leste, área do Brooklyn (verdadeiro), e que ele estava “bebendo e fumando” (verdadeiro).

É importante que GD *não* soubesse na época da leitura que J havia morado no Brooklyn; isso foi confirmado posteriormente por um amigo de J e GD. Ela o via com frequência “embriagado” e sentado em “banquinhos de bar” (ele foi alcoólatra por mais da metade de sua vida). Ela também disse que ele havia “parado” de beber antes de morrer (verdade).

Depois de descrever um “A” chamado masculino (detalhes que eram verdadeiros), ela voltou para M. Ela viu M em uma cozinha branca que era “aconchegante” com “pedra” (verdadeiro).

LC disse que M mostrou a ela onde ele morava: em algum lugar da Europa, e seus pais têm um “sotaque forte” (M era alemão). LC relatou que M estava mostrando a ela uma cidade grande e, em seguida, M estava viajando pelo interior até sua casa. Ao longo da estrada para sua casa, LC viu um rio e “pedras centenárias” (verdadeiro).

LC alegou que M mostrou a ela um antigo “mosteiro” de pedra na beira do rio no caminho para a casa de seus pais. Esta informação *não era* conhecida por GD antes da leitura. Após a leitura, GD telefonou para os pais de M na Alemanha e soube que havia uma velha igreja abacial ao longo da beira do rio no caminho para a casa deles, e que eles haviam realizado um serviço religioso para M neste edifício de pedra semelhante a um mosteiro algumas semanas antes, ao experimento.

LC então descreveu a tia A mais velha, seu grande senso de humor (verdadeiro), mas relatou que A estava sentindo “compaixão e tristeza” por sua neta K (verdadeiro), que estava tendo dificuldades e estava “descontrolada”. LC indicou que K estava atualmente recebendo “cura”. Este detalhe *não era* conhecido por GD antes da leitura. Após a leitura, GD telefonou para a mãe de K, que o informou que K realmente estava com sérias dificuldades e havia procurado aconselhamento psicológico na semana anterior ao experimento porque estava em crise.

Também interessante foi o fato de que GD originalmente pensou que LC havia digitado errado o nome de K. GD soube mais tarde que LC estava correto.

LC descreveu a cabana de A com mais detalhes e depois voltou para o próprio GD. LC disse que ela estava sendo mostrada por M que a vida de GD estava prestes a se tornar “barulhenta” e “virada de cabeça para baixo”. Isto é verdade. Com a publicação do livro de GD, sua vida secreta como médium se tornará um assunto de registro público, e ele pode ter que enfrentar complicações profissionais em seu papel como assistente social psiquiátrico em boa posição no Departamento de Saúde Mental do condado de Los Angeles, bem como seu papel como Coordenador de Admissões Psiquiátricas em um Hospital em Glendale, Califórnia.

Os experimentadores acharam interessante e evidencial que LC relatou M mostrando seu GD e “jaleco branco”/clínicos em um hospital antes da leitura. Descobriu-se que GD realizou

avaliações psicológicas na sala de emergência de um hospital de Los Angeles e esteve lá pouco antes da leitura.

Os experimentadores também acharam interessante e evidente que LC viu o cachorrinho (cores e descrição de personalidade relatadas por GD como precisas) perto de uma árvore e água favoritas. GD mais tarde nos informou que ele e seu cachorro passaram muitas horas em uma árvore especial perto da água, onde seu cachorro falecido foi enterrado depois de viver até os dezoito anos de idade.

A leitura completa durou mais de uma hora, e informações substanciais foram recebidas. O espaço impede relatar a leitura completa. [Nota: a transcrição completa com comentários detalhados do assistente será colocada em um site para futuros estudiosos examinarem.]

Algumas das informações recebidas por LC podem ser rotuladas como gerais e são amplamente aplicáveis (por exemplo, que a tia A era amorosa ou M era compassiva). GD estimou que as informações eram pelo menos 90% precisas. Embora esta informação retratasse com precisão os familiares e amigos falecidos e vivos de GD, dado que este tipo de informação é geral e amplamente aplicável, não é considerada prova no contexto do presente relatório.

No entanto, muitas das informações recebidas por LC eram altamente específicas e claramente organizadas para indivíduos específicos (por exemplo, o padrão de “parceiro”, “M”, “mundo através do vidro”, “pequena casa na Europa”, “velho mosteiro de pedra,” “à beira do rio”, “viveu a vida ao máximo”). GD disse que esse tipo de informação específica também era pelo menos 90% precisa. Como essas informações são altamente específicas e organizadas com precisão, elas são decididamente evidenciais.

Discussão

O design deste experimento é incomum por causa do período de contemplação pré-leitura, o período sítter-silencioso, as qualidades especiais *de* ambos os meios (por exemplo, Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001; Schwartz, Russek e Barentsen, 2001) e o assistente (Dalzell, 2001).

A condição de contemplação da pré-leitura neste experimento é especialmente importante porque apóia a hipótese de LC de que ela é capaz de receber informações *antes* que as leituras realmente comecem. Como seus clientes particulares agendam consultas com meses de antecedência, isso dá alguma plausibilidade à hipótese de LC de que seus hipotéticos entes queridos falecidos estarão esperando o momento agendado em que poderão se comunicar por meio dela com seus entes queridos (hipóteses super-psi são discutidas abaixo).

Experimentos futuros podem ser projetados para investigar explicitamente a “variável de agendamento” e determinar se LC é mais preciso durante os períodos de contemplação de pré-leitura se (1) compromissos forem agendados e (2) assistentes convidarem seus entes queridos falecidos para se comunicarem antes da leitura.

Integridade dos assistentes, procedimentos e experimentadores

Tendo conduzido pesquisas com LC por três anos em condições de laboratório cada vez mais controladas, achamos altamente improvável que LC tenha se envolvido em fraude com seus clientes particulares. A especulação de que LC pode estar usando a Internet ou um investigador para obter informações sobre seus clientes particulares antes das leituras e, em seguida, usar as informações pré-leitura para impressionar seus clientes não tem fundamento em evidências.

Como mencionado anteriormente, foi tomado extremo cuidado para garantir que apenas os experimentadores soubessem da seleção dos três assistentes (seus nomes, sexos, idades e locais). Os assistentes foram selecionados depois que LC chegou a Tucson. Ela ficou na casa dos experimentadores (e, portanto, estava sob escrutínio). LC não tinha celular. Registros telefônicos podem documentar que um breve telefonema foi feito para GD em 16 de dezembro de 2000 (ele não estava em casa na época); uma ligação foi feita por GD naquela noite, retornando a ligação do experimentador para discutir a próxima leitura (ele falou apenas com GERS; LGSR estava com LC em uma sala separada enquanto GERS falava com GD); e uma ligação foi feita pelos experimentadores às 18 horas do dia 17 de dezembro de 2000 para a sessão.

Parafraseando William James e sua opinião sobre a integridade da Sra. Piper, estamos “dispostos agora a apostar tanto dinheiro na honestidade de Laurie Campbell quanto na de qualquer pessoa que conheçamos, e estamos bastante satisfeitos em deixar nossa reputação de sabedoria ou loucura, até agora no que diz respeito à natureza humana, permanecer ou cair por esta declaração”.

GD indicou que estaria disposto a passar por um teste profissional de detecção de mentiras para ajudar a estabelecer sua integridade pessoal. LC e os autores estariam dispostos a fazer o mesmo se isso ajudasse a abordar as preocupações dos críticos *desta* pesquisa.

Mencionamos na seção Projeto Experimental que neste experimento nos propusemos a avaliar o significado do período de contemplação (pré-leitura), e não prevíamos observar uma leitura tão extraordinária. Se tivéssemos feito isso, teríamos incluído procedimentos adicionais para estabelecer a integridade dos procedimentos experimentais (por exemplo, teríamos observadores independentes testemunhando todos os procedimentos).

Em nosso laboratório estamos muito conscientes da importância da integridade na ciência em geral, e na ciência mediúnica em particular. O conceito de integridade, bem como as consequências de ser apanhado em fraude, são totalmente explicados em uma declaração que todos os participantes do nosso trabalho devem assinar. Enfatizamos esse ponto particularmente em vista da natureza inesperada e incomum das descobertas apresentadas neste artigo, embora, é claro, percebamos que assinar um pedaço de papel não impedirá um determinado “fraudador”. No entanto, estamos bem informados sobre o potencial de engano e relataremos evidências disso quando observados em laboratório (Schwartz, Russek e Nelson, 2001).

Possível viés do avaliador

A informação específica recebida durante a condição de contemplação de pré-leitura (Fase 1) e a condição de sitter-silencioso (Fase 2) não pode ser explicada como sendo devida ao viés do avaliador na pontuação da informação do GD. Essas descobertas complementam e ampliam Robertson e Roy (2001).

Detalhes sobre nomes e relacionamentos são discretos e precisos e podem ser verificados independentemente por familiares e amigos vivos. O fato de que GD realizou pesquisas independentes tentando descobrir se a consciência de seu amigo continua (relatado em Dalzell, 2001), e que a família e amigos de GD fornecem confirmação independente dos fatos relatados por LC, serve como validação cruzada essencial das informações recebidas por LC, e parece impedir a telepatia e super-psi em alguns casos (veja abaixo).

Em Schwartz et al (2001), a precisão média das informações pontuadas pelos assistentes das transcrições foi de 83% para as leituras reais e 77% para os períodos de silêncio. Esses estudos foram conduzidos proximalmente (ou seja, localmente) – o médium e o assistente estavam na mesma sala.

No entanto, o presente experimento foi conduzido a “longa distância” (ou seja, não localmente) – de Tucson, Arizona a Los Angeles, Califórnia, uma distância de mais de mil milhas. A precisão das informações específicas obtidas durante a leitura real (Fase 3) foi estimada pelo assistente como superior a 90%. Além disso, a precisão combinada dos nomes e relacionamentos obtidos durante as condições de contemplação pré-leitura (Fase 1) e sitter-silent (Fase 2) também foi estimada em mais de 90%.

Conforme mencionado na seção Resultados, nenhum dos seis nomes principais recebidos por LC durante os períodos de pré-leitura e sitter-silencioso *no contexto de sua relação específica com o sitter* se aplica a qualquer um dos experimentadores. Curiosamente, os três nomes recebidos por LC sem informações de parentesco, que GD classificou como “0” (desconhecido e, portanto, possíveis erros) - Joyce, Elaine e Joseph - eram nomes de pessoas próximas aos experimentadores (e teriam uma pontuação alta se fossem assistentes).

Observe que, em comparação, nenhum dos autores tem (1) uma pessoa falecida B, ou (2) um amigo próximo falecido M, ou (3) um amigo próximo falecido J, ou (4) uma pessoa falecida A, ou (5) qualquer pessoa conhecida chamada Tallia, ou (6) um cachorro falecido S. Claramente, algumas pessoas terão um ou mais desses pares de nome-relação, mas virtualmente ninguém (exceto GD) terá o padrão completo de todas as relações de nome recebidas por LC nas Fases 1 e 2. Esses resultados não podem ser obtidos por acaso. Essa hipótese também foi investigada empiricamente com um grupo de controle e é relatada no Apêndice A. Uma maneira possível de estimar propriedades condicionais de forma conservadora é relatada no Apêndice B (o valor calculado foi p menor que 1 em 2,6 trilhões).

Uma curiosidade é notada por uma questão de integridade e integridade. Na leitura real (Fase 3), LC trouxe à tona os nomes de três conhecidos cientistas falecidos no contexto da DG: Albert Einstein, David Bohm e Carl Jung. Nas anotações de LC feitas durante a leitura real, seus nomes foram mencionados no contexto de palavras como “grupo”, “inspirar”, “exploração científica”, “trabalhar com Einstein” e “acordo”. No processo de leitura de um rascunho deste artigo, GD nos informou que, além dos quatro indivíduos principais, ele também convidou “cientistas espirituais para ajudar a facilitar o experimento”. O fato de LC ter mencionado Einstein, Bohm,

GD reconhece que enquanto a maioria dos dados pode ser prontamente confirmada por fontes independentes (por exemplo, pela família de Michael ou amigos de Jerry), outras informações não podem (por exemplo, que em seu papel como médium, ele convidou “cientistas espirituais para ajudar a facilitar o experimento”).

Uma Abordagem Triúna Integrativa para Recuperação de Informações Anômalas

Uma vez que fraude, memória seletiva por parte do assistente e viés de classificação do assistente foram essencialmente descartados nesta pesquisa, torna-se significativo considerar possíveis hipóteses alternativas/anômalas/paranormais.

Existem três hipóteses alternativas primárias (anômalas/paranormais) que podem explicar os presentes achados (Gauld, 1984; Schwartz et al, 1999; Schwartz, Russek, Nelson e Barentsen, 2001). Sugerimos que todos os três podem estar envolvidos na recuperação de informações anômalas e que compartilham uma dependência comum de relações de ressonância sistêmica de infoenergia (descrito em Schwartz e Russek, 1999). Outras hipóteses também podem ser possíveis, incluindo novas hipóteses que ainda não foram concebidas (uma posição recomendada por Michael Shermer).

A primeira hipótese é a telepatia com os vivos. A premissa é que o médium está lendo a mente consciente do assistente (localmente e/ou não localmente). Dado o nível de consciência e experiência do assistente no presente experimento, a telepatia com o assistente

precisa ser seriamente considerada.

No entanto, a inclusão das Fases 1 e 2 neste experimento, juntamente com a observação de que *quatro informações específicas não eram conhecidas pelo assistente antes da leitura*:

- (1) a igreja de pedra ao longo do rio (para M),
- (2) A crise da neta viva da tia A (K),
- (3) a grafia correta do nome de K (GD pensou que fosse escrito com um C)
e
- (4) J está morando na costa leste do Brooklyn,

tornam a simples hipótese de telepatia insuficiente para explicar todas as informações recuperadas por LC.

A segunda hipótese é muitas vezes denominada “super-psi” (por exemplo, Braude, 1992). Uma versão da hipótese super-psi pode ser pensada como um mecanismo inconsciente estendido de telepatia/ressonância sistêmica com todos os que vivem atualmente (Schwartz e Russek, 1999). Simplificando, (1) LC ressoa com os experimentadores, (2) os experimentadores ressoam com o assistente (por exemplo, o autor sênior falou com GD várias vezes e o encontrou três vezes pessoalmente), (3) o assistente ressoa com seus familiares e amigos vivos (incluindo membros da família e amigos de M, A, B e J) e (4) a informação é recuperada inconscientemente por ressonância da memória sistêmica (Schwartz e Russek, 1999). A rede de relacionamentos dinâmicos de info-energia é acessada inconscientemente por LC.

Dado que a hipótese da telepatia (1) e a hipótese da ressonância da memória de rede (2) (um exemplo de hipótese super-psi, Braude 1992) são ambas plausíveis em princípio, surge a pergunta: as hipóteses 1 e 2 juntas explicam todos os dados nesta leitura de pesquisa? Sugerimos que não.

Um exame minucioso da *linguagem usada por LC* indica que ela não está simplesmente relatando memórias e imagens. LC também está relatando intenções e interpretações que refletem o processamento de informações de “entidades” (palavras dela) ou sistemas de infoenergia que mudam dinamicamente (palavras nossas, Schwartz e Russek, 1999).

Quando LC descreve como M está interpretando mudanças futuras na vida de GD, por exemplo, a linguagem não apenas implica que M está vivo, *mas a maneira precisa como a informação está sendo organizada é reconhecida por GD como refletindo a mente e a personalidade de M*.

Em outras palavras, é a maneira específica *intencional e organizada* pela qual a informação é recebida por LC e relatada a GD que sugere que LC não está simplesmente relatando as memórias conscientes ou inconscientes de GD e sua extensa rede de familiares e amigos. Dadas as condições cegas empregadas nas Fases 1 e 2, também é improvável que LC possa estar interpretando e personificando entidades desencarnadas. Assim, acreditamos que é válido postular a hipótese 3 - a hipótese da consciência (ou alma) organizadora, refletindo o fato de que são os detalhes precisos da natureza organizadora da informação que implica a existência continuada de uma consciência viva e intencional (alma).).

Tendo em vista as décadas de pesquisa experimental substancial e replicada em parapsicologia (por exemplo, meta-análises revisadas em Radin, 1997), é prudente considerar a possibilidade não apenas de que todas as três hipóteses possam ser verdadeiras, mas que as

hipóteses 1 e 2 (telepatia e super-psi) podem ser mecanismos de pré-requisito para o envolvimento de uma consciência organizadora (hipótese 3). As hipóteses 1 e 2 podem, portanto, estar intimamente envolvidas na descoberta de evidências para a formulação da hipótese 3. Em outras palavras, propomos que *as hipóteses 1 e 2 podem fornecer o fundamento mecanicista que permite que a hipótese 3 seja documentada (por exemplo, médiuns afirmam que se envolvem em "telepatia" com o falecido)*. Juntos, eles refletem uma abordagem trina integrativa para a recuperação dinâmica de informações anômalas.

Implicações para pesquisas futuras

Pesquisas futuras podem explorar o poder dos procedimentos de contemplação pré-leitura (Campbell) e sitter-silent (Russek) em experimentos simples-cegos e duplo-cegos. Estimulados pelos presentes achados, estamos atualmente usando o procedimento Campbell (Fase 1), combinado com o procedimento Russek (Fase 2), com assistentes que não recebem uma condição real de diálogo médium-sitter (ou seja, sem Fase 3). Portanto, os médiuns nunca ouvem as vozes dos assistentes e os assistentes nunca ouvem as vozes dos médiuns. As informações obtidas dos procedimentos Campbell e Russek são então enviadas aos assistentes sob condições cegas. As transcrições para o assistente (a transcrição do próprio assistente) e a transcrição de outro assistente (que serve como um controle “placebo”) são pontuadas, item por item.

Em um experimento duplo-cego em andamento, cinco médiuns estão servindo não apenas no papel de médiuns, mas também no papel de assistentes. O duplo-cego dos procedimentos de Campbell e Russek torna possível esse tipo de projeto experimental.

Depois que este relatório foi escrito, GD, no papel de médium, tentou o paradigma de contemplação pré-leitura LC com um assistente. Ele relatou ter recebido informações precisas de nome, causa da morte, idade na morte e descrições pessoais que correspondiam à pessoa principal convidada pelo assistente. A precisão aproximada foi de 85%. GD está atualmente servindo como um dos médiuns e assistentes no experimento duplo-cego acima.

Pesquisas futuras podem determinar se as características do assistente são importantes. Por exemplo, quando médiuns e pessoas espiritualmente abertas servem como assistentes em um experimento duplo-cego, informações mais específicas e detalhadas são recuperadas do que quando descrentes e céticos servem como assistentes?

Publicando Leituras de Pesquisa do Corvo Branco

É provável que as descobertas futuras não sejam substancialmente maiores (em termos de precisão) do que as descobertas atuais. Claramente, experimentos futuros podem replicar as observações básicas relatadas aqui e confirmar que elas podem ser generalizadas para outros médiuns, com outros assistentes.

Espera-se que este artigo, focado nas descobertas de uma leitura de pesquisa do “corvo branco”, encoraje outros investigadores a explorar o potencial desses procedimentos experimentais e replicar as descobertas. Artigos futuros usando esses procedimentos, replicando evidências de tais leituras, podem ajudar a estabelecer firmemente a existência de recuperação anômala de informações e, potencialmente, a continuação da consciência (Schwartz, 2001).

Agradecimentos

Agradecemos a Laurie Campbell, presidente do Comitê de Pesquisa Mediúnica, o Laboratório de Sistemas de Energia Humana, e George E. Dalzell, Assistente Social Psiquiátrico, Departamento de Saúde Mental, Condado de Los Angeles, Califórnia, por sua dedicação à pesquisa sobre a continuidade da consciência. hipótese. As perguntas e críticas

construtivas de Stanley Krippner, Ph.D., Charles Tart, Ph.D., Zofia Weaver, Ph.D., James Randi, Andrew Harter, Michael Shermer, Ph.D., e três revisores anônimos, são reconhecido com gratidão. Deve-se notar que os revisores mais céticos deste manuscrito (JR e MS), apesar dos dados e das salvaguardas, persistiram em sua crença pessoal de que a fraude deve de alguma forma estar envolvida em pesquisas mediúnicas deste tipo.

REFERÊNCIAS

Braude, SE (1992). Sobrevivência ou super-psi? *Jornal da exploração científica*. 6,2: 127-144.

Dalzell, GE (2001, no prelo). *Mensagens: Evidências de Vida Após a Morte*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing.

Gauld, A. (1984). *Mediunidade e Sobrevivência: Um Século de Investigação*. Chicago, IL: Academy Chicago Publishing.

Radin, D. (1997). *O Universo Consciente: A Verdade Científica dos Fenômenos Psíquicos*. São Francisco, CA: HarperCollins.

Robertson, TJ., e Roy, AE (2001). Um estudo preliminar da aceitação por não-receptores das declarações dos médiuns aos receptores. *JSPR*. 65.863: 91-106.

Russek, LGS, Schwartz, GER, Russek, E. e Russek, HI (hip) (1999). Uma abordagem possível para pesquisar a suposta comunicação espiritual: uma investigação empírica-anedótica. *Avanços na Medicina Mente-Corpo*. 15,4: 295-301.

Schwartz, GER, e Russek, LGS (1999). *O universo da energia viva: uma descoberta fundamental que transforma a ciência e a medicina*. Charlottesville, VA: Hampton Roads Publishing.

Schwartz, GER, Russek, LGS, Watson, DE, Campbell, L., Smith, S., Smith, EH (hip)*, James, W. (hyp), Russek, HI (hyp) e Schwartz, H. (hip) (1999). Meio potencial para partir para meio de comunicação de informações pictóricas: Evidência exploratória consistente com psi e sobrevivência da consciência. *O Jornal Noética*. 2,3: 283-294.

Schwartz, GER, Russek, LGS, Nelson, LA e Barentsen, C. (2001). Precisão e replicabilidade da comunicação anômala após a morte em médiuns altamente qualificados. *JSPR*. 65, 862: 1-25.

**[Hipotetizado; uma pessoa falecida que parecia participar do experimento. Ed.]*

Schwartz, GR, Russek, LG e Nelson, LA (2001, submetido para publicação). Suposta percepção anômala em um indivíduo altamente qualificado: observações, interpretações, compaixão.

Schwartz, GE, Russek, LG e Barentsen, C. (2001, no prelo). Precisão e replicabilidade da recuperação de informação anômala: Replicação e extensão. *JSPR*.

Schwartz, GE, com Simon, WL (2001, no prelo). *Os experimentos da vida após a morte: evidências científicas inovadoras para a vida após a morte*. Nova York, NY: Pocket Books.

Apêndice A: Estimativas reais de nomes e dados de parentesco

Para examinar as taxas reais de nomes e probabilidades condicionais, uma amostra de estudantes (n = 88, idade média de 20,6 anos) da Universidade do Arizona respondeu a um conjunto de perguntas sobre nomes próprios de familiares e amigos.

Uma pergunta pedia que listassem o primeiro nome do pai. Entre os 88 nomes fornecidos, havia três Roberts (um Robert, um Bob e um Bobby). Três alunos listaram o nome Michael, um listou o nome Jerry e nenhum listou o nome George.

A Tabela 1 lista as porcentagens para os quatro nomes masculinos obtidas a partir dos dados de classe, bem como porcentagens e classificações baseadas em 3.003.954 sujeitos masculinos do US Census Bureau disponíveis na web para 1990 (a amostra fornecida para esse fim pelo Census Bureau) .

tabela 1

Pode-se ver que os dados de classe ($n = 88$) geralmente replicaram os números do censo de 1990 ($n = 3.003.954$) para a porcentagem de nomes masculinos na população geral. De acordo com os dados reais, a média desses quatro nomes é de aproximadamente 1,8%, ou 1 em 56. O valor mais alto, 3,41%, seria apenas 1 em 29.

Os alunos também foram solicitados a listar o primeiro nome de sua tia favorita. Nenhuma deu o nome de Alice, Katherine ou Talia. No entanto, quando perguntados se conheciam alguém com um nome incomum que soa como T, dois sujeitos afirmaram que conheciam pessoas que soavam como Talia. A Tabela 2 lista as porcentagens de alunos, bem como os dados fornecidos pelo US Census Bureau.

mesa 2

Pode-se ver que os dados de classe ($n = 88$) geralmente replicaram os números do censo de 1990 ($n = 3.184.399$) para a porcentagem de nomes femininos na população geral. De acordo com os dados reais do censo, a média desses dois nomes é de aproximadamente 0,34%, ou 1 em 298 (a média dos dados de classe foi de 0%).

Se os dados fornecidos pela classe sobre o nome Talia fossem usados, a estimativa real seria de 1 em 44. Se os dados do Census Bureau (0,003%) fossem usados, a estimativa real seria reduzida para 1 em 33.333. No geral, usando estimativas reais empregando a média da turma, o valor seria de 1 em 10.000; empregando a média do censo, o valor seria 1 em 454.

Foi possível determinar empiricamente o número de sujeitos que tinham várias combinações de 5 nomes de familiares e amigos. Como a amostra de estudantes universitários incluía mulheres e homens, não incluímos o nome do aluno na análise (o assistente no presente experimento era do sexo masculino).

Os alunos foram solicitados a indicar se tinham (1) uma tia chamada Alice, (2) uma sobrinha ou prima chamada Katherine, (3) um amigo homem chamado Michael, (4) um amigo homem chamado Jerry e/ou (5) uma amiga chamada Talia. Não especificamos vivos ou mortos; isso foi feito para aumentar a possibilidade de encontrar sujeitos (que fossem mais jovens que o assistente) que pudessem corresponder ao assistente em nomes e relacionamentos.

Apenas seis sujeitos de 88 (1,14%) tiveram uma partida. Três sujeitos relataram um pai chamado Robert/Bob, um sujeito relatou um amigo próximo chamado Michael e dois sujeitos afirmaram que conheciam alguém com um nome que soava como Talia. Nenhum sujeito relatou duas correspondências (por exemplo, nenhum sujeito relatou ter um pai chamado Robert e um amigo próximo chamado Michael). Nenhum dos sujeitos teve três, quatro ou cinco partidas.

Apêndice B: Estimativas de probabilidade condicional de nomes e dados de relacionamento

Se estimarmos que existem pelo menos 15 nomes masculinos americanos comuns (por exemplo, nomes comuns de homens bem conhecidos pelos pesquisadores incluem Al, Bill,

Bob, Edward, Gary, George, Harry, Howard, John, Larry, Michael, Mark, Sam, Steve, Tom) e 15 nomes femininos comuns (nomes femininos bem conhecidos pelos pesquisadores incluem Alice, Beverly, Cathy, Jane, Joyce, Joan, Kate, Karen, Linda, Lynn, Mary, Margaret, Martha, Rita, Susan), podemos estimar de forma conservadora que a probabilidade de LC obter um nome específico correto para um determinado sexo é de 1 em 15.

[Nota: o número 15 foi selecionado aqui para ser um número conservador, mas justo.

Obviamente, outros nomes comuns poderiam ser adicionados à lista (por exemplo, nomes comuns adicionais de homens conhecidos pelos pesquisadores incluem Daniel, James, Paul, Ralph, Terry, e nomes comuns adicionais de mulheres conhecidos pelos pesquisadores incluem Ann, Judy, Lisa, Sara, Shirley). Aumentar o número estimado de nomes comuns possíveis apenas tornaria as probabilidades condicionais ainda mais improváveis por acaso. Por exemplo, a estimativa conservadora de 1 em 2,6 trilhões seria multiplicada por pelo menos $5 \times 5 \times 5 \times 5 \times 5$ (um aumento de 15.625 para os seis nomes dados), para menos de 1 em 41.000 trilhões). Os exemplos específicos de nomes masculinos e femininos listados acima foram selecionados após a conclusão do experimento e os experimentadores decidiram tentar calcular probabilidades condicionais para os resultados.

[Nota: Um revisor sugeriu que, uma vez que o assistente acerte um único nome, o valor de p deve ser reduzido de acordo. Por exemplo, 1 em 30 - homem mais mulher - deve ser reduzido para 1 em 29, com cada nome escolhido. No entanto, isso pressupõe que as leituras envolvam nomes únicos. Em um experimento recente, um médium relatou ter ouvido “Michael vezes 2, Michael vezes 2” – sem perceber que o nome do filho que morreu, seguido do nome do pai que morreu, era Michael Júnior e Michael sênior, respectivamente. O médium não apenas indicou que o filho e o pai haviam falecido, e o pai morreu depois do filho, mas também insinuou corretamente que ambos tinham o nome de Michael (Schwartz, Russek e Barentsen, 2001). Dado que 1 em 30 é uma estimativa inicial,

O relacionamento pode ser estimado conservadoramente como 1 em 12 (por exemplo, mãe, pai, filha, filho, avó, avô, tia, tio, esposa, marido, amiga, amigo).

[Nota: idealmente, pode-se desejar dar mais peso a pessoas mais velhas, como avós e pais, e menos peso a amigos e filhos. Para os dados atuais, isso serviria para tornar as probabilidades condicionais ainda mais significativas; adotamos propositalmente um procedimento relativamente conservador para essa leitura.]

As probabilidades condicionais foram calculadas da seguinte forma:

LC disse que esse assistente em particular era do sexo masculino (1 em 2) e seu nome era G (1 em 15). Para essa informação, a probabilidade seria 2×15 ou 1 em 30 ($p < 0,033$). [Nota: quando um nome é selecionado sem uma relação dada, o conjunto de nomes possíveis (masculino e feminino combinados), conforme calculado aqui, seria 2×15 , ou 30 nomes possíveis].

LC disse que a pessoa falecida principal era um amigo do sexo masculino e seu nome era M. Um amigo do sexo masculino (1 em 12) chamado M (1 em 15) seria 12×15 ou 1 em 180 ($p < 0,006$). A probabilidade combinada de G e M, assim identificados, é 30×180 , ou 1 em 5400.

LC disse que havia um amigo falecido chamado J. Amigo chamado J seria 12×15 ou 1 em 180 ($p < 0,006$). A probabilidade combinada de G, M e J, assim identificados, é 30×180 x 180, ou 1 em 972.000.

LC disse que havia uma pessoa falecida chamada B. LC não especificou a relação

precisa. A pessoa chamada B seria simplesmente 2×15 ($p < 0,03$). A probabilidade combinada de G, M, J e B, assim identificados, é $30 \times 180 \times 180 \times 30$, ou 1 em 29.160.000.

LC disse que havia uma pessoa falecida chamada A. LC não especificou a relação precisa. A pessoa chamada A seria simplesmente 2×15 ($p < 0,03$). A probabilidade combinada de G, M, J, B e A, assim identificados, é $30 \times 180 \times 180 \times 30 \times 30$, ou 1 em 874.800.000.

O valor de probabilidade combinada de 1 em 874.800.000 é uma subestimação da probabilidade combinada real.

Por exemplo, considere o que acontece quando adicionamos o nome T altamente incomum, Tallia (LC soletrado Tilya) à probabilidade condicional. LC não comentou qual era a relação. No entanto, surge a pergunta: qual é a probabilidade de adivinhar espontaneamente o nome incomum Tallia/Tilya por acaso? Uma estimativa conservadora é de 1 em 100 ($p < 0,01$). Quando adicionamos T à probabilidade combinada de G, M, J, B e A, isso traz a probabilidade condicional para $30 \times 180 \times 180 \times 30 \times 30 \times 100$, ou 1 em 87.480.000.000.

Também importante é o cachorro com inicial S. LC não forneceu informações sobre o sexo do cachorro, embora mais tarde ela tenha descrito o cachorro com precisão. Se estimarmos que de 26 letras no alfabeto, escolher S por acaso é conservadoramente 1 em 15 (claramente nomes começando com Q's, X's e Z's são altamente improváveis, enquanto nomes como Alice, Bob, Charles, Debbie, Edward, Frank, Gary, Harry, Jerry, Kathy, Larry, Mary, Peter, Susan e Tom e a seleção de cães é talvez 1 em 2 (cães e gatos são os principais animais de estimação que os médiuns parecem mencionar), relatando um cão falecido com um nome S é pelo menos 1 em 30 ($p < 0,03$). Adicionar o cachorro S a G, M, J, B, A e T traz a probabilidade condicional para $30 \times 180 \times 180 \times 30 \times 30 \times 100 \times 30$, ou 1 em 2.624.400.000.000.

Em suma, para esses seis nomes, um inicial e relacionamentos per se, a probabilidade condicional é pelo menos p menor que um em 2,6 trilhões.

•Acknowledgments*

De Gary Schwartz

O amor de aprender governa o mundo.

Lema Phi Kappa Phi, Universidade do Arizona

É mais importante para o ser humano do que ser importante.

Will Rogers

A escrita deste livro foi inspirada por pessoas que se preocupam com o amor e a vida.

Linda Russek e seu falecido pai, Henry I. Russek, MD, são as razões pelas quais esta pesquisa começou. Se os dados relatados neste livro forem verdadeiros, o falecido Dr. Russek tem mais do que apenas um envolvimento histórico com este trabalho - ele também pode estar ativamente envolvido como um "co-investigador hipotético falecido". Espero que este livro honre o Dr. Russek (um homem que nunca conheci) e o presente de sua filha notável em minha vida (por alguns anos como pesquisadora e parceira romântica, e espero que para sempre como amiga).

Gostaríamos de agradecer a Elayne Russek, mãe de Linda, por seu equilíbrio adequado de ceticismo e franqueza carinhosa na busca pela possibilidade da continuação da existência

de seu marido. Elayne não apenas ajudou a nutrir essa pesquisa, como também colaborou conosco - embora com relutância - em um experimento que examina a possível comunicação espiritual de Henry.

Bill Simon é o escritor de um escritor. Um cético de mente aberta, ele concordou (com alguma relutância) em considerar este projeto a pedido de Bill Gladstone, seu agente literário e também meu. A magia de Bill com as palavras, bem como sua experiência em magia e “leitura da mente”, transformaram minhas ideias e experiências em um manuscrito publicável, e serei eternamente grato.

A inspiração para encontrar Bill Simon como parceiro de escrita veio de Tracy Bernstein, da Pocket Books. Tracy entende o poder da palavra escrita e, junto com Bill, esclareceu e animou a história. Tracy é a editora de um editor — ela ajudou a elaborar este livro desde o início.

Christopher Barentsen, ex-aluno da Universidade do Arizona e assistente do experimento Miraval, tem um profundo sentimento tanto pela ciência quanto pela mediunidade e nos ajudou muito na montagem inicial do material para este livro.

Nossa pesquisa sobre mediunidade começou em parte porque Richard Lane, MD, Ph.D. - que completou sua bolsa de pesquisa médica comigo na Universidade de Yale, depois mudou-se para a Universidade do Arizona para ingressar no corpo docente do Departamento de Psiquiatria e, finalmente, completou um Ph.D. comigo no Departamento de Psicologia - aconteceu de ler um artigo sobre Susy Smith no *Arizona Daily Star* em 1995 e sugeriu que desejássemos entrar em contato com ela. O resto, como dizem, é história. Agradecemos a você, Richard, pelo carinho em nos apresentar a Susy.

Esta pesquisa não existiria sem a devoção e os talentos de um “time dos sonhos” de médiuns com idades entre trinta e sessenta anos. A mais velha, a falecida Sra. Susy Smith, foi chamada por Linda de “matriarca da pesquisa de sobrevivência”. Susy dedicou os últimos quarenta e cinco anos de sua vida à parapsicologia e ao tema da sobrevivência. O último de seus trinta livros publicados, *The Afterlife Codes* (Hampton Roads Publishing, 2000), inclui uma recompensa de \$ 10.000 para a pessoa que adivinhar corretamente a frase secreta que ela espera comunicar do “outro lado”. Em 1971, Susy criou a Survival Research Foundation, uma pequena organização sem fins lucrativos, para fomentar a pesquisa nessa área. Susy foi professora, colaboradora e a inspiração para este trabalho. Ela se tornou nossa avó adotiva e considerava Linda e eu seus “netos ilegítimos”. Em 1997, Linda e eu criamos o Projeto Susy Smith no Laboratório de Sistemas de Energia Humana para honrar o sonho de Susy de entender como é possível a comunicação com entes queridos que partiram.

Laurie Campbell, presidente de nosso Comitê de Pesquisa Mediúnica no Laboratório de Sistemas de Energia Humana, repetidamente nos deixou de queixo caído ao longo dos anos. Laurie e Susy nos mostraram que existem médiuns que têm integridade e acreditam na realidade científica da vida após a morte. Conhecemos Laurie através do Dr. Donald Watson, um brilhante psiquiatra que se tornou um querido colega e amigo. Juntamente com Patricia Kubis, a mulher que inicialmente uniu Don e Laurie, eles desempenharam um papel fundamental na evolução deste trabalho.

John Edward e Suzane Northrop são médiuns extraordinários. Sua integridade para este trabalho é igualada apenas por sua paixão pela missão. Como Laurie Campbell, eles têm mentes científicas e apreciam a exigência de validação experimental. Eles não apenas nos encorajaram a realizar pesquisas controladas, mas também nos ajudaram a compartilhar o processo de descoberta neste livro.

Como Suzane Northrop, George Anderson e a Rev. Anne Gehman têm feito

mediunidade profissional por muitas décadas. São pessoas profundamente espirituais que acreditam que seus talentos refletem um dom divino da Fonte. Eles trouxeram um nível único de reverência a este trabalho e ao nosso laboratório. Suas visões e habilidades estão documentadas neste livro; junto com Laurie, John e Suzane, os resultados de suas pesquisas sobre o experimento da HBO foram publicados em uma revista científica e citados na seção de referências.

Muitas pessoas ajudaram a tornar esta pesquisa possível. Lisa Jackson, produtora/diretora do documentário da HBO, *Life Afterlife*, e Linda Ellerbee, chefe da Lucky Duck Productions, que produziu o documentário, sonhavam em fazer um filme sério sobre a vida após a morte. Quando Linda e eu propusemos que a HBO financiasse um experimento para trazer cinco médiuns supostamente excepcionais para Tucson para um primeiro experimento mediúnico de cardiologia energética, Lisa e seus colegas viram o potencial e permitiram que isso acontecesse. Foi um prazer trabalhar com ela e sua equipe de produção. Eles possibilitaram a gravação profissional de vídeos brutos de todo o experimento.

Nossos dois assistentes corajosos no experimento da HBO, Patricia Price e Ronnie Nathanson, foram notáveis para trabalhar e conhecer. Eles se ofereceram muitas horas para pontuar cuidadosamente as transcrições de suas sessões. Alunos e funcionários da Universidade do Arizona que colaboraram ativamente na pesquisa da HBO incluíram Mercy Fernandez, Ph.D., Carolyne Luna e Lonnie Nelson. Os fundos para conduzir a pesquisa no laboratório foram fornecidos em parte pela Family Love and Health Foundation, por uma doação do National Institute of Discovery Science e de nossos fundos pessoais.

O Miraval Experiment foi possível graças ao generoso apoio do Canyon Ranch e do Miraval Resorts em Tucson. Canyon Ranch fornecia hospedagem e alimentação para os médiuns; A Miraval forneceu o espaço para conduzir a pesquisa e o transporte entre Canyon Ranch e Miraval. Agradecemos a Jerry Cohen, Gary Frost, Carrie Thompson, Tony Vuturo e Mel Zuckerman, do Canyon Ranch, e Joseph DeNucci e William O'Donnell, da Miraval, por sua visão e apoio. Nossos dez assistentes eram um grupo notável de pessoas que se preocupam profundamente com a questão da sobrevivência. Suas opiniões variam de seriamente céticas a fortes crentes. Eles são Marie Smith, Heather Rist, David Weinstock, Jim Coan, Christopher Barentsen, Patricia Price, Elayne Russek, James Levin, MD, Diane Goldner e Elizabeth Duffy, MD. Alunos e funcionários que colaboraram ativamente no estudo da HBO incluíram Jim Coan, Patti Harada, Carolyne Luna, David Weinstock e Heather Rist. Financiamento para transporte para Tucson e outras despesas foram fornecidos pela Family Love and Health Foundation (agora Heart Science Foundation), uma doação da Bigelow Foundation e fundos pessoais.

O Canyon Ranch Experiment envolveu a colaboração de cinco assistentes de pesquisa: Lynn Ferro, Terry Raymond, Sabrina Geoffrion, Janna Excel e Juliet Speisman. Os fundos para este experimento foram fornecidos pelo Canyon Ranch, pela Family Love and Health Foundation, por uma doação do National Institute of Discovery Science e por fundos pessoais. O Canyon Ranch também apóia graciosamente um programa de bolsas de pesquisa de pós-graduação em medicina energética no Laboratório de Sistemas de Energia Humana.

Também gostaria de agradecer às muitas organizações que financiaram minha pesquisa básica e clínica em Harvard, Yale e na Universidade do Arizona. Eles incluem os Institutos Nacionais de Saúde, o Instituto Nacional de Saúde Mental, a Fundação Nacional de Ciências, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa e a Administração de Veteranos. Embora nenhuma dessas organizações tenha financiado pesquisas sobre a hipótese da continuação da consciência até o momento, espera-se que, à medida que a pesquisa se torne mais conhecida, essas organizações venham a reconhecer a importância das descobertas para suas respectivas missões.

Muitos cientistas e colegas notáveis dos Estados Unidos e do exterior influenciaram direta ou indiretamente o projeto e a interpretação desta pesquisa. Eles incluem Deepak Chopra (que gentilmente escreveu o Prefácio), Robert Morris, Dean Radin, Rupert Sheldrake, Charles Tart, Stanley Krippner, Suzan Blakemore, Dana Zohar, Robert Kall, Joel Martin, Arthur Berger, Frank Tribbe, Larry Dossey, MD, James Levin, MD, Paul Pearsall, Dennis Stillings, Donald Watson, MD, Donald Morse, Roger Nelson, Brenda Dunn, Robert Jahn, Raymond Moody, MD, Maralyn Schlitz, Melvin Morse, MD, David Charlmers, Bruce Moen, Deborah Delaney, Daryl Bem, Elmer e Alyce Green, Jeanne Achterberg, Frank Lawlis, Suki Miller, Fred Allen Wolfe, Stuart Hameroff, Dick Bierman, David Bressler, Marty Rossman, MD, Ken Wilber, Karl Pribram, MD, David Loye, Thom Hartmann, Erwin Laslow, Lee Lipsenthal, MD, Robert Kall, Monty Keen, Alan Gauld, Marcello Truzzi, Zofia Weaver, Loyd Auerbach, Joie Jones, Beverly Rubik, Alex Imich, Uri Geller, Rustum Roy, William Tiller e John Alexander. Suas ideias e perguntas vivem neste livro. Também gostaríamos de agradecer ao nosso conselheiro mágico psíquico local, Ross Howoritz, por compartilhar os segredos da magia ilusória conosco para que pudéssemos descobrir a verdadeira magia da mediunidade.

É com especial apreço que reconhecemos um grupo *de* colegas e alunos da Universidade do Arizona que continuamente nos encorajam a perseguir o sonho científico de descobrir se a sobrevivência da consciência é real. Jill e Memo Grassman são colegas e parentes, e seus sonhos complementam os nossos. Colegas que serviram no Programa de Medicina Integrativa, incluindo Iris Bell, MD, David Rychener, Tracey Gaudet, MD, John Tarrant, Lynn Ferro, a maioria dos MD Fellows no programa, e Andrew Weil, MD, nos encorajaram ser corajoso e seguir os dados onde quer que eles levem. A chefe do Departamento de Psicologia, Lynn Nadel, e a reitora da Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais, Holly Smith, têm sido firmes em seu apoio à liberdade acadêmica e nos encorajaram a abordar essa questão com responsabilidade científica.

Nosso comitê anônimo de Advogado do Diabo Amigável formado por professores e alunos céticos distintos (o tamanho do comitê variou de cinco a quinze) ajudou ativamente a levantar os tipos de questões que honram a complexidade e o desafio de conduzir esse tipo de pesquisa. Também agradecemos aos críticos mais veementes da hipótese da alma viva, especialmente James “the Amazing” Randi, Andrew Harter, Michael Shermer e “Pierre”, que nunca nos deixaram esquecer suas preocupações.

O maior encorajamento veio das mentes jovens que olham para seu professor como um modelo científico que segue firmemente os dados onde quer que eles o levem. Em particular, Lonnie Nelson, Shauna Shapiro, David Weinstock, Sabrina Geoffrion, Craig Santerre, Patti Harada, Shamini Jain, Daniel Lewis, Sabrina Lewis, Summer Swanick, Michael Kaufman, Mishele Woods e Juliet Speisman - obrigado por seu apoio e orientação. Além disso, um incentivo constante veio de novos médiums orientados para a pesquisa que promoveram o trabalho do laboratório, incluindo Lynn Gardner, Mary Ann Morgan, Allison Klupar, Jo Ann Ruhl, Willow Sibert, George Dalzell e Joel Rothchild, bem como o equipes de pesquisa amorosas focadas em Johrei (Pat Starron, Bob Starron, Carol Martin, Francine Jamison), a cura do toque biomagnético (Paul Bucky, Jennifer Phelps,

Três professores universitários desempenharam um papel fundamental ao me encorajar, quando eu era um jovem estudante, a ser corajoso e de mente aberta na ciência. Harold Johnson, meu orientador de tese de graduação na Cornell University, era amado por seus alunos e os encorajava a perseguir seus sonhos científicos com criatividade e cuidado. David Shapiro e Bernard Tursky, da Universidade de Harvard, meus orientadores de dissertação, foram uma fonte constante de orientação e inspiração ao modelar a filosofia “deixe os dados falarem”. Muitos outros professores, incluindo mais de cinquenta Ph.D. alunos e pós-doutorandos em Harvard, Yale e na Universidade do Arizona, que concluíram dissertações

comigo, também apoiaram essa filosofia. Esses alunos incluem Daniel Goleman, Richard Davidson, Miriam London, Daniel Weinberger, William Polonski, Geoffrey Ahern, e John Klein. O espaço impede listar todos os seus nomes. Você sabe quem você é, e que seus ensinamentos vivem dentro de mim. No entanto, gostaria de homenagear especialmente William Bowen, que faleceu logo após concluir seu doutorado, comigo na Universidade de Yale.

Agradecemos a William Gladstone, nosso editor sênior e agente, por seus esforços para permitir que este trabalho fosse publicado em forma de livro; Anne Hardy e Jon Feldman, nossa equipe de divulgação científica espiritual, por sua convicção de que este trabalho precisa ser conhecido e amplamente discutido; e James Levin, MD, Natalie Cederquist e Peter e Lynn Karlen, por seus esforços nos bastidores para promover esta pesquisa. E um agradecimento especial a Harris Dienstrey, editor de *Advances in Mind-Body Medicine*, por seu interesse de longa data em nossa pesquisa que une medicina mente-corpo, medicina energética e medicina espiritual, e por publicar este trabalho em seu jornal.

Se as conclusões desta pesquisa forem apoiadas por pesquisas futuras, devemos concluir que muitos indivíduos do “outro lado” colaboraram ativamente em nosso programa de pesquisa. Mais explícitos são nossos quatro “co-investigadores hipotéticos falecidos” originais, que são listados como “hyp” (hipótese, significando falecido, mas aparentemente participando dos experimentos), co-autores do artigo científico publicado: Henry Russek, MD, Howard Schwartz, Betty Smith e William James, MD. Embora às vezes balanceemos a cabeça em descrença ao contemplar essa possibilidade, os dados sugerem que nosso balançar de cabeça pode acabar se tornando um aceno, indicando “sim” à colaboração deles. Pesquisas futuras dirão, de uma forma ou de outra.

Se a resposta for sim, então as memórias e personalidades de meus pais falecidos, Howard e Shirley Schwartz, outros membros queridos da família e amigos - incluindo Louis e Dora Levin e Sam - estão vivos e evoluindo também, e eles irão saibam que sempre fazem parte do meu coração.

Além disso, se a resposta for sim, devemos reconhecer calorosamente a participação de muitos entes queridos falecidos de nossos assistentes de pesquisa, cuja existência continuada é fortemente sugerida pela pesquisa.

Finalmente, se a resposta for sim, então é nosso privilégio especial homenagear o falecido Michael Price, Sr., marido de Patricia, que testemunhou o experimento da HBO em carne e osso, depois faleceu e, subsequentemente, parece ter participado de o Experimento Miraval em espírito. É cientificamente possível que a imprevista “validação da validação” de Michael evolua para o tipo de dados que finalmente provam a realidade da sobrevivência.

A verdade é que, se a resposta for sim, eles são os verdadeiros heróis desta obra.

De Bill Simon

Minha esposa, Arynne; nossa filha, Victoria; e nosso filho, Sheldon Bermont, todos concordam que sou descrito com precisão como tendo os dois pés firmemente plantados em *terra firme*. Então eles ficaram surpresos com uma decisão que tomei há algum tempo.

Certa manhã, meu sábio e perspicaz agente Bill Gladstone ligou para dizer que tinha um projeto — algo fora do comum —, mas não tinha certeza se eu estaria interessado. O que ele tinha era um projeto de livro que a maioria dos escritores descartaria imediatamente ou ficaria encantado, na onda de magia e espanto. Ele esperava que minha atitude cética e predileção pela dura verdade pudessem acrescentar uma dimensão sólida necessária. Bill me convenceu de que esse poderia ser um desafio envolvente e tinha certeza de que eu poderia manter minha distância intelectual enquanto escrevia sobre os acontecimentos incríveis que aconteciam em

Então concordei em falar com Gary Schwartz, que me impressionou desde o início, tanto por suas credenciais como cientista quanto por seu entusiasmo transbordante. Ele deixou claro que queria minha determinação feroz para chegar à verdade e precisão. Eu acreditei nele. Minha esposa, Arynne, riu; ela agora está encantada por ter se enganado tanto, pois tive uma experiência maravilhosa trabalhando neste livro. Fui levado a pensar e me preocupar com ideias que no passado rejeitei deliberadamente.

Como sou sortudo por ter conhecido Gary Schwartz e seu trabalho. E esta é uma oportunidade perfeita para agradecer a Bill Gladstone, um agente raro e excepcional. Ele me conhece tão bem agora (ele me representa há dez anos e é o único agente literário que já tive e espero ter). Ele continua me encorajando a aceitar novas oportunidades e entrar pelas portas que ele abre para mim.

Ao lado da minha maravilhosa Arynne, o brilho do sol que me mantém feliz escrevendo é o brilho da minha filha, Victoria; meu filho, Sheldon; seu Merrilee; e meus netos gêmeos, Vincent e Elena. E quero mais uma vez reconhecer os esforços de Josie Rodriguez, nossa governanta há 28 anos, que ajuda a manter a casa em equilíbrio.

Na Pocket Books, a editora que trouxe este projeto para casa e o orientou e encontrou tantas maneiras de melhorá-lo é a firme Tracy Bernstein, a quem devo muito.

Se você ocasionalmente ficou de queixo caído enquanto lia estas páginas, saberei que o trabalho de Gary Schwartz teve seu impacto merecido. E se você encontrou algum prazer, saberei que meu próprio esforço também foi bem-sucedido.

•Leituras Recomendadas*



Os doze livros a seguir fornecem uma introdução útil e agradável à ciência e à arte da mediunidade. Juntos, eles representam uma visão geral atraente para este campo emergente.

Alguns dos meus favoritos não foram incluídos porque infelizmente estavam esgotados. Por exemplo, um excelente livro acadêmico em minha biblioteca pessoal, listado na Amazon.com para pedidos especiais, é o de Arthur S. Berger (1987) *Aristocracy of the Dead: New Findings in Post Mortem Survival* (McFarland, Jefferson, NC). Berger é o presidente da Survival Research Foundation, fundada pela falecida Susy Smith, e está na área há muito tempo.

Para os leitores interessados em ouvir uma fita de áudio sobre a ciência da mediunidade, uma palestra e um diálogo com Deepak Chopra, MD, e comigo (2001) *Science and Soul: The Survival of Consciousness After Death* fornece uma introdução dinâmica à pesquisa contemporânea da vida após a morte (Hay House, Carlsbad, CA, ISBN: 1561708224).

A ciência da mediunidade, comunicações pós-morte e parapsicologia

GAULD, Alan (1984). *Mediunidade e Sobrevivência: Um Século de Investigações* (Academy Chicago; ISBN: 0586084290). Este livro é leitura obrigatória para quem deseja conhecer a história da pesquisa científica sobre mediunidade. A maioria dos críticos da pesquisa sobre a sobrevivência após a morte não teve tempo para ler este livro seminal. Se o fizessem, moderariam suas críticas de acordo.

Radín, Dean (1997). *O Universo Consciente: A Verdade Científica dos Fenômenos Psíquicos* (HarperCollins New York; ISBN: 0062515020). Este livro é uma joia. Escrito para o público em geral, ele analisa a pesquisa sobre parapsicologia em geral e documenta até que

ponto a ciência chegou na revelação de fenômenos psíquicos replicáveis. Radin inclui seções sobre a história e mecanismos de ceticismo tendencioso e preconceito nas comunidades científicas e religiosas.

Schwartz, Gary e Russek, Linda (1999). *The Living Energy Universe: A Fundamental Discovery That Transforms Science and Medicine* (Hampton Roads Charlottesville; ISBN: 1571741704). Este livro, escrito para o público em geral, combina teoria científica, integrando física contemporânea e análise de sistemas, com pesquisa empírica e experiências pessoais que dão vida às informações. Ele oferece raciocínio e dados indicando que tudo no universo, incluindo a luz e a própria energia, é eterno, vivo e em evolução. Ele fornece a base científica para *os experimentos da vida após a morte*.

Morse, Donald (2000). *Procurando pela eternidade: a jornada espiritual de um cientista para superar a ansiedade da morte* (Eagle Wing Books Memphis, TN; ISBN: 0940829274). Morse é uma pessoa única com um DDS, bem como um Ph.D. em psicologia, que atualmente é editor do *Journal of Religious and Psychical Research*. Ele repassa sua jornada pessoal diante do medo da morte e explica como descobriu que a morte não é o fim, mas uma transição para uma realidade maior. Seu livro analisa não apenas a pesquisa, mas também a história da crença na vida após a morte em diversas religiões ao longo da história registrada.

Martin, Joel e Romanowski, Patricia (1998). *Love Beyond Life: The Healing Power of After-Death Communications* (Bantam Books New York; ISBN: 044022649X). Este livro também é uma joia. Escrito para o público em geral, analisa pesquisas e experiências pessoais sobre o papel que as comunicações pós-vida podem desempenhar na cura do luto. O foco dos autores está na motivação duradoura do amor, um tema repetido por todos os médiuns listados abaixo. Eles escreveram vários livros sobre o ilustre médium George Anderson.

Guggenheim, Bill e Guggenheim, Judy (1999). *Hello from Heaven: A New Field of Research* (Bantam Books New York; ISBN: 0553576348). Este livro não é sobre médiuns profissionais, mas sobre pessoas de todas as esferas da vida que receberam comunicações pós-morte de seus entes queridos que partiram. Este estudo científico de milhares de indivíduos é esclarecedor e inspirador. O livro fornece mensagens de esperança aos sobreviventes enlutados e aponta para a realidade científica dessas profundas experiências.

A Arte da Mediunidade: Pessoal e Profissional

Smith, Susy (2001). *Os códigos da vida após a morte: em busca de evidências da sobrevivência da alma*. (Hampton Roads Charlottesville; ISBN: 1571741917). Verdaderamente inspirador, este livro conta a história de vida de Susy Smith, a “matriar da pesquisa de sobrevivência”. Smith mostra como é possível para leigos céticos (ela mesma e outros) desenvolver a capacidade de fazer contato com entes queridos falecidos e testar a autenticidade da comunicação. Seu trigésimo livro, publicado pouco antes de sua morte, inclui uma descrição detalhada de seu notável experimento de códigos de vida após a morte, oferecendo uma reformulação de \$ 10.000 para quem receber corretamente seu código secreto.

Rothchild, Joel (2001). *Signals: An Inspiring Story of Life After Life* (New World Library Novato; ISBN: 1577311795). Rothchild é um milagre médico: a pessoa com AIDS que sobreviveu por mais tempo. Seu livro descreve como depois que seu querido amigo Albert morreu de AIDS, Rothchild recebeu comunicações repetidas e convincentes sobre a vida após a morte que fornecem fortes evidências de vida após a morte. O estilo de escrita complementa lindamente sua história inspiradora sobre a possibilidade de amor e apoio vital do outro lado.

Dalzell, George (2002). *Mensagens: Evidência para a vida após a morte* (Hampton Roads

Charlottesville). Este é o terceiro livro que recomendo que documenta como qualquer pessoa pode potencialmente se tornar um “cientista leigo” e obter fortes evidências de vida após a morte. Dalzell é um assistente social psiquiátrico que, após a morte de seu querido amigo Michael, descobriu que estava recebendo comunicações pós-morte repetidas e convincentes que poderiam ser documentadas definitivamente por meio do contato com médiuns. Dalzell tornou-se um médium de pesquisa que colabora com o Laboratório de Sistemas de Energia Humana da Universidade do Arizona.

Eduardo, John (2000). *Uma última vez: um médium psíquico fala com aqueles que amamos e perdemos*. (Berkley Nova York; ISBN: 0425166929). Edward participou de três experimentos no Laboratório de Sistemas de Energia Humana. Seus profundos talentos são demonstrados semanalmente em sua bem-sucedida série de televisão, *Crossing Over with John Edward*. O livro de Edward é leitura obrigatória para pessoas interessadas na arte da mediunidade e integridade na vida.

Northrop, Susan, com McLoughlin, Kate (1996). *Seance: mensagens de cura do além*. (Dell Books New York; ISBN: 0440221765). Northrop é outro médium notável que participou de três experimentos na Universidade do Arizona. Sua história de vida é poderosa. Ela viveu com escárnio, ridículo e preconceito, mas continua a praticar o que sabe ser verdade por meio de repetidas experiências. Northrop é franco sobre a realidade da mediunidade e seu significado. Seu livro apresenta uma visão impressionante e reconfortante do poder da mente para conectar o visível com o invisível vivo.

Anderson, George e Barone, Andrew (2000). *Lições da Luz: Mensagens Extraordinárias de Conforto e Esperança do Outro Lado* (Berkley New York; ISBN: 0425174166). George Anderson é um dos médiuns mais distintos e bem estudados do mundo. Uma pessoa profundamente espiritual, cujo objetivo principal é transmitir mensagens de amor e perdão, ele também se dedica a obter informações que possam ser validadas empiricamente. Anderson foi um dos membros do “time dos sonhos” no experimento da HBO realizado na Universidade do Arizona. Seu livro é comovente e profundamente significativo.

•OS COLABORADORES

Gary Schwartz pode ser contatado através do site do laboratório Human Energy Systems em www.openmindsciences.com

A Dra. Linda Russek foi cofundadora e codiretora do Human Energy Systems Laboratory (1996-2001). Ela é atualmente presidente e diretora da Heart Science Foundation, que se dedica a fornecer programas educacionais sobre descobertas de ponta em mente-corpo, energia e medicina espiritual projetadas para inspirar e capacitar todas as idades a criar vidas mais alegres, gratificantes e saudáveis. Outros serviços para grupos incluem retiros de rejuvenescimento da alma e conferências anuais. O Dr. Russek declara: “O Centro de Amor e Saúde da Família da Fundação oferece treinamento integral, terapia da alma familiar e tratamentos integrativos de medicina energética.

O Dr. Russek pode ser contatado através do site da Heart Science Foundation em www.heartsciencefoundation.com

•Os Meios de Pesquisa*

A pesquisa descrita nestas páginas não teria sido possível sem a participação dos cinco médiuns que gentilmente cederam seu tempo para participar dos experimentos.

Laurie Campbell—(949) 726 1042; <http://www.lauriecampbell.net/>

John Edward—(631) 547 6043; <http://www.johnedward.net/>

Suzane Northrop—(516) 676 7036; <http://www.theseance.com/>

George Anderson—(516) 285 5713; <http://www.georgeanderson.com/>

Anne Gehman—(703) 354 5767

•Index*

“Probabilidade cabível da comunicação anômala após a morte em médiuns altamente qualificados” (Ritchie, R. e Nelson, B. *Parapsychology*, 49, 11, 2000, 1137-28)
“Precisão e confiabilidade da reprodução de informações” (Schwartz, R. e Baren, B. *Journal of the American Psychological Society*, 7 American Psychosomatic Society, 1996)
Anderson, George:
na experiência de Onda de 76m (AFC), 1051, 241, 292, 29169-70
do conceito de 52m 524574383, 255, 266, 293 anjos, 246
hipótese da alma viva
astrológica, 240
astrofísica, 80-92, 245-284
Bernadina, científica sobre, 9-11
Experiências após a morte:
TeGimbelly Bates, 90-92, 26-36, 334-54
Glennys Rouch, 104-115, 147-173-201, 320-33
Bridgette Research, 157-187, 205-215, 258-66, 234, 267, 347
de HBQ-Duran, 148-151, 242-261, 19 metodologia de, 6, 50-51, 205-25, 258, 262-63
Mente e Si, 166-197, 125-71
veja também eletroencefalogramas
Buda, 251

[illegible]

hipótese da “terra plana”, 12, 267-68

[illegible]

[illegible]

[illegible]

Personal, IDul 11 28-83, 145, 146-47, 152, 159-60, 161, 176-77, 259, 305
Price, Robert (cachorro de Price) 1 86, 310, 1132 tri-hiscrição de 64, 309-39, 160
Penfield, W. Wilder, 216 da questão médica 186, 1160 tratado das 45-46 / não em 812 9230, 75, 1284-25, 1160 de 65, 1160
 de 1228349 Física, 8-9, 11, 21, 245, 272, 275- 76, 284, 286, 287-88
Mperdy, L. Ruymondo 5236, 320, 321-22, 332, 345 .
Neopista placebo, 250
BatWiz 267, 206-7, 210, 211
Aguilão 344h, 27-30
Namstern do Rostress 5 506 e 68c 85 crio, (PESD) 23224
NBS Orville Onchestead 7- trapenhuia (STDPQ) 324 morte, 14
 potencial, pessoal, 239-40 precognição, 14, 163-71
Pretty in Pink, 143-44, 220
 Preço, Mike:
 morte de, 68, 131-32, 155-58, 161-62 crenças espirituais de, 112-13, 117, 170-71
 Price, Patrícia, 58, 112-16, 117
 cão de, 65, 80, 112, 115, 159, 164, 309-10

Preço Bistafina estudo de estresse de Harvard, 16
Rupert intento 1180 no 84r tom. 1, 2, 618, 22, 363367, 4169, 3704, 1740, 221.225.279
 no intuição módi Midway 24933, 155-62, 211-12, 306
 precognição módi 67, 69, 129
Russel ahador, 118-24
 colaboração do 6 autor, 65-67, 70-72, 246, 280, 37, 45-46, 129, 140, 238, 252, 256-57, 270, 271, 280
 prihiêros em bento 64 autor com, 3-5, 18,
 Universidade de Princeton, 14-15
Estudo, de arudi, O 217 e 250 gética de, 21-23 protocolo experimental desenvolvido por, 129-30, 179,
 237, 288; 229, 234, 335-36, 339, 349
 falpor h 66-68, d 7 f 478; D 6 ce 7 m 2 0961 D, 27
Pesquisas investido 21e 3 atress 30e H 4 r 43rd 4e, 16, 19-23
 85 car 67 c i 2 5 f 6 26 4 e 2 93, 302-3, 307, 309, 332, 339, 347^48
 "visalógicação prencipal adord 36 40, 41-42 experimentos simples-cegos para, 43-44
Russel's Shetland de, 222-23
Sociologia da Religião e Espiritualidade, 27
Sigant Colgia x 7i, 9, 13, 215, 223
Striboz 248 Salt Lake, 23
Madachon, Balca 3 somática, 16, 21
Salevontz Gary 47-48
Paráginma 26 mica de, 3, 5, 6-8, 17-19, 27-28, 37, 59, 206-7, 208, 217, 239-40
 fiscom qualida - 272, 275-76, 286
 hipótese, da linha 258 a 265 mulada por, 3-5, 237-39
Raiside Delai, 75 3-5-44, 38, 41, 190-96, 200, 201
Rapuhitaposs 44, 45i, 22, 32, 225 05, 264
Rymoa Chien 69 c 272, 4, 7, 10, 13, 27-28, 123, 171, 194, 207-8, 215, 255, 256-57
Kolywanz, Howard 8 12, 33-34, 38, 196
Schidatz; Shirley, 31-32, 41, 190-96, 200,
 apoições em, 122-23, 214-15
Ojetiva vs. subjetivo, xii, 115-16, 214-15
 bispo omph 247 e 48 a 249 248, 252
 recongnição 219-20, 266-69
 doio monente 3 vida 18 5 86, 108 e 223, 1247, 270, 280
 religião 250 em 1, 9-11, 13, 222-23, 235, 248
 Reno, JB, 14
 Rist, Heather, 141-43
 Rist, Travis, 141-43
 Russel, Elayne, xviii-xxi, 133—41
 Russel, Henrique L.:
 Comunicação de Campbell com, 32-37
 morte de, 35-37

Stratford de pade Exploração E 217 t f 40 a 2171 189270, 277-78

Sordheim, Stephen, 123-24
 Campanha de Respeito à Criança (2002-03)
 Spence, David, 123-24
 Spence, David, 249-250, 270-271
 medicina sistêmica, 249-250
 ficção espontânea, 242-243
 Kuzdas, Charles, 247-248
 estímulo, (North), 247
 O Grande Livro da Vida, 15-16, 19-23,
 Sherrin, Michael, 209-11, 223, 224-25
 Siegfried, 249-250
 Simão, Carlos, 253
 Experimentos Simples, 249-250
 Cópia, 249, 332, 348
 testes dos sistemas, 271
 Taylor, James, 249-250
 telepatia, 249-250
 na hipnose, 249-250, 302-3, 307-308, 332-13, 43-44, 59, 112-13, 127, 216-25, 252-66
 moção, 249-250, 258, 263-64, 289, 290
 profissão, 249, 45, 209-11, 218-20, 223, 224-25, 264
 Teoria da Informação, 223-25
 "Tupac adriano de 223-25 revivência da consciência: o objetivo dos códigos" (Schwartz e
 Russel) e Verdadeiros crentes (Raymo), 59, 277
 Siofian, 249
 Smith, Betty, 238-39
 Smith, John, 249-250
 Smith, Susan, 224, 225
 julgamento de degustar, 249-250
 pesquisa, 249-250, 26-30, 36-37, 45, 53, 293
 Universidade de Toronto, ensinadas por, 38-40
 autismo, 249-250, 251-252, 27-28
 pesquisa de 249-250, 268, 279-281, 292-293, 180-81, 268-69, 307
 Departamento de Psicologia, 27-30 ver também Human Energy Systems
 publicação, 23-24
 comunidade de Edinburgo, 25, 26-27
 Universidade de William James, 24, 25, 26, 34
 Society for Psychological Research (SPR), 321-22
 Van Praagh, James, 50, 52
 Variedades de Experiência Religiosa, As
 (James), 321
 vítimas, 249-250
 Guilda dos Escritores, 244-45
 "água", 249-250
 Watson, Donald, 249-250, 8, 16, 18, 28, 240, 270
 Porque, André, 181
 testemunhas, 244

AS EXPERIÊNCIAS DEPOIS DA VIDA

REAKTHATRAVÉS DE EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS DE VIDA APÓS A MORTE

"A ciência encontra o espiritualismo nesta crônica extraordinariamente precisa e detalhada de experimentos..."

É um dos livros mais importantes escritos sobre este assunto."

—James Van Praagh, médium espiritual e autor de *Talking to Heaven*

"O professor Schwartz demonstra coragem e integridade... em seus experimentos inovadores. Este livro... é um marco importante na pesquisa científica sobre a sobrevivência da consciência após a morte física."

—Richard C Powell, vice-presidente de pesquisa e pós-graduação da Universidade do Arizona

"Uma leitura convincente, este livro apóia com evidências reais a existência de um mundo espiritual que muitos supunham que existia, mas que agora pode abranger além de qualquer dúvida razoável."

—George E. Dalzell, LCSW, autor de *Messages: Evidence for Life After Death*

"[Uma] hipótese meticulosamente montada seguida de experimentação rigorosa.

O Dr. Schwartz apresentou seu caso - de forma convincente, a meu ver."

—Rustum Roy, Evan Pugh Professor do Solid State e professor de gequímica, Pennsylvania State University

"Qualquer pessoa que já tenha questionado a vida após a morte deve ler OS EXPERIMENTOS DE APÓS A VIDA. O trabalho do Dr. Schwartz finalmente fecha o abismo em nossa compreensão da vida e da morte."

—Joel Rothschild, autor de *Sinais*

"Gary Schwartz conduz seus leitores em uma jornada de descoberta. Finalmente podemos dar outro passo coletivo para afirmar que a vida e o amor sobrevivem à morte física... Obrigado, Gary!"

—Judy Guggenheim, pesquisadora de comunicação pós-morte e co-autor de *Hello From Heaven!*

O Dr. Schwartz combina perfeitamente os princípios acadêmicos da ciência com as possibilidades abstratas da espiritualidade, buscando responder à velha questão do que acontece depois que morremos. Este livro é uma leitura obrigatória e obrigatória... para quem luta com fé, amor, morte e aspectos da divindade.



—John Edward, apresentador de *Crossing Over With John Edward* e autor de *Crossing Over: The Stories Behind the Stories*



ESPIRITUALIDADE

0302